

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1º grau canónico)

ARTA LEKAJ

**Testemunhar e narrar o martírio
Os mártires e confessores da Albânia (1944-1991)**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Isidro Pereira Lamelas**

**Lisboa
2019**

Ἐγὼ εἰς τοῦτο γεγέννημαι καὶ εἰς τοῦτο ἐλήλυθα εἰς τὸν κόσμον, ἵνα **μαρτυρήσω** τῇ ἀληθείᾳ· πᾶς ὃ ὢν ἐκ τῆς ἀληθείας ἀκούει μου τῆς φωνῆς (Jo 18, 37).

“Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, para dar **testemunho** da Verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18, 37).

RESUMO

A presente dissertação procura narrar, testemunhar e dar a conhecer quem foram os 38 mártires da Albânia, beatificados em 2016, bispos, sacerdotes diocesanos e religiosos, um sacerdote ortodoxo, um seminarista, uma postulante e três leigos, e a forma do seu martírio tendo como fonte a obra do Padre Zef Pllumi, *Vive somente para contar*.

O estudo não se limita aos 38 mártires, mas evoca tantos outros mártires e confessores, em sentido estrito e alargado, que professaram a sua fé na Albânia sob o regime comunista, entre os anos 40 a 90 do século XX.

A partir destes “testemunhos” pretendemos recolher as linhas mestras de uma teologia do martírio para os dias de hoje, em tempos em que se volta a falar de cristianofobia. Partindo do paradoxo entre uma ideologia que quis “calar” a fé e a *parresia* dos que teimaram confessar a fé, faremos da narração a chave de leitura e de reflexão teológica.

Para isso, não podemos deixar de nos situar no contexto histórico em que os factos se desenrolam, para, num segundo momento, melhor entendermos o significado dos factos narrados.

Palavras chave: Martírio, Mártir, Confessor, Testemunho, Comunismo ateu, Perseguição, Narrativa, Igreja, Albânia.

ABSTRACT

This Master dissertation aims to show, testify, and make known those who were the 38 martyrs of Albania, beatified in 2016: bishops, diocesan priests and religious, an Orthodox, a seminarian, a postulant and three laic people, and the form of their martyrdom, having as a source the work of Father Zef Pllumi, Live only to tell it.

This study is not only limited to the 38 martyrs but also evokes many other martyrs and confessors, in the narrow and broad sense of it, who professed their faith, in Albania, under the Communist regime between the 40s and 90s of the XX century.

From these testimonies we intend to collect the main lines for a theology of martyrdom in the present day, in times when again christianophobia is being discussed. Starting from the paradox of an ideology that sought to silence the faith and *parresia* of those who professed to confess their faith, we will make narrative the key of reading and theological reflection.

In order to do so, we cannot fail to situate ourselves in the historical context in which the facts unfold, so that we can better understand the meaning of the narrated facts.

Keywords: Martyr, Confessor, Testimony, Atheist Communism, Persecution, Narrative, Church, Albania.

SIGLAS E ABREVIATURAS

PCA	Partido Comunista Albanês
FNL	Fronte Nacional Libertadora
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ONU	Organização das Nações Unidas

Outros

VV. AA.	Vários autores
cap.	capítulo
cf.	confrontar
ed.	edição
séc.	século
trad.	tradução
vol.	volume
Vd.	vide
Mons.	Monsenhor
S.e.	Sem Editora

Salvo indicação contrária, as traduções de citações a partir de obras em idioma albanês, italiano e espanhol foram por nós realizadas.

INTRODUÇÃO

Lembro-me quando, depois da queda do comunismo na Albânia, vi como a minha avó pegou pela primeira vez num terço e beijou com tanto carinho o pequeno crucifixo e mo deu a beijar.

É inevitável que as memórias de infância, como esta, nos marquem, sobretudo quando o contexto é de nula liberdade religiosa. Ao escolher este tema para a minha dissertação, é evidente que trago comigo todas as memórias de uma vida, mas quero sobretudo fazer memória de muitas vidas a quem foi negada a liberdade e a possibilidade de exercer um direito tão simples e fundamental como o de confessar a fé, “assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou crença, individual e coletiva, tanto publicamente como particularmente, pelo ensino, pela prática, pelo culto e observância dos ritos”¹.

Por isso, inspirada pelo exemplo de tantos homens e mulheres que confessaram a sua fé e, por outros que narraram o seu testemunho, quis também eu elaborar a minha narrativa. Esta obedecerá, na medida do possível, às regras de elaboração de um trabalho científico, mas não pode deixar de manter o teor de uma memória e testemunho em que a homenagem se mistura com uma necessidade incontida de dar a conhecer o que durante décadas e por todos os meios quiseram silenciar.

Proponho-me, pois, escrever sobre os mártires da Albânia, durante o regime comunista, ateu e anti-cristão dos anos 1944-1991.

A presente dissertação parte de uma constatação histórica e teológica: a semente do Evangelho exige o testemunho/martírio e este é, por sua vez, “sementeira de cristãos”. É frequente pensar-se que tal afirmação se aplica sobretudo e especialmente aos primeiros séculos do cristianismo, identificados com “a era dos mártires”. Sucede, porém, que a história da Igreja dispersa por todo o mundo e ao longo dos tempos, nos demonstra que o martírio é

¹ ONU, *Direitos do Homem – Declaração Universal dos Direitos do Homem, convenção europeia dos direitos do Homem*, Afrodite, Lisboa, 1977, 16.

parte integrante da vocação cristã e eclesial. Enquanto tal, há que ler também a história contemporânea da Igreja como um tempo de martírio e um testemunho coerente com o que as fontes e origens cristãs nos ensinaram sobre o martírio cristão e eclesial.

Acresce o facto de a Igreja perseguida e silenciada da Albânia, na segunda metade do século passado, continuar a ser tão desconhecida para boa parte dos europeus, para não falar dos demais países ditos católicos.

Neste sentido, quisemos, em primeiro lugar, dar a voz, como é tradição da Igreja há muitos séculos, aos que confessaram a fé em tempos de perseguição e aos que “narraram” os “actos dos mártires”. Quisemos fazê-lo, tendo presente, por um lado, os modelos e a espiritualidade dos martírios mais antigos; por outro, tendo em atenção a mais recente teologia do martírio.

Quando comecei a ler a obra do Padre Zef Pllumi, interessei-me pelo testemunho dos mártires e confessores e pelo que nos podem ensinar relativamente ao modo corajoso de viver até ao ponto de morrer pela fé. Ao ver o que este sacerdote sofreu e tudo o que fez como “*athleta Christi*”, somente para nos entregar este testemunho, o testamento que herdou dos mártires, despertou em mim o desejo de lhe dar voz para que esta ecoe para lá dos silêncios e esquecimentos tantas vezes cúmplices de todos nós. Como afirmou o Papa João Paulo II, “o drama destes albaneses deve interessar a todo o continente europeu: é necessário que a Europa não o esqueça”². Mas, parafraseando S. Paulo, como lembrarão aqueles de que não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem narre, e como narrarão, se não houver “enviados” que estudem e divulguem? (Rm 10, 14-15).

Nesta obra encontrei muitas respostas e simultaneamente novas interrogações se impuseram: Que marca deixaram os mártires na história? Pode aceitar-se o conceito difundido pela ideologia comunista, segundo o qual a fé seria obscurantista para a humanidade e o ateísmo uma alternativa luminosa, de futuro? O que nos ensina a história e a experiência da

² Citado em RANCE, Didier, *Hanno voluto ucidere Dio – La persecuzione contro la Chiesa cattolica in Albania (1944-1991)*, Avagliano, Roma, 2007, 11.

Igreja perseguida em nossos dias e para nossos tempos? Que sentido tem hoje o martírio para a Igreja e para a humanidade? Em que medida a fé e a política podem ou não conviver? Que relação poderá legitimar-se entre a fé de um povo e a sua identidade? Que sentido faz celebrar os mártires hoje, ou qual o benefício destes defensores da “liberdade” para os povos e nações? E que “outras formas de martírio” se impõem em nossos tempos? Qual a importância da “memória” para o não esquecimento das identidades e da boa convivência entre elas?

Sem pretender responder a todas estas questões, irei desenvolver o assunto proposto, observando o seguinte itinerário: O primeiro capítulo apresenta uma descrição do contexto histórico e político da Albânia na segunda metade do século XX, incidindo concretamente na implementação do regime comunista, a sua ideologia e a adoção gradual do ateísmo, de modo a fornecer o enquadramento político e social em que ocorreu o martírio.

O segundo capítulo apresenta, a partir da obra do Padre Zef Pllumi, uma descrição dos “acontecimentos e atores”, ou seja, das diversas formas do martírio, episódios e diálogos relacionados com os 38 mártires, de que apresentamos no final uma micro-biografia.

No terceiro capítulo, distinto dos dois anteriores, cuja natureza é mais descritiva e narrativa, desenvolve-se uma reflexão teológica sobre o martírio, construída a partir de alguns exemplos e diálogos concretos que envolvem os mártires, e, como tais particularmente desafiadores.

Como metodologia, procurei basear-me na documentação disponível nos arquivos que pude consultar na Albânia, destacando a Biblioteca Nacional, em Tirana, e as bibliotecas dos jesuítas e dos franciscanos, em Shkodra. Pude ainda inteirar-me dos lugares dos acontecimentos, realizando visitas às prisões-museu e aos locais de martírio. Durante uma destas visitas, tive a honrosa oportunidade de me encontrar com um sacerdote já idoso que sobreviveu à prisão.

Nas pesquisas efetuadas, depressa constatei a riqueza e abundância do tema do martírio, muito estudado, tanto em termos históricos como teológicos. Fui, por isso, obrigada a,

assumindo todos os meus limites, restringir o assunto ao “caso sério” dos mártires da Albânia. Mesmo neste caso, deparei-me com uma série de limitações, a maior das quais foi o acesso à documentação que continua, quase toda, por editar e traduzir.

O objetivo não é, em caso algum, remexer nas feridas de uma história recente e, muito menos, exaltar os atos de desumanidade, mas antes olhar para a grandeza desses homens unidos a Deus, com o intuito de fazer valer o seu testemunho para hoje e para o futuro.

Esperamos, assim, dar a conhecer e despertar interesse para esta página recente da vida da Igreja e do povo albanês, marcada pelo sangue dos mártires.

Terminamos, lembrando um dos mais antigos testemunhos de martírio, em que se narra a “paixão” de Perpétua e Felicidade, sob o imperador Septímio Severo (145-211), e cuja narração, começa assim:

“Se os antigos exemplos de fé, que atestam a graça de Deus e contribuem para a edificação do homem, foram postos por escrito não por outra razão senão porque, na sua leitura, como nova representação dos factos, já honramos Deus e encorajamos o homem, porque não haveríamos também de narrar os novos documentos que produzem hoje esses mesmos frutos?”
(*Passio Perpetuae et Felicitatis*, 1).

É com este mesmo intuito que nos propomos dar voz aos “novos documentos” da fé, para honra e glória de Deus e revigoração da fé dos homens.

Capítulo I

OS MÁRTIRES DA ALBÂNIA – CONTEXTO

Antes de abordar diretamente o tema do martírio, pretendemos apresentar um breve enquadramento histórico e político da Albânia dos anos 40 aos anos 90 do século XX, enriquecendo-o com as memórias do Padre Zef Pllumi³, apresentadas em dois livros que constituem uma importante fonte deste trabalho, uma vez que nos transmitem a visão e a experiência viva da Igreja perseguida e do martírio neste país⁴.

1.1.Contexto histórico-político

Para um estudo de natureza teológica, consideramos que assume o maior interesse a reflexão que o autor, Zef Pllumi, desenvolveu na ocasião em que, residindo no convento franciscano como frade (ainda não ordenado sacerdote, apenas diácono), ajudou a esconder no muro do convento o arquivo principal (que integrava manuscritos de muitos séculos, redigidos em diversas línguas) – e em que, para além da leitura de vários livros, beneficiou da possibilidade de escutar histórias reais testemunhadas e transmitidas por um Padre ancião e diplomata, o Padre Pali. Nessa conjuntura, frade Zef Pllumi forma a convicção de que a realidade da história transcende em muito o que se escreve e se ensina: “A verdade fica

³ PLLUMI, Zef, *Histori kurre e shkrueme* [História nunca escrita], Editora “55”, Tirane, 2006.

Rrno vetem per me tregue, 2ª edição, Editora “55”, Tirane, 2006. Esta segunda obra está traduzida em 3 línguas estrangeiras: inglês, francês, italiano. Neste momento na Albânia há estudiosos que a consideram uma “obra monumental” e existem propostas para que se torne de estudo obrigatório na Albânia.

⁴ O Padre Zef Pllumi não foi considerado mártir porque morreu no convento franciscano em 2007; no entanto a sua vida foi em tudo similar à dos mártires da Albânia, razão pela qual podemos considerá-lo a todos os títulos um “confessor”: viveu 26 anos na prisão e conheceu todas as atrozes torturas infligidas aos mártires, inclusive a indignação para morte por fuzilamento (sem julgamento), tendo sido poupado por um ex-colega da escola, para que equacionasse a possibilidade de colaborar com o regime comunista. Como não cedesse, permaneceu na prisão por mais um longo período.

fechada em chaves e *cofres* dos arquivos secretos, materiais ou humanos, como é o caso do Padre Pali, que viveu num tempo crucial”⁵.

Tal como refere o autor, grande parte da história encontra-se guardada em arquivos frágeis e efémeros como os humanos, outra parte foi queimada e destruída e do que se encontra disponível da vasta bibliografia existente sobre o comunismo na Albânia, selecionamos o material a que tivemos acesso e que consideramos pertinente para o presente trabalho. O que interessa, por opção metodológica, é perceber, não tanto a filosofia ou história do comunismo em si, mas sim o confronto desta ideologia ateia com a religião, ocorrido no palco albanês no período compreendido entre 1944-1991.

Tradicionalmente, a Albânia encontrava-se dividida (embora unida patriotamente) entre dois grupos sociologicamente distintos, tanto a nível linguístico como de costumes e tradições culturais: tratava-se dos *tosk* e *gegë*⁶ (*tosk* no Sul, e *gege* no Norte); no governo do Rei Zog, a cidade de Shkodra, no Norte, era a mais desenvolvida, desempenhando um papel fundamental na história do cristianismo na Albânia. Nesta cidade localizavam-se os seminários, os conventos, as escolas religiosas. Shkodra será o palco do Martírio.

Somente com a implementação do regime comunista se verifica uma deslocação do eixo do poder para o Sul, passando Tirana a ser a capital; de facto, a maioria dos comunistas e mesmo Enver Hoxha pertenciam ao *tosk*, e, com a respetiva ascensão ao poder, verifica-se que a língua *tosk* passa a ser imposta como língua literária, assistindo-se também a uma tentativa de uniformização (se tivermos em conta que quase todos os comunistas eram de

⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 43.

⁶ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], Karte e Pende, Tirane, 1995, 472. As memórias do Padre Zef Pllumi, *Rrno vetem per me tregue*, supra citadas, encontram-se redigidas em *gege*, embora no âmbito do regime comunista o idioma tenha sido uniformizado a partir de Tirana, criando-se uma língua oficial, dita “literária”, maioritariamente “*tosk*”.

origem *tosk* e muçulmana, perceberemos melhor a sua profunda ignorância em relação às práticas e ritos católicos que são, em geral, *gegë*)⁷.

No contexto da política imperialista desenvolvida pelo governo de Mussolini ainda antes da Segunda Guerra Mundial, a Albânia, importante alvo geo-estratégico, foi invadida pela Itália a 7 de abril de 1939, numa operação-relâmpago, pelo ar e pelo mar. Perante a impossibilidade de resistência, o Rei da Albânia, Ahmet Zog, abandonou o país, ato de rendição sem condições que incutiu no povo um sentimento de desilusão relativamente à monarquia.

Em alguns pequenos grupos, registaram-se episódios de oposição e combate aos invasores italianos; simplesmente, os seus recursos eram impotentes perante as forças armadas italianas, poderosamente equipadas com artilharia pesada, que Mussolini pretendia testar, em vista a um progressivo expansionismo. A Itália permaneceu quatro anos em território albanês e quando capitula, em 1943, o seu lugar de força invasora foi ocupado pelos alemães. O interesse das tropas alemãs não consistia, ao contrário das pretensões das italianas, em permanecer na Albânia, mas o país representava um importante corredor de passagem para acesso a outros territórios visados pela ambição hegemónica do regime nazi.

Sobretudo sob o domínio alemão, instituiu-se um acordo nos termos do qual se revogou a Constituição monárquica que durou até 1939. A Assembleia Nacional criou o governo do país e o Conselho Alto da Regência. Através deste ato político e da promessa de o território albanês poder vir a ser aumentado nas áreas em que residiam albaneses (como por exemplo o Kosovo e uma zona específica da Jugoslávia), os ocupantes alemães conceberam um pacto de entendimento com grande número de intelectuais albaneses patriotas, que deste modo aceitaram tacitamente um papel de colaboração com os nazis. Organiza-se neste contexto e

⁷ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 472.

com estes protagonistas o partido político Frente⁸ Nacional (*Balli Kombëtar*), ao princípio neutro, mas que gradualmente colabora com os alemães, numa perspetiva nacionalista, com o objetivo de defender a identidade e o crescimento da nação albanesa.

Por outro lado, o fenómeno político mais destacado durante a ocupação alemã consiste na configuração dos grupos de resistência que se tinham formado durante a ocupação italiana e que não aceitavam o dominador estrangeiro. De entre estes, o Partido Comunista Albanês (doravante referido pela sigla PCA, *Partia Komuniste e Shqiperise*), criado a 8 de novembro de 1941⁹, ainda sob o domínio da Albânia pela Itália (e que se ocultava, numa primeira fase, sob a designação de Frente Nacional Libertadora¹⁰, doravante referido pela sigla FNL, *Fronti Nacional Çlirimtar*), declarou que não aceitaria a ocupação, nem a italiana, nem a subsequente ocupação alemã e que combateria ativamente contra os invasores e, na mesma linha, também contra os colaboradores albaneses, vistos como traidores da pátria. Assim, os partidários da FNL (futuro PCA) consideravam como inimigo o partido Frente Nacional (*Balli Kombëtar*) e opunham-se igualmente aos políticos que constituíam o governo, que faziam parte da elite intelectual albanesa, personalidades respeitadas e reconhecidas na nação.

“Os fascistas italianos eram, na altura, os dominadores todo-poderosos da Albânia e, por consequência, os principais inimigos do povo albanês. Quanto a todos os que, unindo-se ao ocupante, se tinham posto ao seu serviço para oprimir o povo albanês, eles foram qualificados de traidores, de instrumentos do fascismo e foi-lhes declarada guerra tal como ao invasor”¹¹.

Na arena política albanesa emerge no outono de 1943 um pequeno grupo monárquico denominado Partido da Legalidade (*Legaliteti*), resultante da união de apoiantes do Rei Zog, fugitivo, que também haviam protagonizado atitudes de luta contra os invasores na sequência

⁸ Balli quer dizer testa-cara, por isso traduzimos por “frente” e não “fronte”.

⁹ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 473.

¹⁰ Nota: *Fronti Nacional Çlirimtar*, designada pela sigla FNL; optámos por manter a designação adotada pelo partido, “Fronte” – *Fronti* - não a traduzindo por “Frente”, para distinguir de outras forças políticas que optaram por essa designação “Frente” e serão referidas brevemente nesta dissertação.

¹¹ Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas agregado ao Comité Central ao Partido do Trabalho da Albânia, *História do Partido do Trabalho da Albânia*, Vol. I (1928-1941), Coleção “Movimento Comunista Internacional”, Nr 1, Edições “Vento de Leste”, Lisboa, 1974, 81.

da retirada do rei; esta força política foi igualmente considerada inaceitável na perspectiva da FNL (PCA), uma vez que o Rei era considerado traidor da Albânia e a posição de simpatizante com a sua causa, inadmissível.

Assiste-se, pois, a um tempo de “guerra civil política”, em que a FNL (PCA) combate as duas outras forças políticas, ao mesmo tempo que assume a resistência mais organizada e eficaz contra o dominador alemão, atitude que lhe grangeia simpatias por parte de grandes contingentes do povo albanês.

1.1.1. Nascimento e organização do Partido Comunista na Albânia; ascensão ao poder

No ponto anterior afluíramos a constituição do PCA, que se verificou logo em 1941, com a intervenção de dois enviados de Tito¹² (Miladin Popović e Dushan Mugosha) que tinham vindo da Jugoslávia para fundar o Partido Comunista Albanês.

A 8 de novembro desse ano, quando o PCA foi institucionalmente formado em Tirana¹³, Enver Hoxha foi escolhido como Chefe do Comité Central, formado por sete membros¹⁴; para o seu reconhecimento como líder terá contribuído a sua experiência e desempenho pessoal nos grupos de resistência nas zonas em que se travou a guerrilha contra os invasores.

Como suprarreferido, existiam na Albânia três organizações políticas, entre as quais o comunismo se impôs gradualmente como o partido mais organizado, devido às ações de resistência e ao combate do invasor; com efeito, a FNL (PCA), aproveitou a atitude política adotada pelos seus rivais, designadamente a colaboração da Frente Nacional (*Balli Kombëtar*) com os alemães e a exígua capacidade operativa do partido monárquico Legalidade

¹² Líder comunista da Jugoslávia.

¹³ Vd. Nota 4: Tirana será erigida como capital apenas no âmbito do regime comunista, o que se explica também pela extração “tosk” (mais sulista e muçulmana) dos comunistas.

¹⁴ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 473. Doravante, os elementos constitutivos dos partidos políticos albaneses serão referidos pelo termo autóctone, *antares*.

(*Legaliteti*) para os desacreditar aos olhos do povo, auto-proclamando-se como única força que combatia o dominador, posição que, como vimos, ocasionou que ganhassem mais simpatizantes e voluntários, para milícias e para o serviço do partido.

A partir da primavera de 1943, regista-se uma significativa organização e crescimento interno da FNL, que se fortaleceu após as dificuldades enfrentadas no confronto direto da “Operação da Alemanha” no inverno de 1943-1944; desde esta data, os dirigentes do partido começam a pensar seriamente em ganhar poder para governar a Albânia. Em abril de 1944 começou a preparação para o Congresso de Permet (24-28 maio 1944), que criou as primeiras estruturas do governo FNL e tomou decisões importantes para o futuro do país, incluindo a proibição do retorno do Rei Zog ao território albanês.

“Deste modo, o Partido Comunista da Albânia sublinhou desde a sua constituição a importância da teoria marxista-leninista e da consciência comunista dos seus membros, enquanto força que dá vida e impulsiona o Partido, que lhe abre perspectivas e lhe indica o caminho que conduz à vitória do movimento operário, do movimento de libertação das massas oprimidas e exploradas”¹⁵.

Depois deste congresso, a resistência contra o dominador e a eliminação dos adversários políticos no quadro da conquista do poder tornou-se um binómio para os comunistas. Em junho de 1944, Enver Hoxha deu ordem para que as estruturas partizanas¹⁶ (milícias da FNL) atravessassem o rio Shkumbin e passassem ao Norte do país, onde, para além de combaterem os alemães, atacariam as forças dos grupos étnicos do Norte; opuseram-se igualmente a todos os adversários políticos, designadamente aos *antares* do partido Legalidade (*Legaliteti*), Abaz Kupa, Muharrem Bajraktari, antigos oficiais das tropas do Rei e ao movimento Kryeziu.

Em 17 de novembro de 1944, Enver Hoxha envia um radiograma ao General Dali Ndreu, encarregado da eliminação dos opositores no Norte, cujo teor se reproduz:

¹⁵ Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas agregado ao Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, *História do Partido do Trabalho da Albânia*, Vol. I (1928-1941), Coleção “Movimento Comunista Internacional”, Nº 1, Edições “Vento de Leste”, Lisboa, 1974,76.

¹⁶ Tropas comunistas cujo fardamento era conhecido pelo boné ostentando uma estrela vermelha.

“Que se organizem prisões, campos de concentração, aprisionando-se todos os elementos acusados com culpas de alta traição e colaboração conhecida; não ter piedade contra os que colaboraram com os opositores e sejam liminarmente eliminados. Prendam e façam arrestos, mas tomem atenção de não o fazer em massa para não chocar o povo. Deveis prender pessoas com influência, reconhecidas pelo povo, pois isso causará um maior impacto”¹⁷.

Estes passos do comunismo para assumir o poder inspiram-se nas estratégias soviéticas. Aliás, o Estado soviético será o modelo seguido pela FNL (PCA) no seu processo de ascensão ao poder.

Em novembro de 1944, mais precisamente nos dias 28 e 29, as tropas alemãs abandonaram o território albanês, tendo feito explodir as pontes de modo a boicotar a circulação e as comunicações internas, procurando também isolar o país, devastado pela guerra. É neste contexto em que os alemães se retiram que Enver Hoxha, líder do Partido, passou a exercer o cargo de Comandante Supremo das Forças Armadas e dirigiu o Governo Transitório Democrático até à realização das primeiras eleições formais, um ano mais tarde, a 2 de dezembro de 1945¹⁸.

A política desenvolvida pelo PCA neste período caracterizou-se pela tomada de diversas medidas políticas com vista à conquista do poder, das quais destacamos três pela respetiva relevância para o contexto do presente trabalho:

Primeiro, houve um claro investimento na propaganda política, de modo a conquistar a confiança do povo: proclamava-se que a Albânia beneficiaria futuramente de um regime democrático e que o governo pertenceria ao povo. O PCA adota uma política astuciosa, baseada na capacidade de organização dos seus dirigentes e aproveitando a ignorância das massas populares, através do poder persuasivo da sua propaganda e promessas falaciosas¹⁹ (a

¹⁷ FEVZIU, Blendi, *100 vjet: Nje eskursion ne politiken e shtetit shqiptar nga 1912- 2012*, UET Press, Tirane, 2012, 185.

¹⁸ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 473.

¹⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 18.

título exemplificativo, na aldeia de Postribe prometeram que depois de ocuparem o governo, *os aldeãos comeriam com colheres de ouro*).

Em segundo lugar, o PCA desenvolve uma ação de ataque sistemático relativamente a todos os eventuais adversários, eliminando os que apresentavam potencial para constituir uma oposição²⁰: como vimos, a classe média e alta, bem como os elementos mais cultos do país. Logo após a retirada dos Alemães, são declarados ilegais os outros dois partidos políticos, a Frente Nacional (*Balli Kombëtar*) e o partido Legalidade, monárquico, (*Legaliteti*), sendo os *antares* desses partidos considerados traidores e proclamando-se que deveriam ser combatidos. Como consequência das violências e do terror exercido contra os não comunistas, registou-se uma forte emigração política, em que 1500 ou 2000 pessoas²¹ (percentagem relevante num universo total de cerca de um milhão de pessoas) abandonam o território albanês, designadamente os intelectuais e elementos marcantes da sociedade em termos culturais, influentes junto do povo. Em 15 de dezembro de 1944, a direção do PCA e o Conselho Antifascista Nacional Libertador, KANÇ “*Kshilli Antifashist Nacional Çlirimtar*”, criaram um Tribunal especial destinado a julgar os criminosos de Guerra e os colaboracionistas. Desde 1 de março a 13 de abril de 1945, num julgamento especial, foram condenados sessenta ex-dirigentes e funcionários do Estado²² condenados como traidores, isto é, colaboradores dos alemães. Através destas medidas, o PCA eliminava as pessoas mais influentes do país, que não revelavam qualquer entusiasmo para com a política comunista.

A ideologia comunista viu também, desde o princípio, a religião como um inimigo primordial. Com efeito, embora as quatro religiões oficiais existentes na Albânia tivessem sido proibidas por Lei, consignada na Constituição de 1976²³, na realidade todas as manifestações religiosas começaram a ser controladas e censuradas a partir da crescente

²⁰ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 475.

²¹ Cf. DERVISHI, Kastriot, *Historia e Shtetit Shqiptar 1912-2005*, Shtepia Botuese 55, Tiranë, 2006, 627.

²² Cf. Akademia e Shkencave e RPS të Shqipërisë, *Historia e Shqipërisë*, [História da Albânia], Vol. IV (1944-1975), 8 Nëntori, Tiranë, 1983, 24-25.

²³ Neste texto constitucional, consagra-se a cláusula segundo a qual a Albânia se assume como país ateu.

implementação do PCA, mais concretamente a partir de 1944. As quatro religiões existentes na Albânia, eram nesta época, por ordem de número de fiéis, a religião muçulmana (72,8%²⁴), a ortodoxa albanesa (17,1%), a católica (10,1%) e finalmente a bektashi²⁵ que serão, como veremos na presente dissertação, objeto de implacável perseguição.

Em terceiro lugar, aposta-se na legalização do regime comunista: em agosto de 1945 ocorre um Congresso da FNL, sendo criado o novo nome, Frente Democrática (*Fronti Demokratik*), designação sob a qual o partido (PCA) concorre às eleições. Este nome destinava-se a reforçar a ideia, difundida pela propaganda, de que o governo seria da soberania do povo.

A estratégia de intimidação e dissuasão também foi uma constante neste período “preparatório”, em que a influência do partido comunista se foi implementando: nem mesmo quando sob o domínio estrangeiro no âmbito da Segunda Guerra Mundial, nos períodos de invasão italiana e alemã, a população albanesa tinha sofrido tanta violência e atrocidades: o partido impôs-se em toda a Albânia mediante muitas prisões e sangue derramado, com o objetivo de tornar o povo submisso. Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1945, o terror aumentou, generalizando-se medidas como prisões, torturas e fuzilamentos. Com o objetivo de atemorizar, grupos organizados pelo partido, percorriam as ruas durante a noite gritando furiosamente: “Vingança, Juventude!”²⁶ e outros slogans intimidatórios. Para exemplificar o clima instituído, citamos um episódio ocorrido na primavera de 1945 e testemunhado pelo então diácono Zef Pllumi, que é o desfile de uma enorme coluna de militares vencidos e desarmados, que avançavam quatro a quatro, magros, esqueléticos e com as fardas rasgadas,

²⁴ Percentagem que torna a Albânia o único país europeu que apresenta uma maioria, esmagadora, de população muçulmana. (Cf JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 490).

²⁵ Cf JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 490. A religião bektashi não integrou o inquérito aplicado em 1945 cujos resultados são divulgados por Edwin Jacques e reproduzidos no corpo do trabalho, pelo que se desconhece a respetiva expressão percentual. No entanto é sabido que esta era a religião minoritária e numericamente menos expressiva do que a religião católica.

²⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 25.

marchando sem parar e sem comer há mais de uma semana. Tratava-se de um batalhão de Kosovares que foi inteiramente fuzilado²⁷.

A influência de Estaline estende-se, para além da União Soviética, aos partidos comunistas dos estados-satélite e, neste âmbito, também ao PCA. Na suprarreferida data de 2 de dezembro de 1945 ocorrem as primeiras eleições para a Assembleia que vai conferir a estrutura institucional do regime na Albânia. Como é apanágio dos regimes de partido único, o sistema eleitoral era manipulado: estas primeiras eleições, ditas “livres” configuram na verdade apenas uma formalidade, uma vez que os outros partidos se encontravam proibidos, ilegalizados, não existindo, pois, oposição mas era colocada, na secção de voto, a urna da Frente Democrática (na realidade, PCA), de cor vermelha, e uma “urna vazia”. É interessante apercebermo-nos da explicação do funcionamento deste sistema eleitoral através do livro que o próprio líder, Enver Hoxha, redigiu, e em que aborda este assunto²⁸. Nas eleições, o Partido Frente Democrática vencerá com 93,2% da votação, a que se candidatou como partido único; em síntese, tratava-se de uma farsa eleitoral, também utilizada para tentar identificar possíveis opositores ao regime, com vista a uma posterior eliminação.

1.1.2. Consolidação do Comunismo

Em 11 de janeiro de 1946, a Assembleia Constituinte anunciou a criação da República do Povo da Albânia e em 14 de março foi aprovada a Constituição e a Assembleia Constituinte tornou-se uma Assembleia Popular. No princípio, apenas uma minoria de líderes e de altos cargos da organização comunista possuía uma noção clara do que era o comunismo. Esses, que detinham o poder, usavam-no de modo arbitrário para atingirem as suas próprias metas e os seus ideais. Outros, numa situação de maior ignorância acerca da natureza ou estratégias do Partido, seguiam cegamente as ordens da hierarquia, manipulados pela

²⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 34.

²⁸ HOXHA, Enver, *Kur u hodhën themelet e Shqipërisë së re*, 8 Nëntori, Tiranë, 1984, 517.

poderosa máquina de propaganda comunista. Na realidade, nesta primeira fase, o poder era caótico: muitos autoproclamavam-se chefes do partido comunista, sem qualquer legitimidade. Grande parte dos titulares de cargos do governo eram analfabetos ou semianalfabetos²⁹: “os verdadeiramente sábios já nada sabiam e os ignorantes tinham todo o poder nas mãos”³⁰.

O Partido estrutura-se, organizando antes de mais uma base de sustentação económica através da imposição de impostos e taxas, como as de guerra, e também da coleta dos bens materiais, como o ouro e objetos de valor, que eram nacionalizados. São entregues cargos aos cidadãos mais fiéis ao Partido e o aparelho de propaganda do regime tornou-se mais sofisticado, aproveitando todas as datas festivas e eventos culturais para a difusão dos ideais comunistas.

O regime assentava num forte suporte militar, as estratégias de repressão encontravam-se organizadas e controladas pelas tropas (*brigatat*) que controlavam todo o território, e eram incrementadas as ações de denúncia, em que os espões eram recompensados pela indicação de quaisquer atitudes consideradas subversivas ou contrárias ao regime. Instituiu-se um clima de medo, e muitas foram as acusações sem fundamento das quais resultavam prisões e fuzilamentos.

Um estudo consultado refere os seguintes números, para a população de 1.200.000 pessoas: número de fuzilados e executados com ou sem julgamento: 5.577; número de prisioneiros: 34.135 (26.768 homens e 7.367 mulheres); número de internados e exilados: 59.009³¹. Trata-se, pois, de um genocídio muito significativo registado nas duas primeiras décadas de implementação do regime comunista³².

²⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 24.

³⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 24.

³¹ PEPA, Pjeter, *Tradjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri*, 77. Estes números incluem os massacres ocorridos nas aldeias do Norte, sobre os quais nos debruçaremos no ponto seguinte.

³² PEPA, Pjeter, *Tradjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri*, Shtepia Botuse 55, Tiranë 2007, 77.

As famílias eram também perseguidas, sofrendo todos os parentes consequências nefastas, como o ostracismo, o impedimento de estudar mais do que o ensino elementar e a impossibilidade de exercer certas profissões consideradas privilegiadas, sendo-lhes reservados os trabalhos inferiores; eram ainda preteridos em termos de política matrimonial. Cidadãos estrangeiros foram também fuzilados, entre eles 95 cidadãos do Kosovo³³, de acordo com o estudo de Fevziu, número que nos parece no entanto muito aquém da realidade, a julgar pelo batalhão de Kosovares fuzilados referido por Zef Pllumi³⁴.

Por outro lado, para demonstrar o seu poder, e com o alibi de que pudessem existir alemães escondidos ou “reacionários”, os comunistas agiam com prepotência, multiplicando o número de atos violentos e prisões. Uma das práticas estratégicas do regime consistia na sistemática supressão de todos os adversários ou opositores políticos, que como vimos tinham começado ao mesmo tempo que se combatia o invasor. Ações como prisões, torturas e fuzilamentos tornaram-se maciças.

O sistema prisional era degradante em termos de respeito pela dignidade humana, tanto mais que se tratava de presos inocentes e também porque não se encontrava criada uma estrutura de recursos para os sustentar, o que implicava que dependessem totalmente do apoio da família. Na realidade, nem os guardas prisionais, militares, tinham assegurado o seu sustento, pelo que os alimentos garantidos pelas famílias dos prisioneiros eram, na maior parte dos casos, consumidos pelas tropas (que perpetravam assassínios e faziam desaparecer prisioneiros sem deixar rasto) e não pelos detidos e torturados. O frade Zef Pllumi explica como o PCA recrutava dirigentes para estabelecer o seu poder localmente: enquanto uns eram voluntários, outros eram indigitados compulsivamente, como no caso de Mark Shytani:

³³ FEVZIU, Blendi, *100 Vjet, Nje Ekskursion ne Politiken e Shetetit Shqiptar nga 1912-2012*, 186.

³⁴ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 24.

“Tendo cometido um assassinato, Mark Shytani possuía uma arma para se defender dos que o queriam matar por vingança *hakmarrje* (prevista no *Kanun*³⁵ antigo, «sangue por sangue»). Como, por essa razão, se recusava a entregar a arma aos comunistas, foi por estes nomeado *Kryetar e i Fronit N. Ç*, (que quer dizer o primeiro dos comunistas, naquela aldeia). Arrependido e declinando o cargo, acabou por confessar: eu, que sempre invoquei a ajuda do Senhor, hoje vejo-me obrigado a servir aos comunistas que são contra o Senhor e contra todos”³⁶.

Depois de uma reunião do Partido, Mark Shytani foi assassinado pelos elementos da família que pretendia vingança³⁷.

1.1.3. A resistência (*Kryengritje*³⁸)

Perante este cenário pós-Segunda Guerra Mundial, em que a violência se exercia de modo discricionário, traduzida em prisões, fuzilamentos, desterros em massa, extorsão de propriedades e bens e apropriação de armas, sem uma base de legitimidade, uma vez que as eleições que validaram o poder do PCA ocorreram apenas no final do ano de 1945, surgiram focos de revolta entre o povo, que merecem destaque no âmbito do presente trabalho, uma vez que as condenações dos mártires terão como fundamento a alegada pertença dos mesmos a movimentos de resistência contra o poder comunista.

Sobre este assunto, seguimos o estudo pioneiro e muito aprofundado do historiador Uran Butka, que investigou as revoltas contra o comunismo a partir dos arquivos que foram preservados e através de testemunhos orais de protagonistas da resistência contra o

³⁵ “Kanun” correspondia a um código antigo de prescrições e costumes observados nas aldeias do Norte, conservadas muitas vezes oralmente, e de tal modo enraizadas que, depois da queda do regime comunista nos anos 90 do século XX, ressurgiram de novo com grande pujança.

³⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 48.

³⁷ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 48.

³⁸ (*Krye* significa cabeça, *ngritje* significa erguer, levantar). “A palavra «Kryengritje» que nas outras línguas do ocidente se traduz por «insurreição», *insurrectio*, ou seja, o levantamento contra uma autoridade civil ou política, é uma ação que tem a intenção de derrubar a ordem estabelecida, o poder, na nossa língua albanesa tem um significado específico: erguer a cabeça, ao alto, recusar o mal e rejeitar a humilhação e a submissão, não se inclinar nem vergar a cabeça, contradizer o chicote do opressor com a coragem que enfrenta a morte, com nobreza, para viver de cabeça erguida, não aceitando uma vida sem liberdade e sem dignidade humana. A honra antes da vida!”. BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, ISKK, Tirane, 2013, 261.

comunismo, que resultou na obra:³⁹*Primeiras Resistências contra o comunismo: De Malsisia e Madhe; de Postriba e o Movimento de Zhapokikes*, nomes das zonas em que se desenvolveram as revoltas.

Quando a 28 e 29 de novembro 1944, como suprarreferido, as tropas alemãs se retiraram do território, os soldados albaneses, comandados por líderes comunistas⁴⁰, dirigam-se para centros urbanos como Shkodra. Aí se estabeleceram, instituindo e aumentando o número de prisões. Dessa cidade partiram, numa tentativa de luta pelo poder, para as zonas rurais, praticando ações violentas contra os “reacionários”⁴¹, assistindo-se a um intenso rasto de destruição com casas queimadas e camponeses maltratados como se fossem inimigos⁴². Registam-se execuções sumárias conforme o modelo nazi: sem processo nem julgamentos, sem proteção de lei ou direito a apelo⁴³. Tudo era preparado para criar uma atmosfera de medo, preparando o terreno psicológico para o terror massivo que se planificava. Todos os dias, nos postes e janelas das lojas, apareciam longas listas com nomes de pessoas das montanhas (*malsor*), executados ou condenados a muitos anos de prisão, como “colaboradores com o inimigo do povo”⁴⁴.

Reagindo contra esta onda de prepotência militar, o povo do norte da Albânia organizou um foco de resistência muito determinado, que originou um conflito sangrento. Na Malsia e Madhe, que quer dizer “Grande-Cordilheira do Norte”, designadamente as cinco aldeias das quais destacamos Shkreli e Kelmendi, foram por um lado cercadas pelas tropas partizanais

³⁹ BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, [As primeiras Resistências contra o comunismo de Malesise se Madhe; de Postribes; de Levizja e Zhapokikes], ISKK, Tirane, 2013.

⁴⁰ Designadamente o Comandante das tropas Mehmet Shehu, conhecido pelas barbaridades cometidas no âmbito das ações militares, que será posteriormente Ministro da Defesa e Primeiro Ministro da Albânia, bem como responsável por uma acérrima perseguição aos cristãos. “Trouxe a Shkodra uma outra onda de terror, ainda mais selvagem do que a dos invasores anteriores” Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 26.

⁴¹ Cf. BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 26.

⁴² BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 27.

⁴³ BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 28

⁴⁴ BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 29.

jugoslavas⁴⁵, e por outro, atacadas pelos soldados comunistas albaneses, FNL, mas resistiram intrepidamente durante cerca de mês e meio, em condições particularmente difíceis pois estava-se no auge do inverno e a neve media mais de um metro de altura. De facto, a FNL chega ao limiar destas aldeias em 3 de janeiro de 1945 e os montanheses resistem com armas até 16 de fevereiro⁴⁶, data em que foi cercado e preso o Comandante dos resistentes, Prek Cali⁴⁷ e seus companheiros. Devemos, neste contexto, sublinhar de modo particular o caso de Kelmendi, aldeia com a fama de nunca se submeter e que constitui um exemplo paradigmático da resistência contra o regime comunista, também em nome da sua identidade cristã e preservação dos seus valores: estes “homens do norte” eram tradicionalmente fieis às suas leis (*Kanun*) e princípios éticos (liberdade, fidelidade e honra). A primeira batalha, muito desproporcional, foi travada entre os aldeãos e um contingente muito significativo de tropas armadas enviadas pelos comunistas; no entanto, graças a fatores geográficos como o relevo acentuado e ao bom conhecimento do terreno, o confronto, muito sangrento, foi vencido pelos montanheses; estes, ainda que tendo a possibilidade de dizimar as tropas da FNL, decidiram no entanto aplicar-lhes uma lição de cordialidade, poupando a vida a muitos militares pelo facto de se tratar de irmãos, da mesma nacionalidade. De facto, nesta “guerra civil”, os chefes dos montanheses, os “homens do Norte”, hesitavam e reuniam-se para decidir como deveriam agir; haviam lutado, antes, contra todos os invasores, mas pela primeira vez debatiam-se com este dilema: se haviam de lutar ou não por se tratar de irmãos albaneses que avançavam contra eles com armas e não como irmãos mas como inimigos. A decisão era dramática e Prek Cali viveu este dilema terrível enquanto chefiou a resistência do povo montanhês. As aldeias uniam-se entre si, através de alianças mútuas de ajuda entre *Bajraktar*⁴⁸ e tentaram também

⁴⁵ BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 34.

⁴⁶ Cf. BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 39.

⁴⁷ O Padre Zef Pllumi refere-se-lhe como sendo invulgarmente alto, cerca de 2,16 m – e como sendo um herói “bom e belo”. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 28.

⁴⁸ O primeiro da aldeia.

solicitar ajuda internacional, designadamente procurando estabelecer relações diplomáticas com potências externas como o Kosovo⁴⁹ e com a Inglaterra⁵⁰ que por sua vez responderam positivamente; porém, quando o seu auxílio chegou, já era tarde, pois os comunistas tinham a situação controlada.

Esta tentativa de pedido de ajuda externa faz com que o exército da FNL considerasse, ainda mais, os montanhesees como traidores; de acordo com as orientações do próprio Enver Hoxha conforme os arquivos citados por Butka:

“Estamos a lutar com reacionários (...) A nossa tática na guerra contra os reacionários deve conduzir à sua aniquilação total. Eliminar todos (...). Se não tomarmos medidas contra estes *lixos*, os reacionários nestas zonas, estes ninhos serão terrenos perigosos e serão uma ameaça para o nosso poder. O poder em primeiro lugar”⁵¹.

Apesar da pressão de todas as ações violentas da FNL perpetradas noutras localidades (com o incêndio de casas dos camponeses que se recusavam a entregar as armas, prisões e mesmo fuzilamentos sem julgamento), o regime comunista foi apenas implementado em Kelmendi devido a um caso de traição de um dos montanhesees, que indicou um acesso de entrada às tropas, verificando-se subsequentemente um episódio de vingança que atingiu uma violência inusitada.

Esta revolta e resistência aconteceu não apenas entre os cristãos, mas registou-se também um núcleo de revolta por parte de muçulmanos, designadamente o caso de Postribe, situada perto de Shkodra, já no decurso de 1946.

⁴⁹ Cf. BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 32.

⁵⁰ Cf. BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 44-45.

⁵¹ BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundrkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes*, 70.

1.1.4. Desenvolvimento da Albânia sob o governo comunista – Anos 40 a 90

No final da Segunda Guerra Mundial, devido a toda a destruição infligida pelos anos de conflito, a economia da Albânia assentava sobretudo no setor primário, sendo as atividades principais a agricultura e a pastorícia. Cerca de 85% da população residia em zona rural e 90% da economia era produto da lavoura.

As dificuldades geográficas e morfológicas do país eram agravadas por apenas serem utilizados métodos de agricultura rudimentares e quase exclusivamente manuais. Os pântanos ao sul e as montanhas a norte revelavam-se assim praticamente improdutivos por incapacidade de exploração, a nível tecnológico. A título de exemplo poderá ser referida a região do sul-oeste, onde se situavam as maiores extensões de campo cultivável, mas das quais apenas 9% era trabalhada. A indústria gerava apenas 10% da produção do país. A eletricidade produzida era exígua, 9kw/h per pessoa em comparação com 38 kw/h de produção na Grécia e 75 kw/h na Jugoslávia, na mesma época, sendo que a maior parte dos camponeses não conhecia a energia elétrica⁵².

Baseado nos dados dos anos 1944-1945, 87% das famílias camponesas ou não possuíam terreno ou eram detentoras de minifúndios, propriedades entre 0.1 e 3 hectares. Em contrapartida, sete famílias dos maiores proprietários detinham a partir de 2 mil hectares de terreno (culticavel, pastorício...) se englobavam neste de ricos todos os que detinham em media 20 héctares. O Estado tinha ao todo 50 mil hectares⁵³. verificando-se assim que a propriedade se encontrava concentrada nas mãos de poucos latifundiários, muito poderosos. O país apresentava, pois, um desnível económico e social muito acentuado. No que respeita a recursos naturais, ainda que a Albânia possuísse riquezas de natureza mineral, faltavam os investidores, que detivessem capital financeiro. De facto, os únicos investidores eram os italianos que exploravam o petróleo.

⁵² Cf. CASTELLAN, George, *Historia e Ballkanit te shekullit XIV- XX*, Cabej, Tirane, 1996, 454.

⁵³ Cf. SMIRNOVA, Nina, *Historia e Shqipërisë përgjatë shekullit XX*, Ideart, Tiranë, 2004, 303.

Chegado ao poder, o PCA lança as bases de uma economia socialista, tendo como referência o modelo soviético: numa primeira fase, a partir de 1945, assiste-se à expropriação dos terrenos às famílias latifundiárias, sendo distribuídos ao povo⁵⁴. Pouco tempo mais tarde, porém, em dezembro de 1946, procedeu-se à respetiva nacionalização, com a instituição das cooperativas rurais estatais.

Para aumentar as áreas de cultivo e incrementar a produção, iniciam-se vastas obras de secagem dos pântanos na zona sul, nas quais serão empregados muitos prisioneiros em regime de trabalhos forçados, entre os quais elementos da Igreja perseguida como o frade Zef Pllumi; na zona norte, assiste-se a grandes trabalhos de arroteamento de terras, com auxílio da introdução de maquinaria agrícola como tratores e outros. Assiste-se ao processo da coletivização agrária, de acordo com o modelo dos Kolkozos soviéticos⁵⁵, solução que durante um certo período fez crescer a produção, mas noutra aceção registou efeitos contrários aos pretendidos, pois este sistema em que todos os indivíduos ganhavam o mesmo independentemente do seu trabalho e empenho, desmobilizava os mais dedicados. Esta situação contribuiu em grande medida para uma desagregação do setor económico, de modo particular o setor primário, no decurso do período de vigência comunista⁵⁶.

Relativamente ao setor secundário, regista-se um grande investimento na indústria, designadamente metalomecânica e indústria pesada; igualmente se verifica o desenvolvimento das linhas de caminho de ferro. A aliança sino-albanesa, que adiante destacaremos, beneficiou muito o desenvolvimento económico da Albânia a este nível, designadamente através de empréstimos destinados à implementação de um ambicioso plano de industrialização do país: a China mostrou-se disponível para apoiar no projeto de industrialização albanês, não apenas a nível de financiamento como também de apoio técnico, registando-se neste período um

⁵⁴ Cf. CJEÇOVI, Xhelal, *Historia e Popullit Shqiptar 1939-1990*, Vol. IV, Botimi i Akademise se Shkencave, Shtepia Botuese Toena, Tirane, 2008, 178.

⁵⁵ FISCHER, Bernd J. *Diktatorët e Ballkanit*, AiiS, Tiranë, 2008, 278.

⁵⁶ Cf. KORÇA, Hafiz Ali, *Shtatë Ëndrrat e Shqipërisë, Rinia e së ardhmes*, Tiranë, 2006, 8.

recrudescimento da economia albanesa⁵⁷. A construção de várias barragens hidroelétricas modificou o panorama da produção de energia elétrica; um dos grandes benefícios consistiu na generalização da eletricidade, constatando-se que em 1970 a eletricidade chegava a todas as casas, nas zonas urbanas e também nas zonas rurais.

Nesta época, a propaganda do regime comunista fortaleceu-se, enfatizando o facto de a Albânia se encontrar na etapa mais florescente do seu desenvolvimento não apenas económico, mas também em todos os outros campos: político, ideológico e cultural o que representava um requisito básico para a nova revolução comunista a empreender na nação albanesa⁵⁸.

Depois da Guerra, e como no resto da Europa, a população da Albânia começa a crescer em número. A saúde representou também uma aposta do governo comunista, designadamente com a construção de hospitais a que todo o povo tivesse acesso.

O partido investe igualmente na alfabetização, tendo-se registado a curto prazo, entre os anos de 1946-1948, desenvolvimentos positivos no campo da literacia e ensino. Logo em agosto de 1946 proclamou-se uma lei sobre a reforma do ensino, que promulgava o ensino obrigatório até ao 7º ano, de modo a abranger todos os jovens até aos 14 anos. Em 1948, cerca de 93,7%⁵⁹

das crianças frequentavam o ensino. Os agentes da campanha de alfabetização eram em grande parte voluntários⁶⁰ e existia uma grande determinação política no sentido de assegurar que as escolas funcionassem mesmo nas recônditas aldeias da montanha.

Em 1961, no ensino médio voltou a introduzir-se a disciplina de marxismo-leninismo⁶¹, marco que é, por si mesmo, muito significativo. De facto, todo o sistema de ensino sob o

⁵⁷ Cf. HOXHA, Ma. Artan R., *Marrëdhëniet midis Regjimit Komunist dhe Kishës Ortodokse Autoqefale e Shqipërisë në vitet 1945–1967*, Disertacion për gradën Doktor i Shkencave Historik, Republika e Shqipërisë Universiteti i Tiranës Fakulteti i Historisë dhe i Filologjisë, Tirana, 2014, 146.

⁵⁸ Cf. NGJELA, Spartak, *Përkulja dhe Rënia e Tiranisë Shqiptare, 1957-2010*, UET Press, Tiranë, 2011, 358-382.

⁵⁹ Cf. Akademia e Shkencave e RPS të Shqipërisë, *Historia e Shqipërisë*, [História da Albânia], 82.

⁶⁰ Cf. GJEÇOVI, Xhelal dhe MILO, Paskal, *Historia e popullit Shqiptar, IV Shqiptarët gjatë luftës së dytë botërore dhe pas saj 1939-1990*, Botimet Toena, Tiranë, 2009, 220.

regime comunista assentava na ideologia do partido, sendo a juventude formada de acordo com os valores do materialismo dialético. Havia um controlo muito forte sobre a educação, compreendida como base e forma de difusão das ideias e noções comunistas⁶². Como adiante desenvolveremos, foram suprimidas e proibidas todas as formas de ensino de qualquer confissão religiosa.

A máquina de propaganda era poderosa e estava também ao serviço de uma uniformização social, que procurava nivelar as formas de viver, em todos os setores: vestuário, linguagem, pensamento, fomentando ainda a mobilização de população rural para as cidades⁶³.

Entre 1945 a 1960, a população urbana duplicou na Albânia⁶⁴. A nível social, baseamos nos elementos do historiador Edwin Jacques, já citado, que apresenta a seguinte organização socio-profissional, em termos de percentagem da população, relativamente a 1976: os camponeses de cooperativa correspondiam a 29%, os trabalhadores do setor secundário representam 37,5 %, e os do terciário 32%⁶⁵.

Este historiador apresenta ainda a estruturação interna do PCA, que cresceu em número e assumiu a denominação de Partido do Trabalho da Albânia, *Partia e Punes se Shqiperise*, chamando a si a organização de todo o país. A Direção do partido integrava os *antares*, que exerciam postos de liderança e tinham o dever de controlar e dirigir a posição política, ideológica e social das massas. O Órgão máximo era o Congresso do Partido Comunista que se reunia de cinco em cinco anos, no qual era escolhido o Comité Central constituído por 100 *antares*, que se reunia três vezes ao ano. Por sua vez, este escolhia o Gabinete Político, *Byroja Politike*, com cerca de 16 *antares* que correspondiam ao Executivo. Este Gabinete, liderado

⁶¹ Cf. BEQJA, Hamit, *Lufta për shkollën ateiste shqiptare*, 66–67.

⁶² Cf. BRZHEZHINSKI, Zbigniev, *Jashtë Kontrollit, trazira që përfshiu botën në prag të shekullit XXI*, Shtëpia Botuese Elena Gjika, Tiranë, 1995, 30-31.

⁶³ Cf. SULSTAROVA, Enis, *Ligjërimi Nacionalist në Shqipëri*, Afërdita, Tiranë, 2003, 141.

⁶⁴ Cf. Akademia e Shkencave e RPS të Shqipërisë, *Historia e Shqipërisë* [História da Albânia], 287.

⁶⁵ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtësia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 483.

pelo Primeiro Secretário, Enver Hoxha⁶⁶, constituía o centro do poder e determinava com soberania absoluta sobre todos os setores da vida do país. As decisões do Gabinete Político, *Byroja Politike* eram oficiosamente aprovadas pelo Comité Central, *Komiteti Qendror*, que definia a “linha do partido” e não era suscetível de discussão por parte de qualquer setor da sociedade.

Ao nível político, durante os anos 1949-1960, a política externa conduzida pelo PCA estabeleceu ligações estreitas com outros países da esfera da União Soviética, sendo plena a integração da Albânia no Bloco Comunista; em 1948, quando se regista no plano político a rotura entre Tito e Estaline, também Enver Hoxha, para se manter fiel à URSS, termina as relações diplomáticas com a Jugoslávia. Logo que sentiu as bases do poder mais consolidado, em fevereiro de 1949, a Albânia juntou-se ao Conselho da União Económica.

Mas a partir de 1955, quando mudou o governante da URSS, alterou-se por sua vez a relação da Albânia com a União Soviética. Nikita Krushov adotou uma “política de novo curso”, cuja orientação não agradou aos dirigentes do partido da Albânia, que a encararam como um perigo para o regime estalinista. A título exemplificativo, o facto de o novo rumo político soviético preconizar a abolição do culto do indivíduo desenvolvido por Estaline, desagradou particularmente a Enver Hoxha, que o cultivava em larga escala na Albânia⁶⁷. No XXII Congresso da URSS em outubro de 1961, Krushov criticou duramente a Albânia e a 7 de novembro Enver Hoxha contrapõe, em público. Em 3 de dezembro deste ano, a URSS cortou relações diplomáticas com a Albânia, que se tornou o único país no mundo que até 1991 não mantinha relações diplomáticas com qualquer das duas grandes potências mundiais neste período, URSS e EUA. Também não mantinha relações diplomáticas com a Grã-

⁶⁶ Cf. JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], 483.

⁶⁷ “The cult of the individual”. Este discurso foi proferido no 20º Congresso do Partido Comunista da USSR em Moscovo em 25 de fevereiro de 1956. Fonte online: <https://www.theguardian.com/theguardian/2007/apr/26/greatspeeches2>, 20 de novembro de 2018, 16:05.

Bretanha nem com a RDA. No outono de 1968 já não havia ligação com qualquer país da URSS⁶⁸.

Em contrapartida, a última importante aliança da Albânia foi com a China, que será o grande modelo de Enver Hoxha, que se arroga como único seguidor puro do marxismo-leninismo, tal como Mao-Tsé-Tung na China⁶⁹. Esta aliança configura, assim, uma crescente proximidade ideológica entre os dois regimes e a Albânia adota a figura do líder comunista chinês como ídolo a imitar; este será o estereótipo do perfeito líder comunista chinês na perspectiva de Enver Hoxha, que tenta seguir e aplicar as suas diretivas e modelo de liderança na Albânia⁷⁰. Aliás, inspirando-se na absoluta intransigência do regime chinês relativamente à religião, também nesta fase a Albânia endurece a sua posição para com os crentes e as manifestações religiosas. A destruição dos mosteiros do Tibete por parte das forças maoístas será fonte de inspiração para o Primeiro Secretário do Partido do Trabalho da Albânia, *Partia e Punes se Shqiperise*, assistindo-se nesta fase, 1967, à promulgação oficial da proibição de qualquer culto e prática religiosa e destruição dos últimos estabelecimentos religiosos, templos ou lugares de culto de todas as religiões existentes no país. A Albânia será assim, por Constituição, a primeira nação assumidamente atea do mundo⁷¹.

Neste tempo, em que se registou a aliança estreita com a China cultivaram-se afinidades ideológicas, procurando reproduzir-se na Albânia o modelo comunista sob a vertente desenvolvida em Pequim, de onde provieram também as significativas ajudas económicas referidas anteriormente. A amizade sino-albanesa manteve-se até 1978, data da morte de Mao-Tsé-Tung. Depois, e com a abertura da China a Ocidente, o partido albanês de Enver Hoxha corta também as relações com essa potência, permanecendo num isolamento total em termos da arena internacional até à queda deste regime político em 1991. Aliás, na

⁶⁸ FEVZIU, Blendi, *100 vjet: Nje eskursion ne politiken e shtetit shqiptar nga 1912-2012*, UET Press, Tirane, 2012, 204.

⁶⁹ Cf. DUKA, Valentina, *Historia e Shqiperise 1912-2000*, Shtepia Botuese e Librit Universitar, Tirane, 2007, 280.

⁷⁰ Cf. SMIRNOVA, Nina, *Historia e Shqipërisë përgjatë shekullit XX*, 383.

⁷¹ Cf. DUKA, Valentina, *Historia e Shqiperise 1912-2000*, 281.

Constituição albanesa promulgada em 1976, determina-se que a Albânia se deve autossustentar ao nível económico e negar, doravante, quaisquer empréstimos ou créditos estrangeiros⁷².

Na década de oitenta, a Albânia encontra-se, pois, solitária, e esta política isolacionista começou a traduzir-se em carências de toda a espécie e numa derrocada da economia. A pobreza agravou-se e o próprio poder político começou a desagregar-se. A violência do regime de Enver Hoxha não teve paralelo nos outros países, e “cavou a sua própria sepultura” pelo excessivo controlo que exerceu sobre todas as estruturas económicas, sociais e ideológicas, com a imposição de um regime de terror em que todos espiavam e denunciavam o seu semelhante. O Homem foi reduzido apenas a um ser que produz, de acordo com as teses materialistas, comparável a uma máquina manipulada pelo Estado, ignorando-se toda a sua criatividade, a sua sensibilidade e a própria humanidade⁷³.

Enver Hoxha será o líder comunista da Albânia durante 40 anos, até à sua morte. Quando o regime político caiu, a Albânia encontrava-se novamente na miséria, sendo o mais pobre e carente de todos os países da ex-URSS e aliados.

1.2. Ideologia comunista e fé cristã. Adoção gradual do ateísmo militante

A ideologia comunista na Albânia propôs-se seguir o ideário marxista-leninista do modo mais fiel e radical possível. No seguimento deste ideal, a Albânia uniu-se aos países que procuravam pôr a ideologia marxista em prática, desde a Jugoslávia até a China, que foi, como já aludimos, a última aliança da nação albanesa no decurso do regime comunista.

Na presente dissertação, abordaremos sucintamente a ideologia marxista e apenas enquanto filosofia atea, em confronto com a religião, não tendo a pretensão de analisar esta

⁷² Cf. SULSTAROVA, Enis, *Ligjërimi Nacionalist në Shqipëri*, 2003, 63.

⁷³ Cf. MEZINI, Adem, *Shekulli XX*, EXTRA-R, Tiranë, 2010, 58-59.

ideologia na sua globalidade. A filosofia de Marx pretendia transformar o mundo, de forma prática, e teve, de facto, muito impacto na história do século XX devido à implementação que procuraram concretizar os seus seguidores, tanto Lenine e Estaline na União Soviética como Enver Hoxha na Albânia e outros líderes comunistas nos estados-satélites da URSS.

Nas palavras de Manuel Barbosa da Costa Freitas, cujo estudo⁷⁴ e reflexão nesta matéria seguiremos de perto neste ponto, a ideologia comunista consiste na “doutrina oficial seguida pelo partido comunista soviético e satélites, que tem como base filosófica não só o *materialismo histórico* (Marx) mas também, e sobretudo, o *materialismo dialético* (Engels, Lenine e Estaline)”⁷⁵. Criticando a dimensão puramente teórica da filosofia, Marx afirma: “Até agora os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes maneiras; de agora em diante, o que importa é transformá-lo”⁷⁶. Para Marx, a filosofia “é a práxis transformadora da natureza e da sociedade, ou seja, trabalho e ação social. Estas duas dimensões definem o Homem concreto do marxismo de Marx e Engels”⁷⁷:

“(...) a atividade do homem concreto que produz a sua vida e se produz a si mesmo ao transformar pelo trabalho a natureza material. (...) Pela práxis, o homem naturaliza-se e a natureza humaniza-se...antes de ser um método da análise, a práxis é um método de ação. E o marxismo rejeita tanto uma análise que não se inspire numa análise rigorosa das situações concretas como uma análise que não termine em ação. (...) pelo seu trabalho, o homem domina a natureza e a história. (...) O marxismo considera o pensamento dialético em oposição radical aos sistemas metafísicos”⁷⁸.

O marxismo considera que o Homem vive, até agora, “mergulhado e perdido”⁷⁹ – e que a sua realidade, até agora profundamente imbuída na religião, tem forçosamente que ser

⁷⁴ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, Vol. II, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

⁷⁵ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, Vol. II, 240.

⁷⁶ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, 243.

⁷⁷ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, 240-241.

⁷⁸ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, 240-241.

⁷⁹ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, 242.

modificada e substituída; de acordo com a consagrada expressão, na perspetiva marxista, a religião representa “alienação”, equivale ao *ópio do povo*, conhecida expressão de Marx:

“A alienação significa a perda do homem na exterioridade das suas obras – na religião, na filosofia, no Estado, na classe social, no produto do trabalho que se voltam contra ele, impedindo a livre expansão das suas virtualidades (...) A alienação religiosa constitui o protótipo de toda a alienação enquanto «realização fantástica da natureza humana». A imagem religiosa de Deus representa a projeção, num ser estanho e hostil, do destino do homem que ainda não se encontrou ou já se perdeu. A religião é definida como expressão e protesto, aliás passivo e inútil, da miséria real, suspiro da criatura infeliz, espírito de uma existência sem espírito, ópio do povo que asfixia a vontade revolucionária dos oprimidos. Por isso exigir que o homem renuncie às ilusões religiosas equivale a exigir que renuncie a uma situação social e económica que tem necessidade de ilusões”⁸⁰.

O pensamento de Marx aceita que é o Homem que faz a religião e não a religião que faz o Homem: “Assim como na religião o ser humano é dominado pela obra da sua própria cabeça, assim, na produção capitalista, ele o é pela obra de sua própria mão”⁸¹.

De facto, a religião é encarada como pertencente ao domínio das superestruturas: “para Marx e Engels, a questão das ideias punha-se no quadro do sistema de Hegel. Aí, a Ideia é o sujeito, cujo predicado consistia nas suas objetivações (a natureza e as formas históricas da realidade social)”⁸².

“A ideologia em Marx pertence ao âmbito de superestrutura (...) À sua teoria, Marx e Engels nunca chamaram de ideologia. Consideravam sua teoria como reconstrução científica da realidade social e, ao mesmo tempo, expressão dos interesses de classe do proletariado. Implicitamente, isto significava que o proletariado era a única classe capaz de se libertar da ilusão ideológica em geral e alcançar a visão objetiva correta da história humana e da sociedade existente. Não obstante, o conceito de ideologia ganhou significados diferentes na história do marxismo. (...) No caso da classe operária, a ideologia socialista é uma consciência verdadeira da sociedade”⁸³.

⁸⁰ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, 242.

⁸¹ MARX, Karl, *O Capital - Crítica da Economia Política*, Vol. I, Tomo 2, 193.

⁸² MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*, Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa, Edição Martins Fontes, São Paulo, 2001, xxi.

⁸³ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*, (prefácio) xxiii.

Ao ler (em diagonal) a obra *O Capital*, recordei a expressão usada por Tomás Halík, “o *money-teísmo*”, que procura substituir o monoteísmo⁸⁴.

“É a fé que salva. A fé no valor monetário como espírito imanente das mercadorias, a fé no modo de produção e a sua ordem predestinada, a fé nos agentes individuais da produção como meras personificações do capital que se valoriza a si mesmo”⁸⁵.

Se bem que a moeda tenha o seu mérito em termos de utilidade, sendo instrumento facilitador da economia em muitos aspetos, evidentemente que o capital nunca poderá substituir o Deus verdadeiro: “Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César” (Mt 22, 21). No entanto, Marx, n’*O Capital* desenvolve como que um jogo com as expressões de troca em que dinheiro, objetos concretos e Bíblia são apresentadas no mesmo plano do materialismo económico: “Na metamorfose completa, *tecido, dinheiro e Bíblia*, é o tecido que sai em primeiro lugar da circulação; o dinheiro tomou o seu lugar; depois, sai a Bíblia da circulação; o dinheiro ocupa o seu lugar, mais uma vez (...)”⁸⁶. Relativamente ao materialismo e ateísmo militante, é de facto incongruente tentar estabelecer qualquer tipo de paralelismo e muito menos de substituição entre a matéria e o Transcendente: nem o dinheiro, nem algo de material nem tão-pouco o Homem pode ser o seu próprio Deus, o deus de si mesmo ou dos outros.

O marxismo não apresenta uma novidade absoluta relativamente à religião, mas na verdade é um herdeiro de conceitos da Antiguidade Clássica que são aplicados por Marx para fazer prevalecer uma teoria do materialismo como explicação última da ciência e chave de leitura da civilização humana: “Do nada nada vem” (Lucrécio, séc. I a.C.). Como reconheceu Ramiz Alia, Presidente da República Albanesa que sucedeu ao ditador Enver Hoxha, em

⁸⁴ HALÍK, Tomás, Conferência “*Crisis and renewal of faith*”, proferida na Universidade Católica Portuguesa, 21 de novembro de 2018: “*One exemple of idolatry is the substitution of moneytheism – an adoration of money – for monotheism*”.

⁸⁵ MARX, Karl, *O Capital, Crítica da Economia Política*, Coordenação e revisão de Paul Singer, tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, Vol. III, Tomo 2, Victor Civita, S. Paulo, 1985, 106.

⁸⁶ MARX, Karl, *O Capital* (Versão Integral, tradução de António Dias Gomes), Vol. I, Delphos, Lisboa, 1974, 69.

resposta à questão de como encarava a perseguição que o regime comunista movera relativamente à religião, “eu diria que foi um erro da pressa”⁸⁷.

De facto, na história da humanidade, muitas heresias e regimes militares e políticos tentaram apagar a religião cristã, mas não o conseguiram porque se trata de homens a lutar contra Deus; verifica-se mesmo que prejudicam a sociedade sempre que distorcem a religião ou a combatem inutilmente. Citamos algumas máximas do marxismo que ilustram o ateísmo marxista, combate contra a fé:

“ (...) no direito Civil, o advogado depena as partes, na política, o representante vale mais que o eleitor, o Ministro mais que o soberano; na religião, Deus é empurrado para o fundo pelo “mediador” e este, por sua vez, deixado para trás pelos padres, que por sua vez, são os intermediários indispensáveis entre o “Bom Pastor” e suas ovelhas”⁸⁸.

Também o marxismo na Albânia procura entrar neste jogo, “empurrando” os padres e substituindo-os completamente no papel social que anteriormente ocupavam.

Na verdade, a fé não é contra a razão como denunciavam os comunistas e muito menos se pode aceitar que a razão tenha inventado o Deus verdadeiro da revelação como acreditamos nós, cristãos. Como referido supra, desde sempre a fé foi atacada e não é o *materialismo dialético* como sistema ideológico o primeiro que pretende rejeitar e tentar fazer desaparecer a religião. Como contraponto da citada tese marxista segundo a qual *a religião é o ópio do povo* lembramos que, desde S. Paulo e ao longo de toda a tradição cristã, a fé nunca pode ser “alienação”, pois nunca dispensa a razão. No século IV, Santo Agostinho como homem culto apresenta a razão como a preparação para a fé: *Ratio ante fidem; post fidem; fides qua; crede ut intelligas e intellige ut credas!*⁸⁹. Mas, contrariamente ao “livre arbítrio” agostiniano, em que, com a razão e a vontade, cada um dos seres humanos pode aceitar ou recusar o dom da

⁸⁷ ALIA, Ramiz, Última entrevista - Vizion Plus - News, <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=2mjNUxVDU-s>, 24 de dezembro de 2018, 12:33.

⁸⁸ MARX, Karl, *O Capital - Crítica da Economia Política*, Vol. I, Tomo 2, 281-282.

⁸⁹ Cf. FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, Vol. I, 19-20.

fé, o ateísmo militante impõe a negação e a proibição da fé, uma vez que esta é vista como um atentado à razão.

“Por um lado, é verdade o que o adversário me disse: faz-me entender para que possa acreditar. Mas também eu estou na verdade quando afirmo o contrário, como dizia o Profeta (Isaías): acredita para poderes compreender. Ambos dizemos a verdade; procuremos encontrar um acordo. Então, compreende para acreditar, e acredita para compreender. (...) Compreende a minha palavra, para que possas acreditar; acredita na Palavra de Deus para a poderes compreender”⁹⁰.

Para nós, os cristãos, “a fé é um dom de Deus, que Deus dá a quem a quer, e aumenta-a a quem pede”⁹¹.

De acordo com uma reflexão do Padre Zef Pllumi, quando redige as suas memórias, “o conceito oriental de governo concede aos governantes estes poderes, os quais podemos dizer, de certo modo, que nem Deus-Criador os guardou para si”⁹². Com efeito, os ditadores como Enver Hoxha não admitiam nem os direitos humanos nem um pensamento livre. Eles supunham que detendo tal poder *absoluto*, podiam exercer todo o direito sobre as propriedades, ações, pensamentos e vida de cada cidadão.

Como reflexão, urge comentar, relativamente a este entendimento, que o progresso da humanidade não poderá rejeitar liminarmente o passado, negando e intentando eliminar tudo o que é antigo nem, por outro lado, deixar de integrar o progresso, ainda que à custa de algumas adaptações e necessária construção de sínteses.

A guerra movida pelo regime comunista contra a espiritualidade visava as quatro religiões existentes na Albânia⁹³. A perseguição não se confinou apenas a uma retórica, mas começou a concretizar-se em termos práticos: milhares de edifícios destinados ao culto de todas as religiões foram destruídos e outros transformados em espaços públicos como

⁹⁰ Augustini OPERA OMNIA, Sermão 43, 9. <http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>.

⁹¹ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, O Ser e os Seres – *Itinerários Filosóficos*, 489.

⁹² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 2001, 61.

⁹³ Vd. Nota 17.

ginásios, escolas ou armazéns. Esta situação abrangeu tanto as igrejas católicas como as ortodoxas, os mosteiros cristãos e templos da religião bektashi (denominados *teqe*, *tyrbe*) e também as mesquitas, ainda que algumas fossem poupadas por serem consideradas como monumento arquitetónico.

Como forma de dissuasão relativamente ao sentimento religioso, o Partido convidava fundamentalmente crianças e jovens, e também elementos da classe trabalhadora designadamente rural, a participar nesta destruição dos lugares sagrados, no sentido de lhes inculcar a noção de que a religião se tratava de uma ideia antiquada, inclusivamente importada do estrangeiro, concretamente do Vaticano, no caso do catolicismo, que devia ser anulada da vida quotidiana da população, para que pudessem prevalecer as luzes do socialismo e do progresso económico, social e político.

A ação do Partido passava por tentar convencer o povo, envolvido na destruição dos locais de culto das quatro religiões, de que a religião consistia numa mentira, uma vez que fazia inferir da não intervenção direta de Deus neste contexto específico uma prova da Sua “não existência”, pois que Se abstinha de intervir para impedir tal destruição. O historiador Blendi Fevziu desenvolveu em 2013 um documentário baseado em imagens verídicas⁹⁴, no caso filmagens de 1967 da destruição de uma *teqe*, comentando: “Aproveitam e destroem, servindo também isso de propaganda para demonstrar que Deus não intervém nem castiga os que destroem os templos” e usando esse facto como evidência de que a ideologia religiosa era realmente mentirosa:

“As massas populares agora querem testar a verdade do que lhes foi dito. Se existe Deus, ele que venha aqui agora, (em que destruámos um lugar sagrado), se ele espezinha quando lhe tocamos, então venha agora quando nós não só lhe tocamos como O vamos desenraizar daqui.

⁹⁴ Documentário de: FEVZIU, Blendi, “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013, que insere imagens do documentário comunista “Nas chamas da Revolução”, emissão em 1968 com imagens gravadas em 1967. <https://www.youtube.com/watch?v=O7-E1OdmGxs>, visualizado em 25. 11. 2018, 12h.

As pessoas agora viram a verdade com os seus olhos, e entenderam a manipulação da ideologia da religião e as suas mentiras sem fim”⁹⁵.

Como processos em simultâneo, a implementação do comunismo acompanhou o combate ideológico à religião, sendo uma das palavras de ordem a criação do “Homem novo”, de acordo com os princípios do socialismo ateu.

Por outro lado, podemos dizer que o ideal cristão ou alguns dos princípios do cristianismo como igualdade e justiça estão, em parte, presentes também na ideologia de Marx: a teoria marxista visava exatamente libertar os oprimidos de uma sociedade desigual e atingir uma situação de justiça, num desejo vincado de renovar a humanidade, a sociedade, criando um mundo novo e equitativo; torna-se no entanto paradoxal constatar que a forma de executar o programa marxista, na Albânia, ocasionou o sacrifício de milhares de vidas e oprimiu milhares de pessoas, em nome do ideal “viva a liberdade do povo”.

1.2.1. Propaganda ideológica antirreligiosa

O sistema comunista desenvolveu fortes ações de propaganda, designadamente a partir da imprensa e meios de comunicação social, monopolizados pelo partido. Todos os meios de difusão eram aproveitados para irradiar os ideais do ateísmo e desenvolver uma campanha de aniquilação da fé: livros, jornais, cartazes, panfletos, rádio e televisão.

⁹⁵ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013.

a) Livros

Foram redigidas dezenas de livros que serviam de base à propaganda ateia, dos quais citamos alguns como grandes referências amplamente difundidas com o objetivo de abolição da fé ⁹⁶.

O Partido do Trabalho da Albânia, *Partia e Punes se Shqiperise*, desenvolveu uma guerra aberta, sem tréguas e permanente contra a fé e a religião, consideradas como arma *ideológica* das classes reacionárias e como supracitado, o *ópio do povo*.

Esta guerra é paralela à que o sistema comunista trava contra as classes privilegiadas que, na sua opinião, oprimem, esmagam e exploram o povo, procurando, contrariamente a essa realidade considerada nefasta, construir uma sociedade equitativa e justa. Em toda esta sua “obra revolucionária”, o Partido pauta sempre as suas ações tendo por base a ideologia marxista-leninista: a base teórica-bibliográfica do Partido na guerra contra a religião assenta não apenas nos escritos de Marx e Engels sobre este tema, mas igualmente noutras obras de autores albaneses, designadamente o livro *Acusamos a fé, Akuzojme fene*, de Nulusi Hako⁹⁷. Assumidamente ateu, Nulusi Hako desconhece a essência da *Bíblia* e das religiões, interpretando os livros sagrados de modo distorcido, tanto a *Bíblia* como o *Corão*, e a sua obra, a par de outras de cariz igualmente ateu, servirá para lançar a base teórica do ateísmo proletário, marxista. Entendia-se que esta bibliografia contribuiria para eliminar, em nome do progresso e da ciência, o pensamento religioso, possibilitando o desenvolvimento de uma sociedade totalmente radicada nos dados científicos, materialista. Na obra citada, Nulusi Hako inclui uma frase significativa de Enver Hoxha sobre esta matéria: “A fé agarra-se ao

⁹⁶ Cf. QAZIMI, Azem, *Procesi i asgjësimit të fesë në Komunistikë*, Instituti i Studimit të Krimeve dhe pasojave të Komunistikë, Tirana, 2012, 17. (Este livro, “*O processo de aniquilamento da religião*”, publicado pelo Instituto de Estudos dos Crimes e Consequências do Comunismo cita, na página referida, trinta e quatro obras redigidas com este propósito, entre 1946 e 1991, com grande predominância nos anos 60 e 70 do século XX).

⁹⁷ HAKO, Nulusi, *Akuzojme fene*, Naim Frasheri, Tirana, 1968.

homem, como força esmagadora, imaginária, amedrontando-o durante a vida toda e mesmo depois da morte”⁹⁸. E o autor reitera esta tese, referindo:

“Se analisamos a fundo a fé, torna-se evidente que é constituída por três elementos: primeiro, os dogmas, perspectivas, e modos de entender a fé; segundo, os sentimentos e emoções religiosas; terceiro, o culto ou a prática. Com estes três elementos, a fé domina, por inteiro, o crente”⁹⁹.

“A religião obscurece o pensamento humano, com pregações deste género: a sabedoria neste mundo é uma loucura para Deus – donde decorre que Deus valoriza o estado de ignorância humana, logo a religião desvaloriza a sabedoria humana”¹⁰⁰. Além da ignorância e da pobreza, cuja responsabilidade se atribui à religião, também a condição de submissão feminina é apresentada como consequência da crença religiosa, sendo esta situação considerada ignominiosa numa sociedade moderna, protagonizada pelo “Homem novo” de matriz socialista.

b) Jornais

Na Albânia, entre os meados dos anos 40 (1944-1945) e o início dos anos 90, os órgãos de comunicação social eram controlados pelo Partido, verificando-se uma concertação do teor dos artigos publicados na imprensa escrita, no sentido de uma veiculação das ideias marxistas; concomitantemente, verificava-se um controlo rigoroso das publicações, através de mecanismos de censura.

Os jornais, por meio das notícias publicadas, desempenhavam assim o papel de um meio de enaltecimento das realizações sob o regime comunista, e simultaneamente instrumento de difusão de noções e conceitos do marxismo-leninismo, de acordo com os quais se elimina o Transcendente e como que se propõe um novo culto ao partido e aos seus chefes,

⁹⁸ Cf. HAKO, Nulusi, *Akuzojme fene*, 7.

⁹⁹ HAKO, Nulusi, *Akuzojme fene*, 8.

¹⁰⁰ HAKO, Nulusi, *Akuzojme fene*, 10.

a quem são inclusivamente aplicadas as expressões anteriormente reservadas ao sagrado, como: “Glória ao Partido do Trabalho da Albânia¹⁰¹”, *Lavdi Partis Punes se Shqipris*.

De modo sistemático, os jornais serviam o anticlericalismo característico do regime comunista, publicando frequentes notícias sobre a prisão dos sacerdotes católicos, como por exemplo num artigo do jornal “União”, *Bashkimi*, de janeiro de 1946, intitulado “Proteger a independência da Democracia” que destaca que se devem eliminar “os cães do fascismo”: os padres. Informa o público da prisão dos Padres Dajani e Fausti, sublinhando: “Devemos proteger o nosso país destas pessoas e ao mesmo tempo devemos proteger o povo católico da traição que estes lhe fizeram”¹⁰². Noutro número do mesmo jornal, também do mês de janeiro, reporta-se: “Grande manifestação em Shkodra – o povo de Shkodra manifesta o seu ódio contra a traição dos Padres Dajani e Fausti”¹⁰³. Relativamente aos julgamentos populares a que estes e outros clérigos, seminaristas e leigos católicos foram sujeitos e a que nos referiremos mais pormenorizadamente no ponto 1.3.2., o mesmo jornal “União”, *Bashkimi*, seguia e publicava minuciosamente, e quase todos os dias, as notícias das sessões de interrogatório. Em janeiro e fevereiro de 1946, destacava que um dos jovens acusados de ligações à organização União Albanesa, opositora ao comunismo (e por este crime condenado e morto), confessara que os padres réus no julgamento tinham sido realmente os seus mentores e líderes desta organização, depoimento que servia para os incriminar e condenar.

Todos os dias este jornal publicava títulos como os que citamos seguidamente¹⁰⁴: “Padre Giovanni Fausti aceitou que foi o chefe da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*”; “O programa fascista da Revista “Leka” (5 fev. 1946) (revista dos jesuítas, dirigida pelo Padre Fausti)”; “O Padre Gjon Shllaku afirma que os jesuítas, Fausti e Dajani são dirigentes da organização terrorista União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*”; “Os terroristas tinham medo do povo no que

¹⁰¹ HOXHA, Enver, *25 anos de lutas e vitórias na vida do socialismo*, Edições Estrela Vermelha, Lisboa, 1974, 96.

¹⁰² LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 2012, 111.

¹⁰³ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 111.

¹⁰⁴ Títulos compilados por LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 119-120.

respeitava a apresentar-lhe a sua organização traidora União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*, que queria retalhar a Albânia” (7 fev. 1946); “A organização União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*, planeava atentados nas aldeias e nas cidades. Ligações com os fascistas de Tirana, união fascista Democristiana, *Demokristiane*, dirigida pelo Padre Gjon Shllaku tinha ligações estreitas com a União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*” (8 fev. 1946); “Ligações da organização União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*, com o grupo fascista de Tirana”; Planos para fazer explodir as pontes construídas com o suor do povo”; “Preparação de uma reunião entre todos os criminosos fugitivos” (8 fev. 1946); “Padre Daniel Dajani, organizador e Chefe dos terroristas da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*, está perante o Julgamento”; “Atividade da associação fascista “Dom Bosco”: os jesuítas queriam impedir o povo de festejar o Natal de 1944 e o Primeiro de Maio de 1945 (Jesus nasceu nas palhas e não disse para se retirarem as terras a ninguém” (14 fev. 1946); “ Os outros *antares* da União Albanesa, *Bashkimi Shqipta*, revelam a atividade fascista do Padre Gjon Shllaku. O Padre Gjon Shllaku e os seus amigos esperavam um ataque, por parte da Grécia, para derrubar o poder [na Albânia] – As tentativas da organização dos latifundiários que foram atingidos pelas grandes reformas e medidas implementadas pelo Estado” (15 fev. 1946); “Novos factos contra o Padre Gjon Shllaku. São reveladas mais ligações aos criminosos e fugitivos – as suas intenções” (16 Fev. 1946); “Padre Gjon Shllaku, organizador e chefe dos terroristas fascistas perante o Julgamento. Ele afirma que o Padre Gjergj Fishta, o Padre Anton Harapi e o Padre Benardin Palaj foram fascistas – Foram ouvidas as testemunhas de acusação e de defesa” e por fim: “Terça feira, dia 19, a sentença do procurador” (17 fev. 1946). Estes títulos sensacionalistas tinham como intenção tornar o julgamento credível e convencer o povo da veracidade das acusações. Visavam desde logo provar as ligações dos clérigos com o Vaticano, com o Estado Italiano e consequentemente com a ideologia fascista.

De modo a fomentar a difusão do jornal, os preços praticados eram simbólicos, correspondendo a quantia a pagar por alguns ao preço de uma guloseima, e os títulos

escolhidos para estas publicações periódicas são bem ilustrativos da sua função propagandística: “A Voz do Povo”, “Novos Tempos”, “Nossos Tempos”, acompanhados de slogans que encabeçam as páginas principais, como “Liberdade ao Povo”.

c) Cartazes e panfletos

Recorrendo à expressividade da imagem e força da caricatura, são profusamente utilizados os cartazes colados nas ruas ou os panfletos, distribuídos nas cooperativas, nas fábricas, nas reuniões do partido, cuja mensagem poderia ser facilmente captada, mesmo por uma faixa da população iletrada. Esta ideia foi maioritariamente adotada do exemplo da China.

Começam a ser difundidos panfletos com caricaturas jocosas que denigrem todos os que são considerados “traidores” e “inimigos do povo”, como os grandes proprietários e os representantes das diversas religiões, muito particularmente a Igreja Católica e o respetivo clero.

Anedotas, imagens humanas grotescas com feições distorcidas e narizes proeminentes para captar a atenção do público eram usados ao serviço da campanha anticlerical, em que as figuras de sacerdotes se destacam pelo ridículo, procurando exacerbar a rejeição destas figuras em termos sociais.

As “frases de ordem” plasmadas nos cartazes eram incisivas, como as duas que destacamos: “Os opressores usavam a **FÉ** com o propósito de oprimir o homem, para amedrontar o homem com uma força imaginária, que naquele tempo era realmente o chicote e a bala nas mãos dos nobres e chefes (*Beu e Bajraktar*)”; “A cultura não se desenvolve no nosso país, até que a última pedra da última igreja caia sobre a cabeça do último sacerdote”.

De sublinhar que esta última frase também surtiu o efeito contrário ao desejado pelo regime: de facto, a provocação interpelou de tal modo um jovem católico, Mikel Beltoja, que

decidiu entrar na vida sacerdotal e morreu por Cristo, vindo a ser um dos trinta e oito mártires da Albânia¹⁰⁵.

d) Rádio

As comunicações radiofónicas foram usadas como arma de propaganda, designadamente através da transmissão, ao vivo, a partir do Cineteatro *Rozafat*, dos julgamentos e sentenças de condenação dos “inimigos” e “traidores”, alguns escolhidos de entre o clero. Funcionavam assim como forma de dissuasão da resistência. Por vezes, quando se apercebiam de que os depoimentos de certos sacerdotes poderiam influenciar o público em sentido contrário ao pretendido, as transmissões eram cortadas abruptamente, optando-se por realizar uma emissão em diferido, em que eram, em estúdio, aproveitados e montados os fragmentos que interessavam à visão do regime e suprimidos os restantes, por exemplo testemunhos de bondade e coragem dos cristãos ou confissões de comunistas que se arrependiam.

Transcrevemos dois testemunhos do Padre Zef Pllumi que transmitem a importância da radiodifusão das sessões de julgamento:

“Nós, no convento franciscano, através da rádio seguíamos com o coração na garganta todas as fases do processo que se desenvolvia na sala de cinema *Rozafat*. Quando foi lida a macabra sentença, em vez de um silêncio de morte, ouviu-se uma gritaria e explosão de aplausos triunfais, sinal de um sadismo sem igual”¹⁰⁶.

“Os jornais e a rádio exultavam com este grande sucesso contra os «inimigos do povo». A «justiça popular» (desconhece-se o significado jurídico deste termo) com uma grande dose de fantasia e com o entusiasmo dos jovens e a ingenuidade manipulada das crianças, conseguia apresentar os atos dos réus como obra de organizações terroristas, e estes homens como dirigentes das instituições e entidades que o partido comunista pretendia eliminar a todo o custo”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Cf. DI PINTO, *Leonardo, Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prennushi e Compagni Martiri*, Vol. II, Casa Editrice Arcidiocesi Metropolitana Scutari-Pult, 2016, 437.

¹⁰⁶ PLLUMI. Zef, *Vivi solo per testimoniare*, tradução de Keda Kaceli, Buongiorno Italia Editore, Milano, 2015, 81.

¹⁰⁷ PLLUMI. Zef, *Vivi solo per testimoniare*, 82.

e) Televisão

O único canal televisivo que existia era a RTSH, (Rádio Televisão da Albânia). “A televisão marca um outro passo importante para a propagação da ideologia e da cultura proletárias”¹⁰⁸. Transmitiam documentários que incidiam sobre a religião, apresentada como uma realidade absolutamente nefasta, a erradicar da vida da Albânia, um instrumento do sistema fascista para se aproveitar da ignorância e escravizar o povo. Exemplo da estratégia de difamação perpetrada através da televisão é o filme “Um conto do passado” em que se distorce a figura do sacerdote, apresentando uma conduta imoral¹⁰⁹. As religiões eram culpadas, por exemplo, de terem mantido a mulher numa lógica de sujeição. Nos programas televisivos assumia-se claramente: “Nós renegamos toda a fé porque é a causa do atraso do povo”¹¹⁰. O ódio aos padres e a sua perseguição feroz, como será infra desenvolvido, resulta também do facto de que, como referiam, “os padres convidavam-nos a aguentar o sofrimento, para depois termos a vida eterna. Segundo a religião, o camponês devia aceitar a miséria, a religião significava pão e cebola (fome), e um berço vazio (mortalidade infantil). Exibiam imagens de túmulos de crianças para demonstrar que Deus não reagia às preces e orações e permanecia silencioso, frio e insensível tal como o metal do crucifixo”¹¹¹. Nestes programas de propaganda ateia transmitidos televisivamente, e para desacreditar a fé, foi inclusivamente apresentado um dervixe da religião bektashi, acusando o seu superior, *Baba*, de pertencer ao Partido da Legalidade, partido do Rei, considerado traidor do povo e inclusive de ser criminoso, tendo participado num assassinato. Refere-se ao santuário, *teqe*, como reduto dos fascistas e insiste que o seu superior foi também promovido pelos nazis.

O objetivo destas ações propagandísticas era denegrir e eliminar completamente a fé no seio do povo albanês.

¹⁰⁸ HOXHA, Enver, *25 anos de lutas e vitórias na vida do socialismo*, Edições Estrela Vermelha, Lisboa, 1974, 39.

¹⁰⁹ https://www.youtube.com/watch?v=AxxvN9ur_5E&t=4978s. *Perralle nga e kaluara*, 20.11.2018, 16:00.

¹¹⁰ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013

¹¹¹ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi!”.

f) Doutrinação das crianças

No documentário em que nos baseamos para ilustrar este ponto¹¹², apercebemo-nos de como nas escolas, tendo sido suprimido o ensino religioso, se reservava no entanto tempo no currículo escolar para ser abordada a questão da fé e da crença religiosa, com o objetivo de eliminar todos os conceitos inerentes à religião.

A ideia de Deus era apresentada às crianças e jovens como uma realidade negativa, pertencente a um passado que importava apagar. Misturando os conceitos de fé das quatro religiões existentes na Albânia com as superstições, os cultos arcaicos, as tradições culturais, a religião era apresentada como um fenómeno pernicioso, responsável pelo retrocesso do país. Nas escolas inculcava-se a ideia de que Deus funcionava como um instrumento que os responsáveis de todas as religiões e, de um modo particular o clero católico, usava para enganar e manipular o povo. No documentário citado, numa ação de propaganda contra a religião é apresentado um ex-dervixe da religião bektashi revelando práticas supersticiosas através das quais os charlatães enganavam o ser humano com um poder imaginário, que funcionava “como um chicote” em termos sociais.

No documentário, é distorcida a verdade ao interpretar as imagens religiosas como se fossem instigadoras de medo e terror, como por exemplo as imagens católicas que retratavam a queda de S. Paulo ou S. Miguel Arcanjo com a espada, imagens antes devocionais e que eram agora anunciadas como símbolos de violência armada. Era ainda veiculado que, nas escolas do tempo anterior, em vez de livros, se dava às crianças o Evangelho para lerem, o que era visto como causa do grande atraso cultural e científico do povo albanês. O Papa Pio XI era mostrado com um reacionário e inimigo do progresso.

As crianças colaboravam nas campanhas, desenvolvidas na escola, de entrega de todos os livros, imagens e objetos religiosos que existiam nas casas. Foram realizados

¹¹² Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi!”.

documentários dessa “entrega voluntária”, que eram televisivamente difundidos¹¹³. Na escola, os jovens aprendiam e eram induzidos a repetir palavras de ordem, de acordo com as quais não iriam mais ser enganados, já não pertenciam a este mundo arcaico e supersticioso e que iriam crescer com pensamentos novos do socialismo. Para exemplificar, apresenta-se um destes slogans: “A educação comunista, patriótica, de cidadania, pode salvar-vos dos inimigos da classe”¹¹⁴. Nos documentários eram apresentados jovens, já formados na ideologia comunista, declarando pretender acabar com os “preconceitos da religião e o lixo das tradições antigas” que deixaram o país atrasado.

Um caso paradigmático verificou-se por ocasião da morte do Arcebispo metropolitano da Shkodra, em 2 de maio de 1946. Os comunistas proibiram as crianças de faltarem à escola, mas mesmo assim quase todos os cristãos participaram neste cortejo fúnebre (que funcionou também como uma espécie de protesto silencioso para demonstrar que a Igreja Católica é do povo.) Os funcionários do PCA tentaram impedir a participação no funeral, colocando numa das ruas estreitas um caminhão grande para criar um obstáculo e foi com grande dificuldade que o cortejo com o caixão prosseguiu a caminho do cemitério.

¹¹³ Na sequência desses atos de entrega, foram realizadas buscas domiciliárias para confiscação de todos os objetos e infligidos castigos aos que ainda os possuíam. Ainda que não existisse uma lei definida sobre este aspeto, verificaram-se casos de prisão para quem conservou na sua posse imagens religiosas ou exemplares da *Bíblia*.

¹¹⁴ Documentário de: FEVZIU, Blendi, “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013, que insere imagens do documentário comunista “Nas chamas da Revolução”, emissão em 1968 com imagens gravadas em 1967. <https://www.youtube.com/watch?v=O7-E1OdmGxs>, visualizado em 25. 11. 2018, 12h.

1.2.2. Perseguição aos opositores ao regime e à religião

Sob o regime comunista, membros do clero católico, religiosos e representantes de todas as religiões foram perseguidos e mortos: bispos e padres; *papa* ortodoxos; imãs islâmicos; *baba* e *dervish* bektashis, foram presos.

Mas o clero católico foi considerado de longe o mais perigoso, por diversos fatores, designadamente o facto de ser o mais culto, o que o indiciava como possível manipulador do povo e o facto de se encontrar ligado ao Vaticano. Foi decidido que a guerra contra o clero católico, que começou logo em 1944, devia ser a mais encarniçada, de acordo com as indicações de Enver Hoxha.

Preconizava-se uma revolução relativamente ao espaço, chegando a dizer-se: “que desperdício, as torres sineiras a ocuparem os lugares de chaminés de fábricas!”¹¹⁵ e ao tempo: “O nosso país era visto como um documentário medieval, e nesses corredores medievais passavam os funcionários do Vaticano. Sob a cruz escondia-se o drama da ignorância e da traição: Os clérigos diziam a todos os invasores: Benvindos!”¹¹⁶. O partido considerava ainda que o clero vivia com a nostalgia do Rei Vitorio Emmanuel da Itália e do Duce.

As recomendações de Enver Hoxha contra o “inimigo que quer levantar a cabeça” (o clero) referem-no como uma “carne estrangeira no nosso corpo são”¹¹⁷. Tudo o que recorde o catolicismo e a prática religiosa deve ser “desmascarado e deitado fora: os ícones e objetos religiosos são insuportáveis e não podem estar nas casas, devem ser destruídos”¹¹⁸. E não apenas os elementos do clero, mas na verdade qualquer pessoa cuja fé fosse publicamente assumida, professada ou ensinada aos seus filhos podia ser condenada.

Do exposto decorre que entre os grupos sociais mais temidos por Hoxha como inimigos do poder que almejava instituir se contavam, como referido supra, os intelectuais e também o

¹¹⁵ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi”, 24 de dezembro de 2013.

¹¹⁶ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi”.

¹¹⁷ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi”.

¹¹⁸ Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi”.

clero católico, por se tratar dos indivíduos mais lúcidos e sabedores, dificilmente manipuláveis – e que, em simultâneo, exerciam influência sobre o povo.

A política albanesa, nos seus primórdios, era planificada em Belgrado e caracterizava-se por uma dureza de princípios, que intentava fazer desaparecer o “orgulho” de um povo de valores nobres. Ainda sob a influência do Partido Comunista Jugoslavo, a Albânia expulsa os representantes diplomáticos da Inglaterra e dos Estados Unidos da América a quem acusam de espionagem. Permaneceram, nesta primeira fase, os embaixadores da França e da União Soviética. A “irmandade” com a Jugoslávia exigia como condição principal o sacrifício do clero católico e da “inteligência” albanesa, com o pretexto de serem colaboradores dos invasores ou um entrave ao que o sistema comunista entendia como verdadeira liberdade do povo. “Mesmo os que não tinham mancha deviam desaparecer, pois como pensavam pela própria cabeça e não a dos outros, podiam vir a serem perigosos”¹¹⁹.

Prenderam todos os intelectuais e estudantes que estudaram fora da Albânia¹²⁰, acusando-os de espiões dos países onde tinham estudado e presos por esse motivo, e mesmo os que tinham realizado os respetivos cursos no instituto técnico em Tirana eram detidos, uma vez que se tratava de uma escola americana. O regime não poupava também as mulheres, tanto as licenciadas como também as mulheres destes homens cultos e proeminentes, sendo perseguidos também os filhos, por vezes deslocados para campos de detenção. Foram detidos inclusivamente intelectuais e deputados que tinham participado na guerra contra o invasor. O mesmo tratamento persecutório foi aplicado a Sacerdotes católicos e seminaristas, não apenas os que tinham efetuado estudos no estrangeiro, como também os que na Albânia frequentavam seminários ou escolas católicas. “Dezenas de pessoas foram condenadas sem julgamento, quase duas mil pessoas foram executadas”¹²¹.

¹¹⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 69.

¹²⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 71.

¹²¹ FEVZIU, Blendi, *100 Vjet, Nje Ekskursion ne Politiken e Shetitit Shqiptar nga 1912-2012*, 185.

A administração de Enver Hoxha considerava que detinha um mandato legal para implementar discricionariamente leis, como a pena de morte, sobre o povo albanês. Os carrascos eram protegidos e recompensados, quando se tratasse de eliminar indivíduos vistos como inimigos do partido. Muitas vezes as recompensas eram irrisórias, tantas vezes apenas uma “sopa aguada”, no entanto estas pessoas atuavam sob forte pressão ideológica do partido.

Verificou-se, pois, que a religião mais perseguida foi a católica, sobre a qual se debruçará a presente dissertação. Podemos isolar três períodos de particular perseguição à Igreja: o primeiro de 1944 a 1948; o segundo de 1948 a 1967; o terceiro de 1967 a 1990¹²².

Na primavera de 1946, foi publicada uma lei que determinava o encerramento das escolas religiosas e orfanatos tutelados pela Igreja¹²³. Os edifícios da Igreja tornaram-se propriedade do estado e mais de dois terços das obras religiosas e culturais foram alvo de destruição. Quando foi instituída a reforma agrária, os terrenos dos conventos foram confiscados pelo e para o Estado e os frades não tinham meios de sustento. Os seminários foram fechados e o clero perseguido.

O Padre Zef Pllumi relata: “As tropas controlavam tudo e tudo o que viam lhes parecia obra fascista ou reacionária e, com suposições fanáticas, faziam acusações imaginárias pelas quais as pessoas eram presas e fuziladas (...) e, ainda mais, com o orgulho de prestarem serviço ao povo e ao Partido”¹²⁴.

Neste primeiro período assiste-se, com efeito, ao desaparecimento de um número significativo de elementos do clero bem como a um ataque sistemático ao clero ainda sobrevivente na Albânia. As razões invocadas entre elementos do governo para esta perseguição específica assentavam sobretudo em dois fatores que tornavam, a seus olhos, os ministros da Igreja elementos ameaçadores para a ação política do partido: a primeira

¹²² LULASHI, Rregjina, Due fratelli martiri, P. Marin Sirdani ofm e Don Aleksander Sirdani, *Dy vëllezër dëshmorë, (bilingue, albanês e italiano)*, Agimi & Otranto, Italia, 2007, 23-27.

¹²³ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 85.

¹²⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 41.

consistia na solidez e extensão da sua cultura, que os tornava influentes junto do povo e lúcidos em relação aos acontecimentos – e a segunda, a ligação direta ao Vaticano, que fazia o governo invocar uma imaginária postura de traição ao estado albanês.

Da educação dos jovens foi suprimido o ensino religioso, e, ao contrário, era-lhes inculcada a ideologia do materialismo ateu, a que o Padre Zef Pllumi se refere comentando que a juventude não era formada, mas “deformada” através de uma sistemática propaganda tanto nas escolas como a nível social. Generalizou-se, como estratégia, a difamação da doutrina da Igreja, da sua ação pastoral, dos seus ministros e dos fiéis, através de calúnias, caricaturas e detrações nos meios de comunicação como a rádio e televisão, em que se menosprezava o sagrado e o religioso.

No segundo período, de 1948 a 1967, o chefe do governo Enver Hoxha aplica a máxima aprendida de Estaline, segundo a qual: “Não deveis jamais fazer a guerra contra o clérigo [...] sobre o plano religioso, mas sempre sobre o plano político”. Mas na verdade a Igreja não se imiscuía na política como tal, apenas se opunha ao comunismo quando a doutrina deste partido, assumidamente atea, violava diretamente os princípios basilares da fé ou se manifestava contra os princípios religiosos e humanos¹²⁵.

Estes anos caracterizam-se por uma tentativa do governo para dominar e controlar a Igreja Católica, procurando instituir o chamado “estatuto Igreja-Estado” como única possibilidade de a Igreja ser reconhecida na Albânia como entidade com existência jurídica. Isto implicaria a manutenção de uma Igreja estatal, controlada pelo partido e submissa às determinações emanadas dos respetivos Comitês. No entanto, a maioria dos bispos e sacerdotes ainda vivos recusou esta solução, que retiraria a liberdade à Igreja e a poria sob a égide do Estado e desligada do Vaticano. Mais sacerdotes foram presos e mortos somente por terem celebrado algum sacramento, como o Batismo. Neste segundo período iniciou-se o

¹²⁵ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prennushi e Compagni Martiri*, Vol. II, 276.

fenómeno da destruição das igrejas ou sua transformação para outros fins, como ginásios, quartéis, armazéns e, nas aldeias, até para estábulos e currais.

Ao longo de todo o processo de perseguição, desenvolveu-se a guerra contra o crucifixo, para a qual foi mobilizada em larga escala a juventude comunista. Nas montanhas e aldeias do norte existiam crucifixos ao longo do caminho, nos “lugares de descanso”, assim chamados quando se tratava de um caminho longo ou íngreme, depois de uma longa subida ou perto das fontes. Antes das eleições de 1967, estes crucifixos foram tirados de todas as montanhas. Na montanha de Dushman, o povo reuniu-se no lugar onde tinha estado o crucifixo e não avançou para votar sem que as autoridades voltassem a colocá-lo ali. Em Shosh, verificou-se a mesma reação do povo, ao constatar que tinham tirado o crucifixo perto da escola onde iriam decorrer as eleições: o povo não aceitou votar. Os responsáveis comunistas justificaram, explicando que o estado e a religião se encontram separados, mas como o povo se recusasse a votar, as autoridades puseram o crucifixo cem metros mais longe e só depois o povo votou. Um dos montanhese, Gjon, cristão muito respeitado pela comunidade local, interrogou diretamente Enver Hoxha sobre estas atitudes, ao que Enver esclareceu que as iniciativas da juventude para retirar os crucifixos de todos os locais públicos eram louváveis e representavam um avanço no comunismo correspondente a catorze anos mais do que o previsto inicialmente, e que ninguém deveria impedir este entusiasmo juvenil e o progresso do comunismo. O crucifixo, tido como “emblema” de reacionários ou burgueses¹²⁶ ou como “símbolo reacionário”, foi sendo retirado progressivamente, nas ruas, nas escolas e até nas casas particulares. Os grupos da Juventude Comunista mais fanática chegavam a atacar e as raparigas que traziam este símbolo ao pescoço e agrediam também os rapazes que frequentavam a igreja.

¹²⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 68.

O terceiro período de perseguição inicia-se no ano de 1967, em que Enver Hoxha declarou a Albânia como “o primeiro estado ateu no mundo”, o que viria a ser consagrado anos mais tarde na própria Constituição da Nação Albanesa. No dia 6 de fevereiro deste ano de 1967, instituiu-se o “Movimento contra a Fé”¹²⁷, constituído maioritariamente por jovens não católicos que copiavam a linha maoísta e que começa de imediato a atuar. No dia 15 de fevereiro ao amanhecer as portas das igrejas estavam todas cerradas com um cartaz que anunciava que quem retirasse aquele escrito responderia perante as autoridades e que os cartazes permaneceriam na porta de todas as igrejas até que Mons. Ernest Çoba respondesse perante este movimento. Padres houve que, sem rasgar o cartaz, abriram metade da porta para ir celebrar a Eucaristia, como foi o caso do Padre Zef Pllumi que, confrontado por esta atitude, alegou não ter desobedecido às ordens uma vez que não rasgara o cartaz, acrescentando que a Lei albanesa garantia a liberdade de culto; foi ameaçado. Na reunião realizada pelo “Movimento contra a Fé”, declara-se abertamente que deviam desaparecer as bases materiais da fé¹²⁸; interpelaram Mons. Çoba relativamente a todas as situações da vida quotidiana, por exemplo condenando o facto de que, quando os frades passavam nas ruas, as crianças, cristãs ou muçulmanas, interrompiam as brincadeiras e jogos e, corriam saudando “Louvado seja Jesus Cristo” e beijavam-lhes o cingulo. O Frade abençoava todas as crianças, e, perante esse comportamento, os jovens comunistas queixaram-se que não se podiam, assim, pôr em prática os ensinamentos do Partido¹²⁹. Tentaram ainda levar Mons. Çoba a entregar as chaves das igrejas, mas este respondeu que as igrejas eram do Povo Católico e por isso não entregava as chaves das igrejas senão ao povo católico ou a um representante do Governo e não à juventude não católica.

¹²⁷ Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, Melbourne, 2013, 49.

¹²⁸ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 444.

¹²⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 442-444.

No estudo que Fritz Radovani desenvolve sobre a vindicta contra a Igreja Católica, refere que, neste ano, foram fechados 2169 lugares de culto¹³⁰. Foram destruídas as pérolas da arquitetura albanesa. Quando queriam destruir uma igreja, mandavam trabalhadores muçulmanos para o fazer e quando queriam destruir uma mesquita enviavam trabalhadores católicos para essa ação. Num dos casos, um trabalhador católico caiu e morreu ao destruir a mesquita. Muitos viram como sinal de Deus, porém o “Movimento contra a Fé” ainda se enraivecia mais contra a fé em Deus e continuaram com mais rapidez a destruir os locais de culto e a cultura¹³¹. No final deste ano de 1967, não restava qualquer Igreja aberta. Aboliram-se as práticas e as festas religiosas e os nomes que invocavam santos ou que se entroncavam na tradição católica foram substituídos por nomes de montes, elementos de natureza como flores, plantas, ou abstrações como Progresso ou Liberdade.

De acordo com o mesmo estudo, e concretamente sobre a perseguição ao clero católico, Fritz Radovani cita o caso dos 200 sacerdotes albaneses em 1944 que, considerados em conjunto, perfariam 450 anos de estudo universitário, em 24 universidades da Europa. Foram eliminados, através de fuzilamentos e execuções diretas, 131 sacerdotes e 65 foram presos durante muitos anos e sujeitos a duros trabalhos forçados¹³², vindo muitos destes a falecer subsequentemente, em consequência dos maus tratos infligidos. De acordo com o mesmo estudo, a Albânia contava com 220 sacerdotes em 1944 (os citados 200 sacerdotes albaneses, dos quais sete eram Bispos, e mais 20 sacerdotes missionários) e durante o regime comunista foram ordenados mais 25 sacerdotes dentro da Albânia (entre os quais se conta o Padre Zef

¹³⁰ Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 50.

¹³¹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 446.

¹³² Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 59.

Pllumi) e 20 sacerdotes fora do país¹³³. Por curiosidade, refere-se que de entre os sacerdotes, 80 eram clérigos franciscanos¹³⁴.

Fritz Radovani refere que os sacerdotes estiveram, em conjunto, 258 meses (21 anos e meio) sujeitos a um contexto violento de torturas e interrogatórios, *hetusi*¹³⁵. A esta realidade sucedia-se o tempo de prisão, geralmente muito longo e completamente arbitrário; de acordo com o estudo de Pjeter Pepa, o tempo de detenção dos sacerdotes em cativeiro rondou os 881 anos¹³⁶, ou seja, cerca de nove séculos de prisão em condições desumanas.

O Padre Zef Pllumi, na última entrevista feita pelo jornalista Blendi Fevziu, estima que dos sacerdotes existentes na Albânia tenham apenas sobrevivido cerca de 25-27 Sacerdotes sendo o Padre Zef Pllumi o mais novo com 65 anos quando saiu do seu último período de prisão¹³⁷.

Segundo outra fonte, em 1945 existiriam na Albânia 253 igrejas ou capelas, 2 seminários, 10 mosteiros, 20 conventos, 15 orfanatos e asilos, 16 escolas religiosas e 10 instituições de caridade. Em 1953, restariam apenas 100 igrejas e capelas e 2 mosteiros. Todas as outras instituições tinham sido desativadas e os respetivos edifícios confiscados pelo Estado¹³⁸.

De realçar que a partir de 1967 já não existiam quaisquer crucifixos, objetos de culto, sinos, exemplares da *Bíblia* ou livros de cariz religioso na Albânia. De acordo com o regime comunista, a fé devia ser enterrada para nunca mais se ouvir falar dela.

¹³³ RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 64.

¹³⁴ PEPA, Pjeter, *Tradjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri*, 112-114.

¹³⁵ RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 58.

¹³⁶ PEPA, Pjeter, *Tradjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri*, 140-160.

¹³⁷ Opinion - Rrefimi i fundit i At Zef Pllumbit (29 de dezembro de 2015), <https://www.youtube.com/watch?v=XrQD0hr702c>, consultado a 20.11.2018, 17h.

¹³⁸ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 212. Estes números são corroborados por JACQUES, Edwin, “*Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme*”, Karte e Pende, Tirane, 1995, 493.

Como corolário desta reflexão sobre a implementação da ideologia comunista ateia e consequente perseguição movida contra a fé, poderemos referir, em síntese, que fé e política compartilham o mesmo campo de atuação: a vivência humana, com o objetivo de orientar o modo de viver dos cidadãos, as suas prioridades, princípios éticos e valores. A fé cristã tenta pautar a vivência conforme a Lei de Deus Criador e Redentor. O comunismo, designadamente na Albânia que se assumiu como nação ateia na Constituição de 1976, tentou experimentar um modo de existência social radicalmente materialista, procurando eliminar, da vivência humana e da *polis*, a fé em Deus.

A Albânia tornou-se assim o único país do globo declaradamente ateu. Embora apenas em 1976 tal tivesse ficado consagrado na Constituição, como vimos, as ideias ateias já tinham sido implementadas, gradualmente, desde o início do regime comunista.

1.3. Uma Igreja perseguida e silenciada

Parafraseando de modo livre o argumento do filme *Silêncio*, realizado em 2017 por Martin Scorsese sobre o romance homónimo de Sushako Endo, também na história da perseguição da Igreja na Albânia o regime comunista pretendia fazer apostatar os elementos do clero, certos de que esse ato teria um impacto muito negativo junto do povo crente. A negação da fé por parte de um sacerdote constituiria motivo de choque moral e até de escândalo para os cristãos e católicos que haviam conhecido, respeitado e admirado esse sacerdote e os comunistas esperavam que essa “rendição” em termos religiosos funcionasse como um fator particularmente eficaz de dissolução do cristianismo, conduzindo à respetiva eliminação. Mais do que a simples apostasia, o regime tentava, com recurso a todos os meios e de modo particular a torturas atrozes, que os sacerdotes ingressassem nas fileiras do partido, o que suporia não apenas a negação da fé mas o reconhecimento, como “doutrina” verdadeira, dos valores comunistas e o propagandear objetivo do ateísmo militante.

Neste ponto optamos por referir, de um modo mais objetivo e pormenorizado, dois episódios marcantes deste período da perseguição à Igreja Católica Albanesa, no sentido de apresentar como que um “cenário” real no contexto em que se desenrolaram as vidas dos mártires.

1.3.1. Armas no Convento Franciscano – manobra de incriminação

Neste ponto sobre a perseguição movida pelo Comunismo à Igreja pareceu-nos pertinente destacar, como exemplo paradigmático, o episódio das armas no Convento Franciscano em Shkodra, encenado pelo regime para mobilizar a massa popular contra o clero. Shkodra era a cidade da Albânia que correspondia ao maior centro do cristianismo do país; aí concentrava-se um número muito significativo de cristãos e localizavam-se os vários seminários da Albânia, bem como a única Catedral naquela altura, diversas igrejas e conventos. Após o final da Segunda Guerra Mundial, o Partido toma algumas providências no sentido de extirpar as oposições e fortalecer o regime: para além de determinar a captura e entrega dos fugitivos, obrigou ainda a que o povo cedesse ao Estado todas as armas pessoais e as moedas em ouro.

O convento dos Franciscanos em Shkodra albergava a maior Biblioteca e Museu da Albânia, e, ao sentir a ameaça do regime comunista ao património da Igreja, o Arquivista Padre Pali, nonagenenário, tomou a iniciativa de pedir ao então ainda frade Zef Pllumi para esconder, num muro, duas arcas de chumbo contendo os livros mais preciosos do seu Arquivo, verdadeiras relíquias do património histórico da Igreja e do País, assim como as Crónicas e Diários do convento. Em novembro de 1946, um funcionário do partido, Pjerin Kçira, entrou neste convento com chaves falsas e escondeu armas sob o altar, o que fazia

parte de um plano de incriminação; este comunista confessou posteriormente o crime e foi também morto¹³⁹.

No dia 14 desse mês¹⁴⁰ as tropas entram e ocupam o convento franciscano, detendo os frades no refeitório e revistando as suas celas. A biblioteca foi confiscada, bem como as peças preciosas do museu, igualmente património histórico da Albânia. Fez-se, entretanto, a encenação de que se estava a descobrir as armas no altar. Os padres franciscanos foram acusados e o convento tornou-se prisão, totalmente controlado pela polícia do Estado, inclusive relativamente aos frades que saíam para fazer as compras¹⁴¹. Estes eram vítimas de ofensa por parte dos militares que os insultavam de “fascistas, burgueses” e também se lhes dirigiam violentamente como “Cristo”. Um dia, Zef Pllumi perguntou ao militar se sabia quem era Cristo, ao que este respondeu: “um fascista nojento como vós”¹⁴². Os padres, frades e seminaristas eram ainda submetidos a interrogatórios, gabando-se os militares que possuíam “uma vara mágica que lhes revelava tudo” (o chicote)¹⁴³. Nas buscas que realizavam no interior do convento, os militares, não conseguindo abrir o Sacrário, apesar de o tentarem com ferros, pediram para que fosse aberto (referindo-se-lhe como “o cofre”, no qual imaginavam poder recolher riquezas por se tratar de uma peça dourada); o Padre Aleks pôs a estola e ajoelhou-se para o abrir; ao deparar-se com o conteúdo, perguntaram “de que servia isto que estava guardado em louça de ouro”, referindo ainda que a posse de objetos de ouro era proibido e devia ser entregue ao Estado. O Padre respondeu que o Estado apenas confiscava as moedas de ouro e pediu para respeitarem as Hóstias, pois tratava-se de Cristo. Então perguntaram “como conseguem ver Cristo ali?”, ao que o Padre respondeu: “Eu assim o creio

¹³⁹ Ao ser julgado, Pjerin Kçira, declarou na sala perante os juízes: “não penses que fazes comigo como fizeste com o clero católico, que meteste armas na igreja e com torturas desumanas os obrigaste a aceitar que eram deles... para encobrir malandrices vossas e do Enver, vocês condenam inocentes”. PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, 199.

¹⁴⁰ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 75.

¹⁴¹ De acordo com o testemunho de Fritz Radovani, esta tornou-se “na mais sangrenta prisão da URSS”. Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 33.

¹⁴² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 76.

¹⁴³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 84.

e vejo com os olhos da fé”, o que provocou risos sarcásticos no chefe que o interrogava, de nome Duli¹⁴⁴.

Um evento essencial nesta ocupação do convento por parte dos comunistas consistiu na entrega aos militares das duas arcas de chumbo escondidas no muro com a parte mais valiosa do Arquivo. Depois de impiedosamente torturado, o Padre Pali, com a sua idade muito avançada não resistiu e, confessando que os maus tratos o tinham tornado “metade de um ser humano”, pediu ao jovem frade Zef Pllumi que entregasse as duas arcas de chumbo, pois não estava a aguentar mais as torturas. Zef Pllumi compadecendo-se do seu estado tão frágil e sofredor, “optando pelo humano e sacrificando o que é material”¹⁴⁵, decide então entregar aquela porção do Arquivo escondida dentro da parede. Perante esta “capitulação”, o chefe Duli, particularmente realizado, confessa a Zef Pllumi que, quando era comerciante enganava o povo na balança, quando vendia, e que por isso era especialista nesta matéria e não podia ser, por sua vez, enganado. Os comunistas apreenderam o conteúdo das arcas, com particular interesse pelos Diários, que lhes revelavam todos os pormenores da vida do convento e subsequentemente encheram as arcas de armas e fotografaram os padres por detrás das mesmas, divulgando a acusação de que tinham encontrado, no convento, duas arcas cheias de armas, alegadamente para perpetrar um golpe contra o regime comunista e disseminando esta acusação contra os padres franciscanos. Esta história foi estrategicamente rentabilizada pelo partido como uma arma de propaganda contra o clero e a Igreja, através de uma sistemática e profusa divulgação através de todos os jornais, emissões radiofónicas e televisivas, tendo sido propositadamente realizados documentários e escritos livros sobre este acontecimento.

No dia 11 de dezembro de 1946 chegou um decreto para fecharem o Convento Franciscano. Os seminaristas e frades ainda não ordenados foram convidados a sair e regressar às suas casas. Uma das autoridades comunistas fez um discurso aos estudantes,

¹⁴⁴ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 83.

¹⁴⁵ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 80.

dizendo-lhes que para eles este se tratava de um dia de liberdade, uma vez que ficariam livres “daquelas paredes escuras” e da influência dos pensamentos reacionários do clero franciscano; doravante fariam parte integrante da juventude que gozava os bens do socialismo e não deveriam olhar para trás. No mesmo discurso avisaram, simultaneamente, que os “olhos do Partido” seguiriam todos os passos das suas vidas, ficando registadas as moradas para onde iam. Os comunistas despediram assim os seminaristas, os jovens estudantes e os frades ainda não ordenados, como Zef Pllumi, a quem o chefe Duli refere: “tu estás habituado a confessar-te e a receber como penitência a oração de cinco *Ave Maria*, mas nós comunistas confessamos de modo diferente, dando cinco anos de prisão”¹⁴⁶. Zef Pllumi, retorque que “conhece bem os comunistas e admira-se por o seu procedimento para com o povo ser muito mais duro do que tinham feito os próprios alemães, alegando que os comunistas por um morto mataram dez na casa do seu tio”¹⁴⁷ e nem os alemães tinham procedido tão impiedosamente no contexto da Segunda Guerra. De facto, Duli e os outros chefes entendiam que tinham todos os direitos sobre eles e podiam dar-lhes a prisão ou até a morte quando e conforme entendiam.

Para o então frade e diácono Zef Pllumi, este dia não representou qualquer libertação, muito pelo contrário. Enquanto caminha sobre uma ponte, reza o Salmo 137 *Super Flumina Babilonis, illic sedimos et flevimus, dum recordarmur Sion* (Sobre os rios da Babilónia nos sentamos a chorar com saudades de Sião). Confessa que não sabia onde estava, para onde ia ou o que iria fazer. Todos os sonhos de se tornar um sacerdote, um santo, um sábio desapareceram num instante, “fica conosco, Senhor, porque anoitece” (Lc 24, 29)¹⁴⁸. Poucos dias depois, no dia 14 de dezembro durante a noite, a casa do seu tio foi cercada e no dia 15 de dezembro de madrugada, Zef Pllumi foi preso pela primeira de muitas vezes na sua vida¹⁴⁹.

1.3.2. Julgamentos: Espetáculo e estratégia de manipulação

¹⁴⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 81.

¹⁴⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 77.

¹⁴⁸ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 88.

¹⁴⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 88.

No fim de janeiro de 1946 começaram a ocorrer os julgamentos dos “inimigos do regime”, um dos “espetáculos” mais grandiosos encenados pelo Comunismo. A forma que revestiam estes julgamentos foi habilmente concebida pelo partido para que funcionassem como uma grande estratégia de propaganda: tratava-se de verdadeiros espetáculos mediáticos, cuidadosamente encenados e propagados do modo mais estridente. As sessões de julgamento realizavam-se estrategicamente num imponente espaço público, o enorme Cineteatro de Shkodra, denominado *Rozafat*, a sala de espetáculos mais conhecida da cidade. A entrada não era livre; pelo contrário, para a assistência era convocado um público criteriosamente escolhido pelo partido, a quem era atribuído um bilhete especial¹⁵⁰; tal público era constituído por simpatizantes e funcionários do PCA, que ali se reunia especialmente para manifestar de modo ruidoso o seu repúdio pelos réus e aplaudir as sentenças aplicadas. De facto, quando se pronunciavam sentenças de morte, a assistência aplaudia e gritava fortemente, numa histeria coletiva que o Padre Zef Pllumi compara ao comportamento de animais selvagens: “quando foi lida a sentença de morte, quase caiu o teto por causa dos aplausos triunfantes e dos gritos de fúria da multidão, que se denominava “povo” ... em vez de silêncio funerário, cantavam canções de vingança animais de um *sadismo* sem igual”¹⁵¹.

Os julgamentos eram transmitidos, a partir do Cineteatro *Rozafat*, através de emissões radiofónicas, em direto. Procurava-se assim contagiar todo o país com a ideia de que os réus, quase todos clérigos, eram traidores e elementos perigosos para a sociedade igualitária, verdadeiros obstáculos à construção de um mundo justo. O outro objetivo era a dissuasão, uma vez que as duras sentenças proferidas se destinavam também a demover aqueles que ainda fossem católicos ou observassem a prática religiosa. “Os jornais e o rádio consideravam estas emissões um verdadeiro sucesso contra os «inimigos do povo»”¹⁵². As emissões transmitidas radiofonicamente eram interrompidas quando o discurso dos réus se revelava

¹⁵⁰ PINTO, Leonardo Di, *Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prensushi e Compagni Martiri*, 272-273.

¹⁵¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 65.

¹⁵² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 66.

particularmente incisivo e esclarecedor. Os juízes também lhes cortavam a palavra, pois não interessava propagar argumentos que pudessem funcionar contra o ateísmo e o comunismo.

O próprio ato jurídico destes julgamentos era pensado ao pormenor para funcionar como um espetáculo de massas de grande impacto; como refere o Padre Zef Pllumi, estamos perante o “espetáculo mais grandioso do terrorismo vitorioso”¹⁵³: antes de mais, organizavam-se os grandes cortejos de rua, desfiles em que os réus se deslocavam a pé desde o sítio onde se encontravam detidos até ao Cineteatro *Rozafat*, passando pela rua mais importante e larga de Shkodra. Os sacerdotes, seminaristas e leigos réus caminhavam amarrados dois a dois ou três a três; exemplificando com o julgamento de alguns dos trinta e oito mártires, “na primeira fila estavam os três sacerdotes amarrados uns aos outros: o Padre Daniel Dajani, o Padre Gjon Shllaku e o Padre Gjon Fausti. Depois destes, seis seminaristas e depois os outros, amarrados dois a dois”¹⁵⁴. Os réus caminhavam pelas ruas acompanhados pela tropa e pela Juventude Comunista mais fanática, que marcava presença entoando cânticos de terror, como o conhecido: “Vingança juventude, o herói da nação (mártir do Partido) está a chamar”¹⁵⁵. A sua postura caracterizava-se pela exaltação, que ia desde gritos com palavras ofensivas até às ameaças aos réus, cuspendo-lhes e empurrando-os. “Este panorama era idêntico ao que aconteceu nas ruas de Jerusalém até ao Calvário, há dois mil anos atrás”¹⁵⁶.

Nos passeios, guarnecidos por uma fila de militares, para ver passar os réus, acorriam também fanáticos e interesseiros que cometiam atos vergonhosos com o objetivo de ganhar a simpatia do partido; como refere o Padre Zef Pllumi, tratava-se de um “espetáculo em que podiam intervir os covardes”¹⁵⁷. A multidão era ainda formada por curiosos e também por familiares, que apareciam para se despedirem pela última vez, mas que não se atreviam a derramar uma lágrima, pois esta custaria certamente muitos anos de prisão. Um dos

¹⁵³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

¹⁵⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

¹⁵⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

¹⁵⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

¹⁵⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 83.

juízos desenrolou-se ao longo de dezanove sessões, sendo que o cortejo se repetia todos os dias, piorando, se possível, a atmosfera de violência e humilhação a que os réus eram submetidos¹⁵⁸.

No Cineteatro *Rozafat* estava colocado um dístico com a seguinte inscrição: “Viva a justiça do Povo”. “Justiça do Povo” era um termo jurídico que significava, aos olhos do partido, que conseguiram fazer desaparecer os que denominavam terroristas¹⁵⁹. Os juízes eram na maioria militares, pouco preparados para estes atos jurídicos. O chefe do tribunal era professor do ensino básico, Tentente Mustafa Iliazi, com três anos de escola do magistério, sendo os outros dois juízes simples operários. O procurador do povo, Aranit Çela, frequentara apenas um ou dois anos do curso de jurisprudência e tinha 22 anos de idade¹⁶⁰, e a sua atitude caracterizava-se por uma “fúria, juntamente com o agir imaturo das crianças”¹⁶¹.

As acusações formuladas aos padres e seminaristas eram forjadas e muito abrangentes, na medida em que os indicavam como responsáveis pelos factos históricos da Igreja de há séculos. Eram julgados pelo obscurantismo em todos os séculos da história da humanidade, por terem servido os Impérios e Monarcas de todos os séculos, por terem causado muitas Guerras de Religião, designadamente as Cruzadas medievais anti-islâmicas, por terem impedido o progresso da ciência, perseguindo os cientistas e condenando e queimando vivos na fogueira Galileu Galilei e Giordano Bruno, por terem colaborado com os Impérios Turco e Austro-Húngaro em prejuízo do povo Albanês, por terem preparado a vinda do fascismo, por terem colaborado com a opressão infligida ao povo pelo Rei, por terem preparado a ocupação italiana em 7 de abril de 1939 e o fascismo alemão, por terem apoiado e lutado na Frente Nacional Libertadora da Albânia (FNA), por terem tentado eliminar o poder do povo, e

¹⁵⁸ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 62.

¹⁵⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 66.

¹⁶⁰ Cf. PINTO, Leonardo Di, *Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prenmushi e Compagni Martiri*, 272-273.

¹⁶¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 66.

outras acusações de natureza similar ¹⁶². O fundamento destas acusações consistia na ideia, defendida pelo partido, de que cada padre carregava a tradição histórica, sendo herdeiro de todos os males do passado e também responsável por uma carga negativa que afeta o tempo presente.

Em frente ao povo, e através da rádio e televisão, os sacerdotes e seminaristas eram apresentados com expressões como as seguintes, que lhes acometiam sempre um comportamento criminoso, na generalidade dos casos destituídos de fundamento, tal como no caso dos quatro mártires seguidamente referidos, cujos nomes ficaram registados no documentário teledifundido¹⁶³:

1. Pal Doda: “Prestava informações ao Cônsul fascista da Itália, queria promover revoluções contra o “Poder do Povo”, era um padre criminoso”.
2. Frano Gjini: “Porta-voz fiel do Vaticano, colaborador com os criminosos da Guerra para derrubar o poder do povo”.
3. Gjon Shllaku: “Clérigo terrorista, um dos organizadores de uma organização traidora da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar* ¹⁶⁴, agente dos idealistas anglo-americanos”.
4. Çiprian Nikaj: Cabecilha da Organização fascista da democracia-cristã, colaborador do partido monárquico da Legalidade.

Nos primeiros julgamentos, ainda era possível estar presente um advogado de defesa. O nessa época, frade, Zef Pllumi participou como secretário numa reunião de emergência, clandestina, no convento franciscano, para escolher um advogado de defesa que salvasse a vida do Padre Gjon Shllaku. Estavam presentes nessa reunião cinco advogados, um deputado e o Professor Kole Prela, amigo deste padre, que bem sabia o perigo a que se expunha, mas que se encontrava firmemente decidido a defendê-lo, mesmo que isto lhe custasse a vida, redigindo-lhe os tópicos da declaração da defesa. Todos os advogados presentes se

¹⁶² Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 141-142.

¹⁶³ Cf. Documentário “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013.

¹⁶⁴ Pequeno grupo, clandestino, de seminaristas que tomou a iniciativa de distribuir panfletos contra o comunismo, logo na fase de organização do PCA. Embora no julgamento o Padre Gjon Shllaku fosse acusado de ser um dos responsáveis do grupo, na verdade ele não tinha conhecimento do mesmo e muito menos integrou este grupo que era apenas formado por jovens ainda estudantes de Teologia. O Padre Gjon Shllaku era apenas seu Professor no Seminário.

encontravam sobrecarregados com as defesas dos outros réus e não podiam aceitar a defesa do Padre Gjon Shllaku por medo de, em vez de o ajudarem o prejudicarem. Como referia um dos advogados, Tedeskini, o grande problema para quem o tentasse defender consistia no facto de que os processos conduzidos pelos comunistas e principalmente os “Julgamentos do Povo” nada tinham a ver com a “Justiça”, ou seja, o Direito e a Lei que, como advogados, tinham estudado, mas que se tratava de processos totalmente “anti-lógicos”¹⁶⁵.

Myzafer Pipa, muçulmano, foi o advogado que tentou defender o Padre Gjon Shllaku, falsamente acusado de ser um dos dirigentes da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar* como referido, acusação também difundida nos meios de comunicação social. No julgamento foi também acusado de estar à frente do partido “Democristiano”¹⁶⁶. Myzafer Pipa retorquiu que as acusações formuladas evidenciavam um feroz ataque anticatólico e que os comunistas não entendiam nada para além das palavras “política, espia e terrorista”. Mas ao defender o sacerdote e por ter estudado no colégio franciscano até o ano de 1933, o advogado foi também acusado pelo procurador Aranit como colaborador da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar* declarado réu, e condenado à prisão por fascismo. Na prisão, que ocorreu meses depois sofreu muitas torturas e fuzilaram-no, sob o pretexto de que “queria fugir”.

Posteriormente, passou a não se admitir qualquer advogado de defesa nos julgamentos. Cumpre aliás, referir que nesta fase “ainda não se sabia qual era Código Penal da Albânia, que talvez naquele tempo só estivesse escrito na cabeça dos procuradores que presidiam aos Julgamentos do Povo”¹⁶⁷. Torna-se assim perceptível o alto grau de discricionariedade que percorria os julgamentos.

¹⁶⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 64.

¹⁶⁶ Na realidade, não chegou a existir um partido com esta designação. Registou-se de facto, por parte de católicos, uma proposta de constituição de um partido de resistência contra o regime comunista na época em que este se organizava e o seu poder comunista alastrava. Mas não chegou a constituir-se verdadeiramente um partido com identidade política e esta designação “Democristiano”.

¹⁶⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 62.

Relativamente ao modo como se processavam estes atos jurídicos, consideramos importante referir alguns diálogos travados entre o procurador do povo, Aranit Çela, e alguns sacerdotes réus, para enquadramento das circunstâncias vividas pelos mártires da Albânia antes da sua morte: ao Padre Pjetrer Mushkalla, SJ¹⁶⁸, que não foi apresentado no documentário, mas que se encontrava também a ser julgado, o procurador dirigiu-se nos seguintes termos: “Vê como te ofendem as pessoas e te revelam quem és”, ao que o padre respondeu: “Sim, estou a ver! Mas vós amarraste-os com o “pão da boca¹⁶⁹” e os desgraçados não podem agir de modo diferente”¹⁷⁰. À provocação do secretário do partido, Xhemal Dini que sugeriu: “Queimai o Evangelho aqui na sua frente”, o Padre Pjeter Mushkalla responde: “Não é a primeira vez que se queima o Evangelho, mas ninguém conseguiu fazer desaparecer os verdadeiros ensinamentos de Cristo. Queimai-O mas nada conseguireis contra Ele, sois demasiados pequenos”¹⁷¹.

Nas dezanove sessões deste julgamento, Aranit Çela atacava ferozmente os réus e cortava-lhes a palavra. Quando foram interrogados os padres, o procurador defendeu que o comunismo não é contra a religião, mas o clero católico profere esta calúnia e falsa acusação contra os comunistas. O Padre Gjon Fausti, outro sacerdote que não foi apresentado no documentário, mas se encontrava igualmente a ser julgado, respondeu calma e lentamente, talvez porque a língua albanesa não era a sua língua materna: “Vê-se que não leste a obra *Das Kapital* de Marx, onde ele se exprime contra todas as religiões e proclama o ateísmo; refere o «Comunismo é ateu», por isso nós não mentimos”¹⁷².

¹⁶⁸ Este Sacerdote jesuíta sobre muitos anos de prisão e torturas, e os seus diálogos que sustentou perante o procurador comunista no decurso de julgamento é precioso para nós. Foi libertado da prisão já muito doente devido aos maus tratos no cativeiro, mas como morreu em casa, subsequentemente, não integra o grupo dos trinta e oito mártires.

¹⁶⁹ Significa que, por dependência económica total, a sobrevivência dos trabalhadores dependia diretamente do partido, que controlava a economia, as Cooperativas e demais estruturas de produção, o que lhes retirava completamente a capacidade de reagir ou discordar. O Padre Pjetrer Mushkalla queria significar que este comportamento do povo não dependia da sua maldade, mas da sua total submissão ao partido.

¹⁷⁰ PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, 168.

¹⁷¹ PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, 169.

¹⁷² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 62.

Muitos padres eram condenados recorrentemente, e presos consecutivamente, muitas vezes até à morte provocada pelas torturas ou mediante o fuzilamento; de facto, muitos foram executados. Relativamente ao grupo de réus julgados suprarreferido, a sentença de execução foi aprovada a 2 de março pelo próprio Enver Hoxha.¹⁷³ Juntamente com o Padre Gjon Shllaku foram condenados à morte mais dois padres, Gjon Fausti e Daniel Dajani, dois seminaristas e dois leigos cristãos¹⁷⁴. Novamente se refere que quando foi proclamada a sentença de morte, os aplausos veementes quase fizeram desabar a sala do Cineteatro *Rozafat*.

Os restantes elementos do grupo de réus receberam sentenças de prisão, desde os cinco anos, pena mínima, que depois era recorrentemente repetida e alargada, até à prisão perpétua.

1.3.3 Fuzilamentos: ocultar o testemunho ou morrer por Cristo

Na madrugada do dia 4 de março de 1946, os sete condenados à morte foram fuzilados no cemitério de Shkodra e os seus corpos foram deixados insepultos durante todo o dia, numa estratégia de intimidação do povo que se tornou tradição entre os comunistas¹⁷⁵. Decidiu-se realizar as execuções antes de amanhecer, quando os cidadãos se encontravam ainda a dormir. Mas os tiros disparados durante a execução ouviram-se nas casas, e este era outro modo de amedrontar o povo, avisando-o do perigo que corria quem ousasse discordar do regime comunista. E, na realidade, muitas vezes os pelotões de fuzilamento despertariam o povo, aterrorizando-o. Estes macabros fuzilamentos em conjunto, que se tornaram frequentes,

¹⁷³ PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, 62.

¹⁷⁴ A um outro leigo cristão, Gjergj Bici, também condenado à morte, foi retirada esta pena, mas foi preso e cumpriu muitos anos de prisão. Tendo sido libertado, chegou a casar, mas foi novamente preso até morrer.

¹⁷⁵ É legítimo que nos interroguemos sobre: de que “povo” se fala exatamente? Na verdade, na Albânia, durante o regime comunista, encontramos-nos perante um povo dividido. Muitas pessoas foram executadas “em nome do povo”, mas os réus também integravam o povo. Os membros das equipas de fuzilamento executavam pessoas do povo “em nome do povo”. Temos então um povo carrasco e um povo vítima. E os membros do povo que condenam e aplicam a pena capital não se dão conta que, matando estas pessoas do povo estão a matar pessoas albanesas. Reparemos no jogo dos termos “Justiça do Povo”, no dístico do Cineteatro, em contraposição com as acusações ali feitas de “inimigos do povo”, relativamente aos réus. Na verdade, tal como Caim e Abel, “o irmão mata o irmão”; o PCA tinha agora por irmão Belgrado (capital da Jugoslávia), que antes era o inimigo, e em nome desta união alguns albaneses passam a ser considerados inimigos. De acordo com a expressão proferida pelo chefe comunista Duli, “O povo somos nós” (PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 77).

geravam uma grande angústia entre o povo, provocando um clima de medo e de terror que se prolongava por vários dias¹⁷⁶.

O pelotão de fuzilamento cantava canções militares típicas do comunismo, que se caracterizavam pela euforia, e tinha, naquele dia, como recompensa, duas rações de sopa. Um destes militares confessou confidencialmente: “Nunca vi homens corajosos como estes. Morreram gritando todos em voz alta “Viva Cristo”. De acordo com o testemunho do Padre Zef Pllumi, o último tiro na cabeça era dado pelo procurador, para se certificar de que se encontravam realmente mortos. De facto, como refere o Padre Zef Pllumi, “O ano 1946 foi o ano record de sangue e de terror”¹⁷⁷.

Esta situação prolongou-se ao longo de todo o regime comunista, sobretudo até aos anos oitenta, época em que se regista a morte do ditador. De referir, para exemplificar, um episódio dos anos setenta (que se tornou conhecido no exterior devido a uma senhora que fugiu da Albânia em 1973 e o reproduziu para a imprensa internacional, a partir da Áustria): o Padre Shtjefen Kurti que a pedido do pai, ousou batizar uma criança, foi denunciado, o que resultou na prisão de ambos. O facto de ter celebrado o Batismo determinou a sua condenação ao fuzilamento, que ocorreu em 20 de outubro de 1971¹⁷⁸. O governo de Tirana foi levado a reconhecer e a admitir esta situação, que fez com que as nações europeias desenvolvessem uma pronunciada desconfiança relativamente aos diplomatas albaneses, em Roma, Paris ou Viena, tendo-se instalado um clima de suspeita relativamente à política comunista albanesa.

Em síntese, e para que se pudesse perceber a “arena” dos mártires na Albânia, entendi importante traçar um breve contexto histórico e político desta nação a partir da Segunda Guerra Mundial. O povo albanês, reduzido pelas guerras mas desejoso de liberdade e progresso, abraça as propostas do partido e regime comunista na Albânia, que gradualmente se implementa e adopta o modelo soviético. Procurámos ainda realçar o contributo positivo do

¹⁷⁶ Cf. PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, 64.

¹⁷⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

¹⁷⁸ Ver no capítulo 2, Padre Shtjefen Kurti, nº 23.

regime comunista no que concerne ao progresso económico, designadamente ao nível da industrialização, eletrificação e urbanização da Albânia a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

Importou ainda tornar explícito como a situação do governo totalitário evoluiu, passando por três alianças que influenciaram o país: a Jugoslávia, a Rússia e por fim a China, até ao isolamento total do país. Neste quadro entende-se a adoção das teorias do materialismo marxista-leninista e do ateísmo militante, que culminaram na redação de uma Constituição que declarou a nação albanesa como nação ateia, único caso no mundo até hoje.

Entendemos importante destacar, neste quadro, as resistências que emergiram de um número significativo de albaneses, em que sobretudo católicos, tanto montanheses do Norte como intelectuais incluindo membros do clero, que deram inclusivamente a sua vida para defender os valores que os norteavam, incompatíveis com o ateísmo. É neste contexto que surgem os confessores e mártires da fé que apresentaremos no capítulo seguinte.

Capítulo II

MÁRTIRES E CONFESSORES

Como referido foram, na Albânia, beatificados trinta e oito mártires, que constituem o objeto do presente estudo. Contudo, o número de testemunhas e confessores é muito mais vasto, considerando que, de todo o clero católico da Albânia, unicamente quatro ou cinco sacerdotes não foram sujeitos a prisão, conforme o testemunho do Padre Zef Pllumi¹⁷⁹. Além do Clero católico, muitos religiosos, seminaristas, mulheres e homens leigos, foram também perseguidos, presos e torturados, tendo, desses, sido beatificados apenas seis (um religioso, um seminarista e quatro leigos, três homens e uma mulher).

Todos estes cristãos perseguidos foram de tal modo atacados e espoliados que não gozavam de direitos de cidadania e ninguém podia defendê-los sem incorrer em perigo de morte ou de prisão, como escreve o Padre Shtjefen Kurti: “Nós e o povo católico não podemos esperar gozar os direitos dos cidadãos, pela razão que somos conhecidos como dependentes do Vaticano. Qualquer um que toma a nossa defesa, depois de pouco tempo, somente por esse facto, é metido na prisão”¹⁸⁰. Na verdade, corriam perigo todos os que defendessem os sacerdotes e chegou uma altura em que o povo tinha medo de falar com um sacerdote, porque isto era causa suficiente para ser preso.

“Não foi fácil aos Servos de Deus (agora beatos mártires) dar a própria vida para testemunhar Cristo. Os perseguidores, de facto, procuravam camuflar o desígnio de atacar nos Servos de Deus a fé católica; tanto nas prisões como nos “processo-farsa”, procuravam limitar as afirmações que pudessem evidenciar, por parte dos Servos de Deus, a clara oferta de si próprios e das suas vidas no sentido de testemunhar o amor a Cristo, exatamente porque não queriam que estes aparecessem perante o povo como mártires. Assim, com perguntas capciosas, de cariz desonesto, esforçavam-se para conduzir as respostas na direção que pretendiam: atuavam e interrogavam de modo a que as respostas dos réus não tivessem oportunidade de constituir uma manifestação da fé que professavam (...). Mas os registos que se conservam

¹⁷⁹ Cf. Opinion - Rrefimi i fundit i At Zef Pllumbit (29 de dezembro de 2015), consultado a 20.12. 2018, 17h. <https://www.youtube.com/watch?v=XrQD0hr702c>.

¹⁸⁰ DI PINTO, Leonardo, OFM, *Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prennushi e Compagni Martiri*, Casa Editrice Arcidiocesi Metropolitana Scutari-Pult, 2016, Vol. I,174.

(arquivos) apresentam a evidência da mais ampla disposição ao martírio da sua parte. Era para eles uma ideia clara, a de darem a vida por Cristo”¹⁸¹.

Ao analisar as biografias destes mártires, reparamos que o modo como morreram nos ensina que uma verdadeira vitória sobre o mal é possível e que o bem permanece sempre vitorioso, como exprime o Padre Pjeter Meshkalla, Padre Jesuíta que não foi considerado mártir uma vez que não morreu na prisão¹⁸², mas que foi perseguido e torturado, tendo cumprido vinte e cinco anos de prisão: “Nós debaixo da terra e vós em cima da terra e ainda assim nós somos os vencedores”¹⁸³. Padre Pjeter escreveu cartas destemidas ao governo.

2.1. Prisioneiros com Cristo, unidos a Cristo, imitando-O até ao fim

Baseamo-nos nas obras do Padre Zef Pllumi para tentar dar voz a alguns dos mártires que quase nada revelaram da sua vivência sob o jugo do regime comunista, tão sofredora mas simultaneamente tão agraciada por Deus e que uniram os seus aos sofrimentos de Cristo e por Ele deram a vida. Muito para além dos poucos registos narrados e testemunhados que nos chegaram, a sua vivência da fé e a sua experiência de união com Cristo captamo-la e entendemo-la pela força interior que os mártires e confessores manifestaram e pelo modo como enfrentaram e aguentaram as violências físicas, psíquicas e espirituais infligidas, colaborando com o dom de Deus. Mas, de facto, para poupar os seus companheiros e colegas a torturas posteriores, os mártires não partilharam muito do que viveram na fase das perseguições; este silêncio é também determinado por outros fatores como o medo da traição, as imposições rigorosas de silêncio feitas pelo próprio regime, bem como as circunstâncias físicas em que viviam: o isolamento nas celas das prisões e o duro controlo dos guardas

¹⁸¹ CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, *Scodrensis et aliarum, Beatificationes seu Declarationis Martyrii Servorum Dei, Vincentii Prennushi Archiepiscopi Dyrrachiensis, Ex Ordine Fratrum Minorum et XXXVII Sociorum in Odium Fidei, Uti Fertur, Interfactorum (1945-1974), Positio Super Martyrio*, Vol. I, Tipografia Nova Res, Roma, 2015.

¹⁸² Veio a falecer meses depois de cumprida a pena, em casa.

¹⁸³ PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs*, Instituti i Studimit të Krimeve dhe Pasojave te Komunizmit, Tiranë, 2017, 170.

prisionais. De sublinhar como paradigmático o caso de dois padres que vivem juntos numa casa vigiada, no intervalo entre períodos de prisão, e não rezam abertamente, mas antes fazendo segredo mesmo de um para com o outro, justamente para que nenhum deles fosse forçado, em momentos de tortura, a revelar se o outro rezava.

Como refere o Padre Zef Pllumi: “a Igreja da Albânia estava no Getsémani”¹⁸⁴. E no dia em que a Alemanha se retira, os Frades franciscanos, conhecendo de antemão o que estava para vir no futuro, rezaram as laudes repetindo a mesma oração de Jesus: “*Senhor, se for possível afasta de mim este cálice! Contudo, faça-se a Vossa vontade*” (Lc 22, 42)¹⁸⁵. Poucos meses mais tarde, começam a ser presos e, como nos relata o Padre Zef Pllumi, continuam a proferir a mesma oração de Jesus.

Procurando de algum modo superar o silêncio dos mártires na descrição desse Getsémani que atravessaram, recorreremos ao testemunho de vida do Padre Zef Pllumi para narrar a vivência prática da perseguição sofrida no quotidiano, ao longo de meses ou anos sempre necessária a um entendimento mais integral do martírio. Neste desígnio de valorizar o seu testemunho como suporte documental para uma reflexão sobre o martírio, lembremos que o ainda seminarista Zef Pllumi, na sequência do encerramento do convento franciscano, não foi de imediato preso, mas enviado para casa de um tio, que residia numa aldeia perto de Shkodra, vindo posteriormente a ser preso a 15 de dezembro de 1946¹⁸⁶. Apesar de as autoridades disporem da referência do seu domicílio, os militares enviados para a sua captura procuraram o Presidente do Conselho da zona, solicitando-lhe a indicação de onde se encontra um “francês” escondido¹⁸⁷. Durante a noite cercaram a casa do tio e de madrugada, prendem Zef Pllumi: “Em nome do povo estás preso, ergue as mãos”. Com um arame que retiraram de um feixe de palha, amarram-lhe as mãos atrás das costas, brutalmente “como se fossem dois

¹⁸⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 19.

¹⁸⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 19.

¹⁸⁶ Vd. Página 50, Nota 137 do Capítulo I.

¹⁸⁷ Por ignorância, não entendiam o termo “Franciscano”, confundindo com “Francês”, pensando tratar-se de um cidadão de nacionalidade francesa.

paus e não mãos humanas ou animal vivo”¹⁸⁸. Confiscaram do seu bolso um livro de orações em latim e registaram no processo de detenção: - Encontramos o francês e um livro em francês. Zef anota: “Não valia a pena explicar de que se tratava, pois não entenderiam”¹⁸⁹. Levaram-no para a prisão em Shkodra, onde lhe são retirados desde logo direitos humanos básicos, como o de utilizar a casa de banho, situação que lhe é negada (apesar de súplicas e pontapés na porta) por um período de 30 horas¹⁹⁰.

“Esta é a luta das classes. Vós sois a burguesia e nós o proletariado. Até agora oprimiram-nos a nós, agora é a nossa vez de vos oprimirmos” disse Duli¹⁹¹. Após um interrogatório, amarraram Zef com uma corda debaixo das axilas e penduraram-no num pessegueiro, no pátio, de modo a que só a ponta do dedo tocava o chão, tendo passado nessa posição toda a gelada noite de inverno, com uma temperatura de alguns graus negativos. Zef descreve este momento: “Olhei em redor e pensei: este é o poste no pretório de Pilatos”¹⁹². No mesmo local estavam outros prisioneiros também pendurados, em árvores e em ganchos debaixo de escadas, e estavam também outros embrulhados em cobertores no chão a gemer; um deles, Cini, rezava: “Ó Senhor, nas Tuas mãos me entrego”; um sargento que o ouviu proferiu os impropérios e palavrões mais agrestes ofendendo o Deus de Cini e ordena a Zef que se mantenha calado e não fale com Cini. Passando pouco tempo, Zef é novamente sujeito a interrogatórios conduzidos pelo oficial Nesti Kopali, que o espancava violentamente com um ferro nas costas e membros, para que falasse. Como não fala, é amarrado e de novo suspenso no pessegueiro, gelando, durante mais algumas noites. À sua frente encontrava-se a casa de banho, na parede da qual estavam gravadas as seguintes palavras: “Eu, Padre Vlash Moçaj, a 22 de julho, bebi a minha urina para não morrer de sede”¹⁹³. Zef sente-se

¹⁸⁸ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 91.

¹⁸⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 90-92.

¹⁹⁰ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 95.

¹⁹¹ Recordamos que Duli era um chefe comunista, já referido no Capítulo I. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 95.

¹⁹² Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 96.

¹⁹³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 99.

aterrorizado com a ideia do estado de rebaixamento a que o ser humano pode ser reduzido, e reza: “Será que as torturas podem conduzir o Homem a um estado de degradação pior que o animal? Ó Senhor, não nos submetas à prova!”¹⁹⁴.

Numa noite em que se encontra novamente suspenso no pessegueiro, Zef é interpelado por um dos presos no pátio, o leigo Paulin (que se encontrava num estado físico degradante, apresentando a comprida barba repleta de piolhos – e essa constatação corresponde para Zef a uma aprendizagem, em que se prepara espiritualmente para um sofrimento futuro de igual natureza). Este leigo pergunta a Zef quem era, pois parecia-lhe reconhecer o seu rosto. Confirmando que se tratava de Zef, diácono, residente no convento franciscano, Paulin pergunta o que é feito dos outros frades e ao saber que haviam sido dispersos e encontrando-se neste momento na grande maioria presos, sofreu um grave choque emocional e entrando em crise, chorou e bradou; o sargento retorquiu-lhe: “Silêncio ó porco, senão amarro-te como foi amarrado o Cristo!”¹⁹⁵. Zef anota que esse comentário era ridículo, pois na verdade:

“Todos estávamos amarrados como Cristo. Todos estávamos espancados como Ele e encontrávamo-nos onde Ele também estava: no pretório. Ó Deus grande! Depois de vinte séculos, a humanidade permanece igual, a sofrer inocentemente... O poste de pilatos e o pessegueiro eram o mesmo, sem distinção. Os algozes iguais, as ofensas e gritos talvez iguais. Mas, na verdade, a situação era igual apenas no exterior, pois o interior era diferente. Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem e nós dizíamos: talvez os outros não soubessem, mas estes sabem. Perdoar-lhes? Não, nunca.... Amá-los? Jamais!... Esta guerra interna tornava o meu corpo mais pesado, pendurado na corda. E rezava: Senhor, ajuda-me!”¹⁹⁶.

Lendo estes relatos, percebemos que os mártires não eram “super-heróis”, mas que aprenderam no sofrimento a unirem-se aos sofrimentos de Cristo e a aceitar, a acolher o dom de Deus. Zef foi de novo chamado a interrogatório, mas como não falasse, o sargento espancou-o com os punhos e com pontapés no corpo e na cara até jorrar sangue. Zef persistia em não falar, por mais que, através do recurso a processos brutais, o tentassem incentivar a renegar os princípios ou a contar o que pretendiam

¹⁹⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 99.

¹⁹⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 100.

¹⁹⁶ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 100.

saber sobre os que reputavam inimigos, os “fascistas”. O aspirante encarregue do interrogatório pergunta a Zef que estudos tinha, e, como este respondesse “Filosofia...”, o aspirante retorquiu: “Queres porventura vender-nos a tua filosofia? Nós, a filosofia, fizemo-la nas guerrilhas, na montanha. Eu nem sei ler nem escrever e estou a aquecer-me, mas tu estás banhado em sangue”¹⁹⁷. Nessa ocasião, o sargento começou a infligir a Zef uma tortura que provocava dores atrozes: choques elétricos nos ouvidos. Zef narra que, perante este tormento indizível, chegou a desejar a morte, tendo-se dirigido a Deus com a maior devoção: “Ó Senhor, tira a minha vida, salva-me!”. Após estes choques elétricos foi novamente suspenso no pessegueiro; não via nem ouvia, mas a aragem gelada faz com que recuperasse. É de novo sujeito a interrogatório e novamente espancado e após o interrogatório internam-no num cubículo subterrâneo, com uma tampa no teto, que descreve como “túmulo”, onde se encontrava um outro prisioneiro, nas condições mais desumanas. Na conversa com ele aprende a manter o sangue frio mesmo no meio dos sofrimentos mais inacreditáveis¹⁹⁸. Ele conta-lhe que na prisão se encontrava um prisioneiro que orientava as orações dos outros presos e que mais tarde o viu vestido de polícia. Alertou-o para esta realidade: os “presos-espiões”, guardas policiais fingido de prisioneiros para extorquir informações. No entanto, de novo pendurado no pessegueiro, sofre agora outro tormento, o de um pensamento insistente, pensando qual dos seus amigos teria sido o “Judas” que o denunciara. Pouco mais tarde, é novamente levado para interrogatório, sujeitando-o o oficial a choques elétricos que sentia como se milhões de agulhas lhe dilacerassem o corpo, o que o impele novamente a dirigir a Deus a sua prece: “Ó Deus, porque me largaste da Tua mão?”. Um dos chefes decidiu que Zef fosse executado, e mandou preparar o pelotão de fuzilamento; fazem-no marchar de noite na direção do cemitério, descalço e gelado; no entanto, um antigo colega de escola que por coincidência passava e que integrava as tropas comunistas intercede no sentido de o devolverem à prisão, para que tivesse tempo de reconsiderar e finalmente colaborar com o regime comunista. Nos dias seguintes, um oficial, antigo colega de escola de Zef, tenta convencê-lo a negar os seus princípios, mas este respondeu calmamente que ambos aspiravam à liberdade da nação, simplesmente cada um entendia de modo diferente o conceito da liberdade, e que não podia fazer parte da ditadura do proletariado... o oficial desiste e o que tinha dado a primeira ordem no

¹⁹⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 101. Ao ler esta parte apeteceu-me dizer ao meu irmão que se orgulha da sua ignorância, que é por causa desta tua ignorância e dos teus colegas que ele está banhado em sangue e não por causa da sua filosofia.

¹⁹⁸ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 104.

sentido de ser fuzilado afirma que sabia de antemão que não valia a pena perder tempo com este “lixo” e por isso o tinha querido, desde o princípio, eliminar. Não tendo falado, mas pendurado de novo no pessegueiro, dia após dia, narra que na sua alma sentia “um pedaço de felicidade”¹⁹⁹ (embora não se trate de uma situação explícita por palavras, percebemos que este sentimento advinha do facto de Zef ter sido capaz de resistir e não aceitar a proposta de se tornar colaborador dos comunistas.) Subsequentemente, foi levado para o convento dos franciscanos, que se tinha tornado prisão, onde um oficial lhe perguntou com sarcasmo: “Chegaste? Afinal faltavam-te umas orações por rezar...”²⁰⁰. Nesta vida de prisão, durante a execução das tarefas que lhe são acometidas (limpeza do corredor e casas de banho), Zef revê os seus confrades e relata muitas experiências profundas dos que agora dividem com Cristo o Calvário e a cruz, e desta extraem a sua força.

Um dia, Zef bebia água na bacia como bebem as vacas. Quando passou o responsável da prisão, Ali Xhunga, viu-o e lhe perguntou:

“-Porque bebes assim?

- Porque não tenho outra louça para comer e beber, a bacia é grande e com mãos atadas não posso erguer a bacia.

- Com que comes o pão?

-Somente com água.

- Qual é a tua profissão?

- Frade franciscano.

-Sacerdote?

-Quase sacerdote: sou diácono²⁰¹.

-Vou mandar-te para a cela de um Imã Xhabir Dibra a quem trazem muitos alimentos e assim rezam a Deus juntos, ele em turco e tu em albanês. Que dizes tu?

- Estou pronto, e quero.

-Leva as tuas roupas!

-Levei e saí atrás dele até à cela Nr. 24.

-Eis, este é o Imã e tu és o sacerdote. Não vos batais um ao outro, uma vez que nós vos batemos. Assim, o guarda amarrou-nos mão por mão e pé por pé²⁰².

Foram para a mesma cela mais quatro prisioneiros, amarrados dois a dois. Um dos prisioneiros, Gjoka, não tinha ainda passado pelo interrogatório e não sabia porque estava

¹⁹⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 115.

²⁰⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 115.

²⁰¹ Zef Pllumi era diácono nesta altura, sendo ordenado secretamente, dez anos mais tarde, em 25 de março de 1956. Nem os seus confrades souberam da sua ordenação, apenas o Bispo e o Provincial dos Franciscanos que o apresentou a este. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 317.

²⁰² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 129-130.

preso. Tendo sido espancado desumanamente, quando, passados dias, o levaram a interrogatório, gritava incessantemente: “Abaixo Estaline! Viva Cristo Rei! Ó algozes ferozes, minha alma vai para Cristo, ofereço a Cristo e o meu traseiro levai-o a Estaline”²⁰³. Ofendiam-no e espancavam-no mais ainda, o que lhe provocou o estado de loucura; repetia esta última frase sem parar, dia e noite. Um dos presos correu para ele dando-lhe água, que bebeu devorando quase o pote, pois estava queimando de sede, devido à tortura do sal. Assustado e louco, não reconheceu os demais prisioneiros e passados dias, recuperou a lucidez, mas foi levado pelos guardas e desaparece sem deixar rasto.

Sem falar, Zef continua a ser torturado por um “profissional que sabia fazer sofrer”²⁰⁴, e que, sentado numa cadeira, batia sempre no mesmo ponto do corpo (entre as espáduas), sem parar, até sangrar; nestes momentos, “gritando como o boi no matadouro”²⁰⁵, Zef profere a mesma oração de Jesus, “Ó Deus, ó Deus, porque me abandonaste?”²⁰⁶.

Foi posteriormente levado para a grande prisão em Shkodra, onde as condições eram infra-humanas: na mesma pequena cela, sem luz elétrica nem janela para arejar (o que leva Zef Pllumi a descrevê-la como sendo um “túmulo dos vivos”) encontravam-se prisioneiros 29 pessoas – um Bispo, o diácono Zef, 26 sacerdotes católicos e um Imã muçulmano idoso a quem, devido à sua idade, concederam o lugar mais importante, tratando-o como o “primeiro”, inclusivamente na divisão do espaço exíguo: cada um podia apenas dispor de 29 centímetros de largura para se deitar; ao Imã cederam-lhe 40 centímetros de largura. A única fonte de luz existente era um candeeiro de petróleo que deitava uma forte fumaça negra e os sufocava sempre que se acendia. No entanto, iam tentando resistir, designadamente rezando em conjunto: geralmente, era o Bispo que presidia aos momentos de oração, às quais se juntava também o Imã muçulmano, rezando à sua maneira – e juntos faziam também

²⁰³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 132.

²⁰⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 135.

²⁰⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 135.

²⁰⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 135.

meditação, momentos em que o Imã começava por recitar: “Xhene Xhela lu lu”, observando depois o silêncio completo de meditação, com os sacerdotes católicos. O Imã dizia muitas vezes que respeitava os clérigos católicos, desde sempre, pelo facto de serem muito inteligentes, cultos, letrados e sobretudo por amarem muito o povo albanês. Referia muito que muçulmanos e católicos se tinham apoiado sempre nas questões políticas, partilhando os mesmos ideais ideológicos, em prol do desenvolvimento da Albânia. Na outra cela encontravam-se 26 sacerdotes, considerados por este grupo como mais felizes pois contavam com uma pequena abertura na parte superior da parede, por onde entrava um pouco de ar e luz.

2.1.1. Cireneus uns dos outros

Reiteramos a opção por narrar uma parte da vida do Padre Zef, não apenas enquanto testemunha do que vive, vê e ouve mas porque se cruza com outros sacerdotes que vivem um martírio semelhante e acima de tudo porque nos permite perceber um pouco melhor a vida dos mártires e o que experimentaram os que foram condenados a trabalhos forçados. Depois da descrita estadia na prisão, o diretor da prisão reuniu os presos, proferindo um discurso extenso e “magistral”:

“O Partido e o Poder pensam sempre por vós. Marx e Engels explicaram-nos que o trabalho fez o Homem. O Homem tinha sido macaco e só o trabalho a tornou em ser humano. Assim a ‘*mãe Partido*’ pensa por vós com o maior cuidado. Vocês estão aqui para trabalhar e assim serem capazes de entrar em sociedade humana. O trabalho é glória. (...) A vossa ração diária será de 2 gr de óleo, 4 gr de massa ou arroz e 10 gr de açúcar por pessoa”²⁰⁷.

Dividiram os presos em cinco grandes brigadas para a concretização de trabalhos forçados e estabeleceram que os 29 sacerdotes permaneceriam juntos, como anexo da quinta brigada; tencionavam apontá-los, no decurso dos trabalhos, como a causa de todos os males do povo albanês, “o bode expiatório”.

²⁰⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 184.

Após uma longa e penosa viagem para Sul²⁰⁸, iniciam-se os trabalhos forçados, que consistiam no nivelamento de uma pequena colina em ordem a permitir a drenagem de água de um pântano. Os instrumentos de trabalho eram primitivos, como carrinhos de mão com roda de madeira. O trabalho era pesado, agravado pelos espancamentos que os guardas aplicavam sempre que se verificavam constrangimentos, demoras ou interrupções mesmo que momentâneas e o trabalho não fluía em cadeia, como desejado. Existiam também presos “cobardes” que trabalhavam pouco e também agrediam os restantes presos, com o objetivo de alcançar a benevolência do *brigadier* (chefe da brigada) e deste modo receber um reforço da ração diária, traduzida afinal no suplemento de duas colheres de sopa aguada. Para os outros prisioneiros, estes elementos eram ainda mais nefastos que os próprios comandantes pois, após as oito horas de trabalho pesado gritavam: “Em honra do amigo Estaline, mais meia hora de ataque ao trabalho” e, antes de terminar esse período, ouvia-se ainda outro a dizer: “Em honra do amigo Tito, mais meia hora”; e ainda outro, “Em honra do amigo Enver mais meia hora”, o que se tornava insuportável, pois neste final de dia os prisioneiros estavam exaustos – e por sua vez, os comandantes ficavam mais furiosos (pois imaginavam que os presos podiam tentar boicotar o trabalho nestes períodos suplementares como manifestação do seu desagrado relativamente aos líderes comunistas invocados) e os espancamentos aumentavam²⁰⁹.

No campo de concentração onde residiam os presos, para além de regressarem exaustos do trabalho, todas as noites eram confrontados com os maus tratos e castigos quotidianamente infligidos aos que não tivessem cumprido as normas do trabalho diário (4 m³ de terreno para picar ou carregar por prisioneiro) ou que tivessem quebrado a disciplina; no pátio, em frente à barraca-cozinha encontravam-se dois postes com um transversal, onde os prisioneiros eram

²⁰⁸ O condutor, que não dormia há mais de 48 horas, causou um acidente com a camioneta, pelo que foi agredido pelos guardas que o insultavam de “reacionário” e o acusavam de provocar o acidente para permitir que os prisioneiros se evadissem. Foi imediatamente algemado e preso – e os prisioneiros distribuídos pelos demais camiões da caravana, o que agravou a sobrelotação e condições desumanas da viagem.

²⁰⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 182.

amarrados com algemas ou corda, por vezes suspensos com a cabeça para baixo, o que fazia com que gemessem, gritassem – e alguns até morreram ali, num espetáculo muito violento para os demais: “Era duro o trabalho, mas mais ainda o terror (que se via e ouvia) enquanto recebíamos aquela sopa envenenada / dolorosa”²¹⁰.

Acabado o nivelamento da colina, os trabalhos forçados prosseguem com a secagem de um pântano, onde, no início, os prisioneiros procuraram beber água e lavar a roupa mesmo sem sabão, na tentativa de exterminar os piolhos que os mortificavam. O trabalho era aqui ainda mais pesado, uma vez que o carrinho de mão não andava na lama; quando o Padre Alex Baqlin se deteve com o carrinho encravado na lama, o comandante bateu nas costas com o pau da pá até se quebrar. Quando Zef correu para o ajudar, o comandante impediu-o e também lhe bateu; continuou a agredir o Padre Alex Baqlin, e mesmo quando este caiu na lama, pontapeava-o e gritava-lhe palavrões, acusando-o de querer sabotar o trabalho do Partido. E acrescentava: “Aqui morrereis todos!”²¹¹. Zef Pllumi testemunha que viu o Padre Gege Lumen e o Padre Mark Harapin no meio do pântano a serem enterrados na lama por outros presos – e assim morreram. Verificavam-se casos destes, em que os comandantes ordenavam que sepultassem na lama outros prisioneiros, apenas porque o seu estado de debilidade e esgotamento os impedia de trabalhar mais; vários perderam a vida deste modo, por afogamento. Devido ao trabalho extenuante, à falta de alimentação e de condições mínimas de higiene, surgiram muitas doenças entre os prisioneiros; no entanto, mesmo assim doentes, eram forçados a trabalhar²¹².

Os 29 sacerdotes eram segregados pelas autoridades relativamente aos restantes prisioneiros, pois temiam que exercessem influência sobre os demais. No seu dormitório, antes de dormir, encontravam um momento para se consolarem mutuamente e também para

²¹⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 187.

²¹¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 188.

²¹² Certo dia foi recebido no campo um médico; embora dispusesse apenas de uma caixa de aspirinas, uma caneta e papel, a sua chegada foi motivo de alívio, pois prescrevia que alguns dos prisioneiros deveriam ficar deitados.

tentar coordenar o trabalho do dia seguinte, no sentido de que os mais jovens e aptos fisicamente pudessem auxiliar os mais idosos e débeis a cumprir as duras metas impostas em termos de trabalho diário. “Para nós estava claro que aí morreríamos, pois nos tinham declarado isto muitas vezes. Contudo, queríamos viver”²¹³. Nenhum dos 29 sacerdotes estava habituado a trabalhar fisicamente e “aquele trabalho era pesado mesmo para animais de carga”²¹⁴ como narra Zef. Como referido, a “norma de trabalho” diária correspondia a 4 m³ de terra por prisioneiro (para cavar, furar ou transportar) e quem não o conseguisse cumprir seria, à noite, preso na cruz. O Padre Ciril Cani tinha 75 anos e como é natural, não conseguiria executar a “norma”; na mesma situação se encontravam muitos outros, quer por serem idosos quer porque apresentavam fracas condições de saúde. Para estes não serem mortos nas torturas, os mais novos realizavam diariamente duas ou mais “normas”. O Padre Pjeter Gruda chegou a realizar até 5 normas, ou seja, 20 m³ diários, praticamente sem comer e nas condições inóspitas descritas. “Era uma verdadeira máquina escavadora como lhe chamavam os demais sacerdotes, assim como o Padre Djoniz Makaj e o Padre Mehil Miraj, aos quais Deus tinha dado uma excepcional força física”²¹⁵. Trabalhavam sempre sob apertada vigilância de guardas que lhes gritavam: “Padres! padres! Preguiçosos típicos!” e era-lhes entregue o terreno mais difícil em termos de trabalho. Mas como refere Zef:

“Mas nós eramos padres de verdade e mesmo no trabalho falávamos uns com os outros, refletindo e partilhando sobre que parte da Bíblia se aplicava melhor àquela vida. A maioria dos sacerdotes respondia: «O cativo da Babilónia». Mas certamente, em Babilónia o povo de Israel viveria, em comparação connosco, bastante melhor. Enfim, tudo seja oferecido a Deus e para desconto dos nossos pecados”²¹⁶.

Os sacerdotes são declarados pelo comandante do campo como “traidores de Tito e da Jugoslávia”²¹⁷. Para além de se ajudarem entre eles, os sacerdotes foram ajudados por outros,

²¹³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 189.

²¹⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 189.

²¹⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 189.

²¹⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 190.

²¹⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 191.

como é o caso de um prisioneiro de etnia cigana. Quando marchavam em fila de dez, o Padre Nikoll Laska caiu. O Padre Pjeter Gruda e Zef acorreram para o tirar do caminho, tentando assim evitar que fosse pisado; porém, já não tinham forças para o erguer. O Padre Djoniz Makaj correu para o soerguer e tentou transportá-lo às costas até ao campo, mas cansou-se de tal modo que não conseguia prosseguir. De outra brigada, ocorreu um prisioneiro de etnia cigana que o carregou, mas predisse que não demoraria a morrer, explicando que estava habituado a carregar pessoas para o hospital (e pela sua experiência sabia que pouco antes de morrer o moribundo pesava muito mais) e na verdade assim se verificou. Não se soube onde o sepultaram. Este episódio de morte no caminho, por exaustão e esgotamento, tornou-se habitual à medida que o período de trabalhos forçados avançava. Naquele contexto de exiguidade alimentar, alguns prisioneiros tapavam com um cobertor o irmão ou colega morto, com o intuito de beneficiarem da sua ração de sopa por um dia, antes que se descobrisse o falecimento e para assim aumentarem a probabilidade de, por sua vez, tentarem assegurar mais um dia de vida²¹⁸.

Um chefe de brigada italiano, apreciando a postura cooperante dos sacerdotes, pediu aos oficiais para ser o responsável pelo seu grupo, dizendo-lhes: “Com esta organização que tendes demonstrado, receberéis a bandeira”. A bandeira era um retalho vermelho pendurado num pau de 2 m, e era atribuído à brigada que tivesse o melhor resultado de trabalho, a nível semanal²¹⁹. A vantagem deste prémio consistia no facto de, nessa semana, os prisioneiros da brigada a quem fosse entregue a bandeira não serem espancados. De facto, os sacerdotes conseguiram ganhar a bandeira, o que motivou o espanto dos chefes e inclusivamente o furor do diretor do campo, que invetivou os demais prisioneiros pelo facto de os sacerdotes, que nunca tinham executado trabalho manual e sempre tinham sido intelectuais, se sobreporem,

²¹⁸ Zef Pllumi adotou a prática de apanhar diariamente uma ou duas tartarugas no canal que se encontrava a escavar, pedindo depois ao cozinheiro que as cozesse num tacho, num canto do campo. Este aporte nutricional foi fundamental para que sobrevivesse às condições de subalimentação a que os prisioneiros eram sujeitos no campo de trabalhos forçados. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 199-200.

²¹⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 198-199.

pelo seu desempenho prático, aos restantes presos, que “ tinham nascido com a pá e a picareta na mão”²²⁰.

2.1.2. Eucaristia e martírio: Visita de Cristo à prisão

No outono, com o agravamento das condições atmosféricas, as condições de trabalho pioraram consideravelmente; a chuva e a lama dificultavam muito a vida quotidiana, tanto mais que nesta fase os prisioneiros já se encontravam descalços e esfarrapados. Em 27 de novembro de 1948, os prisioneiros, menos cem do que no início (devido às mortes) partem rumo à grande prisão em Shkodra, uma parte do caminho a pé, de noite, carregados e em condições muito duras, fortemente vigiados para evitar evasões e depois presos seis a seis para viajarem de camião até à prisão. Encontram-se na prisão com alguns sacerdotes que não viam há meses, tendo-se apercebido de que alguns tinham morrido, entretanto, outros tinham sido internados no Hospital – e alguns permaneciam ainda naquela prisão.

Foram presos, Zef (ainda diácono) e 16 sacerdotes na cela nº 7, um espaço exíguo e os restantes na cela nº 5; as condições eram infra-humanas²²¹, e como referido, não existia sistema de refeições, dependendo os prisioneiros, totalmente, da ajuda das famílias para assegurar o seu sustento. Aos Domingos, era possível receberem uma curta visita da família, sendo chamados cinco a cinco para comparecerem no local, algemados e separados dos visitantes por grades; encontravam-se de tal modo desfigurados e esqueléticos que os familiares não os reconheciam: quando a família reclamava: “queremos ver o Zef Pllumi”, ele tinha de gritar “sou eu, aqui estou”, situação que o leva a estabelecer um paralelo com o “Ecce Homo”. Nestas visitas, os prisioneiros deviam pedir aos familiares o alimento para a semana seguinte, e Zef comenta que o recinto se tornava como que uma grande feira em que todos

²²⁰ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 199.

²²¹ Zef Pllumi compara a cela a um “verdadeiro túmulo de vivos”.

gritavam para se fazer ouvir, atrás das grades, até que o apito do guarda soasse e os obrigavam a regressar à cela, sem sequer poder haver lugar a despedidas.

Na Páscoa de 1949, aconteceu um episódio que levou aos sacerdotes prisioneiros da cela nº 7 uma alegria indescritível: Cristo visita-os na prisão! Zef Pllumi narra o sucedido, com verdadeira emoção. Num Domingo anterior, 15 dias antes da Páscoa, a irmã do Padre Leon Kabashi apresentou-se na visita com uma Religiosa Servita, Irmã Dava (entretanto expulsa do convento, agora encerrado; dedicava-se atualmente a pedir esmola para levar aos sacerdotes na prisão). O Padre Leon pediu à sua irmã um par de botas de lã e dirigiu-se à Irmã Dava, dizendo: “por favor traz-me, dentro das botas de lã, o “Débito, a Dívida da Páscoa”, expressão de código para que os guardas prisionais e espiões “profissionais” que ali se encontravam sempre, não percebessem que se tratava de Jesus Sacramentado. A Irmã Dava responde que lhe trará.

No dia de Páscoa, a irmã traz-lhe roupa e a Irmã Dava as botas de lã, que tinha confeccionado com um forro cuidadosamente cosido, no interior do qual tinha colocado, em cada uma, 25 Hóstias consagradas, devidamente resguardadas por um corporal. Para que os guardas não percebessem do que se tratava, a Religiosa refere: “Só pude trazer desta vez estas botas, mas foram feitas com muita dedicação e conforme os teus gostos”²²². Ao regressar à cela nº 7, o Padre Leon Kabashi encarrega Zef, por ter confiança nele e ser habilidoso, de abrir as meias, o que conseguirá com a ajuda de uma agulha que mantém clandestinamente na cela. Depois de retiradas cuidadosamente as 50 Hóstias, ajoelham em adoração, após o que o Padre Leon Kabashi incumbe Zef de proteger Cristo até ao momento em que possam confessar-se mutuamente e depois comungar²²³; recomendou-lhe que, em caso de qualquer imprevisto, consumisse todas as Hóstias. Zef dormiu com os dois corporais envolvendo as

²²² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 206.

²²³Zef confia que se sente como o Mártir da comunhão das catacumbas, São Tarcísio, de 12 anos, violentamente morto por ter levado a Hóstia consagrada às prisões de Roma onde se encontravam presos os cristãos que iriam ser martirizados no dia seguinte.

Hóstias sobre o peito, perto do coração, sentindo-se feliz, não obstante a situação de cativo. Naquela noite, confessaram-se uns aos outros, por ser Páscoa, mas os restantes sacerdotes ainda não sabiam que as Hóstias consagradas se encontravam na cela. Na manhã seguinte, 2ª feira de Páscoa, antes do pequeno-almoço, o Padre Tomé Laca anuncia: “Irmãos, Cristo está aqui no meio de nós. Recebamos Aquele que foi sacrificado por nós, para que nós estejamos prontos a ser sacrificados por Ele”²²⁴. E todos os prisioneiros da cela nº 7 recebem a comunhão das mãos do Padre Tomé Laca, comungando com grande alegria, o que faz Zef comentar que se repetia no século XX o mesmo que nas catacumbas dos primeiros séculos do cristianismo, no tempo da perseguição. Depois, o Padre Leon Kabashi encarregou Zef de fazer chegar as restantes Hóstias consagradas aos sacerdotes da cela nº 5; Zef conseguiu aproximar-se do Padre franciscano Donat Kurti, passando-lhe rapidamente para a mão o corporal dizendo: “O Sacramento”, e fazendo-lhe sinal para não esconder, pois poderia tornar-se suspeito, mas que guardasse o corporal na mão, juntamente com os óculos; ele entendeu e conseguiu passar o controlo. O mesmo rito de confissão entre os padres e comunhão repetiu-se na outra cela, nessa noite.

Os sacerdotes permaneceram na prisão até abril de 1949, mês em que se considerou que as condições climáticas já eram de novo propícias à secagem de pântanos, pelo que cerca de 300 dos prisioneiros foram conduzidos a um outro pântano no Sul, o pântano de Maliqi; neste contingente, integravam-se Zef Pllumi e 13 sacerdotes.

2.1.3. Continuação da Via Sacra

Neste campo de trabalhos forçados, bastante mais vasto que o anterior, encontraram-se muitos prisioneiros, provenientes de diversas prisões – e ali se encontravam concentrados

²²⁴ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 207.

certamente mais de metade dos intelectuais da Albânia, ex-ministros, escritores, professores, economistas, engenheiros, padres católicos e estudantes²²⁵.

Deveriam trabalhar horas no pântano, com 70-80 cm de água cheia de rãs e sanguessugas, que tentavam afastar com a pá; depois tentavam esfregar as pernas com sabão, o que resultava apenas durante cerca de meia hora. A única maneira eficaz de as fazer sair do corpo era queimando-as com um cigarro; o incómodo era de tal ordem que o prisioneiro que auxiliasse outro a livrar-se das sanguessugas, com o cigarro, se tornava a pessoa mais querida na sua vida. Esta situação tornava unidos muçulmanos, cristãos, de qualquer quadrante político (*ballista, zoguista*); ... quando regressavam ao campo, procuravam a pessoa que o tivesse ajudado para lhe agradecer, independentemente das suas convicções ideológicas ou políticas: “ali na água do pântano, enterrávamos as ideologias de religião, da sociedade e da política – e permanecia somente o Homem. Esta é a verdadeira lei e mandamento do Senhor”²²⁶.

Como as condições de trabalho eram duríssimas e a água impedia que empurrassem os carrinhos de mão, os prisioneiros viam-se constrangidos a carregá-los às costas, o que levou um Engenheiro a comentar: “Olha, frade Zef, o que dizer quando a matéria domina o espírito? Em vez de o Homem andar no carrinho de mão, aqui é o carrinho de mão que anda às costas do Homem. Este é o cúmulo do materialismo!”²²⁷.

²²⁵ De acordo com o testemunho do documentário “[Burg se s'u bë bashkëpunëtor i sigurimit kujto.al | Arkiva Online e Viktimave të Komunizmit](#)”, 10.01.2019, as penas atribuídas a determinada acusação eram muito mais pesadas consoante o grau de estudos do réu. Assim, pelo crime de “agitação política contra o comunismo”, um analfabeto seria condenado a 3 anos de prisão, uma pessoa com estudos médios receberia a condenação de 6 anos e uma pessoa com estudos superiores, 10 anos de prisão.

²²⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 212.

²²⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 213.

À noite, um dos intelectuais comentava: “Estaline proclamava a justiça da sociedade, a luta de classes para atingir uma sociedade justa, sem classes, mas na verdade reduzia todas as pessoas à escravidão, tirando-lhes todas as riquezas e bens que poderiam ter”²²⁸.

Neste campo, aparece um médico de Shkodra, Luigj Radoja, que vem trabalhar para o campo também na qualidade de prisioneiro pois, apesar de ser comunista, fora condenado como traidor; era muito crítico do estado de saúde dos prisioneiros e a todos dirigia palavras de ânimo. A ele, veio juntar-se um outro médico, o Dr. Pustina, também comunista e com o mesmo estatuto de prisioneiro; quando este lhe perguntava como podia encorajar os prisioneiros, inclusive os que se encontravam condenados em termos de saúde, Luigj Radoja respondia que “ fiz o juramento de Hipócrates, e este dizia que mais do que o medicamento ou até o bisturi numa operação cirúrgica, o que de facto cura é a palavra; e que essa palavra ainda tem mais peso quando proferida por um médico, um sábio. O ser humano acredita em todos o que o ajudam, seja Deus, o rei, o médico, o professor ou o sábio”²²⁹. Um dia em que Zef ficou paralisado do lado direito do corpo e é assistido pelo Dr. Pustina, este comenta:

“Frade Zef, nós prisioneiros não temos aqui condições humanas. Vivemos pior que os animais. Eu sou comunista, nunca acreditei que existe um Deus, mas agora comecei a rever as minhas convicções. Vocês trabalham no pântano, eu faço as minhas contas e penso: “Como é que vocês trabalham sem alimento? De acordo com as premissas científicas, vocês já deveriam ter todos desaparecido. A vossa carne deveria ter sido consumida até ao osso: o Homem é uma máquina que trabalha com carburante. Vocês recebem muito poucas calorias e gastam muitas calorias, diariamente. Não existe animal de trabalho que trabalhe como vós, nestas condições. Todas as vossas reservas deveriam estar esgotadas, não somente a gordura, mas também a carne e até o osso – esta é uma conclusão científica exata: deveriam estar todos aniquilados, mortos. Não existe Doutor no mundo que possa refutar esta conclusão. Que força sobrenatural mantém vivo este animal de trabalho. Este facto causa em mim um choque espiritual. Estou em crise. Eu vejo claramente que existe uma força sobrenatural, que mantém vivas estas pessoas transformadas em animais. Escuta, eu vou repetir mais uma vez: eu nunca acreditei na existência de Deus, mas agora não posso negar a existência sobrenatural: encontro-me perante

²²⁸ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 211.

²²⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 215.

evidências científicas, provas. A doutrina da matéria acabou, a matéria chegou ao limite, agora estamos no domínio do sobrenatural. Eu estou em crise espiritual. E não é uma simples coincidência: porque é que agora, depois das oito da noite, vem aqui um frade católico ter comigo? Eu vejo claramente que é uma planificação de uma força sobrenatural”²³⁰.

Não querendo alongar com outros testemunhos narrados pelo Padre Zef Pllumi acerca da sua experiência como prisioneiro nos trabalhos forçados, tanto nos pântanos como nas minas, percebemos melhor a dureza da vivência os mártires suportaram, unidos a Cristo. Com estas breves histórias, percebemos melhor que algumas das últimas palavras proferidas pelos mártires fossem estas, como um eco das suas vidas:

Viva Cristo Rei!

Viva a fé e Cristo!

2.2. Martírio e Igreja: Igreja na Albânia ou Igreja da Albânia?

Em 1949, o regime comunista cortou as relações diplomáticas com a Jugoslávia e empreendeu uma grande campanha no sentido de reforçar e consolidar a sua identidade e coesão internas. Por um lado, a retração no que respeitava às relações internacionais e por outro lado, o medo que o ditador tinha de um ataque externo ou de uma revolta interna levaram a um auto-centramento do regime. Com efeito, a Jugoslávia deixou passar a fronteira a um grande grupo de refugiados albaneses que se juntaram para deitar abaixo o governo albanês²³¹. Esta ameaça e outras ameaças de menor dimensão vindas de outros países fizeram com que a Albânia mudasse a política em relação às várias religiões existentes no território nacional.

O regime comunista pretendia manipular as instituições religiosas, procurando usá-las para alcançar e concretizar os próprios objetivos políticos. No final do ano de 1949, mais concretamente em 26 de novembro, o Partido publicou um Decreto-Lei (concretamente, o nº 743) intitulado: “Sobre as confissões religiosas”, em que tais propósitos resultam claros, designadamente no teor do respetivo artigo 12: “As confissões religiosas, através da sua ação,

²³⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 217.

²³¹ Cf. LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 175.

devem transmitir aos fieis o sentimento de fidelidade relativamente ao povo e à República Popular da Albânia, e reforçar a união nacional”²³².

De facto, a Igreja Católica, ainda que correspondesse a uma minoria do povo albanês (cerca de 10%) constituía o principal problema para a consecução destes propósitos do Partido Comunista, devido à sua intrínseca ligação com o Vaticano. Com efeito, a religião muçulmana, maioritária, encontrava-se desligada de Istambul desde 1923 e a Igreja Ortodoxa tinha-se tornado autocéfala desde 1937²³³, ano em que Fan Noli a desligou da Grécia por celebrar na língua albanesa. O regime comunista entende que também a Igreja Católica deverá funcionar como uma “Igreja nacional”, separada do Vaticano e controlada pelo Partido.

Assim, para se cumprir o disposto no Decreto-Lei nº 743, a Igreja passaria a ser uma realidade estritamente albanesa, sem qualquer ligação (e muito menos dependência) relativamente ao Vaticano; a atitude contrária, de negação desta realidade por parte dos elementos do clero católico significaria uma desobediência relativamente a esta Lei, agora vigente no ordenamento jurídico do Estado albanês; os sacerdotes que pretendessem continuar com a ligação ao Vaticano seriam julgados e condenados por esse facto, uma vez que tal atitude passava, a partir da promulgação deste Decreto, a configurar um crime, um ato contra a Lei e contra o Estado Albanês.

O Decreto-Lei nº 743 determinava que as comunidades religiosas elaborassem o seu Estatuto no prazo de noventa dias, obrigatoriamente em consonância com o estatuído neste Diploma legal. Tal como as restantes religiões, também a Igreja Católica organizou uma comissão própria para elaborar o projeto de Estatuto requerido.

Em 15 de fevereiro de 1950, o Arcebispo Primaz da Albânia, Bernardin Shllaku, convocou para o Arcebispado de Shkodra a Assembleia Geral de todos os clérigos para

²³² Cf. *Positio Super Martyrio*, Vol. I, 69.

²³³ UKGJINI, Nikë, *Kisha Katolike ne trevat shqiptare (nga Shek XI- deri sot)*, [Igreja Católica no território albanês (do Sec XI – até hoje)], Qendra Butuese Shoqata e Jezuiteve, Tirane, 2016, 256-257.

apresentar o primeiro esboço do Estatuto, que devia ser confrontado com o Código de Direito Canónico e a doutrina católica; o documento elaborado foi posteriormente apresentado ao Governo, como o Estatuto subscrito pela Igreja Católica. Mas o governo recusou-o, na medida em que colidia com o Decreto-Lei nº 743 e a “Ordem Pública”: concretamente, o artigo 3º proposto pelo clero referia que a Igreja Católica pretendia continuar intrinsecamente dependente do Vaticano; o regime comunista retorque que isso é incompatível com a Lei Geral nº 13 do governo, cujo teor seguidamente citamos: “as religiões presentes e todas as pessoas das comunidades religiosas devem ser cidadãos albaneses, fiéis ao Estado. Os chefes não podem ser cidadãos estrangeiros”, o que se considera ser o caso do Sumo Pontífice. No capítulo 4 do Estatuto apresentado, os sacerdotes católicos recusavam claramente a dependência da Igreja relativamente ao Estado e também a nomeação dos padres pelo Estado.

Não tendo este Estatuto, pois, sido aceite pelo governo, entra-se numa fase de negociações em que, ao longo dos anos de 1950 e parte de 1951 serão apresentadas por parte da Igreja outras duas propostas de Estatutos e novamente recusadas por parte do Estado. As negociações entre o governo e a Igreja foram travadas com o Arcebispo Primaz da Albânia, Mons. Bernardin Shllaku. A hierarquia da Igreja encontrava-se já, nesta data, reduzida a este idoso de 80 anos²³⁴, que se encontrava em prisão domiciliária, altamente controlada. Quem ousasse visitá-lo era automaticamente preso pelas autoridades, para criava um clima de terror²³⁵. Mons. Bernardin Shllaku encarrega das negociações com o governo o Superior de um dos Conventos Franciscanos, Marin Sirdani OFM. O Delegado do Partido Comunista que numa primeira fase conduz estas negociações, Tuk Jakova, havia sido seu ex-aluno durante a instrução primária, no Colégio dos Franciscanos e era o único católico comunista²³⁶; talvez por esses motivos tenha sido escolhido para, através de encontros diplomáticos (e integrado

²³⁴ Cf. LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 180.

²³⁵ Cf. LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 183.

²³⁶ Cf. LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 180.

numa Comissão com dois outros representantes do governo, juristas) procurar um entendimento positivo, em que a Igreja aceitasse redigir e assinar um “Estatuto da Igreja Católica da Albânia”.

Os principais objetivos do governo consistiam em que a Igreja subscrevesse tanto a separação relativamente à Santa Sé em termos legislativos como a nomeação dos Bispos da Igreja Católica pelo Conselho de Ministros do regime comunista. Deste modo, na prática, a Igreja perderia a sua liberdade, ficando dominada e manipulada pelo Partido Comunista. Perante a recusa da Igreja em redigir tais itens, o próprio governo prepara e redige um “Estatuto da Igreja Católica da Albânia” e apresenta-o à Assembleia-Geral do Clero para efeitos de aprovação, tentando convencer o clero católico a assinar.

No entanto, o Padre Marin Sirdani declara claramente, em prol da liberdade da Igreja Católica: “Nós morreremos, mas do Papa não nos separaremos!”²³⁷. E noutra ocasião, perante o texto do referido “Estatuto da Igreja Católica da Albânia” que o regime comunista lhe tinha apresentado para análise, a resposta do Padre Marin Sirdani foi igualmente perentória:

“Li o «Estatuto da Igreja Católica da Albânia» e é uma heresia do princípio ao fim. Terá sido por acaso um Ortodoxo que terá elaborado este Estatuto?”²³⁸.

- Não sei - responde Tuk Jakova - o estatuto foi redigido por juristas, conselheiros do Ministério.

- Não é aceitável - retorque o Padre Marin Sirdani.

- Pensa bem, o assunto é sério e haverá consequências... adverte Tuk Jakova.

- O Padre Marin prossegue: Poderá haver verdadeiros comunistas sem Moscovo (União Soviética)? Se vocês se separassem de Moscovo, seriam por exemplo “Titistas” (seguidores de Tito, ditador comunista na Jugoslávia), ou “Trotskistas” mas não seriam Comunistas. Assim também não podem existir católicos desligados do Papa”²³⁹.

²³⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 255.

²³⁸ O Padre Marin Sirdani baseia esta pergunta no facto de a Igreja ortodoxa, ao contrário da Igreja Católica, se estruturar em realidades locais autocéfalas, cada uma autónoma e não interdependentes.

²³⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 255.

Apesar de todas as pressões, a Igreja Católica não cede, e sem hesitações afirma a sua liberdade. Ainda no âmbito das negociações, a Comissão formada por Tuk Jakova e seus colegas juristas representantes da autoridade foram à prisão do Burrel para dialogar com os Padres Donat Kurti, Pjeter Meshkalla e Frano acerca do Estatuto da Igreja elaborado pelo governo, sempre procurando a respetiva aceitação. O Padre Donat Kurti respondeu: “Nós temos o Estatuto da Igreja, é o mesmo Estatuto que Cristo nos deixou e por isso este Estatuto que quereis fazer, fazei-o entre vós, não conosco”. Depois tentam dialogar com o Padre Meshkalla, que responde: “Não tenho nada a acrescentar nem a tirar ao que disse o Padre Donat”²⁴⁰. Então um dos juristas representante do regime comunista ameaçou os sacerdotes, dizendo: “Daqui não saireis. Passareis aqui a vida inteira, morrereis aqui na prisão”. O Padre Pjeter Meshkalla responde: “A vossa atitude fará em mim apenas o efeito que faz uma pedra que se coloca à frente de uma corrente de água; não a detém, ela passa por cima e continua a correr”²⁴¹.

Também outro sacerdote, o Padre Kolec Prenunshi, se opôs totalmente: “Que nos matem a nós e morreremos com honra. Se assinarmos, amanhã eles fecham as Igrejas na mesma e nós morreremos envergonhados, com desonra”²⁴².

A posição do Partido comunista endurece e Tuk Jakova é demitido da Comissão das negociações. Aliás, por não ter tido sucesso, Enver Hoxha acusa-o de ser traidor, e é também executado. A partir de 1950, o processo passa a ser assumido e conduzido diretamente por Mehmet Shehu, secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, que tenta com métodos duros pressionar a hierarquia da Igreja, na pessoa de Mons. Bernardin Shllaku.

²⁴⁰ RIDOVANI, Fritz, Radovano, A. Zholi, *Um monumento subterrâneo*, Editora Male, Tirane, 2015, 200.

²⁴¹ Cf. PEPA, Pjeter, *Tragjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri* [a tragédia e a glória da Igreja Católica na Albânia], Shtepia Botuse 55, Tiranë 2007, 408 ss.

²⁴² Cf. QAZIMI, Azem, *Procesi i asgjësimit të fesë në Komunistëm*, [O processo de aniquilamento da religião no regime comunista], Instituti i Studimit të Krimeve dhe pasojave të Komunizmit, Tirana, 2012, 91.

Este disse igualmente a Mehmet Shehu que nunca aceitaria assinar a divisão da Igreja relativamente à Santa Sé e que as ameaças feitas não o atemorizavam, pois estava já “velhinho e com um pé no túmulo” e a ideia da morte não o assustava. Mehmet Shehu perguntava-lhe: “que ligação queres ter (com o Vaticano) se há seis anos que nós cortamos os meios de comunicação?” Mons. Bernardin Shllaku respondia claramente que só o Papa devia eleger os Bispos. Mehmet retorqueu que o Papa não conhece os candidatos, mas concordaram em que o Bispo apresentasse uma proposta ao Papa para a nomeação de mais Bispos para a Albânia. Mons. Shllaku fez a proposta com nomes de Padres. Da Santa Sé veio a resposta afirmativa, ordenaram-se os Bispos entre os quais Mons. Ernest Çoba que começou por ser Secretário Geral, mas mais tarde ficará à frente da Igreja como Arcebispo Primaz da Albânia; a partir da resposta da Santa Sé e da aceitação, por parte do Estado, destas Ordenações Episcopais, Mons. Shllaku acredita que o governo não está de má fé e pede aos padres que confiem nele e que assinem o Estatuto numa Assembleia-Geral de clérigos. Explica aos sacerdotes, em segredo, o que aconteceu nos bastidores e que, na verdade, fora a Santa Sé quem aprovara as propostas para as Ordenações Episcopais e quem nomeara os Bispos, por isso ele os tinha consagrado; deu a entender aos padres que, embora o Estatuto contivesse a formulação redigida pelo Estado, no entanto a Igreja manter-se-ia ligada e fiel a Roma.

No âmbito destes diálogos estabelecidos, e no sentido de se criar um ambiente propício à anuência da Igreja, o governo comunista, aproveitando a efeméride da independência da Albânia em 29 de novembro (em que se comemorava a retirada dos alemães do território albanês em 1944), aplica indultos judiciais libertando quatro sacerdotes que se encontravam em prisão e igualmente um Padre que estava ainda em fase de interrogatórios²⁴³.

²⁴³ Os Sacerdotes libertados escolhidos não eram considerados pelo Partido Comunista como “peças fundamentais”; tratava-se de padres que não tinham revelado nos interrogatórios um carácter forte; pelo contrário, alguns deles teriam aceitado, sob torturas, as acusações dos comunistas e cedido às pressões; um deles encontrava-se inclusive a terminar o cumprimento da pena. Não foram, de facto, libertados Bispos, Provinciais de Ordens Religiosas ou outros elementos que desempenhassem papéis fulcrais na hierarquia da Igreja Católica.

O Estatuto foi, assim, aprovado em 30 de julho de 1951, no Parlamento da República Albanesa, pelo Dr. Omer Nishani. A rádio fez uma grande propaganda do sucesso obtido pelo Partido; no entanto, os sacerdotes nas suas homilias explicavam ao povo que não existia, na verdade, qualquer divisão da Igreja Católica relativamente a Roma, como é o exemplo da homilia do Padre Mark Dushi que transcrevemos:

“A rutura da Igreja Católica com Roma pertence-nos a nós declarar. O que o governo anuncia não tem nada a ver com a fé. Então, apesar deste Estatuto, o Papa continua a ser o Chefe Supremo da Igreja, o vigário de Cristo na terra. Se nós não reconhecemos o Papa, não somos católicos. Vai chegar um dia em que se perceberá claramente que não pode ser o Estado a proclamar esta rutura e em que o próprio Estado dará toda a liberdade necessária à Igreja. Os dogmas e os Cânones santos estão nos livros do Catecismo e não o Estatuto”²⁴⁴.

Segundo as fontes que consultámos acerca desta conturbada fase da Igreja na Albânia, depreendemos que entre o clero católico também houve diferentes posições relativamente a este Estatuto tão controverso: alguns sacerdotes, apesar de não concordarem obviamente com o Estatuto, não se opuseram a assiná-lo, pensando ser esta a única forma de a Igreja poder sobreviver na Albânia (uma vez que, deste modo, o governo acederia a autorizar manter igrejas abertas e sacerdotes vivos, sendo possível prestar Serviço à fé e ao povo por meio da celebração da Eucaristia e administração dos Sacramentos); pelo contrário, houve sacerdotes que, não concordando com o Estatuto, recusaram-se liminarmente a assinar e pregaram sempre o contrário até serem martirizados. Entre os sacerdotes que não foram assinar o Estatuto contam-se o Mártir Dede Malaj e o Padre Konrad Gjolakj, fuzilado. Também o jovem Padre Engjell Kovaçi, que se demarcava completamente deste Estatuto, redigiu uma carta alegórica destinada a ser lida na Assembleia-Geral dos clérigos sobre este assunto; a carta, lida pelo seu tio também Padre, Gjon Kovaçi, dizia: “Desculpem-me por não ter podido ir participar nessa reunião por questões de saúde, pois fui mordido no pé por um escorpião e

²⁴⁴ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 204-205. O Padre Engjell Kovaçi é preso e depois fuzilado, sete anos depois desta reunião.

recomendo a todos os sacerdotes meus companheiros que se protejam e acautelem relativamente aos escorpiões, pois são muito perigosos”. A carta causou muito riso entre os sacerdotes²⁴⁵.

Para ilustrar esta diferença de posição e até desconfiança que se gerou entre sacerdotes, devemos referir o seguinte episódio: foram presos e julgados como traidores da pátria e agentes da Jugoslávia uns aldeãos que passavam a fronteira e, nas torturas, contaram que dois sacerdotes, o Padre Dede Malaj e o Padre Konardi lhes pediam para trazerem Óleo Santo da Jugoslávia²⁴⁶ e do Monte Negro²⁴⁷ por duvidarem que a Ordenação Episcopal do Bispo Ernest Çoba tivesse sido verdadeiramente emitida e aprovada pelo Vaticano.

Em síntese, o Estatuto proposto pelo governo foi assinado e profusamente divulgado por todos os meios de comunicação social que se gabavam da grande vitória do Partido; os sacerdotes, uns com mais coragem outros com menos, com mais liberdade ou com menos, foram evangelizando conforme lhes era possível. Mas na verdade, a partir da data da promulgação do Estatuto inicia-se outra fase da história da Igreja na Albânia, que explanaremos seguidamente.

Com este estudo, percebemos melhor que algumas das últimas palavras proferidas pelos mártires fossem estas, como expressão de um princípio de identidade cristã pelo qual se vive e se dá a vida, antes do que trair:

Viva o Papa!
Viva a Igreja Católica!

2.2.1. “Primavera” da Igreja, uma nova geração de sacerdotes e mártires

²⁴⁵ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 291.

²⁴⁶ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 394.

²⁴⁷ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 292.

Desde os anos 50 até os anos 60 do século XX, registou-se uma certa “tolerância” e distensão, que nos interessa sobremaneira estudar, pois correspondeu a um contexto em que floresceram novas vocações sacerdotais, novas Ordenações, mas também novos mártires. Tratou-se, de facto, de um período paradoxal, em que a Igreja e a fé se fortaleceram muito com novos sacerdotes católicos cheios de vigor. No território da Albânia ordenaram-se 25 sacerdotes depois de 1944 e mais 20 albaneses fora do território da Albânia²⁴⁸.

Por outro lado, outros sacerdotes, que o povo crente amava e protegia, foram libertados das prisões²⁴⁹. Contudo, na perseguição à Igreja “mudou a somente a forma. Esta tornou-se mais aguçada e mais diabólica”²⁵⁰ e daí que neste período tenham também continuado a existir mártires, vítimas do regime comunista, alguns mesmo entre os novos sacerdotes, cuja Ordenação o mesmo regime comunista havia admitido.

Trata-se, pois, de uma fase de história da Igreja particularmente interessante de aprofundar, que, pela sua complexidade, poderíamos intitular de “Primavera”, pelo degelo e distensão que se verificou, por exemplo no que respeita à reabertura de Igrejas, autorização para Ordenações sacerdotais e libertação de sacerdotes prisioneiros... mas pondo necessariamente o termo Primavera entre aspas, pois mesmo nesse período continuou a haver prisões, torturas e mesmo mortes que geraram novos mártires (o que para a Igreja, pela força do Espírito, significa sempre uma Primavera, com a *semente de novos cristãos mártires*)

Vejamos: após a promulgação do Estatuto, em 1951, o regime comunista acalentou a ilusão de poder organizar a Igreja de acordo com os seus próprios cânones: o Arcebispado Metropolitano de Shkodra foi restaurado com novas mobílias, as melhores que foram encontradas entre as famílias da cidade. Foi atribuído algum dinheiro ao Arcebispado e criado um aparato administrativo como nunca tinha existido anteriormente, que integrava por

²⁴⁸ Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 64.

²⁴⁹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 316-317.

²⁵⁰ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 176.

exemplo um motorista, *bar-men*, etc. Na realidade, as competências que eram concedidas ao Arcebispo através do Estatuto configuravam um cisma: uma vez que no artigo 8º se punha o Papa de lado, o regime comunista atribuía ao Bispado, que tencionava controlar, atributos reservados exclusivamente ao Santo Padre: guardar a unidade dogmática e canónica e as tradições da Igreja Católica, assim como a nomeação dos Bispos da Albânia²⁵¹.

No que se refere à situação dos sacerdotes, foi realmente variada, pois registaram-se novidades como a da sua equiparação a funcionários públicos, com ordenado pago pelo Estado – e também o facto de que o Governo passa a emitir as autorizações e licenças para que alguns sacerdotes possam pregar e administrar Sacramentos em público, e, grande inovação, também provém do governo as autorizações para que certos seminaristas possam receber o sacramento da Ordenação. Na verdade, a Igreja não se deixava manipular e continuava a ordenar outros sacerdotes clandestinamente (e é de sublinhar que neste período se registaram novas vocações) mas com tal cuidado que apenas sabiam da Ordenação o Bispo e, quando se tratava de religiosos, o Provincial que os apresentava; a grande diferença prática é que os sacerdotes ordenados com o beneplácito do Estado podiam celebrar a Eucaristia em público; os outros, celebravam secretamente e arriscavam-se a ser presos, condenados e mortos.

Como supracitado, nesta época, o regime intentou libertar alguns sacerdotes que se encontravam presos; no entanto, outros permaneceram prisioneiros até à morte, e outros ainda foram presos²⁵², mesmo de entre aqueles a quem o governo tinha concedido licenças para celebrar. Os espiões estavam presentes em todas as celebrações e sempre prontos a denunciar, e qualquer gesto ou palavra suspeita por parte do celebrante o podia levar à morte. Foi o caso do Padre Dede Malaj que numa homilia falou abertamente, denunciando o sofrimento e a miséria do povo causados pelo comunismo. O seu discurso proferido no julgamento foi

²⁵¹ Cf. QAZIMI, Azem, *Procesi i asgjësimit të fesë në Komunizëm*, [O processo de aniquilamento da religião no regime comunista], Instituti i Studimit të Krimeve dhe pasojave të Komunizmit, Tirana, 2012, 97-98.

²⁵² Vd., infra, o exemplo paradigmático do Padre Kelmendin.

transmitido com altifalantes, e pagou com a vida pois foi fuzilado mas não esquecido pelo povo²⁵³ e é contado entre os nossos mártires.

O Seminário podia funcionar, mas, de acordo com o que estava definido pelo Estatuto, a filosofia lecionada teria de ser marxista-leninista. As ciências humanas e sobretudo a filosofia teriam de se basear e traduzir esta corrente de pensamento; por isso lhe chamavam os sacerdotes de MODUS MORIENDI²⁵⁴.

Nesta década, a Igreja e a fé reforçavam-se cada dia mais e este novo vigor da Igreja não agradou ao Estado, pois o regime apercebeu-se de que não conseguia controlar a vida interna da Igreja²⁵⁵. Os padres que estavam presos podiam ser visitados e auxiliados por outros que estavam livres e o próprio Padre Zef conta que fez muito este tipo de missão.

Em termos de instalações, também nesta década se registaram mudanças, tendo sido devolvido um convento franciscano onde puderam viver os sacerdotes que foram libertados da prisão e auxiliar os frades presos. Uma ou outra igreja foi restaurada e outras milenares foram destruídas.

Muitas promessas feitas por parte do Estado não foram cumpridas, contudo, para o povo crente, este foi um tempo de fortalecimento da fé. No entanto, como vimos, neste contexto de “Primavera”, a perseguição à Igreja não cessou: os sacerdotes continuaram a ser presos, por motivos variados, de que nos parece importante referir um exemplo:

O Padre Kelmendin, OFM, tinha sido pároco numa aldeia de cristãos e muçulmanos. Em 1943, um grupo comunista atacou de noite o edifício onde residiam as tropas alemãs e fugiu. No dia seguinte, por retaliação, os alemães prenderam 20 homens da aldeia e tencionavam fuzilá-los. Porém, o Padre Kelmendin intercedeu para os defender, assumindo que conhecia bem aqueles aldeãos, tanto os cristãos como os muçulmanos (referindo que

²⁵³ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 394.

²⁵⁴ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 317.

²⁵⁵ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 317.

Deus era o mesmo para todos) e garantindo que não eram comunistas (se bem que entre estas 20 pessoas se contava um jovem de dezanove anos que fazia parte das tropas comunistas, facto que era do conhecimento do Padre Kelmendin). O comandante das tropas alemãs elogiou o Padre por ter discursado num alemão tão perfeito e referiu que, como reconhecimento por isso, aceitaria a sua garantia e libertou os homens, saudando o Padre com a continência militar, como a um Oficial do exército.

Mais tarde, quando o regime comunista, já instalado, começou a mover a guerra contra os “culac”²⁵⁶, o Padre Kelmendin foi preso juntamente com um destes latifundiários, de quem era amigo. No momento de compilar as acusações, aquele rapaz da sua aldeia que pertencia às tropas comunistas e havia sido liberto pela intercessão do Padre Kelmendin, acusou o Padre de ser “Oficial Fascista Maior”, visto que assinava OFM. E testemunhou que o chefe alemão o tinha saudado com a saudação militar oficial. E assim o Padre Klemend Miraj ficou preso até morrer²⁵⁷. Diríamos que quando uma maldade é cega pelo egoísmo e cai na ingratidão ao ponto de ver todos como inimigos contrasta com quem quer somente salvar, independentemente de quem quer que esteja em causa e o que possa vir a ser. Depende de que missão se assume na vida, a de condenar ou a de salvar.

2.2.2. Exemplo de um novo sacerdote, o último dos 38 mártires: Padre Mikel Beltoja

Tendo em conta esta “primavera da Igreja presente na Albânia”, parece-nos importante apresentar de modo mais aprofundado o testemunho de um dos sacerdotes e mártires cujas vocações surgiram em pleno comunismo, depois de terem visto o que acontecia aos sacerdotes, e aceitando, pois, o dom da vocação ao sacerdócio e o dom do martírio.

²⁵⁶ Detentores de terras.

²⁵⁷ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 316.

O Padre Mikel Beltoja nasceu em Beltojë-Shkoder a 17 abril de 1935 (conforme o registo civil, terá nascido a 9 de maio de 1936, com o nome de Hile). Realizou os estudos primários em Beltoje nos anos 1948-1951, subseqüentemente frequentou um outro ano em Berdice, tendo posteriormente realizado sete meses de estudos na Escola Pedagógica em Tirane, que interrompeu para cumprir o serviço militar entre os anos 1954-1957. Quando terminou, apresentou-se para ser Padre perante Mons. Ernest Çoba, então Bispo de Shkodra. Entre 1959 e 1962 realizou os estudos religiosos. Depois de ter estudado Filosofia e Teologia, foi Ordenado Padre a 8 de dezembro de 1961. Celebrou Eucaristia e administrou os Sacramentos até 22 de fevereiro de 1967, ano que correspondeu ao do completo encerramento das Igrejas²⁵⁸. Regressando à casa familiar, trabalhou na cooperativa de agricultura até 1973²⁵⁹, ano em que é preso e chamado a responder perante o tribunal do regime comunista.

Perante a acusação de se manifestar contra o comunismo e de ter criado, em diversas aldeias e vilas, “centros reacionários”, o Padre Mikel Beltoja revelou-se peculiarmente convicto e corajoso nas suas respostas, e assumiu posicionar-se abertamente contra os erros do comunismo. Declarou-se “inimigo declarado do poder popular” e nem por um momento se arrependeu das “obras criminosas que desenvolveu”. Nas atas do arquivo do tribunal, as autoridades registaram: “manifestou sempre ódio contra o nosso sistema socialista”²⁶⁰.

Defendeu incondicionalmente o clero e afirmou-se totalmente contra a divisão da Igreja na Albânia relativamente ao Vaticano. No decurso dos processos de interrogatório, assumia ser “cidadão do Vaticano, servidor do Papa”²⁶¹; dizia claramente: “Todos nós, e sobretudo nós

²⁵⁸ Vd. Capítulo I, ponto 1.2.2. Perseguição aos opositores ao regime e à religião, concretamente a 3ª fase da perseguição à Igreja Católica, iniciada em 1967 e que se prolongou até 1990.

²⁵⁹ De sublinhar, no entanto, que no decurso destes cinco anos, à noite, clandestinamente, celebrou a Eucaristia e administrou os Sacramentos do Batismo, Crisma, Unção dos Enfermos, Reconciliação. Este ministério pastoral foi denunciado nas atas de acusação do seu Processo de Julgamento, em que se incriminava igualmente o Padre Mikel Beltoja de, durante o dia e embora comparecendo com assiduidade na cooperativa agrícola estatal trabalhar apenas o mínimo, alegando que tinha a sua mãe doente e por conseguinte, não podendo permanecer no posto de trabalho pela necessidade de lhe prestar assistência.

²⁶⁰ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2367.

²⁶¹ Cf. *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2367.

os sacerdotes, como vamos respirar, como podemos viver sem o Vaticano? É dali que nós tomamos os ensinamentos da fé, e não fazemos política. Eu não sei o que é a política”²⁶².

“Foi interrogado dia e noite e horrivelmente torturado, mas resistiu heroicamente, desafiando todos (os algozes) como um verdadeiro atleta de Cristo. A primeira vez que, acompanhado por polícias, entrou na sala de Processo, em condições físicas de tal modo lastimosas que suscitavam piedade, a primeira coisa que fez foi saudar em voz alta todos os presentes, dizendo com convicção e orgulho: «Seja Louvado Jesus Cristo!», recebendo insultos, injúrias e verdadeiras zombarias, às quais respondia com um sorriso aberto. Depois de interrogado, respondeu com tom de voz firme: «Já vos respondo, mas primeiro quero mostrar-vos uma coisa, rapidamente», e despindo a camisa, exibiu as nódoas negras e chagas sangrentas no peito e nas costas, resultantes de pontapés com botas e golpes com bastão e outros objetos contundentes. Seguidamente, falou com audácia e paixão: «Eu conheço o meu fim, vós já o tendes pré-estabelecido (...) eu sei que o comunismo é o inimigo jurado da fé e da nação». Este ódio contra a fé e especialmente para com os sacerdotes foi demonstrado também noutros países (...) e aqui na Albânia, depois da vinda do comunismo com o genocídio sem precedentes do clero das três religiões (islâmica, ortodoxa e católica). Eu não sou nem o primeiro nem o último sacerdote que estou a ser condenado. Mas que Deus vos perdoe, e que um dia vos possais arrepender-vos do vosso ateísmo. Deus é grande na misericórdia para aqueles que regressam, no caminho do arrependimento (...). Que mal fez a fé à nação, ao país? Durante os séculos e até aos nossos dias, as três religiões têm vivido em harmonia, oferecendo forças intelectuais no plano cultural, moral e espiritual, em favor da fé do povo (...). A fé é bálsamo da alma e conduz o homem nos caminhos justos de Deus, contra a corrupção moral; com os seus ensinamentos, cria a dignidade da vida familiar e social para o bem do povo. Olhai a Bíblia com os seus Dez Mandamentos. Queria perguntar-vos ainda: onde estão as sete Igrejas de Shkodra que, por ordem do ditador Enver Hoxha foram destruídas e transformadas em armazéns, depósitos, centros de cultura?”²⁶³.

Nos meses em que estive detido, escreveu nas paredes da prisão: “Desapareça para sempre o ateísmo! Triunfe (viva) a fé em Cristo! Abaixo a «fé» em Enver Hoxha! Resplandeça a Albânia e o mundo de Cristo e do Clero! O ateísmo é infiel, sanguinário, cruel, injusto, sem pátria! Em latim escreveu: “Ave T Crux, quia per sanctam Crucem tuam redimiste mundum”. No seu julgamento, foi interrogado sobre as frases que havia

²⁶² *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2360.

²⁶³ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2363.

gravado na cela e, com coragem e veemência, explicou: “Com «Abaixo o ateísmo! Abaixo a ideologia de Enver Hoxha!» quis dizer: Desapareça aquele que destruiu a alma e o coração dos fiéis!” E à pergunta: «Porque escreveste na parede e não numa carta?» respondeu: «Para que o maior número de pessoas pudesse ler»²⁶⁴.

O seu sobrinho Frano Gjergji, que pertencia ao Partido Comunista, relata:

“As pessoas que estavam com ele no cárcere contaram-me que ele era sempre cortês e paciente para com todos os que estavam presos com ele. Não odiou ninguém, nem mesmo os polícias que apagavam a beata do cigarro na sua testa quando ele se encontrava preso com as mãos atrás das costas. Como não se submetia às acusações que lhe faziam, torturavam-no cada vez mais violentamente e quem foi seu companheiro de prisão, como o Bispo Zef Simoni, testemunha: «Nele sentia-se a força do Espírito Santo, pois humanamente não se pode entender a resistência extraordinária que mantinha»²⁶⁵.

Foi condenado a sete anos de prisão, mas quando ouviram as últimas palavras do Padre Mikel Beltoja, que constituíam uma completa desconsideração relativamente ao regime comunista, agravaram a sua condenação para a de fuzilamento. O Bispo Zef Simoni relata este episódio: “Depois de ter recebido a condenação a sete anos de prisão, o Padre Mikel levantou-se e disse: «Que tribunal é este? Que regime é este? Aqui na parede tendes a foto de Enver Hoxha! Deitai-a abaixo! Aí deve estar em destaque a cruz de Cristo!»”. Nesse momento, a sessão de tribunal foi suspensa, o Padre Mikel foi despido e começaram a torturá-lo violentamente com um furador, fazendo o seu corpo cobrir-se de sangue. O seu irmão Kol, que estava presente, dizia-lhe: «Cuidado, Padre Mikel!» ao que este respondia: «Fica no teu lugar. Eu sei o que devo fazer!» Depois destas torturas, a sua condenação de prisão foi comutada em condenação à morte por fuzilamento²⁶⁶. O sobrinho refere:

“Quase pensei que [meu tio] Padre Mikel Beltoja tinha enlouquecido, por falar com aquela audácia contra a ditadura comunista, defendendo abertamente a fé e o Senhor”. O Padre Mikel tinha dito, entre outras coisas: «Pensais causar-me dano ao fuzilar-me, mas errais; na

²⁶⁴ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2364.

²⁶⁵ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2364.

²⁶⁶ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2365.

verdade fazeis-me uma honra fuzilando-me, pois eu sou um soldado de Cristo e por Ele morrerei como mártir». E voltando-se para o público que se encontrava na sala de Julgamentos, teve a coragem de defender os sacerdotes já mortos e disse com mágoa: “Irmãos, os sacerdotes deram a sua vida nestes vinte e cinco anos nas celas desta prisão; foram fuzilados gritando e proclamando até ao fim Cristo e a Sua vitória! Eles foram os verdadeiros albaneses, não traíram nem a Cristo nem à fé, nem à Pátria nem a Albânia! Mesmo se eles colaboraram com os italianos e com os outros Estados, fizeram-no só para combater o comunismo ateu, sem fé! Eu também sou da mesma ideia e permanecerei fiel até ao fim da minha vida!”²⁶⁷.

De facto, assim aconteceu: de acordo com uma testemunha do processo, quando lhe pediram, antes da execução, para dizer as suas últimas palavras para que fossem registadas, o Padre Mikel Beltoja disse: “Vivam as sete rainhas de Shkodra”²⁶⁸. E exclamou: “Viva Cristo Rei!”, acrescentando: “Matais-me a mim, mas não matais Cristo!”²⁶⁹

Calaram-no para sempre com o fuzilamento, no dia 10 de fevereiro de 1974, numa zona situada abaixo da Igreja do Santuário de Nossa Senhora do Bom Conselho, onde se unem os rios Drin e Kir. Os seus restos mortais nunca foram encontrados e a sua mãe nunca pode derramar uma lágrima sobre a sua sepultura.

De acordo com o testemunho de Arcebispo Frano Illia²⁷⁰:

“Prestou corajosamente serviços religiosos (...) Escrevia sobre as paredes e onde podia, na prisão, em honra e defesa da religião e contra o ditador. Era um feroz santo, procurando a própria morte, como se não quisesse mais viver sob o ateísmo. Um verdadeiro mártir, *sui generis*”²⁷¹. E o Bispo Zef Simoni remata: “Sentimo-nos um *nada* perante pessoas de tal elevação”²⁷².

2.3. Amor a Deus e amor à pátria

“Fé e Pátria” era o lema do clero albanês, que os sacerdotes cumpriram na medida em que amaram a Deus, amaram a pátria e trabalharam por ela. “*Como se pode amar a Deus que*

²⁶⁷ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2365.

²⁶⁸ Referia-se às sete igrejas que haviam existido em Shkodra e que o regime comunista tinha destruído ou transformado em locais dessacralizados: a catedral, a Igreja do Santuário de Nossa Senhora do Bom Conselho, a Igreja das Irmãs Estigmatinas, as três Igrejas dos Franciscanos, a Igreja de São Nicolau e a Igreja dos Jesuítas. Cf. *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2368.

²⁶⁹ Cf. *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2368.

²⁷⁰ Arcebispo de Shkodra nos anos 90.

²⁷¹ *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2368.

²⁷² *Positio Super Martyrio*, Vol. II, 2368.

não vemos se não amarmos o irmão que vemos?” (1 Jo 4, 20). diz-nos Jesus no Evangelho. Os sacerdotes demonstraram, por obras, este amor. E como *“pelos frutos se conhece a árvore”* (Mt 12, 33), neste ponto do trabalho detemo-nos a apresentar alguns frutos e assim teremos apresentado também a árvore.

Os sacerdotes eram do povo e para o povo albanês, com ele sofreram, ao povo serviram e por ele se sacrificaram em trabalhos, dando por fim a vida. “Eles não foram só teólogos, mas filósofos, historiadores, escritores, músicos, pintores, arquitetos, médicos, homens de cultura, etc”²⁷³.

Logo no momento da retirada do exército alemão, ou então imediatamente após, a partir da instalação do regime comunista, os sacerdotes católicos tinham a oportunidade de abandonar a Albânia, pois conheciam perfeitamente o que estava para vir em termos de confronto de ideologias e possibilidade de perseguição. Porém, a maioria optou, conscientemente, por permanecer, e somente um número reduzido, inexpressivo, saiu do país; os que ficaram na Albânia foi exatamente porque decidiram não abandonar a nação e não apenas os que eram albaneses, mas inclusive padres como os alemães Tracki e Marxen e o italiano Fausti. Estavam dispostos a morrer como mártires, dando a vida por Deus e pelo povo albanês, como afirmaram nos interrogatórios e julgamentos públicos de que temos a graça de conhecer os registos e testemunhos. Para enriquecer com um exemplo concreto, citemos o Padre Shtjefen Kurti, SJ, que, quando foi aconselhado a não permanecer na Albânia, recusou dizendo: “Sou albanês e permaneço nesta terra quer no bem quer no mal”²⁷⁴.

Os sacerdotes afirmaram que toda a sua vida havia sido um serviço a Deus e à Albânia e que agora, que não lhes era permitido continuar a servir do mesmo modo (na Eucaristia, na administração dos Sacramentos, em serviços à cultura, à educação do povo e ao

²⁷³ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], 15.

²⁷⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 548.

desenvolvimento do país), davam a vida permanecendo fiéis, e prestando agora o serviço que estava ao seu alcance: por exemplo, pelo testemunho corajoso que davam nos campos de trabalhos forçados e nas prisões. Serviam também de exemplo para os que sofriam as mesmas torturas e até, diríamos, para alguns dos torturadores.

Resumir em poucas linhas o contributo que o clero católico ofereceu à Albânia desde as origens até aos anos 90 do século XX é muito difícil, pois que se trata de dois mil anos de história. É sabido que o cristianismo chegou à Ilíria desde a evangelização de São Paulo (Rom 15, 19). O historiador Farlati afirma que a comunidade cristã em Durrës, cidade com um porto de mar muito importante, era a mais antiga na Albânia, tendo sido fundada pelo Apóstolo São Paulo durante a pregação na Ilíria e Epiro²⁷⁵. A mesma obra refere que no ano 58 existiam em Durrës 70 famílias cristãs²⁷⁶.

Mais tarde, na Idade Média, no séc. XIII, os frades franciscanos e dominicanos radicaram-se na Albânia, construindo conventos e escolas que funcionaram como pólos culturais e civilizacionais. Os Dominicanos temos conforme esta fonte registada a data do ultimo bispo dominicano em 1520. As Ordens Mendicantes deram o seu contributo na evangelização deste território²⁷⁷ e fundaram escolas como a Universidade de Durrës em 1380, a primeira instituição escolar de ensino superior nos Balcãs²⁷⁸, que muito contribuíram para promover a cultura albanesa no sentido de a pôr ao nível da Europa culta, não inferiorizando nem tentando substituir a língua ou outros aspetos culturais autóctones, mas evangelizando hábitos e costumes. Sem esquecer os Beneditinos que foram antes e os Agostinhos depois.

²⁷⁵ Citado em JACQUES, Edwin, “*Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme*”, Karte e Pende, Tirane, 1995, 159.

²⁷⁶ JACQUES, Edwin, “*Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme*”, Karte e Pende, Tirane, 1995, 159.

²⁷⁷ Documentário http://www.academia.edu/32615987/Urdhra_kishtare_n%C3%AB_Shkod%C3%ABr_dhe_rreth_ina_gjat%C3%AB_Mesjet%C3%ABs, 14/02/2019.

destacamos a Ordem Franciscana visto que era em maior numero presente na Albania durante o comunismo; os Jesuitas e Diocesanos.

Começo por nomear uma ou duas figuras conhecidas da Idade Média, bem documentadas: o Padre Gjon Gazulli, que residia em Raguzë, em 1430, era doutorado em Ciências Humanas pela Universidade de Pádua. Juntamente com o seu irmão, exerceu as funções de diplomata do grande herói cristão Gjergj Kastriotit-Skënderbeut, que libertou a Albânia da dominação turca. O texto mais antigo da língua albanesa é a fórmula do batismo, datada de 1462, escrita pelo Arcebispo de Durrës, Pal Engjëll; encontra-se conservada em Roma e aqui reproduzimos o texto original: *Unte paghesont premenit Atit et birit et spertit senit*, em albanês moderno: *Unë të pagëztoj në emër të Atit e të Birit e të Shpirtit të Shenjtë*.

Na Idade Moderna, o sacerdote Gjon Buzuku publica o livro “*Mesharit*”, “*Missal*”, o mais antigo livro em albanês (1555), atualmente preservado na Biblioteca Apostólica Vaticana.

Durante o período da ocupação Otomana, entre os séculos XV e XX, o uso do alfabeto albanês foi proibido; na verdade tratava-se de diversos alfabetos regionais. Ficou a dever-se a abades como Prek Ndoci e a sacerdotes como o Padre Gjergj Fishta OFM e o Padre Jesuíta Ndre Mjeda o seu profundo estudo e uniformização, de que o Congresso de Manastirit em 1908, ainda nos últimos anos do domínio turco, representou um importante marco, uma vez que se decidiu e estipulou o acordo para a fixação de um único alfabeto albanês; deve-se igualmente a estes elementos do clero a respetiva implementação em toda a Albânia imediatamente após a independência do Império Otomano.

De facto, entre os elementos do clero contavam-se os mais eminentes albanólogos, a quem se deve a conservação e desenvolvimento da literatura e cultura albanesas. Não obstante

²⁷⁸Documentário http://www.academia.edu/32615987/Urdhra_kishtare_n%C3%AB_Shkod%C3%ABr_dhe_rreth_ina_gjat%C3%AB_Mesjet%C3%ABs, 14/02/2019.

o domínio turco, preservaram ao longo de quase cinco séculos todas as manifestações étnicas e típicas, para depois as restituir ao povo. Para referir um exemplo concreto, os conventos franciscanos desempenharam, ao longo de toda a história, a função de importantes polos culturais que contribuíram decisivamente para a preservação dos princípios culturais da Albânia.

Numa das sessões de julgamento, o Padre Zef Pllumi especifica que o convento dos Franciscanos onde residia representava, para além de uma casa religiosa, uma espécie de “comunidade científica”, em que todos os elementos da comunidade eram especializados num ramo do saber, sendo uns filólogos, outros historiadores, outros antropólogos, humanistas, juristas e até artistas; todos eles punham o seu saber e potencialidades ao serviço do povo, para sua promoção. Exemplo significativo dessa atitude deu-a um dos professores de Zef Pllumi, o frade franciscano Gjergj Fishtës (1871-1940), reconhecido poeta e diplomata, que redigiu, ao longo de 32 anos, uma epopeia nacional, intitulada “Lahuta e Malcis”, que apresenta toda a história da nação albanesa e contribui para reforçar a identidade nacional do povo albanês²⁷⁹. Aliás, este autor publicou muitos poemas que incutiram no povo o amor à Pátria²⁸⁰.

Não apenas no campo da cultura ou do ensino, mas também na política e nos momentos mais críticos da história da Albânia, os elementos do clero estiveram sempre presentes. Em 1912, quando a Albânia foi reconhecida como país livre e independente, nas conferências mais importantes, ao lado de Ismail Qemali, diplomata representante da comunidade muçulmana, designado devido ao facto de a religião muçulmana ser largamente maioritária, estava também o Padre Nikoll Kaçorri. “Eles eram clérigos e intelectuais, pensadores e escritores célebres deste país, participantes em todos os acontecimentos importantes da nação, como o «renascimento da Albânia», em 1912, após a independência do Turco, consolidaram o

²⁷⁹ Poema épico semelhante aos *Lusíadas* de Camões.

²⁸⁰ Cf. Gjergj Fishta, *Mrizi i Zanave, Gjuha Shqype, kënga e tretë, botimi i katërt*, Shkodër, 1941.

estado independente depois de 1912, e consolidaram as instituições acadêmicas e pedagógicas”²⁸¹.

Na Conferência da Paz de Paris, em fevereiro de 1919, na delegação da Albânia estava Mons. Luigj Bumçi, que defendeu os direitos da Albânia com grande convicção e dignidade²⁸². O Padre Zef ouviu-o pessoalmente contar que, no fim da reunião, um representante da Sérvia lhe perguntou: “Como não tens vergonha tu, bispo católico, com um crucifixo no peito do tamanho de um palmo, vires e declarares aqui perante o mundo que sois irmãos dos muçulmanos²⁸³, mas na verdade sois inimigos da religião e do avanço!”²⁸⁴. O Padre Zef continua dizendo que o clero católico **era a única voz da Europa Oeste onde se decidia o destino das nações.**

É ainda de destacar o trabalho inter-religioso desenvolvido pelo clero católico: após a libertação do Império Otomano, existiam na Albânia as diversas religiões a que já aludimos. Os sacerdotes lideram o processo de manter o entendimento e reforçar os laços de cordialidade entre as religiões e consideram que embora, devido à rutura ancestral das Igrejas de rito bizantino e latino, e mais recentemente, em resultado da ocupação turca, coexistam no território albanês religiões como a ortodoxa, a muçulmana e a católica, todos são irmãos albaneses, cidadãos da Pátria-Mãe Albânia, e como tal deve existir entre todos uma total aceitação das diferenças e o maior respeito.

O respeito mútuo entre a religião católica e a muçulmana, promovido pelos Sacerdotes católicos, modelou internamente a nação albanesa. Foi realmente importante a relação que o

²⁸¹ Discurso do Presidente: <https://albemigrant2011.wordpress.com/2016/11/14/presidenti-nishani-ne-dekorimin-e-38-martireve-te-kishes-katolike-shteti-shqiptar-ju-kerkon-singerisht-dhe-perunjesisht-ndjese-ju-kerkon-falje-dhe-ju-shpreh-pendese/>, 20. 01, 2019.

²⁸² Cf. PLLUMI, Zef, *Histori kurre e shkrueme* [História nunca escrita], Editora “55”, Tirane, 2006, 269-270.

²⁸³ Podemos dizer que na Albânia quem tomou a iniciativa de fraternidade com os muçulmanos e outras religiões foram os católicos, incentivados pelos frades franciscanos e outros clérigos, seguindo o exemplo de São Francisco com o Sultão. Em Roma visitei o centro de estudos árabes, PISAI (Pontificio Istituto di Studi Arabi e d'Islamistica) dirigido por Sacerdotes, uma rica Biblioteca; lembremos a visita do Papa Francisco recentemente à Arábia. Iniciativas de fraternidade e humanidade ao exemplo do Divino Mestre e que os mártires seguiram.

²⁸⁴ PLLUMI, Zef, *Histori kurre e shkrueme* [História nunca escrita], Editora “55”, Tirane, 2006, 270.

clero estabeleceu com muçulmanos que conviveram com cristãos, fomentando não só o respeito mútuo como o amor fraterno²⁸⁵.

É de recordar, a este propósito, que os Franciscanos seguiram o modelo de São Francisco que dialogou com o Sultão. Existem muitos exemplos de histórias de fraternidade entre estas religiões, inclusivamente em que muçulmanos ou cristãos protegeram os lugares de culto uns dos outros. Existiam na Albânia vilas e cidades em que os populares de ambas as religiões conviviam muito bem. Zef Pllumi relata muitos casos de convívio entre estas duas religiões. Tomamos o exemplo de duas crianças de nove e cinco anos, órfãos de pai e mãe, e que os primos não puderam sustentar e levaram ao Imã para que provesse ao seu desenvolvimento. Este, ao saber que eram católicos, não quis que mudassem de religião e foi ele próprio que os levou, o mais velho para o Convento Franciscano e o outro para as Irmãs Servitas que geriam o infantário. Um veio a ser Padre Franciscano, o Padre Marin Sirdani e o outro, Padre diocesano e é um dos mártires objeto do nosso estudo, Lek Sirdani.

Como ilustração desta realidade e do investimento realizado pelo clero católico no sentido de unir na mesma comunhão de sentimentos nacionais todos os albaneses, independentemente da sua confissão religiosa, citamos um excerto do poema *Lahuta e Malcis*, de Gjergj Fishtës, OFM: “...por kombësinë nuk duen me e ndrrue/ gjuhë as doke me harrue/ e kristian e muamedan/ Gegë e Toskë, Shqipnia mbarë/ Prap se prap quhen Shqiptarë...”²⁸⁶, tradução: “Mas a nação não queremos mudar/ nem língua nem costumes devemos esquecer/ é cristão, é muçulmano/ Gegë e Toskë, Albânia inteira/outra vez e sempre se chamam albaneses...”

Em síntese, percebemos que o papel do clero se revelou fundamental para a criação do Estado Albanês em 1912 e para o desenvolvimento da Albânia, e o contributo não apenas dos

²⁸⁵ Este espírito está patente nos poemas de Gjergj Fishta, na sua obra *Lahuta e Malcis* que é património da Albânia e património mundial. O poema vinte e sete trata da união dos albaneses, sublinhando que as etnias Tosk e Guegue eram apenas uma etnia (tribo) e que muçulmanos e cristãos eram irmãos.

²⁸⁶ Gjergj Fishta, *Lahuta e Malsisë*, Lubjanë, Gutenberg, 1990, 460.

trinta e oito mártires a que nesta Dissertação nos referimos, mas de todo o clero católico, foi fundamental.

Para ilustrar, daremos o exemplo do Padre Daniel Dajani, que no seu julgamento referiu, nas últimas palavras antes da sentença proferida pelo procurador:

“Estou convencido e declaro sem a mínima hesitação que, para alcançar o dever a que me propus, para a causa da fé e da pátria (a construção de uma Albânia verdadeiramente livre) vou prosseguir e continuar até ao fim da minha vida. E estou convencido de que, seja o que for que me venha a acontecer, os nossos sucessores conseguirão atingir este objetivo. Perante este corpo de juízes, peço justiça e não misericórdia”²⁸⁷.

Concedemos ainda destaque ao testemunho do Provincial dos Franciscanos, que figura como um dos trinta e oito mártires, o Padre Matè Prendushi, que refuta as acusações do auto de culpa como falsas e sem bases:

“Na verdade, as vossas acusações contra mim não são a organização da revolta de *Postribes*, nem ter participado na formação do partido Democristiano – o verdadeiro motivo que vos leva a condenar-me é o facto de ser provincial da Ordem Franciscana (e o vosso objetivo é eliminar a fé) (...) Nós, o clero católico, vivemos sempre unidos ao povo miserável, na guerra como na paz, na guerra contra o turco e contra os sérvios. A Albânia sempre foi católica, de Gjergj Kastrioti²⁸⁸ (tem como seu símbolo o herói Gjergj Kastrioti). Nós não só nunca nos separámos do povo, mas procuramos ensiná-lo e dar-lhe a mesma cultura que se encontra na Europa, para não se distinguir pelo atraso”²⁸⁹.

Assume todo o seu período de estudos no estrangeiro, demonstrando como as obras literárias e de música que estudou e copiou no estrangeiro valorizaram a cultura albanesa: “procurámos promover a Albânia, abrindo escolas albanesas em que não se faz aceções de religião, muçulmanos ou católicos; para nós, bastava saber que o povo albanês caminhava nos caminhos de Deus. Não faz mal que eu morra. Viva o povo albanês, viva a fé e Cristo”²⁹⁰!

²⁸⁷ LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)*, 122.

²⁸⁸ Desde o tempo de São Paulo, como refere na Epístola aos Romanos, 15, 19: “Preguei a palavra de Deus até à Ilíria”. O escrito mais antigo em língua albanesa é a fórmula do batismo, datada de 1462.

²⁸⁹ O grande herói albanês que lutou contra o otomano, impedindo a sua entrada na Europa. Ficou conhecido como o defensor do cristianismo.

²⁹⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 158.

Como referido no ponto 2.1., termina o seu depoimento com uma declaração forte de amor pela Albânia.

Cumpra aqui referir que a Ordem Franciscana existia na Albânia desde 1240, e a partir dessa data nunca mais se retirou desta nação.

Outro sacerdote, Donat Kurti – que se declara albanólogo pelo trabalho exaustivo que desenvolveu no campo do levantamento da literatura popular albanesa proferiu no seu julgamento:

“Do que entendi da sentença do procurador, ele condenou-me à morte, mas por agora condenam-me a prisão perpétua. Eu tenho a consciência limpa, no meu entendimento nunca fiz mal a alguém. Por isso, nem a vida na prisão nem a morte me impressionam: de vós não espero algo de bem. Tenho apenas dó de o meu trabalho ficar a meio; gastei toda a minha vida dedicado ao povo, porque este é o ideal de todo o sacerdote, Fé e Pátria (o amor a Deus e o amor à Pátria). Servi o meu povo durante toda a minha vida, sem levar em conta os sacrifícios e os sofrimentos. (...) Vós de verdade nada sabeis, porque só pensais nas armas, enquanto eu não conheço as armas. A minha arma é a pena (caneta). Eu até agora reuni todas as canções albanesas típicas, que mostram as virtudes albanesas. Eu reuni toda a sabedoria, pensamento e filosofia da vida popular, que está contida nos contos nacionais tradicionais; a capacidade física dos albaneses nos Jogos (Ilírios). Reuni o património da nação, não para mim, mas para o nosso povo, para que ensinasse os nossos filhos. Agora todo este trabalho ficou a meio – por isso, peço, caso a minha condenação venha a ser a da prisão perpétua, que me seja permitido continuar este trabalho, o trabalho que comecei, para o bem do povo”²⁹¹.

Apesar deste grande contributo que deram para a coesão da nacionalidade albanesa, os sacerdotes foram considerados traidores pelo comunismo. 60 anos depois do início da perseguição pelo regime comunista, foi reconhecido o seu amor a Deus e à Igreja, através da decisão de beatificação dos 38 mártires. O Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, delegado do Papa Francisco, presidiu à Celebração Litúrgica da Beatificação dos Trinta e Oito mártires da Albânia, ocorrida na Catedral de Shkodra no dia 05 de novembro de 2016. A homilia proferida revela o grande reconhecimento da Igreja Católica,

²⁹¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 157.

e entendemos constituir um importante documento de estudo sobre os mártires da Albânia, pelo que optamos por inserir grande parte desse discurso, em Apêndice²⁹².

Por sua vez, poucos dias depois da beatificação, em 09 de novembro de 2016, é consagrado o reconhecimento da pátria: os mártires da Albânia foram também homenageados pelas autoridades civis da Albânia, através de uma cerimónia de condecoração, a título póstumo, em que o Presidente da República Albanesa, Bujar Nishani, proferiu um discurso muito significativo, que realçou o facto de os mártires deverem ser enaltecidos justamente pelo elevado espírito de patriotismo. Por considerarmos o discurso de grande interesse, optámos por inserir uma grande parte em Apêndice²⁹³.

A homenagem pública e a Condecoração foram atribuídas exatamente pelos serviços prestados à Pátria e pelo alto contributo concedido pelos mártires ao povo albanês o que representa realmente um triunfo do bem sobre o mal, se atentarmos a que a causa da sua condenação e morte sob o regime comunista havia sido exatamente o alegado crime de se tratar de “traidores à pátria”.

Com esta análise, percebemos melhor que algumas das últimas palavras proferidas pelos mártires fossem estas, como expressão de uma forte identificação e amor pela pátria, que viveram e inculcaram no povo ao qual dedicaram a sua vida:

Viva a Albânia!
Viva o povo albanês!

2.4. Breve apresentação dos 38 mártires

Cabe, agora, apresentar os trinta e oito mártires e alguns confessores, referindo algo sobre o martírio de cada um: os nomes, a nacionalidade (quando se trata de mártires nascidos em território não albanês), o estado da vida, o modo como sofreram pela fé, com que morte glorificaram a Deus e, sempre que possível, citar algumas palavras proferidas

²⁹² Vd. Apêndice.

²⁹³ Vd. Apêndice.

perante as autoridades persecutórias, nos interrogatórios ou nos julgamentos populares, de preferência dando destaque às últimas palavras registadas. Essas mostram bem o que move estes homens de Deus: testemunhar a fé, dando a vida por Cristo.

Pretendemos, desde já, enfatizar e valorizar em termos qualitativos o tempo dos interrogatórios e do cativeiro a que os confessores e mártires foram sujeitos. De facto, os interrogatórios não se resumiam ao simples ato de interrogar, mas a um processo particularmente doloroso e intenso em que os réus eram submetidos a um tratamento de uma crueldade indizível, em que os comunistas utilizavam todos os meios para atingir os seus objetivos, ou seja, conseguir que eles admitissem as acusações, ainda que falsas: em função desse resultado, torturavam-nos barbaramente, espancavam-nos até eles desmaiarem, aplicavam choques elétricos nas orelhas, amarravam-nos dias e noites suspensos em árvores, sem falar nas torturas de privação de alimentação e sono. No meio destes tormentos, “ Deus elegeu-os para serem suas testemunhas: o mártir é um privilegiado, objeto de veneração para os seus parentes, a sua família, a Igreja”²⁹⁴.

Tendo presente que existem diversas fontes, optamos por tomar como principal referência para esta síntese biográfica a obra de Leonardo di Pinto²⁹⁵, *Profilo storico agiografico*, bem como a *Positio Super Martyrio*²⁹⁶. Evidentemente, teremos sempre presentes as obras do Padre Zef Pllumi e outros estudos sobre esta matéria. Optamos por seguir a ordem da enumeração apresentada por Leonardo di Pinto, por se tratar da obra mais acessível para consulta.

²⁹⁴ BASTIAENSEN, A.A.R, *Atti e Passioni dei Martiri*, Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, Italia, 1990, 24.

²⁹⁵ Obra igualmente referida (Vd. nota 2)

²⁹⁶ Obra suprarreferida (Vd. nota 3)

Arcebispo Mons. Vinçens Prennushi (4.9.1885-19.3.1949)²⁹⁷

Era franciscano OFM, desempenhando o ministério de Bispo de Durrës. Na *Positio Super Martyrio* é o seu nome que encabeça e identifica este grupo de mártires, que ficou justamente registado como “*Mons. Vinçens Prennushi e os XXXVII companheiros mártires*”. Era atentamente vigiado e tinha consciência de que se encontrava na “lista de espera” para a prisão do regime e numa visita a Tirana em 1945, disse: “Encontramo-nos em plena perseguição... seremos mártires. Que o Senhor nos dê a força!”²⁹⁸. Como Arcebispo, foi protagonista das negociações através das quais o regime e o próprio ditador Enver Hoxha procurava instituir uma Igreja Católica autocéfala e nacional, separada do Vaticano, tendo Mons. Vinçens Prennushi recusado terminantemente. Depois de ter celebrado a Eucaristia no Domingo de Ascensão, foi acusado pelos espiões de ter saudado o povo com um gesto fascista (as mãos estendidas ao invocar o Espírito Santo sobre o Povo)²⁹⁹. Foi preso a 24 de dezembro de 1947 e condenado a vinte anos de reclusão. Considerado “inimigo do povo” e do Partido, morreu na prisão em 1949, com 63 anos, devido aos maus tratos e torturas.

Mons. Frano Gjini (20.2.1886-11.3.1948)

Ocupava o múnus de Bispo e Administrador Apostólico. Preso em 15 de novembro de 1946, foi torturado desumanamente e condenado à morte por fuzilamento. Confessou perante o tribunal: “Todas as acusações que trouxestes são falsas. Eu morro porque permaneci fiel às leis de Deus e contra as vossas leis que são contra Deus e contra o povo. Viva a Albânia e viva Cristo Rei!”³⁰⁰. Perdoou aos que o insultavam e lhe cuspiam no cortejo a caminho dos julgamentos. Nas últimas palavras, antes de ser fuzilado, declarou estar unido espiritualmente

²⁹⁷ As datas são transcritas a partir da *Positio Supra Martyrio*.

²⁹⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 83.

²⁹⁹ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 172-173.

³⁰⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 83.

ao Papa³⁰¹, contra a divisão e corte que os comunistas pretendiam que se estabelecesse entre a Igreja Católica albanesa e o Vaticano. Contava 62 anos.

Mons. Jul Bonati (24.5.1874-5.11.1951)

Era sacerdote jesuíta. Preso em 25 de março de 1946, o interrogatório a que foi submetido, e que integrava torturas físicas terríveis, durou 18 a 20 meses³⁰². Numa dessas sessões de interrogatório, respondeu: “Eu estou com Deus e nada tenho a ver convosco, que sois contra Ele”³⁰³. Foi condenado a sete anos de prisão. Segundo o Certificado do Estado Civil morreu no hospital civil, mas segundo o Certificado do Ministério do Interior, morreu na enfermaria da prisão, com 77 anos, como consequência dos padecimentos físicos infligidos pelas torturas³⁰⁴.

Padre Alfons Tracki (2.12.1896-18.7.1946)

Era sacerdote diocesano, natural da Alemanha. Foi-lhe oferecida a oportunidade de regressar à sua pátria e não aceitou, dizendo:

“... eu não vim com as tropas alemãs em 1943 mas vim em 1913 e tenho o direito de olhar nos olhos dos albaneses, porque nunca lhes fiz mal, pelo contrário trabalhei pela fé cristã e pela cultura. Quando os lobos ameaçam o rebanho, poderá o pastor fugir e abandonar as ovelhas? Eu quero morrer aqui”³⁰⁵.

Até ao fim, manteve-se firme nesta atitude de fidelidade, expressão da sua incondicional disponibilidade de servir a Cristo, concretamente na Igreja e na Albânia. Preso em 14 de fevereiro de 1946, foi torturado e morreu fuzilado aos 49 anos.

Padre Anton Muzaj (12.5.1921- primavera de 1948)

Era um jovem sacerdote diocesano que foi preso no dia 20 de maio de 1947 e ficou na prisão cerca de um ano, sob torturas atroz. Foi acusado de pertencer à União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar*, de ser animador da juventude católica contra o *Poder do Povo* e de ser o

³⁰¹ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 85.

³⁰² Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 110.

³⁰³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 110.

³⁰⁴ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 111.

³⁰⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 131.

organizador dos jovens que participaram nas exéquias do Arcebispo Mons. Gasper Thaçi. O Padre Anton Muzaj aceita as duas primeiras acusações, explicando, no entanto, que a juventude católica é um movimento puramente religioso que procura inculcar nos jovens uma boa formação, não estando relacionado com fins políticos. Esclareceu também que os jovens faltaram as aulas para ir ao funeral do Arcebispo Mons. Thaçi³⁰⁶ por sua exclusiva iniciativa, não tendo esta participação resultado de qualquer organização do Clero³⁰⁷. Evoquemos o testemunho do Padre Zef Pllumi:

“chegou a vez do Padre Anton Muzaj (...) os polícias seguravam-no pelos braços porque ele não podia caminhar. Foi como se tivessem trazido um cadáver entre nós. Para nós foi muito doloroso vendo-o assim. Era quase como ver um pálido esqueleto, pois só tinha pele e osso. Tossia com enorme fadiga. As torturas tinham-no levado ao fim da vida”³⁰⁸.

O Padre Anton Muzaj morreu com apenas 27 anos.

Padre Anton Zogaj (26.7.1908-9.3.1948)

Era sacerdote diocesano e no Domingo de Ascensão, em 18 maio de 1947, encontrava-se em Durres com o Arcebispo Mons. Vinçens Prennushi, tendo celebrado a Eucaristia e pregado; na mesma Celebração, foi administrado o Crisma. O Padre Anton Zogaj foi preso nessa mesma noite de Domingo, por esse motivo, e na noite seguinte prenderam também o Bispo. Quando vieram para o deter, disse: “Eis-me, estou pronto”³⁰⁹. Uma das acusações do seu processo consistiu no facto de ter prestado assistência religiosa militar, no contexto da Segunda Guerra Mundial, dando sepultura tanto a soldados italianos como albaneses que sucumbiam no campo de batalha³¹⁰. Foi torturado durante os meses de prisão e condenado à morte por fuzilamento. O seu último desejo foi que levassem o seu corpo à greja, após a execução; esta sua vontade não foi cumprida, pois foi fuzilado no porto de Durres, com 39 anos, tendo o seu cadáver sido coberto, apressadamente, com uma fina camada de areia, ao alcance dos cães vadios. “Apenas se divulgou a notícia do seu fuzilamento, a sua morte foi

³⁰⁶ Vd. Capítulo I, Doutrinação das crianças.

³⁰⁷ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 158.

³⁰⁸ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 173.

³⁰⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 172.

³¹⁰ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 173.

chorada como se chora um pai, e a sua memória foi recordada como a de um verdadeiro mártir da fé, porque todos sabiam que era inocente e que tinha sido morto por ser um sacerdote católico”³¹¹.

Padre Dedë Maçaj (5.2.1920-28.3.1947)

Era sacerdote diocesano, jovem e, no tempo em que terminava o serviço militar, com 27 anos e apenas três de sacerdócio³¹² foi acusado mediante processos falsos. O objetivo era que este fuzilamento constituísse uma “lição magistral para todos”³¹³, uma vez que, a nível do Regimento, se proporcionavam as condições para a encenação de um grande espetáculo de dissuasão: o pelotão de fuzilamento era constituído por seis elementos, nos quais se integravam o comandante e o sub-comandante do regimento e a assistência contava cerca de dois mil soldados, perante os quais o Padre Dedë Maçaj devia ser fuzilado, após muitas torturas, sem julgamento em tribunal. Como o vissem ajoelhado a rezar, tiveram esperança de que negasse a sua fé, mas o Padre Dedë declarou: «Estou sereno» e, continuou a rezar. E prosseguiu tranquilamente: “Perante Deus, diante do Qual comparecerei brevemente e perante vós, caríssimos soldados, eu declaro que me matais sem motivo algum, mas somente por ódio contra a Igreja Católica. Afirmo isto sem ódio contra os que me fuzilarão. Viva Cristo Rei, viva o Papa e viva a Albânia!”³¹⁴. A postura firme e o discurso, provenientes daquele jovem corpo tão torturado comoveu de tal modo os elementos do pelotão de fuzilamento que todos os tiros falharam, sendo necessário ordem do comandante para repetir o tiroteio por três vezes; foi apenas na 4ª vez que o pelotão o abateu, terminando o fuzilamento com quatro tiros na testa desferidos pelo próprio comandante. O comissário comentou: “Nós também lamentamos, mas como ele nos queria eliminar, tivemos nós que o aniquilar a ele”³¹⁵.

³¹¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 178.

³¹² Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 191.

³¹³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 196.

³¹⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 196.

³¹⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 196.

Padre Dedë Malaj (16.11.1917-12.5.1959)

Era sacerdote diocesano. Foi preso em 7 de novembro de 1958 e torturado terrivelmente durante meses seguidos. O seu julgamento foi usado como forma de intimidação e propaganda da ideologia comunista, tendo sido difundido pelos meios de comunicação social, rádio e jornais e tendo sido as sessões igualmente utilizadas como espetáculo, com público escolhido que aplaudia as humilhações aplicadas ao sacerdote e a sua condenação. O Padre Dedë Malaj concedeu um testemunho exemplar, através de sábias palavras e serenidade perante o tribunal. Foi fuzilado quando tinha 41 anos.

Padre Dedë Plani (21.1.1891-30.4.1948)

Era sacerdote diocesano e a sua prisão, tanto em 1945 como depois em 1947 (esta segunda detenção para não mais ser libertado), decorreu apenas pelo facto de exercer o seu ministério pastoral, celebrando a Eucaristia e pregando. “Quando pregava, frequentemente as lágrimas corriam-lhe dos olhos e todos se comoviam no seu íntimo com as suas palavras sobre o amor de Cristo por nós – e estimulava os outros a amar e imitar Cristo”³¹⁶. As acusações falsas que lhe dirigia o regime comunista revelavam-se totalmente desprovidas de sentido, como a de alegadamente esconder ouro. Na verdade, o Padre Dedë Plani levava uma vida de austeridade extrema, “pobre numa paróquia pobre”³¹⁷ e a pequena caixa que ali existia com algum dinheiro destinava-se a ser entregue ao Bispo. Sucumbiu na prisão devido às torturas terríveis aplicadas durante meses seguidos, tanto no decurso dos interrogatórios como na cela. As violências infligidas eram agravadas pelo facto de o Padre Dedë Plani ter uma saúde débil, com problemas de asma e ao nível pulmonar. Morreu aos 57 anos, sem ser julgado.

Padre Ejëll Deda (22.2.1917-12.5.1948)

Era sacerdote diocesano, e foi preso no dia 10 de janeiro de 1947, quando tinha 29 anos de idade. No julgamento disseram-lhe: “Tu és Padre católico e como tal, contra o marxismo e contra o Poder do Povo (*Pushteti Popullor*)”, ao que ele respondeu: “Sou Padre católico e

³¹⁶ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 225.

³¹⁷ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 224.

servo a Deus e ao Povo. Estou ao serviço da fé e a fé não está de acordo com a ideologia comunista, fazei comigo o que quiserdes”³¹⁸. Foi condenado a dez anos de prisão e torturado violentamente: privado de alimento e água dias seguidos; era espancado até ficar inanimado; metido no esgoto até ao pescoço e mergulhavam-lhe a cabeça; provocavam-lhe cortes no corpo nos quais depositavam sal, etc. No antigo convento franciscano, tornado prisão nesta altura, um guarda disse-lhe: “Nós vos faremos desaparecer”, ao que o Padre Ejell respondeu: “Não, não, ao contrário: nós aqui multiplicar-nos-emos, não desapareceremos”³¹⁹. Como testemunha um companheiro prisioneiro na mesma cela: uma vez bateram-lhe tanto que quando o trouxeram para a cela desfalecido, mediram-lhe o pulso para verificar se ainda estava vivo. Quando recuperou os sentidos, disseram-lhe: “Dom Ejell, salvaste-te ainda desta vez”, ao que ele retorquiu: “Oh, se tivesse morrido nas mãos deles teria sido melhor, mas pelo que parece, o Senhor não permitiu ainda desta vez”³²⁰. Numa carta ao seu irmão, o Padre Ejell escreveu: “Tudo está nas mãos de Deus. O Senhor sabe o que é bom e o que é mau para nós, porque nós vemos as coisas cá de baixo e Ele vê-as, diferentemente, lá de cima”³²¹. Devido à barbaridade do tratamento sofrido, morreu na prisão após um ano e meio de cativo, com 31 anos de idade.

Padre Jak Bushati (7.7.1890-12.9.1949)

Era sacerdote diocesano. Como era um sacerdote muito bondoso e estimado pelos seus paroquianos, foi preso de noite, em abril de 1949, pois as autoridades temiam que, se o povo assistisse à prisão, o acompanhasse em massa ou fizesse protestos. Morreu devido às torturas durante os interrogatórios, mas não renunciou à fé nem aceitou as falsas acusações. “No tempo que passou na fase investigativa, o Padre Jak Bushati sofreu as penas do inferno, indizíveis”³²². Chegou, por três vezes, a entrar em estado de coma devido às brutalidades a

³¹⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 248.

³¹⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 247.

³²⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 249.

³²¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 250.

³²² DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 271.

que o submeteram para que aceitasse as acusações ou renegasse a sua fé, mas na verdade viveu e morreu, aos 49 anos, com dignidade e coragem cristã. Uma testemunha, Mark Tuci, disse a seu respeito: “Era um sacerdote bom e devoto. Estou seguro de que tudo aquilo que sofreu, o aceitou e sofreu só por amor a Cristo e para Lhe permanecer fiel”³²³.

Papa³²⁴ Josif Papamihali (23.9.1912-26.10.1948)

Era sacerdote ortodoxo e um grande promotor da reunião entre católicos e ortodoxos albaneses, tendo feito grandes esforços no campo do ecumenismo. Foi preso em 31 de outubro de 1946, com 34 anos de idade. No momento em que o prenderam disse com serenidade que não se ocupava de política, mas era apenas um homem de fé³²⁵. Foi condenado a cinco anos de prisão e trabalhos forçados num campo de concentração, com o propósito de secarem o pântano de *Maliq* (extensão de cerca de 500/600 Km², sendo os presos cerca de 1400³²⁶). O frade Zef Pllumi encontrou-se na prisão com o Padre Anastazio que lhe contou que o Papa Josif Papamihali tinha enfraquecido de tal modo que não reunia as condições físicas necessárias para realizar o trabalho que lhe estava destinado. E quando não realizavam a tarefa estabelecida, eram castigados, sendo-lhes retirada a porção diária de pão e água. Como o cansaço o derrotou, o Papa Josif Papamihali caiu no canal do pântano, e os chefes ordenaram que fosse coberto com lama e desse modo morreu, com 36 anos, ficando ali enterrado, ainda vivo³²⁷.

Padre Jozef Marxen (5.8.1906-16.11.1946)

Era sacerdote diocesano, alemão, que considerava a Albânia como sua “terra de missão”³²⁸. Foi preso em fevereiro de 1945, torturado barbaramente e condenado a dois anos de prisão. “Mas não foi a injusta prisão, o iníquo cárcere e as torturas desumanas a abater o ânimo do Padre Jozef Marxen, foi uma pena maior: aquela de não poder celebrar, cada dia, o

³²³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 273.

³²⁴ Título usado pela Igreja Oriental.

³²⁵ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 386.

³²⁶ Vd., no presente capítulo, o ponto 2.3.3., “Continuação da via sacra”.

³²⁷ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 292.

³²⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 303.

Sacrifício do seu mestre e sumo Mártir Jesus Cristo, e deitar no mesmo cálice as suas amarguras. E passaram-se quase cinco meses nestas condições”³²⁹. Antes de terminar o tempo de presídio, vieram de noite buscá-lo alegando o seu repatriamento, mas fuzilaram-no na mata de Kukës juntamente com dois outros alemães. Dias antes, o Padre Jozef Marxen terá dito a um companheiro de sofrimento, pressentindo o seu inevitável fim: “Estou feliz por morrer com a recordação inapagável de ter celebrado a Missa em nome de Cristo para os albaneses. Estou feliz por morrer porque serei recordado sempre pelos albaneses como sacerdote da fé em Cristo!”³³⁰. Na sua última carta, escrita ao seu irmão, Alfonso, referia: “Estamos nas mãos do Senhor. Estou bem: a minha vida está nas Suas mãos”³³¹. Foi fuzilado com a idade de 40 anos.

Padre Lazër Shantoja (2.9.1892-5.3.1945)

Era sacerdote jesuíta. Preso no início do mês de dezembro de 1944, foi torturado e fuzilado a 5 de março de 1945, aos 52 anos. Quando alguém falava de política, ou comentava que os representantes do regime comunista prendiam um sacerdote, o Padre Lazer dizia: “Que se mantenha a *Cabeça*, pois cabelos há muitos. (Referia-se a Cristo como Cabeça da Igreja e os sacerdotes como os cabelos, instrumentos nas Suas mãos). Cristo, depois de nós, enviará outros sacerdotes para a Sua Igreja”³³². Os comunistas consideravam-no “fascista número um”³³³. Foi o primeiro sacerdote a ser fuzilado pelos comunistas. Quebraram-lhe os braços e pernas com ferros e depois foi levado para ser fuzilado. O seu corpo foi atirado para um buraco juntamente com o de um muçulmano de 80 anos. Não permitiram que a mãe o visse quando morreu e não se sabe o paradeiro do seu túmulo. Antes de morrer disse: “Quero viver e morrer como sacerdote. A minha pátria é a Igreja”³³⁴.

Padre Lek (Aleksander) Sirdani (1.3.1891-26.12.1948)

³²⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 311.

³³⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 312.

³³¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 315.

³³² DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 338.

³³³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 339.

³³⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 321.

Era sacerdote jesuíta. Foi preso a 27 de julho de 1948. Amava a liberdade dos filhos de Deus repetindo com São Paulo: “Onde está o Espírito do Senhor, aí está a verdadeira liberdade, (2 Cor 3, 17)³³⁵”. Poucos dias antes de ser preso referiu na homilia: “Uma nuvem negra está a aproximar-se e é uma nuvem muito má, mas de novo surgirá o sol. Quando surgirá? Isso só Deus o saberá!”³³⁶. Os espiões ouviram e ameaçaram-no. Ele respondeu “Dei a minha palavra a Cristo e por Ele estou pronto a morrer”³³⁷. E mais tarde dirá: “Entrego-me totalmente à vontade de Deus”³³⁸. Foi torturado terrivelmente, espancado e condenado sem julgamento. Ouviam-no dizer: “É melhor voar livre para Jesus do que levar uma vida de traidor e escravo aqui. Não posso negar Deus, irmãos: Deus existe! Deus existe! Eu creio!”³³⁹. Afogaram-no no esgoto, quando contava 57 anos.

Padre Luigj Prendushi (24.1.1896-24.1.1947)

Era sacerdote diocesano. Foi preso em 8 de dezembro de 1946 e torturado e posteriormente condenado à morte e fuzilado. Declarou ser inocente e que morria pela fé. Registamos as suas palavras: “Aqui me chamou o Senhor para O servir e aqui quero morrer!”³⁴⁰.

Confortava os seus companheiros de desventura, dizendo-lhes, no caminho para a execução, que percorriam amarrados uns aos outros: “Não tenhais medo! Deus chamou-nos a

³³⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 359.

³³⁶ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 361.

³³⁷ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 361.

³³⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 363.

³³⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 367.

³⁴⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 377.

morrer pela fé de Cristo³⁴¹”. As suas últimas palavras, antes de ser atingido mortalmente e expirar, com 51 anos, foram as seguintes: “Nada tenho a dizer, sou inocente. Morro sem culpa alguma. Viva Cristo Rei!”³⁴².

Padre Marin Shkurti (1.10.1933 - abril de 1969)

Foi ordenado sacerdote diocesano em 1961, numa fase particular da perseguição à Igreja³⁴³. Tendo conhecimento da morte de muitos sacerdotes e da ameaça que pairava sobre si enquanto ministro de Deus, disse corajosamente: “Mesmo se viver o sacerdócio somente três dias, basta-me, será a minha maior alegria”³⁴⁴. Esta alegria foi-lhe concedida. Exerceu o sacerdócio por mais do que três dias, na realidade cerca de sete anos, e serviu o povo com dedicação, tanto em ocasiões de alguma liberdade como clandestinamente. Posteriormente foi preso, em 27 de novembro de 1968, torturado e morto na fase de maior endurecimento contra a Igreja, com 35 anos.

Padre Mark Gjani (2.6.1909-10.7.1947)

Era sacerdote diocesano, moldado desde jovem por esta convicção: “Quando o Homem sacrifica a sua vida por um ideal, como é o nosso, toda a dificuldade é ligeira, porque estamos seguros nas mãos do Onnipotente”³⁴⁵. Preso em 15 de novembro de 1946 e espancado com bastão durante uma semana inteira, queimaram-lhe as pernas com um ferro e com uma tenaz e tiraram-lhe carne em várias partes do corpo³⁴⁶, para o obrigarem a maldizer Jesus Cristo; a todas estas torturas impiedosas, respondia gritando: “Viva Jesus Cristo!”³⁴⁷. Morreu assim torturado nos interrogatórios, com 38 anos, sem nunca ter sido julgado formalmente. O seu

³⁴¹ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 389.

³⁴² DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 389.

³⁴³ O estudo deste período histórico específico é objeto de aprofundamento neste capítulo, em “Primavera da Igreja”, uma nova geração de sacerdotes e mártires”.

³⁴⁴ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 399.

³⁴⁵ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 415.

³⁴⁶ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 427.

³⁴⁷ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 428.

corpo foi lançado num canal a céu aberto e destroçado pelos cães. Como escreveu a testemunha Gjon Ndoj: “Se bem que não existe sepulcro, a memória manter-se-á sempre”³⁴⁸.

Padre Mikel Beltoja (9.5.1935-10.2.1974)

Era sacerdote diocesano. Tal como o Padre Marin Shkurti, foi ordenado sacerdote em 1961, época que apresentaremos seguidamente. Um seu amigo testemunha que o Padre Mikel tinha presente no seu espírito um cartaz do comunismo no qual estava escrito: “A cultura não se desenvolve no nosso país, até que a última pedra da última igreja caia sobre a cabeça do último sacerdote. Perante esta provocação, sentiu-se interpelado a ser ordenado sacerdote e morrer por Cristo”³⁴⁹. Em 19 de abril de 1973 foi preso e condenado a sete anos de prisão, tendo sido, porém, fuzilado em 1974, com 38 anos.

Padre Ndoc Suma (31.7.1887-22.4.1958)

Era sacerdote diocesano. Em 8 de dezembro de 1946 foi preso, tendo passado por muitos interrogatórios e sido condenado a trinta anos de prisão e trabalhos forçados. Entre estes, integrou o contingente de prisioneiros incumbido de secar o pântano de Maliq em condições que são descritas pelo Padre Zef Pllumi na obra *Vive somente para contar*: “O Padre Ndoc, apesar da idade e da condição desastrosa a que tinha chegado a sua saúde, não se desencorajava. Tinha serenidade e força de ânimo”³⁵⁰. Aos 67 anos e oito passados na prisão, pede para ser libertado, mas o pedido foi recusado em abril e é libertado apenas no final do ano, a 25 de novembro, por o seu estado de saúde se ter agravado particularmente: havia contraído na prisão uma doença de coração e um cancro no estômago, que lhe causava dores muito fortes, que suportava com dificuldade e sem medicação, mas oferecendo para se unir a Cristo. Foi obrigado a viver numa cavaliça e proibido de celebrar a Eucaristia até 16 de maio de 1956, data a partir da qual encontrava a sua força no Sacrifício de Cristo, a Quem

³⁴⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 429.

³⁴⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 437. Este episódio foi por nós destacado no Capítulo I, ponto 1.2.1. “Propaganda ideológica antirreligiosa”, a propósito das frases que eram ostentadas nos cartazes.

³⁵⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 472.

suplicava que o mantivesse unido e lhe desse força. Perante os que o avisavam no sentido de se defender do regime e salvar, respondia: “Nós demos a nossa vida a Deus e ao povo; aconteça o que acontecer, nós permanecemos com o povo”³⁵¹. Acabou por morrer das doenças descritas, em 1958, com 70 anos.

Padre Ndre Zadeja (3.11.1891-25.3.1945)

Era sacerdote diocesano e um grande poeta da Albânia que seguiu os passos de Padre Gjergj Fishta. Foi preso em 04 de fevereiro de 1945 e torturado durante os interrogatórios; uma das acusações foi o de ter hospedado, entre outros, o “criminoso de guerra” Padre Lazer Shantoja (mártir). O Padre Ndre Zadeja pediu ao governo a redução de pena, não tendo sido atendido. Sabendo que o iam fuzilar, pediu ao Padre Dioniz que fora preso com ele, para o confessar. Recebeu a Santa Unção e antes de ser fuzilado, junto ao cemitério de Rrmaj de Shkodra³⁵² aos 53 anos,

“ergueu as mãos ao céu e disse: O que devo fazer mais, ó Senhor, para ser um verdadeiro albanês e homem de fé? Quando um dos treze que estavam com ele na linha de execução lhe perguntou: Padre Ndre, onde me deixas? este respondeu - Juntamente comigo, virás a Jesus Cristo e começou a rezar em voz alta - «Creio em Deus Pai...» até que os tiros o interromperam”³⁵³.

Padre Pjetër Çuni (9.7.1914 -31.7.1948)

Era sacerdote diocesano. Vendo que muitos padres eram presos, dizia: “Parece-me que o Senhor me deixou para último”³⁵⁴. Preso também, por sua vez, em 27 de julho de 1948, enfrentou, entre as acusações que lhe foram feitas, a de ter traduzido para língua albanesa a Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Morreu sem julgamento, durante as torturas perpetradas por parte de polícias com ideias fundamentalistas (entre os quais, o famoso segurança Asllan Lici, que tinha carta branca para matar sem processo, designadamente

³⁵¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 459.

³⁵² DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 497.

³⁵³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 497.

³⁵⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. I, 509.

elementos do clero). Sofreu por exemplo choques elétricos, após os quais o mergulharam no esgoto, juntamente com o também mártir Padre Lek Sirdani, e, enquanto os afundavam ali, os policiais repetiam: “Onde está o vosso Deus? Porque não vos ajuda?”³⁵⁵. Depois alvejaram-nos, matando-os nesse esgoto. Uma testemunha recorda as palavras proféticas que o Padre Pjeter Çuni muitas vezes repetia: “Como Cristo sofreu pela fé, virá o tempo no qual devemos sofrer nós também, mas tudo devemos suportar com Ele...”³⁵⁶. Tinha 34 anos.

Padre Shtjefën Kurti (24.12.1898-20.10.1971)

Era sacerdote jesuíta, natural do Kosovo. Preso em 28 de outubro de 1946, e interrogado em tribunal, o juiz disse-lhe: “Tu que és tão devoto, porque é que Deus não te livra agora?”, ao que o mártir respondeu: “O Senhor não é um gato que arranha, Ele age lentamente!”³⁵⁷. Depois de encerradas as igrejas a 15 de fevereiro de 1967, e a quem lhe perguntava “Será que as igrejas serão reabertas?”, respondia prontamente: “Sim, meu filho, serão reabertas, ainda mais vigorosas, e a fé de Cristo triunfará mais e melhor”³⁵⁸. Foi condenado duas vezes e esteve dezassete anos na prisão de Burrel³⁵⁹ e sujeito a trabalhos forçados. Quando os outros prisioneiros, sobretudo jovens, o interrogavam por que razão Cristo o deixava trabalhar naquelas condições desumanas (já com idade avançada), ele respondia que era um soldado de Cristo sempre e em toda a parte³⁶⁰. Foi preso pela segunda vez em 1970, por ter batizado uma criança³⁶¹. No tribunal respondeu: “Sou um sacerdote, e é o meu dever administrar o Batismo e outros Sacramentos a quem mo pede”³⁶². Foi fuzilado em 1971, contando 72 anos.

Padre Bernardin Palaj (2.10.1894- 2.12.1946)

Era sacerdote franciscano, OFM. Preso em 22 de outubro de 1946, veio a morrer na prisão que tinha sido criada nas instalações que, antes da implementação do regime

³⁵⁵ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 512.

³⁵⁶ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 513.

³⁵⁷ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 532.

³⁵⁸ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 538.

³⁵⁹ Descrita por Zef Pllumi como uma das mais terríveis prisões do regime comunista.

³⁶⁰ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 538.

³⁶¹ Vd. Capítulo I, “Fuzilamentos: ocultar o testemunho ou morrer por Cristo”.

³⁶² DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. I, 544.

comunista, correspondiam ao convento onde ele tinha vivido os melhores anos da sua vida, desde a infância. Neste antigo convento tinham sido adaptadas agora salas para interrogatórios, espaços para torturas e celas de prisão. Durante os interrogatórios, o comissário Nesti Kopali, apontando o retrato do ditador comunista Enver Hoxha, disse-lhe: “Diz que este é o teu Deus”. Com muita determinação o mártir respondeu: “Não! Será esta a resposta até à minha morte! Ele é o vosso patrão, o meu Senhor está no Céu e não me ensinou a fazer mal neste mundo, mas pelo contrário, a educar e ensinar aos seres humanos a fazer o bem sempre”³⁶³. Além das outras torturas, passou vários dias e noites amarrado a uma árvore no quintal do convento para o obrigarem a aceitar a acusação que lhe tinham feito, o que nunca aconteceu. Ali morreu com 52 anos.

Padre Çiprian Nika (19.7.1900-11.3.1948)

Era sacerdote franciscano, OFM. Antes de ser preso, o que ocorreu em 08 de novembro de 1946, disse aos jovens: “Não vos preocupeis se as igrejas e sinos são destruídos, são de pedras e metal e reconstruí-los-emos ainda mais belos. Mas devemos preocupar-nos com a juventude, para que não perca os princípios morais e religiosas”³⁶⁴. Sofreu diversas torturas, entre as quais queimaduras com ferros. Aos polícias que o torturavam disse: “Sei quem sois vós e que quereis aniquilar a fé, mas não conseguireis”³⁶⁵. E acrescentou: “Meu Pai, ajuda-me a ser digno do Teu amor e da tua graça”³⁶⁶. Mesmo na prisão e algemado, exerceu o seu ministério sacerdotal; sempre que passava perante um preso, dizia: “*Si es catholicus, ego te absolvo a peccatis tuis in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*”³⁶⁷. As suas últimas palavras foram: “Viva Cristo Rei, perdoamos aos nossos inimigos. A Albânia não morre connosco”³⁶⁸. Foi, por fim fuzilado, aos 47 anos.

Padre Gaspër Suma (22.3.1897-16.4.1950)

³⁶³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 29.

³⁶⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 53.

³⁶⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 53.

³⁶⁶ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 54.

³⁶⁷ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 57.

³⁶⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 58.

Era sacerdote franciscano, OFM. Foi preso em 24 de maio de 1948 e condenado a três anos de prisão. Ali era insultado, mas aceitava pacificamente essa humilhação, partilhando mais tarde:

“Não vos admireis, amigos, porque ao longo de dezasseis meses me fizeram semelhantes insultos, todos os dias. Eu dizia como disse Jesus Cristo: «Perdoa-lhes, ó Deus, porque não sabem o que dizem e fazem» (Lc 23, 34). E acrescentava: “nenhuma ditadura durou mais que uma geração, vejamos o exemplo de Hitler e Mussolini”³⁶⁹.

Um companheiro de cela, leigo, encontrou um rosário escondido entre roupa, e, como ficasse com medo de que os carcereiros o descobrissem, o Padre Gaspër disse-lhe: Se tens medo, dá-mo a mim, ficar-te-ei grato por toda a vida porque há 18 meses que não toco num Rosário. Profundamente doente e com dores lancinantes devido a um cancro, o Padre Gaspër foi internado na enfermaria da prisão³⁷⁰. Dispensou todas as visitas, pois queria compartilhar somente com Cristo o seu sofrimento e dor. Quando morreu, com 53 anos, encontraram nas suas mãos aquele Rosário³⁷¹.

Padre Gjon Shllaku (27.7.1907- 4.3.1946)

Era sacerdote franciscano OFM. Ao ouvir dizer que tinham sido presos alguns clérigos, repetia: “Agora cabe-me a mim, infelizmente não sou o primeiro nem o último. Rogamos para que o Senhor nos dê força e ânimo para enfrentar o martírio”³⁷². Preso em 23 de janeiro de 1946, aceitou a acusação de acordo com a qual teria dito numa homilia: “Um Estado que não acredita em Deus não pode progredir”³⁷³. Segundo as testemunhas, o Padre Gjon Shllaku e outros condenados saíram cantando os salmos dos peregrinos dos Jerusalém. As suas últimas palavras antes de morrer foram: “Saudai os meus amigos franciscanos e todos os meus

³⁶⁹ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 81-82.

³⁷⁰ Na realidade, de Enfermaria tinha apenas o nome, pois tratava-se de um compartimento inóspito que não tinha porta nem janela, e onde o deixavam dias inteiros sem comer nem beber e sem medicação.

³⁷¹ Cf. DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 82-83.

³⁷² DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 104.

³⁷³ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 107.

conhecidos. Viva Cristo Rei! Viva a Albânia”³⁷⁴. Foi fuzilado com 38 anos, ao pé do cemitério de Shkodra, antes da aurora, juntamente com outros seis presos, entre os quais cinco mártires³⁷⁵. Os corpos foram deixados no chão até depois do meio dia. Alertado pelo tiroteio da madrugada³⁷⁶, o povo correu para ver o que se passara e encontraram os corpos ainda quentes, a sangrar. Alguns populares ensoparam os lenços no sangue para os guardar e venerar, com a noção perfeita de que se tratava de sangue de mártires, e portanto, uma relíquia. Os guardas começaram a afastar as pessoas e proibiram-nas de tocar nos corpos, criando um perímetro de segurança de 2 ou 3 metros. À tarde veio um destacamento de militares para abrir uma vala comum de meio metro, onde lançaram os corpos, enterrando-os todos juntos. Este episódio, ficou conhecido como a “aurora de sangue de 4 de março de 1946”³⁷⁷.

Padre Karl Serreqi (26.2.1911- 4.4.1954)

Era sacerdote franciscano, OFM. Numa zona do norte de Albânia, houve um confronto entre os homens da aldeia e os comunistas, perto da Igreja. O Padre Karl correu para ministrar os últimos Sacramentos. Confessou, deu a Santa Unção e o Viático a um cristão atingido. Os comunistas prenderam-no em 9 de outubro de 1946 e pediram-lhe que contasse o segredo da confissão, torturando-o, ao que respondeu: “Eu fiz um juramento a Deus, a Confissão é um Sacramento feito no segredo, por isso estou disposto antes a morrer do que contar”³⁷⁸. Na prisão declarou: “Quando me condenaram, senti-me livre, infelizmente não tive a sorte de morrer mártir e agora, à mercê deles, vejo-me encerrado nestes muros sujos da prisão. Seja

³⁷⁴ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 113.

³⁷⁵ Os mártires são os Padres Daniel Dajani e Gjovani Fausti, o seminarista Mark Çuni e os leigos Gjelosh Lulashi e Qerim Sadiku.

³⁷⁶ Como referido, os disparos no silêncio da madrugada tinham o propósito de aterrorizar o povo, dissuadindo-o de qualquer procedimento semelhante aos dos condenados (ou seja, alegadamente, atividades e atitudes contra o regime comunista).

³⁷⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 61.

³⁷⁸ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 137.

feita a vontade do Senhor!”³⁷⁹. Devido ao segredo da Confissão, foi preso em 1946 e condenado a prisão e trabalhos forçados, tendo falecido oito anos depois, com 43 anos.

Padre Mati Prendushi (2.10.1881-11.3.1948)

Era sacerdote franciscano e Provincial da Ordem dos Frades Menores. Foi preso em 15 de novembro de 1946, tendo permanecido cerca de 14 meses sob torturas, até ser fuzilado. No momento em que o prenderam, encontravam-se à mesa no Convento dos Franciscanos; os polícias entraram e disseram-lhe: “Levanta-te e vem connosco, estás preso”. Ele levantou-se, tirou o relógio do bolso e poisando-o sobre a mesa, olhou cada um dos presentes nos olhos e pronunciou, sobre todos eles, uma bênção”³⁸⁰. Depois da sentença de fuzilamento, ficou à espera durante dois meses, em que o deixaram dias seguidos sem comer nem beber e, como narra um outro frade franciscano, quando o Padre Mati Prendushi bateu na porta para pedir água, um agente de Segurança ofereceu-lhe urina para que bebesse; neste ambiente desumano e cruel decorreram os seus últimos 60 dias. Porém, perdoou a todos, até ao fim. As últimas palavras foram: “Sou inocente, mas morro enquanto cumpro o meu dever. Viva Cristo Rei! Viva o Papa! Viva a Igreja Católica! Viva a Albânia! Perdoe ao tribunal e aos que dispararem sobre os nossos corpos inocentes”³⁸¹. Tinha 66 anos.

Padre Serafin Koda (25.4.1893-11.5.1947)

Era sacerdote franciscano, OFM. Prenderam-no em 13 de outubro de 1946 sob o pretexto de estar envolvido numa imaginária conspiração contra o regime, devido ao facto de ter sido visitado por alguns frades na sua casa no dia da sua festa onomástica. Ficou preso no convento dos frades, que fora transformado em prisão. Depois de dois meses de torturas horrendas, em que lhe rasgaram a garganta com as unhas, levaram-no para a enfermaria do convento, vigiado dia e noite por um guarda. O mártir não conseguia falar por ter a garganta

³⁷⁹ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 142.

³⁸⁰ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 164.

³⁸¹ DI PINTO, Leonardo, *Perfil storico agiografico*, Vol. II, 174.

aberta – e, não obstante, continuavam as punições desumanas, que lhe causaram a morte, aos 54 anos.

Padre Daniel Dajani (2.12.1906- 4.3.1946)

Era sacerdote jesuíta. Preso em 31 de dezembro de 1945, como era Reitor do seminário Pontifício da Albânia foi julgado no cinema-teatro *Rozafa* com outros padres e seminaristas, onde as sessões podiam ter mais impacto dissuasor junto do povo. O Padre Daniel, acusado de ser chefe da União Albanesa, foi condenado. As suas últimas palavras foram: “Perdoo a todos os que me fizeram mal. Estou contente de morrer inocente e não culpado. Os meus pais ou parentes entreguem ao frade Zef Pllumi dinheiro para celebrar duas Missas. Viva Cristo Rei!”³⁸² Foi fuzilado aos 39 anos de idade³⁸³ e o seu corpo deixado abandonado a céu aberto³⁸⁴.

Padre Gjovani Fausti (19.10.1899- 4.3.1946)

Era sacerdote jesuíta, natural de Itália e exercia o cargo de Reitor do Seminário em Albânia. Numa carta dirigida ao Superior Geral, escreve: “Perante a dificuldade que todo o mundo está a passar e nós ainda mais, era de desanimar se não soubéssemos que, além da pequena sabedoria humana está a grande Sabedoria e Providência que governa o mundo para o bem dos eleitos... o futuro está nas mãos de Deus”³⁸⁵. O que escreve no seu diário, aos vinte e um anos “Se um dia quiseres fazer de mim um apóstolo, um mártir ou o que quiseres, aceito tudo, ó Jesus”³⁸⁶. Esta promessa vive-o ao longo da vida e morre cumprindo-a. Foi preso a 31 de dezembro de 1945, torturado e interrogado várias vezes. Julgado e condenado à morte às 5 horas da manhã do dia 4 de março, foi imediatamente fuzilado³⁸⁷. Tinha 46 anos de idade.

Gjon Pantallia (2.6.1887-31.10.1947)

³⁸² DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 238.

³⁸³ Juntamente com outros seis condenados ao fuzilamento, cinco dos quais mártires. Vd. Nota 86. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 65.

³⁸⁴ Vd. Descrição da sua morte no item 27, “Padre Gjovani Shllaku”.

³⁸⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 257.

³⁸⁶ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 256.

³⁸⁷ Juntamente com outros seis condenados ao fuzilamento, cinco dos quais mártires. Vd. Nota 86. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 65.

Era religioso jesuíta do Kosovo. Tendo sido fechada a casa dos Jesuítas, foi enviado a pedido do Bispo a residir com os Franciscanos e adaptou-se muito bem, vivendo os votos e obedecendo em tudo como se fosse membro dessa Ordem mendicante³⁸⁸. Foi preso em outubro de 1946 e o juiz Fadil Kapisyzi considerava-o “o demónio dos demónios dos Jesuítas. Por isso o prendemos”³⁸⁹. Como o regime pretendia saber “todos os segredos dos Jesuítas”, este padre foi terrivelmente atormentado nos interrogatórios. Durante quatro meses, amarraram-no com o Padre Zef Pllumi, (mão com mão e pé com pé) dizendo: “estais juntos, *fratel* demónio e *fratel* diabo”³⁹⁰ e, durante aquele tempo, “viveram juntos a *Via Crucis*”³⁹¹. O Padre Gjon Pantallia foi sujeito a torturas desumanas, entre as quais dilaceraram-lhe a carne com ferro, o que originou uma grande infeção, e mesmo nestas condições e grau de sofrimento, os interrogatórios multiplicaram-se. Deixaram-no, juntamente com Zef Pllumi, 48 horas sem comer nem beber, a seguir às quais lhes trouxeram queijo muito salgado. O Padre Gjon recusou-se a comer sem que lhe dessem antes água, mas como resposta os guardas encheram-lhes, à força, a boca com sal, o que provocou uma descamação do céu da boca e dores muito fortes. Depois de sete dias sem comer nem beber, e tendo ingerido apenas o sal, o Padre Zef conta que nem se podiam mover. Ao longo de um ano inteiro, o Padre Gjon Pantallia foi sujeito a interrogatórios cruéis e morreu como consequência de torturas em outubro de 1947, com 60 anos.

Mark Çuni (30.9.1919- 4.3.1946)

Era seminarista. Estava no terceiro ano de Teologia quando foi preso em 7 de dezembro de 1945 e torturado até se tornar fisicamente irreconhecível. O seu processo de julgamento decorreu no Cineteatro *Rozafat* juntamente com outros seminaristas, sacerdotes e leigos, no seu caso sob as acusações de fazer parte do “Partido” União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar* e de

³⁸⁸ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 118.

³⁸⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 306.

³⁹⁰ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 308.

³⁹¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 309.

ter distribuído panfletos com frases satíricas sobre o regime comunista. Os delegados do regime queriam obrigar Mark Çuni e os outros jovens seminaristas a dizer que tinham sido movidos por superiores a divulgar os referidos panfletos. Os jovens seminaristas sofreram torturas de tal modo brutais que nem podiam mover-se e contudo nunca aceitaram mentir, mas pelo contrário, sublinhando sempre a verdade, assumiram que tinha sido por sua exclusiva iniciativa que haviam escrito aqueles bilhetes satíricos sobre os comunistas e deixaram claro que os Superiores eram completamente alheios a tal ação, vincando até que, se o soubessem, os teriam expulsado do seminário³⁹².

Os Comissários insistiam com Mark Çuni para que aderisse e colaborasse com o comunismo, mas ele respondia: “Viva Cristo Rei!” Então os polícias espancavam-no e repetiam-lhe: “Não digas viva Cristo, mas sim viva Enver Hoxha”. Mas Mark continuava, sem medo, a repetir: “Viva Cristo Rei!” Bateram-lhe até desmaiar. As suas últimas palavras foram: “Perdoo a todos aqueles que me processaram, condenaram e a todos quantos são encarregados da minha execução. Dizei a minha mãe que pague a quantia de 15 *napulana* (moeda antiga albanesa) que devo a Ludovik Rasha. Viva Cristo Rei e viva a Albânia!”³⁹³. Mark Çuni tinha 26 anos³⁹⁴.

Fran Miraka (13.8.1916-setembro de1946)

Era leigo, tendo-se casado com Prenda Kameri em 1934. Pai de cinco filhos, dois morreram de tenra idade, mas as três filhas sobreviveram e tinham 9, 4 e 1 ano quando o pai foi morto. Fran Miraka era um católico muito comprometido e quando foi ameaçado pelo regime, disse: “A vida deu-ma Quem me criou e a Ele a ofereço”³⁹⁵. Preso no dia de Natal de

³⁹² Cf. DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 337.

³⁹³ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 341.

³⁹⁴ Foi fuzilado juntamente com outros seis condenados ao fuzilamento, cinco dos quais mártires. Vd. Nota 86. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 65. Vd. Descrição da sua morte no item 27, Padre Gjon Shllaku.

³⁹⁵ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 373.

1945, foi julgado no Cineteatro *Rozafa* juntamente com 38 réus, sacerdotes e leigos. A ata de acusação referia as suas atividades de “agricultor e comerciante da aldeia Iballe”. No julgamento, Fran Miraka declarou: “Perante vós (comunistas) jamais chorarei, porque nada fiz de mal. Jamais negarei o meu sangue familiar, nem a Cristo, doutro modo a minha vida de nada serviria”³⁹⁶. Foi fuzilado com 30 anos.

Gjelosh Lulashi (2.9.1925-4.3.1946)

Era leigo. Estudou no seminário e era secretário do Hospital Militar em Shkodra. Em 13 de dezembro de 1945, foi preso juntamente com um outro leigo, Qerim Sadiku, e condenado a vinte e cinco anos de prisão. Foi, porém, fuzilado no ano seguinte e o seu último desejo foi: “Peço ao meu pai que me perdoe pela dor que lhe causei. Que me perdoem os amigos se houve alguma calúnia pronunciada relativamente a eles. Se o fiz, foi pela circunstância, isto é, as torturas. Saudai a mãe e dou um beijo aos meus irmãos. Peço que os meus pais paguem a minha dívida. Perdoem de todo o coração aos que me fizeram mal. Viva a Albânia! Viva Cristo Rei! Abaixo o comunismo!”³⁹⁷. Contava apenas 20 anos, sendo o mais novo dos trinta e oito mártires³⁹⁸.

Qerim Sadiku (18.2.1919-4.3.1946)

Era leigo, casado e o seu filho nasceu seis meses depois de o pai ser fuzilado. Preso em 13 de dezembro de 1945, juntamente com Gjelosh Lulashi, a quem aludimos no parágrafo supra, foi acusado de ter pertencido aos organizadores da União Albanesa, *Bashkimi Shqiptar* e conseqüentemente julgado com os demais réus no Cineteatro *Rozafat* e como todos, submetido aos implacáveis interrogatórios. Com serenidade e firme convicção de fé cristã, Qerim rejeitou as falsas acusações, declarando perante o tribunal “Sou decidido. Eu sou albanês e católico e este facto não negarei”³⁹⁹. Foi fuzilado com 27 anos⁴⁰⁰; as suas últimas

³⁹⁶ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 372.

³⁹⁷ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 395.

³⁹⁸ Foi fuzilado juntamente com outros seis condenados ao fuzilamento, cinco dos quais mártires. Vd. Nota 86. Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 65. Vd. Descrição da sua morte no item 27, “Padre Gjon Shllaku”.

³⁹⁹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 410.

palavras foram: “Perdoo aos que me fizeram mal. E também aos que me condenaram à morte e aos que me matarão. Viva Cristo Rei! Viva a Albânia!”⁴⁰¹.

Marije Tuci (21.3.1928-24.10.1950)

Era postulante das Irmãs Estigmatinas. Tinha uma sólida formação religiosa e intelectual, e esse foi o principal motivo de a aprisionarem, no dia 11 de agosto de 1949, uma vez que os comunistas assinalavam as pessoas pelo simples facto de irem à Missa. E no caso de Marije Tuci, para além de praticar e ensinar a sua fé, falava abertamente contra o comunismo na escola em que era professora e prestava testemunho cristão. Um membro do partido comunista tentou convencê-la não apenas a mudar as suas convicções, mas também a entregar-se a ele. Ela não aceitou nem uma coisa nem outra e foi torturada de tal modo que ficou irreconhecível para a família. Morreu no hospital, com apenas 22 anos.

Após esta breve apresentação dos trinta e oito mártires, é oportuno realçar aquelas que, a partir dos Arquivos dos Julgamentos, foram as últimas palavras proferidas pelos mártires perante o fuzilamento, que são a chave do sentido que deram à sua vida e à sua morte, e resumem as principais notas do martírio cristão: Aceitação, na caridade, da morte injusta, imitação de Cristo até à morte, incluindo o perdão aos inimigos, o primado de Cristo, a comunhão com a Igreja, a confissão da fé e o amor ao seu povo, também ele sofredor e, no caso dos padres de nacionalidade não albanesa, amor à missão.

Perdoo aos que me condenaram e aos que me vão matar!
Viva Cristo Rei!
Viva o Papa!
Viva a Igreja Católica!
Vivam os cristãos!
Viva a fé e Cristo!
Viva o povo albanês!
Viva a Albânia!⁴⁰²

⁴⁰⁰ Foi fuzilado juntamente com outros seis condenados ao fuzilamento, cinco dos quais mártires. Vd. Nota 86. Cf. PLLUMI, Zef, *Prmo vetem per me tregue*, 65. Vd. Descrição da sua morte no item 27, “Padre Gjon Shllaku”..

⁴⁰¹ DI PINTO, Leonardo, *Profilo storico agiografico*, Vol. II, 411.

⁴⁰² PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs [Dossiers da ditadura]*, Tiranë, 1995.

Se é verdade que a história dos mártires nos coloca perante o lado mais obscuro da humanidade intolerante, prepotente, impiedosa e fechada aos desígnios de Deus, o testemunho do martírio é a prova de que o pecado e o mal não levarão nunca a melhor, desde o dia em que o Ressuscitado deu um novo nome a todos os que morrem com ele: *victores*. Vencem, desde então, os que parecem derrotados, ganham os que aceitam perder a vida; continuam vivos os que vivem no amor de Cristo e, com Ele, amam até ao fim.

O martírio não é uma escolha, mas um dom. Oferta de Si mesmo para a humanidade. Este é o modelo que os mártires da Albânia seguiram. Podendo fugir, permanecem. Podendo odiar, perdoam. Em situações limite como o trabalho forçado no pântano, fazem bem aos outros sacerdotes. Ainda que com as mãos presas, abençoavam com o olhar, fazendo o sinal da cruz. Foram construtores da paz, amigos da verdade com todas as consequências, aceitando o pagamento do preço elevado das torturas e inclusive da perda da vida. Denunciam o mal e anunciam o bem. São assim, para nós, modelo no Modelo.

Capítulo III

PARA UMA TEOLOGIA DO MARTÍRIO HOJE

Neste capítulo, tentaremos levar a cabo uma reflexão de cariz teológico sobre os factos e documentos até aqui mencionados.

Ao olhar para o passado recente da história da Albânia e o contexto político que gerou os mártires e confessores de que quisemos fazer memória, temos a noção de que, em contexto cristão, “fazer memória” é já inserir-se em contexto teológico. Efetivamente, é no contexto da memória construtiva que se situa tanto o testemunho dos mártires como a narrativa dos seus feitos.

A leitura e a interpretação dessa narrativa irá ser feita, não na linha condenatória ou meramente apologética, mas à luz do que o próprio Senhor, modelo e razão de todo o martírio cristão, afirma: *“Não vim trazer a paz, mas a espada”* (Lc 12,49-53)⁴⁰³.

É à luz destes motivos, antecipados pelo próprio Senhor dos Mártires, que nos propomos reler o que sobre os mártires da Albânia foi sendo narrado. Queremos fazê-lo tendo ainda presente o que se lê no Livro de Baruc: *“Se um dia quisestes afastar-vos de Deus, convertei-vos, agora, e procurai-O com um empenho dez vezes maior”* (Bar 4, 28).

Pretendemos refletir como o Homem pode, no risco da sua liberdade, tentar afastar-se e negar Deus, este Deus que pela humanidade estendeu os braços na cruz. Mas pretendemos também apresentar os mártires albaneses como expressão deste amor perene com que Deus acolhe todos, sem exceção, nos Seus braços abertos.

⁴⁰³ “O Reino dos Céus irrompe com violência e são os violentos que se apropriam dele” (Lc 16,16);

“Quem não tem espada venda a capa e compre uma... os discípulos disseram-lhe: «Senhor, estão aqui duas espadas». Mas Jesus respondeu-lhes: «basta!»” Lc 22,36-38);

“Não podeis servir a dois senhores” (Mt 6,24).

“O discípulo não é maior que o mestre” (Mt 10,24).

“Eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos... sereis levados perante tribunais e flagelar-vos-ão nas sinagogas. Sereis levados, por minha causa, perante governadores e reis” (Mt 10,16-18).

“Sereis odiados por todos por causa do meu nome” (Mt 10, 21-22).

3.1. Terminologia

O termo “*martus*” deriva provavelmente da raiz *smr*, pensar, recordar-se, ser preocupado, algo que sobrevive. Da mesma raiz surge *mermeros*, o que pede muita reflexão, e preocupação, difícil, grave... quem muito reflete, quem se preocupa⁴⁰⁴. *Martus* seria então aquele que se lembra-records, que do seu lembrar faz conhecimento de algo e pode conseqüentemente, dar notícia, dar o testemunho⁴⁰⁵.

O Termo *testemunho* tem origem no vocábulo grego **μαρτυρήσω**, *martyro*, conceito que queremos aprofundar a partir do Novo Testamento e da Tradição da Igreja.

O Termo *martyro* aparece pela primeira vez, na literatura extra-bíblica, segundo a Tradição, numa carta da comunidade de Esmirna à comunidade de Filomélo, concretamente aplicada à descrição do martírio de Policarpo, bispo de Esmirna. Assim, este termo estaria já em uso na Ásia Menor aquando da morte deste bispo, mais propriamente em 23 de fevereiro de 167. Em Roma, na mesma altura, a expressão seria ainda desconhecida⁴⁰⁶.

Theofried Baumeister defende que o emprego do termo *testemunho* para significar a morte violenta devido à proclamação e defesa da fé, se consolidou a partir das Cartas de Inácio de Antioquia, onde se mostra:

“que não basta chamar-se cristão, mas que é preciso evidenciar ser-cristão, também no agir. A ação por excelência, em que o discípulo, chamado à imitação do sofrimento de Jesus afirma a sua fé, e que se torna, por sua vez, palavra de poderoso testemunho, é a morte por motivo de ser cristão (cf. Rom 2,1) (...) a ação dos discípulos se passa dentro da realidade de salvação instituída pela morte de Cristo, sendo, portanto, uma passagem da morte para a vida em Deus”⁴⁰⁷.

O termo *martyro* foi-se generalizando, para designar todos aqueles que, conforme Policarpo de Esmirna ou Inácio de Antioquia, um pouco por toda a parte derramaram o seu

⁴⁰⁴ Cf. KITTEL, Gerhard, “Martirio”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Paideia, 1965, 1273.

⁴⁰⁵ Cf. KITTEL, Gerhard, “Martirio”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Paideia, 1965, 1274.

⁴⁰⁶ Cf. BAUMEISTER, Theofried, “Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo”, in *Concilium*, 3 Martirio hoje, 183/3, 1983, Vozes, Petrópolis, Brasil, 6 [262].

⁴⁰⁷ BAUMEISTER, Theofried, “Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo”, 183.

sangue por causa de Cristo e por se assumirem como cristãos, isto é, seguidores e imitadores de Cristo, modelo e exemplo de todos os mártires⁴⁰⁸.

Daniel Ruiz Bueno apresenta um estudo deste vocábulo: “a palavra mártir, comum a todas as línguas dos povos cristãos, indica na sua origem grega simultaneamente mártires (μάρτυρ) e também testemunhas (*testis*). Os mártires sofreram tudo o que sofreram para dar testemunho do que viram e do que ouviram”⁴⁰⁹. Esta dupla semântica é inseparável. “O mártir é, no mais rigoroso sentido etimológico, teológico e espiritual, testemunha viva de Jesus Cristo. O martírio é a manifestação concreta, vivida, do Crucificado”⁴¹⁰.

Ao longo do tempo, foi-se “afinando” o conceito de mártir, estabelecendo-se também a existência de uma outra realidade, a de confessor. A análise da *Carta dos cristãos de Viena e Lião* sobre a perseguição do ano 177 permite constatar que os encarcerados não aceitavam o título de mártires, por entenderem que esse termo era reservado a Cristo e aos que selaram a sua *martyria* com a morte⁴¹¹. A *martyria*, expressão que também implicava o testemunho perante o tribunal, “deveria ser selada com a morte; só assim alguém se tornava mártir no sentido pleno”⁴¹².

O termo “confessor” deriva igualmente da palavra grega *martyr*, que se divide em dois termos, mártir e confessor⁴¹³. Confessor traduzia essencialmente a situação da confissão do seu ser-cristão através da fé cristã proclamada em tribunal, eventualmente complementada com prisão e sofrimento⁴¹⁴. Tertuliano, que traduziu para latim a terminologia grega usada até ali pelos cristãos, jamais aplica o nome de confessor às pessoas ainda em vida, mas somente

⁴⁰⁸ Cf. BAUMEISTER, Theofried, “Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo”, 183.

⁴⁰⁹ RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, introdução, notas e versão espanhola, BAC, Madrid, La Edit. Catolica, 1968, 5.

⁴¹⁰ BRAGANÇA, J., “Martírio e santidade”, in *Communio* 2 (1987), 129.

⁴¹¹ Cf. BAUMEISTER, Theofried, “Martires y perseguidos en el Cristianismo primitivo”, in *Concilium*, El martiri hoy, 183, 1983.

⁴¹² BAUMEISTER, Theofried, Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo, 9, in: *Concilium*, El martiri hoy, 183, 1983.

⁴¹³ Cf. RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, 16.

⁴¹⁴ Cf. BAUMEISTER, Theofried, “Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo”.

após a sua morte⁴¹⁵. Este vocábulo implica a confissão da fé perante o tribunal: “*Todo aquele que Me confessar diante dos homens, Eu também o confessarei perante Meu Pai e quem me negar...*” (Mt 10, 32-33). Isto não implica necessariamente terem derramado o sangue ou dado a vida; neste caso chamar-se-iam “mártires”⁴¹⁶.

Também Ruiz Bueno defendia que “a morte no cárcere, depois da confissão da fé, é para São Cipriano título suficiente para a glória do martírio, e não parece necessário aqui falar de martírio espiritual”⁴¹⁷.

A terminologia clássica do martírio, até aqui exposta resumidamente, tem merecido, nos nossos dias, uma reflexão teológica.

Em 1983, o teólogo Karl Rahner propôs novas pistas para um debate sobre o conceito de *martírio*, apontando para a oportunidade de o conceito tradicional ser “dilatado”⁴¹⁸:

“Na nossa defesa de uma certa ampliação do conceito tradicional de mártir, podemos apoiar-nos também em S. Tomás de Aquino. S. Tomás afirma que, se a sua morte tem uma relação clara com a de Cristo, é mártir quem morre defendendo a sociedade (*res publica*), contra os ataques dos seus inimigos, que intentam corromper a fé cristã. (*In IV Sent. dist.49, q.5, a.3, qc. 2 ad 11*)⁴¹⁹.

Na mesma linha, São João Paulo II em 1993, apresenta a teólogos, católicos e não católicos, “novas” formas de martírio, tais como: o “martírio da caridade”, o “martírio da paz”, o “martírio da justiça”, e o “martírio do ateísmo”⁴²⁰. O gesto e palavras do Papa Francisco, na sua visita à Albânia em 2014 inserem-se no contexto desta nova teologia do martírio em sentido mais lato. Durante a celebração eucarística na Catedral de Tirana, depois de ouvir o testemunho do Padre Ernest Simoni, que foi perseguido e preso durante dezoito

⁴¹⁵ Cf. RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, introdução, notas e versão espanhola, BAC, Madrid, La Edit. Catolica, 1968, 15.

⁴¹⁶ Cf. RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, 14-16.

⁴¹⁷ RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, 22.

⁴¹⁸ Cf. NARO, Massimo, *Martirio e vita cristiana*, Styudi del Centro “A camarata”, 24, Salvatore Sciascia Editore, Roma, 1997, 13.

⁴¹⁹ RAHNER, Karl, “Dimensiones del martirio”, in *Concilium* 183, (1983), 322-323.

⁴²⁰ Cf. NARO, Massimo, *Martirio e vita cristiana*, 13.

anos no decurso do regime comunista⁴²¹, e da religiosa Maria Kaleta⁴²², que ao longo dos anos de comunismo serviu clandestinamente a Igreja e a fé do povo, Sua Santidade fez questão de os abraçar, após o que afirmou: “toquei em dois mártires”⁴²³.

Estas palavras do Papa aplicadas a este padre e a esta religiosa a quem não se atribuiu o título de “mártir” nem sequer de “confessor”, têm todo o cabimento à luz da mais recente reflexão sobre a teologia do martírio⁴²⁴: esta tende a sublinhar as múltiplas dimensões do *testemunho* que encontra no martírio a sua mais elevada realização⁴²⁵.

Já Clemente Alexandrino anunciava um alargamento do martírio, como confissão perfeita, não por causa do sangue, mas pela caridade como *causa*: «chamamos ao martírio *perfeição (teleiosis)* não porque o homem tenha chegado ao termo da vida, como os outros, mas porque dá prova de uma obra de amor perfeita»⁴²⁶. Na senda da teologia alexandrina os monges do século IV consideravam-se os sucessores do “martírio cruento”, assumindo-se como mártires do combate quotidiano.

À luz da conceção mais ampla do “testemunho” assumida pelo Concílio Vaticano II (cf. LG 42), em que, mais que o derramar de sangue, se valoriza a oblação espiritual na caridade, isto é, em comunhão plena com Cristo, podemos incluir muitos outros, ainda que não reconhecidos canonicamente, como o Padre Zef Pllumi e Pjeter Meshkalla, que sofreram por causa da fé que professavam. “Confessores” públicos e amplamente provados pela prisão e muito sofrimento, diríamos que foram “mártires do ateísmo”.

⁴²¹ Este Padre foi condenado a 25 anos de prisão e trabalhos forçados por, na Missa do Galo de 1963, ter rezado por alma do Presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, assassinado em novembro desse ano. Veio a cumprir 18 anos de cativo.

⁴²² Esta Religiosa, que foi viver para a sua aldeia quando foi encerrado o seu Instituto Religioso, Irmãs Estigmatinas, batizou “quase todas as crianças dessa aldeia”, inclusivamente filhos de pais comunistas (a pedido da mãe da criança e em segredo), arriscando-se à prisão e torturas.

⁴²³ Documentário https://rr.sapo.pt/informacao_detalle.aspx?did=162725, visualizado em 04.02. 2019. Posteriormente a este encontro, o Papa Francisco concedeu ao Padre Ernesto Simoni o título de Cardeal.

⁴²⁴ Cf. CROCIATA, Mariano, *Martirio et esperiencia cristiana nella riflessione cattolica contemporânea*, in NAVARO, Massimo (Cur.), *Martirio e vita cristiana*, Roma 1997, 29-94.

⁴²⁵ Segundo P. Ricoeur, há que considerar, no “testemunho”, a dimensão histórica, jurídica e moral. Cf. P. RICOEUR, *Herméneutique du témoignage*, cit. por p. Cf. CROCIATA, Mariano, *Martirio et esperiencia cristiana nella riflessione cattolica contemporânea*, 66.

⁴²⁶ CLEMENTE ALEXANDRINO, *Stromata*, IV,4,14,3.

Nesta aceção o número dos trinta e oito mártires beatificados permanece um número simbólico. São, de facto, muito mais os sacerdotes que morreram na prisão mesmo depois de 1974, data que assinala a morte do último dos trinta e oito mártires, Mikel Beltoja. Citaríamos como exemplo o Padre Mark Hasi em 1981; o Padre Lec Sahatçija em 1986; o Padre Nikoll Gjini em 1987 (tendo sofrido 35 anos seguidos de prisão); e o Padre Pjeter Gruda em 1989⁴²⁷.

Como escreve Arshi Pipa, citado por F. Radovani: “mas 25 anos nas prisões estalinistas pesam talvez ainda mais na balança do martírio do que o fuzilamento”⁴²⁸. Muitos desejaram antes a morte, suplicaram que os eliminassem, mas os comunistas respondiam que não, que apenas morreriam quando eles entendessem e, entretanto, detinham a prerrogativa de exercer sobre eles torturas de modo discricionário.

Quer-nos, pois, parecer que o caso da Albânia merece uma especial atenção e reflexão no que toca à ponderação sobre o novo paradigma histórico e teológico de “mártir” cristão, no sentido de um possível alargamento a outros “casos sérios”⁴²⁹ de testemunho. Pensando em tantos sacerdotes, seminaristas, leigos que sofreram nas prisões do regime e também naqueles que sofreram a proibição e impossibilidade de viver a sua vocação religiosa ou simplesmente a sua fé, ocorre-nos falar dos “mártires do ateísmo”. E podemos falar do martírio-testemunho dos que não deixaram calar a fé que o mesmo ateísmo quis silenciar.

3.2. Cristo, protótipo do martírio cristão

“Este título [mártir] é reservado a Cristo, o Testemunho fiel e verdadeiro, o Primogénito de entre os mortos, o autor da vida divina”, lemos na *Carta das Igrejas de Lião e Viena*, em que se narra o martírio de um grupo de cristãos⁴³⁰.

⁴²⁷ Cf. RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 56-57.

⁴²⁸ RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX, (1944-1991)*, 51.

⁴²⁹ VON BALTHASAR, Urs, *Córdula ou o Momento Decisivo*, Coleção Teofanias, Lisboa, Assírio e Alvim, 2009.

⁴³⁰ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica*, V.

“A fé cristã baseia-se num testemunho (de um cristão, da Igreja, dos Apóstolos e, em primeira instância, de Cristo)”⁴³¹. Cristo é o protótipo de todo o martírio cristão. “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18, 37). João Batista, o precursor, anuncia Jesus (Mc 1,7). Quando João Batista batizou Jesus, o Pai deu testemunho do Filho muito amado: “Este é meu Filho amado, escutai-O” (Mc 9,2-10). O Filho também deu testemunho de Si: “Sou Eu que dou testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou também dá testemunho de mim” (Jo 8,18); e noutra passagem, Jesus afirma: “Ainda que eu dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro; porque sei donde vim, e para onde vou” (Jo, 8, 14a). E as obras que Jesus realizou confirmam este testemunho: “As obras que eu faço dão testemunho de mim, mostrando que o Pai me enviou. E também o Pai que me enviou dá testemunho a meu favor” (Jo 5, 37). Nas Escrituras ficou gravado este testemunho: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim” (Jo 5, 39). Os Apóstolos, revestidos da força do Alto, deram testemunho de Jesus. “Com grande poder, os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (Act 4,33).

O mártir é um imitador de Cristo, o Arquimártir por excelência. O martírio cristão só faz sentido como corolário do *ser* cristão, isto é, do viver e morrer *em Cristo*. Por isso, já S. Paulo exortava: “*Tornai-vos pois imitadores de Deus, como filhos amados, e andai no amor, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós*” (Ef 5,1).

Desde o protomártir Sto. Estevão, até aos que hoje, por toda a parte, continuam a derramar seu sangue por causa de Cristo, é o mandato do Mestre que continua a provocar os inimigos do Evangelho: “*Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra* (Act 1,8; cf. Lc 24, 48-49).

⁴³¹ BALTHASAR, Hans Urs von, “Testemunho e credibilidade”, in *Communio* 2, (1988) 109.

No que respeita à atitude de Jesus perante a Paixão, constatamos que aceita sem rebater as agressões, dialoga pacificamente, questiona de modo delicado, preocupa-se com os outros, consolando-os, como perante as mulheres de Jerusalém que choram, aceita ser ajudado, acolhe, oferece a João a Sua mãe, oferece o paraíso ao ladrão que lho pede, perdoa e pede perdão para todos os que o condenaram e mataram, sente o abandono do Pai e nas Suas mãos entrega o Seu Espírito.

O mártir cristão, ao passar por todas as provas e sofrimentos infligidos à sua carne, tem presente Cristo, que rezou no momento de aceitação do cálice, suou sangue, sofreu a traição, foi entregue, amarrado, preso, levado perante as autoridades judias, esbofeteado, interrogado perante Pilatos como malfeitor, torturado: flagelado, coroado de espinhos... humilhado, apresentado perante o povo e confrontado com a sua violência, condenado à morte, injuriado pela multidão, despojado das suas vestes, recebeu vinagre em vez de água para aplacar a sua sede, finalmente, foi morto e depositado num sepulcro.

Mas a História da Salvação não termina aqui, mas sim no Domingo da Páscoa... Além de ter tudo isto presente, o mártir cristão sabe que é Cristo que está presente *nele*, que na sua pessoa sofre e vence, precisamente no momento em que tudo parece perdido e “consumado”.

Efetivamente, tal como a história da salvação não terminou na cruz, mas sim no Domingo da Páscoa, também a vida do “confessor” não acaba na morte. Não faltam testemunhos antigos e recentes desta certeza. Lembremos um dos mais antigos, também ele, modelo de muitos mártires posteriores, S. Inácio da Antioquia:

“É bom para mim morrer em Jesus Cristo, de preferência a reinar sobre os confins da terra. Eu procuro Aquele que morreu por nós: quero Aquele que ressuscitou por causa de nós. O nascimento da criança está próximo. Perdoai-me, irmãos; não me impeçais de viver; não desejeis que eu morra; não ofereçais de presente ao mundo aquele que quer ser de Deus, nem enganeis a matéria. Deixai-me receber a luz pura: quando lá chegar, serei homem. Permiti-me ser imitador da Paixão do meu Deus. Se alguém O possuir, saiba o que quero e compadeça-se de mim, sabendo o que me aflige”⁴³².

⁴³² INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, 6.

O mártir “conforme o Evangelho” é um imitador da “Paixão de Cristo”. Não receamos, neste caso, assumir a amplitude semântica do termo “paixão”: que vai do excessivo do amor à “perda da própria vida” por causa do mesmo amor. Um amor que vem de Deus e a Deus conduz. Como diz Orígenes:

“o amor é paixão. O próprio Pai, o Deus do universo, «paciente e rico de misericórdia», não sofre também Ele de algum modo? ou não sabes que, quando Ele se abaixa aos homens, sofre a paixão humana? (*quando humana dispensat, passionem patitur humanam*). O Senhor teu Deus assumiu os teus hábitos como um pai assume o próprio filho. Assim, Deus assumiu os nossos hábitos como o Filho de Deus assume os nossos sofrimentos. E nem o Pai é impassível. Pois quando invocado apieda-se e participa dos nossos sofrimentos. Ele sofre a paixão de amor, tornando-se o que não pode ser pela grandeza da sua natureza, mas por nosso amor suporta o nosso sofrimento”⁴³³.

É por isso que “só o amor é digno de fé” (...). “Se o testemunho que recebo de Deus é o testemunho da Sua total entrega existencial, então tenho a certeza de que Deus em si é amor”⁴³⁴.

É neste quadro teológico que se insere a vida e testemunho dos 38 mártires e dos confessores que constituem o nosso “objeto de estudo”. Não podemos deixar de sublinhar, na sua história, o mesmo padecimento de prisão, torturas, interrogatórios, tudo o que foi enumerado na Paixão e Morte de Cristo e, aspeto muito prezado pelo regime comunista, a exposição pública nos cortejos em que a multidão também os insulta, nos interrogatórios, julgamentos e condenações.

Mas, mais importante, é a constatação de como reproduziram a mesma atitude de Cristo perante a perseguição e se uniram com Ele na Paixão na fé, no perdão oferecido aos algozes e na esperança da Ressurreição. Como referido por Isidro Lamelas no artigo “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”:⁴³⁵

⁴³³ ORÍGENES, *Homilia VI sobre Ezequiel*, V,4.

⁴³⁴ BALTHASAR, Hans Urs von, “Testemunho e credibilidade”, in *Communio* 2, (1988) 110.

⁴³⁵ LAMELAS, Isidro, “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”, in *Communio* 6 (2003), 503-514.

“Os mártires são os “amigos de Deus”, por excelência, porque partícipes máximos na caridade que Deus nutre pela humanidade. Cristo (...) é, por isso, o arqui-mártir, o protótipo do martírio por amor. Daí que os Padres da Igreja tenham visto na confissão da fé selada pela prova do sangue a suma imitação da “paixão” de Cristo e a perfeição consumada da vida cristã⁴³⁶.

Deus reveste com a Sua graça os que passam pela cruz e Cristo ao passar pela cruz, deu o exemplo de como O seguirem. De muitos mártires e confessores não nos chegaram as narrativas dessa vivência, mas a situação era exatamente a mesma, semelhantes interrogatórios, semelhante dificuldade: batalhar não apenas exteriormente com os adversários para permanecerem fiéis aos seus princípios, mas, talvez mais difícil, lutar consigo próprios e com as tentações de desistir ou ceder às acusações e até lutarem com o próprio Deus, como o Padre Zef Pllumi narra. Depois do ano de 1967 são condenados à morte mais quatro Sacerdotes e o Padre Zef conta que desta vez lutou com Deus como Jacob com o Anjo: chorando, pergunta-Lhe porque é que os justos, além de sofrerem tanto, ainda são mortos sem ter culpa? Como é que Deus deixou as pessoas sob o domínio de um monstro? Mas de madrugada, os pensamentos são outros: o Padre Zef reza para que os que estivessem a serem fuzilados naquele momento não fossem atormentados por aqueles pensamentos, mas que sentissem que estavam a serem oferecidos como sacrifício para a Albânia.

“Toda a nossa doutrina religiosa tem os alicerces no «sacrifício sem mancha», no Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Percebi que o clero devia ser este sacrifício inocente. Pedi perdão para os meus pecados, e disse: Misericórdia, ó Senhor! Eu também estou pronto. Faz como Tu quiseres”⁴³⁷.

Os sacerdotes foram-se conformando com Cristo na medida em que eram fortalecidos pela Sua graça, e isto está muito patente nas leituras que fizemos acerca do martírio na Albânia. Através do seu exemplo se confirma que: “Cristão é aquele que é de Cristo; diz-se que alguém é de Cristo não só porque tem a fé em Cristo, mas também porque faz obras

⁴³⁶ LAMELAS, Isidro, “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”, in *Communio* 6 (2003), 505.

⁴³⁷ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 524.

virtuosas com o espírito de Cristo”. (São Tomás de Aquino, II-II, q. 124, a.5)⁴³⁸. No caso concreto destes 38 mártires, são os cristãos que seguem os passos de Cristo nas “obras virtuosas” até à cruz, configurando-se completamente com o seu Modelo.

3.3. Entre a negação e a confissão da fé cristã

Ao estudar o regime político vigente na Albânia entre os anos 40 e 90 do século XX e a postura de negação militantemente adotada pelo regime no concernente às religiões professadas pelo povo albanês, percebemos como o grande intuito era o de silenciar, de vez, a voz e a alma cristã de um povo e das suas gentes. À crónica e assumida cristianofobia do ateísmo ideológico, que tudo fez para calar a fé dos batizados em Cristo, responderam muitos destes cristãos com a “*parresia*” da fé, em palavras e gestos de grande coragem. Queremos, por isso, sublinhar o contraste entre as forças de “negação” e a *força* da confissão que se traduziu na difícil decisão de sobreviver *para narrar*.

a) A negação

Para o materialismo dialético, não é aceitável a dimensão transcendente da figura de Cristo; nesta linha, o governo comunista albanês adotou uma postura cristofóbica. Tal como a palavra fobia indica, esta atitude configura “medo de carácter patológico, aversão, forte antipatia e intolerância”⁴³⁹ ou “medo angustioso e principalmente sem motivo, portanto patológico”⁴⁴⁰. A cristofobia traduzia-se em expressões como: “Cristo era um fascista nojento como vós”⁴⁴¹ e outras equivalentes⁴⁴².

O comunismo assumiu, na Albânia, uma verdadeira batalha com a religião cristã, marcada por uma atitude obsessiva de alguém que vê no cristão um verdadeiro inimigo a

⁴³⁸ BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, *Concilium* 183, (1983), 325-334. 331.

⁴³⁹ DE MAURO, Tullio, *Grande Dizionario Italiano Dell' uso*, FM-MAN, ed. UTET, Torino, 1999, 1.

⁴⁴⁰ DEVOTO, Giacomo & OLI, Gian Carlo, *Lingua italiana*, Ferenze, Le Monner, V edição, 1993, 757.

⁴⁴¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 76.

⁴⁴² Na verdade, esta fobia encerra também uma dose de ignorância, como transparece por exemplo na expressão insultuosa supracitada aplicada a Cristo, uma vez que, sendo “fascismo” um termo que indica um regime político muito posterior, trata-se de uma acusação intrinsecamente anacrónica.

eliminar. A cristofobia e a cristianofobia constituem um estágio preparatório para a implementação do ateísmo, uma salientada “teofobia, aversão a Deus e às coisas divinas”⁴⁴³. “A perseguição mais forte é dirigida contra os cristãos, porque eles compreenderam que a Bíblia nos desperta”⁴⁴⁴.

Na época em que o grande aliado diplomático passa a ser a China, a Albânia, sob a sua influência, promulga novas leis que dispõem no sentido de fazer desaparecer Deus da Nação. Em fevereiro de 1967, Enver Hoxha profere um discurso revelador, em que expressa claramente: “Devemos fazer desaparecer as crenças religiosas inúteis e as tradições antiquadas. Serão por acaso as nossas leis que nos impedirão de as queimar e fazer desaparecer?”⁴⁴⁵. Após a destruição dos templos e lugares de culto, o regime comunista desenvolveu uma profunda campanha ao nível das aldeias, sublinhando que importava agora fazer desaparecer definitivamente o nome de Deus. A cristianofobia conduziu, pois, ao ponto de se proibir ao povo a simples menção do nome de Deus. Zef Pllumi relata o conteúdo do discurso a que assistiu quando as autoridades comunistas foram para as aldeias e reuniram o povo no recinto da escola:

“Como bem sabeis, a nossa juventude começou a campanha contra as tradições antiquadas das crenças religiosas inúteis, e o povo, esclarecido pelos ensinamentos do Partido, fechou ele próprio todas as igrejas (...). Porém, ainda restaram nas expressões da nossa língua muitas daquelas expressões que nomeiam Deus. De hoje em diante, também estas devem ser eliminadas: por exemplo não deveis mais jurar por Deus. «Juro por Deus», «Que Deus te conduza no bem», «Deus te abençoe», de hoje em diante são erradas. Agora todos viram que não existe Deus”⁴⁴⁶.

A agravar a situação, acrescia a flagrante ignorância dos agentes do regime, manipulada pela maldade. Quando nos referimos à “ignorância”, não aludimos a falta de bases, iliteracia

⁴⁴³ DA COSTA, J., Almeida & E MELO A., Sampaio, *Dicionário da língua portuguesa*, V edição, Porto Editora, Porto 1975, 1378.

⁴⁴⁴ BARTH, M., “Comunidades de base bajo el signo del martirio”, *Concilium* 183, (1983), 380.

⁴⁴⁵ *Jornal Zeri i popullit*, [Voz do povo] nr. 32 (5757), 7 de fevereiro de 1967.

⁴⁴⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 457.

ou desconhecimento técnico ou científico, mas queremos significar concretamente a cegueira ideológica que transparece dos diálogos e das atitudes de pessoas que, manipuladas pelos líderes do Partido e com o intuito de consolidar o seu estatuto na malha do regime comunista, interrogaram os mártires e torturaram um grande número de inocentes, sem espírito crítico e sem capacidade de avaliar e discernir o capital humano com que lidavam. Tenha-se presente a ignorância soberba manifestada pelo orgulhoso procurador Aranit Çela ⁴⁴⁷ ou o caso já referido do aspirante que interroga o Padre Zef, gabando-se⁴⁴⁸: “eu fiz a filosofia na montanha e não preciso da sua filosofia; na verdade agora, estou a aquecer-me e tu banhado em sangue” ou ainda o caso do chefe militar Duli que dizia: “sirvo ao meu Partido que me engrandeceu, pois eu era um simples vendedor que enganava na balança, a mentira é a minha profissão e foi assim que ganhei. (...) Chamava-me Duli Mentira”⁴⁴⁹.

Referimo-nos também ao comportamento fanático das massas, sempre manipuláveis na sua ignorância, que afetam tantas vítimas inocentes. Esta ignorância do povo era também explorada pelo regime, como no caso dos soldados que prendem um franciscano simplesmente porque desconhecem a expressão que designa a Ordem Religiosa e, de acordo com a sonoridade da palavra, estão convencidos que se trata de um cidadão francês, logo agente estrangeiro, não desejado no país. Esta atitude de cristofobia e cristianofobia é também determinada por egoísmo e outros interesses, que em nada justificam certas atitudes contra o próximo, a quem classificam de inimigo e de “alvo a abater”. Pretendendo conscientemente ignorar Deus e querendo eliminar Deus da sociedade, na verdade o Homem autodestrói-se como ser humano e como sociedade, na medida em que procura justificar o injustificável.

A estratégia de silenciamento ou negação foi levada pelo PCA até às últimas consequências, ao ponto de a própria nação ter consagrado o estatuto de ateísmo na sua lei

⁴⁴⁷ Vd. Capítulo I, 1.3.2. “Julgamentos: Espetáculo e estratégia de manipulação”.

⁴⁴⁸ Vd. Capítulo II, 2.2. “Prisioneiros com Cristo, unidos a Cristo, imitando-o até ao fim”.

⁴⁴⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 80.

maior, o que nenhum país da URSS ou mesmo do mundo concretizou. Esta situação manteve-se por quase 25 anos, entre 1967 e 1990.

Ateísmo significa literalmente sem Deus, considerado “um obstáculo à liberdade e responsabilidade humanas”⁴⁵⁰. Em nome do progresso experimentou-se a tentativa de eliminar a crença em Deus. Dizemos “tentativa” porque a história mostrou que logo que se registou a queda do regime comunista, a fé manifestou-se na sua pujança. No dia 4 de novembro de 1990, centenas de pessoas uniram-se no cemitério de Shkodra e foi celebrada a primeira Eucaristia pública depois da proibição de celebração, em 1967⁴⁵¹. Na realidade, em novembro de 1990, a Albânia era ainda, pela sua Constituição, uma nação ateia, mas, por uma irrupção da fé, aconteceu esta celebração eucarística, presidida pelo Padre Simon Jubani⁴⁵², em que jovens das diversas crenças, aclamaram e levaram nos braços até ao altar que haviam improvisado⁴⁵³.

Ao longo deste trabalho, tornou-se interessante verificar e refletir como a Igreja Católica foi sempre minoritária e a mais perseguida e simultaneamente a primeira a reerguer-se “das cinzas” e a afirmar-se viva. O facto de a nação ter sido proclamada ateia pelos líderes comunistas não significa que seja esta a realidade, pois sempre existiu na Albânia a “Igreja da clandestinidade”⁴⁵⁴ ou, na expressão de Fritz, “Um Monumento subterrâneo”⁴⁵⁵. E Andrea Riccardi clarifica:

“O desaparecimento físico dos símbolos e dos homens da fé não quis dizer o desaparecimento da fé, mesmo se a humanidade dos albaneses foi duramente posta à prova num período em que

⁴⁵⁰ FREITAS, Manuel Barbosa da Costa, *O Ser e os Seres – Itinerários Filosóficos*, Vol. I, 637.

⁴⁵¹ https://issuu.com/albertvataj/docs/revista_malesia-56, 14-16.

⁴⁵² O Padre Simon Jubani nasceu em 1927 e foi ordenado sacerdote em 1958. Esteve preso 26 anos. Aos 63 anos celebra esta Missa, a primeira celebração eucarística pública depois da proibição de celebração de Missa em 1967. Faleceu aos 84 anos.

⁴⁵³ O Padre Simon Jubani trazia por sua vez todas as alfaías litúrgicas necessárias para a celebração e que tinham estado escondidas na sua casa por 23 anos (cálice, corporal, etc.)

⁴⁵⁴ HALÍK, Tomáš, *Diante de Ti os meus caminhos*, Paulinas, 2018, 117. Tomáš Halík conheceu na República Checa uma situação muito idêntica.

⁴⁵⁵ RIDOVANI, Fritz, Radovano, A. Zholi (red) *Nje monument nen dhe* [Um monumento subterrâneo], Editora Male, Tirane, 2015.

até o espaço do céu e a invocação a Deus era impedido. A memória da fé permanecia no coração dos crentes (observavam-se alguns círios no exterior dos antigos locais encerrados)⁴⁵⁶.

Podemos referir, com justiça, que, nesta Igreja silenciada, o exemplo dos mártires foi uma luz nas trevas, escondida prudentemente, mas que manteve viva, junto do povo, a chama da fé.

b) A confissão

Num contexto semelhante, de perseguição e tentativa de negação do cristianismo emergente, um autor cristão do século II, escreve assim ao seu amigo pagão, de nome *Diogneto*:

“Os cristãos revelam unanimemente uma maravilhosa e paradoxal constituição no seu regime de vida político-social. Habitam pátrias próprias, mas como peregrinos; participam de tudo como cristãos e tudo sofrem como estrangeiros. Toda a terra estrangeira é para eles uma pátria e toda a pátria uma terra estrangeira”⁴⁵⁷.

Também os mártires de nacionalidade estrangeira aceitam sacrificar-se pelo povo albanês como se fossem seus compatriotas e como se Albânia fosse a sua pátria. E os mártires albaneses, tão patriotas, enfrentam o fuzilamento como quem parte para outra pátria, a verdadeira.

“São hostilizados pelos judeus como estrangeiros; são perseguidos pelos gregos, e os que os odeiam não saberiam dizer a causa do ódio”⁴⁵⁸. Este paradoxo está patente nos interrogatórios narrados pelo Padre Zef Pllumi, em que os algozes como Nesti Kopalli chegam ao ponto de o questionar:

- “Fala e conta-nos: porque é que nós te prendemos?
- Porque me prendestes, vós o sabeis; eu não sei, deveis vós dizer-me a mim.
- Tu nada sabes? Concentra-te e fala!
- Mas o que devo falar? Pergunta-me o que queres e eu te responderei.
- Pensa bem, porque perante mim morreram homens mais fortes do que tu. Fala, explica”⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ RICCARDI, Andrea, *O século do martírio*, Quetzal, Lisboa, 2002, 173-174.

⁴⁵⁷ *A Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 53.

⁴⁵⁸ *A Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 55.

⁴⁵⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 98-99.

O “inspetor” agride-o com fúria para que ele lhe explique e através deste episódio se depreende claramente a dificuldade que as autoridades encontravam em justificar as suas intenções e atitudes. Do mesmo modo, completamente incongruente é o facto de nos autos de acusação figurarem como crimes cometidos pelos réus as cruzadas e outros acontecimentos da história da Igreja ao longo dos séculos passados.

Uma questão que ilumina a nossa reflexão teológica consiste na constatação de que os inocentes foram sujeitos a processos falsos, torturados e muitos deles, mortos e os que sobreviveram nunca apresentaram queixa dos seus torturadores, nem reivindicaram que respondessem pelos seus atos.

Esta atitude de perdão absoluto recorda-nos uma outra expressão da referida *Carta a Diogneto*: “Obedecem às leis estabelecidas, e superam as leis com as próprias vidas”⁴⁶⁰. Diríamos que os nossos mártires obedeceram às leis ou regras impostas pelos comunistas conforme o Seu Mestre: cumpriram as regras da prisão injusta e dos trabalhos forçados com mansidão, desobedecendo apenas e liminarmente à intimação da negação de Deus, o que fizeram também por obediência à lei maior, a de Deus. “Amam a todos e por todos são perseguidos. Não são reconhecidos, mas são condenados à morte; são condenados à morte e ganham vida”⁴⁶¹. Na vida destes mártires se vislumbra também a vida de Cristo: amaram a Albânia e os albaneses e por eles trabalharam e deram a vida e, no entanto, são mortos como traidores da Pátria. “São pobres, mas enriquecem muita gente; de tudo carecem, mas em tudo abundam”⁴⁶². Na prisão dão a Absolvição, a sua ajuda e testemunho e, assim, se tornam riqueza para os presos e mesmo para os seus algozes, como fica patente em tantas passagens relatadas pelo Padre Zef Pllumi. “São desonrados e, nas desonras são glorificados; injuriados,

⁴⁶⁰ A *Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 55.

⁴⁶¹ A *Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 53-55.

⁴⁶² A *Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 55.

são também justificados”⁴⁶³. O modo de agir perante a agressão e de responder sem insultar, nem amaldiçoar dos mártires é inusitado. E na verdade, o reconhecimento da Igreja, mas também da sociedade civil veio a tornar-se patente ainda no tempo em que os algozes estavam vivos.

“Insultados, bendizem; ultrajados, prestam as devidas honras. Fazendo o bem, são punidos como maus; fustigados, alegram-se como se recebessem a vida”⁴⁶⁴. E deste modo, uns dão vida para testemunhar e outros recebem vida para narrar. Mas todos, em caso nenhum, aceitam que calem Deus das suas vidas ou que silenciem a voz de Deus nas suas consciências. Diálogos com chefes de prisão como o que se segue, travado com o Padre Zef, demonstram-no-lo bem:

- “Qual a tua profissão?

- Sou Padre.

- Eras, antigamente... mas agora já não há Igrejas.

- Lá porque não há igrejas, não quer dizer que não exista fé.

- Ainda acreditas? Tantos anos de prisão e ainda não ganhaste juízo...!

- O juízo ganha-se na escola e na universidade, e não na prisão. A prisão só prejudica, mesmo que tenhamos juízo perdemo-lo.

Um dos chefes levantou-se como se tivesse sido mordido por uma serpente, e saiu para chamar um outro chefe, que por sua vez se dirigiu a Zef:

- Que dizes? Que Deus existe? Tu não sabes que na Albânia o fizemos desaparecer e já todos ignoram Deus? (...) Cuidado com o que afirmas... tu eras padre, mas antigamente ...

- Não, eu fui padre e sou-o ainda”⁴⁶⁵.

Os mártires são, mais uma vez, aqueles que proclamam bem alto que “Deus existe”, mesmo quando os homens lhes querem fechar o céu. Mas são também eles que com a voz mais eloquente anunciam profeticamente que o Homem existe e tem direito a ser o que é, para lá de todas as negações do mundo e contradições da humanidade.

⁴⁶³ A *Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 55.

⁴⁶⁴ A *Diogneto*, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001, 55.

⁴⁶⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 650.

3.4. *Parresia*: reivindicação da liberdade, contra a falsa “liberdade” prometida

“Envio-vos como ovelhas para o meio de lobos... mas quando vos entregarem não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que deveis dizer” (Mt 10,19-20). Nestas palavras de envio, saídas da boca de Jesus, está uma proclamação de “liberdade da palavra” prometida a todos os “enviados”, perante os “lobos” que teimam em calar a voz do Evangelho.

O termo *parresia*⁴⁶⁶ aparece, no Novo Testamento, diretamente ligada à atividade pública de Jesus (*falei sempre em público... nunca às escondidas*, Jo. 18,20), para significar a coragem de pronunciar-se publicamente: “ninguém falava abertamente (*parrhesia*) d’Ele com medo dos judeus” (7,13). Falar com *parresia* opõe-se ao medo ou proibição de falar (cf. 1Jo 4,17). S. Paulo, na *Carta aos Efésios* pede aos cristãos que orem por ele, “para que quando abrir a boca, me seja dado o poder de anunciar abertamente (*parrhesiasomai*) o mistério do Evangelho de que sou embaixador em cadeias; que nele eu possa falar aberta e corajosamente (*parrhesiasomai*), como é meu dever” (Ef. 6,19-20). Nos *Atos dos Apóstolos* a *parresia* é recorrente para referir a forma desassombrada como os Apóstolos anunciam o ressuscitado.

Não admira, pois, que, desde então, o termo *parresia* se tenha tornado sinónimo de “falar com franqueza e abertamente diante das autoridades, em nome de Deus”⁴⁶⁷. Os antigos *Atos dos mártires* estão repletos de páginas em que essa “liberdade da palavra” é exercida aberta e desassombradamente diante das autoridades. Esta *libertas* de falar e afirmar a fé tornou-se mesmo característica do género da confissão cruenta.

Virá a propósito recordar que o nome do povo Ilírio (*ilire*), de que os albaneses são descendentes, significa “o livre”, uma vez que *Liri* quer dizer liberdade. Os albaneses herdaram um sentimento forte de serem como águias nas montanhas que essencialmente gozam de

⁴⁶⁶ Resumimos o que é dito por ISIDRO P. LAMELAS, *A parresia dos Mártires. A coragem de afirmar a fé*, in *Communio* 19 (2002/5) 394-406.

⁴⁶⁷ ORÍGENES, *Homilias sobre o Evangelho de S. Lucas*, 27,3.

liberdade, apesar de a sua terra configurar um corredor estratégico que foi cobiçado pelos grandes Impérios desde os primeiros séculos (séc. II a. C.). Território situado entre a Grécia e Roma, existiam na Albânia cidades civilizadas e muito desenvolvidas, fruto do comércio florescente ali praticado e que foram arrasadas no decurso da história. Posteriormente, a nação albanesa foi invadida pelos otomanos, que a subjugaram ao longo de quase cinco séculos até 1912, em que vê consagrado o seu estatuto de nação e reconhecida internacionalmente como nação independente. “Albanesidade significa liberdade. Os albaneses foram adversários do comunismo para defender a liberdade da fé. Eles, os comunistas, diziam que lutavam pela liberdade do povo, mas sabíamos que se tratava de uma grande mentira”⁴⁶⁸.

Torna-se pertinente refletir este conceito de liberdade no contexto do martírio. Como é que o mártir vive a liberdade, apesar de poder padecer o cativo dentro da própria nação? Será nele anulado este desejo de ser livre? Não. O mártir continua a aspirar à liberdade, dele, dos outros, da nação e das almas. “Foi para a liberdade que Cristo vos libertou”, escreve São Paulo (Gl 5, 1a). E é assim entendida a verdadeira liberdade para um cristão: Deus dá-nos o dom da liberdade, uma liberdade para ser vivida responsabilmente. Santo Agostinho diz que a verdadeira liberdade é submetermo-nos à verdade que é Deus⁴⁶⁹. Nesta reflexão, importa estabelecer um contraste entre a atuação dos comunistas que, procurando atingir os seus ideais que à partida são louváveis alcançar uma Albânia unida, desenvolvida, agem desumanamente; e por outro lado a opção dos mártires, que partilhando as mesmas aspirações para a Albânia, agem conforme os caminhos trilhados e ensinados pelo Divino Mestre. Pico Della Mirandola compõe um hino para o Homem:

“Ao homem nascente o Pai conferiu sementes de toda a espécie e gérmens de toda a vida, e segundo a maneira de cada um os cultivar assim estes nele crescerão e darão os seus frutos. Se vegetais, tornar-se-ão planta. Se sensíveis, serão besta. Se racionais, elevar-se-ão a animal celeste. Se intelectuais, serão anjos e filhos de Deus, e se, não contente com a sorte de

⁴⁶⁸ DELLA ROCCA, Roberto Morozzo e GIOVANNELLI, Andrea, *Martiri d’Albania (1945-1990)*, Editrice La Scuola, Milano, 2016, 140.

⁴⁶⁹ Cf. AGOSTINHO, *O Livre Arbítrio*, 2, XIII.

qualquer criatura, se recolherem no centro da sua unidade, tornado espírito uno com Deus, na solitária caligemii do Pai, aquele que foi posto sobre todas as coisas estará sobre todas as coisas”⁴⁷⁰.

Os comunistas proclamavam a liberdade exterior e os mártires prezavam a liberdade interior; a ideologia propaga a liberdade social, os mártires requerem a liberdade de consciência e a dignidade de cada ser humano.

Do estudo que efetuamos resulta claro que os mártires, embora presos fisicamente, se mantiveram livres interiormente, livres por permanecerem fiéis ao bem, às suas consciências e a Deus. Os comunistas que os tinham feito prisioneiros, embora exteriormente livres, no fundo estavam presos pelo mal que os compelia a agir sem olhar a meios para atingirem os seus fins. “Onde não existe Deus não pode haver liberdade!” afirma Zef Pllumi quando pensa em fugir da Albânia durante o comunismo. “Nós não temos liberdade, mas continuamos a acreditar em Deus” responde o Padre Nikolle Mazrreku⁴⁷¹, testemunhando como os mártires vivem conforme acreditam.

Numa das diversas ocasiões em que o Padre Zef é julgado, sustenta um diálogo que bem ilustra a noção de liberdade interior partilhada pelos mártires: «Quero a morte». «Pedes a morte?!» «Sim, porque somente por meio dela posso ganhar a liberdade (...) eu já disse tudo e essa vida que vós projetais tirando a fé é insuportável». A sua posição leva-nos a evocar as palavras do Evangelho: “*Não temais os que matam o corpo mas não têm poder para matar a alma*” (Mt 10, 28) e ilustra como a graça de Deus é, por si mesma, livre e libertadora.

Como refere T. Spidlík no artigo “Parrhesia”⁴⁷², este termo significava, na polis grega antiga, “liberdade de falar”, sendo que vários autores unem a *parresia* “com uma outra virtude qualquer, (...) com o martírio”. Ao acrescentar a identificação que Gregório de Nissa faz da

⁴⁷⁰ PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni, *Discurso sobre a dignidade do homem*, Tradução e introdução de Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Edições 70, Lisboa, 2001, 53.

⁴⁷¹ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 471.

⁴⁷² “Martírio”, AAVV, *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Editora Vozes e Paulus, Petrópolis, 2002, 1095.

parresia com a “liberdade estrutural”, ajuda-nos a ler os testemunhos dos mártires e confessores que são, em matéria de liberdade e coragem, reveladores.

Recordamos como ilustrativo o caso do Padre Karli que, tendo recebido uma condenação à morte, posteriormente comutada em prisão, relata: “Não me fez impressão alguma, senti-me como livre, porém não tive a sorte de morrer mártir e assim devo passar toda a minha vida entre estes muros sujos à mercê deles, mas seja feita a vontade do Senhor!”⁴⁷³.

José Nunes, no artigo “Não temais”⁴⁷⁴ aponta para um trecho da Carta aos Romanos que entende como “verdadeiro comentário espiritual e pastoral a esse apelo evangélico”, que nos parece ter ressoado no íntimo de todos os mártires:

“Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos (...) Nem a tribulação, nem a angústia, nem a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada poderão separar-nos do amor de Cristo Jesus, Senhor nosso” (Rom 8, 14-39).

De facto, em muitos casos narrados pelo Padre Zef Pllumi é quase palpável a *parresia*, essa liberdade interior que permanece mesmo perante as contrariedades e que explica que, ainda que o corpo esmoreça, a alma permanece ainda mais unida a Deus:

Em 1968, quando o Padre Zef estava na prisão, os guardas e chefes incentivaram dissensões de presos contra presos, procurando que atacassem principalmente os sacerdotes e os católicos em geral. Os polícias limitavam-se a olhar, como sucedeu quando o Padre Zef foi agredido por um outro preso, enquanto bebia água; subseqüentemente foi levado a interrogatórios conduzidos por Ali Selfo, um dos responsáveis da prisão. Um outro inspetor, Jorgo, começa por comentar que talvez o Padre Zef não tenha reagido perante a agressão

⁴⁷³ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 167.

⁴⁷⁴ NUNES, José, “Não temais. Apelo dos Evangelhos”, *Communio* 5 (2002), 393.

porque queria respeitar os ensinamentos do Evangelho, em que Jesus disse: «*Se alguém te bater numa face, dá-lhe a outra*». (Lc 6, 29)

“- Foi esta a causa?

- Certamente, pois tenho sempre presentes esses ensinamentos.

- Porquê, continuas a acreditar que existe Deus e Cristo?

- E como não acreditaria? Eu procuro viver sempre com Eles!

- De verdade, acreditas? Eis então!...

E Ali Selfo continuou a bofetear-me até a cabeça ficar pesada. Pegou nas algemas e apertou-me violentamente os pulsos, dizendo:

- “Vê se Deus e Cristo te salvam das nossas mãos. Ainda acreditas neles, agora?”⁴⁷⁵.

“Sim” foi sempre a resposta do Padre Zef, perante as torturas crescentemente mais dolorosas. Jorgo interveio, dizendo que conseguia “fazer melhor o trabalho” e apertou ainda mais as algemas, interrogando sempre sobre a fé, mas o Padre Zef mantinha-se firme. Mesmo quando teve suores frios e sentiu desmaios, não gritou, mas somente rezava a Deus “Deus nas Tuas mãos entrego o meu espírito”⁴⁷⁶.

Esta *parresia* de afirmar a fé repete-se em muitas conversas e interrogatórios e em todos os mártires. Parece que quanto mais aumentava a tormenta, mais se agarravam a Deus, como é notório neste trecho. A confissão da fé em Deus fazia parte do seu ser e a sua vida moldava-se pela fé. Proclamando a fé, permaneciam, em primeiro lugar, fiéis à sua consciência e assim, vivendo conforme a consciência, fiéis a Deus. Não faziam isto para se converterem em testemunhas, obviamente, mas porque decidiram viver a fé até as últimas consequências. Pois, como afirma Jossua, “nada mais infantil que a ideia de adaptar um género de vida para dar testemunho. (...) Trata-se de viver e o testemunho vem posteriormente”⁴⁷⁷. As ocasiões, tanto na felicidade como na perseguição foram um instrumento para os mártires e confessores expressarem “o segredo da sua vida”⁴⁷⁸.

Só à luz da fé se entende como o Padre Zef se sentia livre embora preso numa corda e pendurado numa árvore pela opção de não agir contra a sua consciência e princípios. Ou o episódio relatado por um preso que assistiu a um acontecimento em que se encontravam

⁴⁷⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 588-589.

⁴⁷⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 589.

⁴⁷⁷ JOSSUA, Jean-Pierre, *La condicion del testigo*, Narcea, Madrid, 1987, 73.

⁴⁷⁸ Cf. JOSSUA, Jean-Pierre, *La condicion del testigo*, Narcea, Madrid, 1987,73.

muitos prisioneiros presos em árvores pelos braços depois de dias de tortura de fome, de sede e de sono, entre os quais Mons. Frano Gjini, que, ao ouvir o gemido de um preso já moribundo:

“erguendo a cabeça com um esforço imenso e mexendo a cabeça para baixo e para cima e os olhos para a esquerda e direita, fez claramente o sinal da cruz. Naquele momento, o agonizante inclinou a cabeça e morreu. Eu entendi que, naquela circunstância terrível, quando o próprio Mons. Frano Gjini estava a lutar entre a vida e a morte, encontrou a força para cumprir o seu dever de sacerdote, dando a última bênção àquele desgraçado que estava a morrer”⁴⁷⁹.

A *parresia*, que moldou o espírito dos primeiros mártires para testemunharem Cristo com uma total liberdade interior, está bem presente também nos mártires albaneses que, mesmo na prisão ou limitados dos seus direitos, não deixaram de, corajosamente, expressar as suas convicções. É de justiça sublinhar os atos de alguns dos 38 mártires, como por exemplo o Padre Mikel Beltoja que desafiava os comunistas ao louvar Jesus na sala de julgamento. Tal como muitos dos mártires da Albânia e tantos outros confessores que afrontaram todas as torturas, proclamaram em todas as situações e deixaram testemunhos desassombrados da fé em Cristo, a semelhança de Paulo, através de cartas dirigidas aos ministros do Governo comunista, que pagaram com anos de prisão e com a própria vida.

3.5. Mártires da e na Igreja

O mártir não é um herói da virtude, nem um combatente isolado. Nem o martírio é acto heróico de um indivíduo movido por convicções pessoais. Não há mártires sem Igreja, nem à margem de uma comunidade de fé e caridade. Como já dizia Cipriano no século III:

“O apóstolo Paulo ensina e testemunha isto mesmo quando diz: «*Ainda que eu tivesse fé para quem não está na Igreja remover as montanhas, mas não tivesse a caridade, eu nada seria, ainda que distribuísse em alimento dos pobres tudo o que é meu, e entregasse o meu corpo às chamas, mas não tivesse a caridade de nada adiantaria...*» (1Cor 13,1-9).

⁴⁷⁹ AAVV, *Martirizimi i Kishes Katolike Shqiptare (1944-1990)* [Martírio da Igreja Albanesa (1944-1990)], s.e., Shkodra, 1993, 7-8. (Lembra-me a atitude de Cristo na cruz para como o ladrão).

Não podem permanecer com Deus os que não quiseram estar unidos na Igreja de Deus. Ainda que, lançados no fogo, fossem consumidos pelas chamas ou perdessem a vida sendo expostos às feras, tudo isto não seria uma coroa da fé, mas, antes, um castigo da sua perfídia, não seria o desfecho glorioso de uma vida religiosa intrépida, mas um fim sem esperança. Um homem assim poderia ser morto, mas não coroado”⁴⁸⁰.

Esta relação estreita entre martírio e a Igreja está bem patente na ligação que os nossos mártires fizeram questão de cultivar com a Igreja e com o Papa ao ponto de darem por ela a sua vida. A Igreja é fortalecida com este testemunho dos mártires que permite gerar novos Padres e novos testemunhos.

“O mártir, por seu gesto valente, faz-se sacramento da verdade. Sacramento eficaz, produtor da verdade para a Igreja. A sua atitude levanta interrogações, como atestam S. Justino, Tertuliano e o autor de *De laude martyrum*. «Há algo que estudar, uma valentia que é necessário interrogar até ao fundo; há que ter em conta uma fé pela qual alguém sofre ou aceita morrer». Não sem motivo se diz que o sangue é semente de novos cristãos. (Tertuliano, Apol.50: «Plures eficimur quoties metimur a vobis, semen et sanguis christianorum»)⁴⁸¹.

Esta valentia não é meramente humana mas essencialmente é fruto do Espírito Santo no Homem, tal como o Senhor tinha prometido: “*Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra*” (At 1, 8). E, noutra passagem: “*Vós sois as testemunhas destas coisas. E Eu vou mandar sobre vós o que meu Pai prometeu. Entretanto, permaneci na cidade até serdes revestidos com a força do Alto*” (Lc 24, 48-49).

Desde a sua origem, a Igreja sofreu tentativas de eliminação e também na Albânia o regime esqueceu os dois milénios da história da Igreja e ignorou a existência da promessa primordial do próprio Filho de Deus: “*sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*” (Mt 16, 18).

Não podemos deixar de lembrar as opções do Governo comunista para a criação de uma “Igreja Nacional” e simultaneamente a implementação de outras ligações diplomáticas que

⁴⁸⁰ CIPRIANO, *Sobre a unidade da Igreja Católica*, 14)

⁴⁸¹ BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, *Concilium* 183, (1983), 333.

terão, por sua vez, grandes repercussões na história de uma Igreja de mártires. Por um lado, regista-se a tentativa de um corte total entre a Igreja albanesa e o Vaticano; por outro, o estabelecimento de relações e alianças com países como a Jugoslávia, a Rússia e a China, das quais se importou a opção ideológica do ateísmo, que gerou o combate radical à Igreja e consequentemente a circunstância e ocasião do martírio.

Podemos interrogar-nos como Teresa de Saldanha. “Que faço eu por Deus?”⁴⁸². Ela reconhecia que tinha recebido muitas graças de Deus e sente o desejo de corresponder mesmo nas dificuldades. Este desejo de fazer algo por Deus é dom de Deus e poder realizá-lo também o é. “Nosso testemunho não é a condição absoluta para a Sua manifestação?” pergunta Jossua e responde afirmativamente que nada acontecia sem a nossa cooperação, o nosso *fiat*⁴⁸³. O testemunho chama, desperta e termina como os samaritanos que dizem à samaritana que já não acreditam nas suas palavras, pois “*eles mesmos ouviram e ouviram*”⁴⁸⁴ (Jo 4, 42). Os mártires e os confessores são, pois, como esta ponte que Deus tem para fortalecer a fé.

3.6. Memória e testemunho

No decurso da presente dissertação tivemos já ocasião de referir como Zef Pllumi foi expulso do seminário franciscano pelos militares do regime comunista, no contexto do encerramento dos seminários e casas religiosas. Nessa época, tinha já feito os Votos Perpétuos na Ordem Franciscana, mas não tinha ainda sido ordenado padre por não ter idade. Referimos igualmente como, poucos dias depois da sua expulsão, foi detido em casa da sua família, preso e condenado a três anos de prisão, em que foi ferozmente torturado devido à sua fé, e condenado a trabalhos forçados duríssimos. Depois da sua libertação, e antes de outras detenções posteriores, Zef Pllumi, como frade, foi residir num dos conventos franciscanos em Arra e Madhe em Shkodra onde viviam quatro ou cinco frades, numa

⁴⁸² DE SALDANHA, Teresa, *Cartas eclesíasticas e religiosas*, Aletheia, Lisboa, 2012, 89.

⁴⁸³ JOSSUA, Jean-Pierre, *La condicion del testigo*, Narcea, Madrid, 1987, 87-88.

⁴⁸⁴ JOSSUA, Jean-Pierre, *La condicion del testigo*, 128.

situação de pobreza extrema: o terreno tinha sido confiscado pelo Estado, não havia culto público na capela e conseqüentemente já não se registavam esmolas. O povo estava proibido de frequentar a Igreja, pelo que também não existiam quaisquer donativos, de tal modo que Zef comenta que “o próprio S. Francisco de Assis ficaria surpreendido com o rigor da pobreza que se experimentava na vida quotidiana daquela casa religiosa”⁴⁸⁵.

O prior desta comunidade, Padre Marin Sirdani recomenda veementemente a Zef Pllumi que não tente ordenar-se Sacerdote, mas que torne à sua casa de família e não alardeie a sua fé, pois isso poria a sua vida em risco. As ordenações sacerdotais eram nesta época liminarmente proibidas. Transmite-lhe o seguinte “legado”:

“Precisamos que vivas e não morras. Os mártires já morreram, nós somos velhos e morreremos em pouco tempo mas depois os ditadores e tiranos também morrerão, e tu deves viver somente para contar; se nada mais fores capaz de fazer nesta vida, vive somente para contar! (...) Se desaparecermos todos e ninguém ficar para contar, tudo se perderá, ninguém ficará para contar como tudo se passou. Quem “sobrar” (sobreviver) deve contar! Não devemos desaparecer para as gerações futuras. Entendes isto? Frade Zef, por agora eu sou o teu superior e dou-te esta ordem: Vai, vive! Vive somente para contar!”⁴⁸⁶.

Zef obedece, fazendo o que está ao seu alcance para sobreviver e contar, mas não desiste do sonho de se ordenar Sacerdote. Entende que recebeu um legado incontornável da parte dos frades que conheceu desde criança, primeiro como professores e depois como confrades, e que terá, por sua vez, de o transmitir às novas gerações.

Na verdade, esta “urgência de narrar” não foi pacífica; foi, na verdade, submetida a grandes provações e, designadamente no início, quando Zef Pllumi passou por situações de dúvida, incertezas e até medo. Optamos por apresentar um episódio que ocorreu no grande julgamento de um grupo de padres e leigos, que demonstra a importância do testemunho e transmite também como, através deste ato de narrar, as gerações futuras herdaram a noção da

⁴⁸⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 253.

⁴⁸⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 253.

fragilidade e da nobreza do ser humano quando confrontado com a violência dos interrogatórios e julgamentos⁴⁸⁷.

Em dezembro de 1948, Zef Pllumi, frade e ainda diácono, encontra-se preso e comenta ter a impressão de que a prisão já tinha poucos detidos, pois alguns já teriam sido mortos. Narra as condições particularmente inóspitas da cadeia, onde fazia tanto frio que mesmo os ratos vinham abrigar-se debaixo dos cobertores. Antes da narração, devemos sublinhar que em todo o nosso estudo, e abrangendo um universo de cerca de 228⁴⁸⁸ sacerdotes, nas pesquisas feitas somente dois negaram os seus princípios, aceitando dizer o que os opressores exigiam, sendo um deles o padre referido subsequentemente, neste relato; os restantes mantiveram a sua fé inexpugnável, mesmo diante das maiores torturas e condenações e das balas da execução. É esta atitude que gera os Mártires.

Prosseguindo o relato do Padre Zef Pllumi, a 13 de janeiro trouxeram-lhe o auto de acusação para ler, constituído por catorze pontos genéricos e formulado coletivamente para todos os dez prisioneiros. Três dias depois, levaram-no para uma sala onde anteriormente funcionara a Redação da Revista Franciscana *Estrela da Luz*, tendo aí sido realizado o seu julgamento. Entraram os juízes, entre três e cinco pessoas de que se leram os nomes, sendo um o procurador, outro o chefe, e lendo-se também os nomes dos réus. Não se admitia qualquer advogado de defesa.

O primeiro réu a ser julgado foi um sacerdote, o Padre Ndoc Sahatçia, que Zef Pllumi conhecia apenas de vista e sabia ter sido um excelente aluno durante os seus estudos de Teologia, estando imputado como sendo partidário do Rei Zog. Tinha o aspeto de ser uma pessoa muito influenciável que ria e falava muito. Depois de muitas torturas nos interrogatórios e numa situação de fragilidade extrema, este padre decide que no julgamento irá negar a sua fé e aceitar os propósitos dos comunistas: assim, no seu depoimento disse que

⁴⁸⁷ Cf. PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 141-159.

⁴⁸⁸ Cf. PEPA, Pjeter, *Tragjedia dhe lavdia e Kishës Katolike në Shqipëri* [A tragédia e a glória da Igreja Católica na Albânia], Shtepia Botuse 55, Tiranë 2007, 265-271. (O autor cita uma lista de nomes de 228 sacerdotes entre 1940 a 1990).

ser clérigo era uma profissão como as restantes, que a fé era apenas uma política e nada mais do que isso e deitou abaixo, um a um, todos os dogmas da Igreja Católica, falando também contra o Sacramento da Confissão de forma que deixou o jovem frade Zef Pllumi abalado e aterrorizado. Todos os restantes réus estavam como que petrificados nas suas cadeiras, o que fez com que o frade Zef Pllumi pensasse que todos concordavam com aquele testemunho demolidor.

“Até àquele momento, eu conhecia uma história da Igreja com santos, mártires, sábios, talvez com algum pecador frágil, mas arrependido e nunca ninguém tão hipócrita e impiedoso. Agora tudo ficara altamente perturbado na minha cabeça. Como era possível que eu, que tinha saído da minha casa com cinco anos de idade e crescido no Colégio e Convento dos Franciscanos, me tenha desenvolvido assim tão ingénuo que nunca me tenha apercebido da hipocrisia do clero? Passara a minha vida com tantos padres que eram um exemplo de todas as virtudes que um homem pode ter: a modéstia, o amor a Deus, a fé, a devoção, o espírito de sacrifício, a dedicação aos outros, incansáveis no estudo, prontos para todos os sacrifícios – e tudo isso fora afinal, somente, uma hipocrisia?”⁴⁸⁹.

E desenvolve um plano para o seu discurso, em que decide confessar que afinal tinha sido enganado, que somente agora tinha percebido e que doravante seria o “guerreiro n.º 1” contra a hipocrisia e a falsidade.

Mas o segundo réu, o Padre Mehil Miraj, depôs totalmente em sentido contrário, dizendo que sempre havia sido, na teoria e na prática, contrário ao comunismo e que, não obstante, toda a vida tinha trabalhado para os pequeninos, os pobres e o povo. Referiu que o Partido Democristiano não tinha chegado a ser formado, assumindo que na verdade os Padres deveriam tê-lo constituído, pois na realidade tinham perdido essa boa oportunidade de fazerem frente ao regime comunista. Assumiu que se tinha empenhado pessoalmente em prestar ajuda aos opositores do regime comunista, refugiados nas montanhas, designadamente assegurando-lhes alimentação, acrescentando que também tinha ajudado comunistas em dificuldades, pois o cristianismo consiste em fazer o bem e a caridade a todos, “sem olhar a quem”.

⁴⁸⁹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 142-143.

Depois deste testemunho, Zef Pllumi recuperou a sua confiança, dissipando-se a dúvida que havia ensombrado o seu espírito. Sentindo-se orgulhoso, prestou seguidamente o seu depoimento, refutando o auto de acusação e ironizando dizendo que, considerando que tinha nascido apenas em 1924, o auto decerto estaria errado e não se aplicaria a si, uma vez que as acusações aí registadas, como o incêndio de Roma pelos cristãos no tempo de Nero, provinham desde o primeiro século da cristandade. Esta atitude indispsôs os juízes, que lhe ordenaram que não prosseguisse com a ironia, ao que o frade Zef Pllumi especificou que após o seu nascimento se registaram de facto, em termos cronológicos, apenas dois dos catorze pontos enunciados no auto de acusação, concretamente o nazismo e a oposição ao “poder do povo”, ou seja, o regime comunista.

Condenado à morte, o Provincial dos Frades Menores pede cinco minutos para que todos se despeçam e se possam abraçar. Todos os réus perdoaram ao Padre Ndoc Sahatçia, o padre que havia prestado testemunho em primeiro lugar, renegando a sua fé. Também entre Matè Prendushi e o Frade Zef Pllumi se trocaram palavras de despedida que confirmam na vida de Zef a “urgência de narrar”: “Parabéns, que não envergonhaste a Província Franciscana. Ama-a e protege-a sempre assim. Que Deus te guarde e te abençoe”⁴⁹⁰. Um dos grandes testemunhos foi também o perdão concedido aos juízes pelos sacerdotes condenados.

Este episódio que o então Frade Zef Pllumi presenciou foi de tal modo decisivo para a sua vida que se tornou a sua razão de viver, suportando todas as agruras, as prisões, as torturas, os trabalhos forçados, porque sentiu que recebeu uma missão incontornável: um testemunho para narrar. Esta incumbência e responsabilidade tornou-se a sua razão de viver.

Este testemunho é fundamental para a fé cristã, pois trata-se de uma fé profunda, vivida, que aceita todas as consequências: tendo a liberdade de renegar com razões para isso, mas que colabora com a graça divina e segue os passos do Mestre, entregando a sua própria vida.

⁴⁹⁰ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 159.

Ficamos assim a saber que, à imagem dos antigos mártires, estas “testemunhas” cristãs contemporâneas souberam discernir, em primeiro lugar, o tempo e o modo de “perder a sua vida para a ganhar”, mas também que o “testemunho”, para lá de público e interpelação política, é uma “semente” a ser propagada, narrada para que continue a frutificar na Igreja que sempre cresceu com o “sangue dos mártires”.

O testemunho foi, durante os anos do regime comunista, prestado por palavras ou pela presença, como no caso do Padre Zef que quando trabalha na cooperativa junto do povo acreditava que, simplesmente com gestos pequenos como o de saudar às escondidas, dando a saudação: “louvado seja Cristo”, se pode cumprir a missão de fazer com que o povo não esqueça Deus⁴⁹¹. Zef e os outros Sacerdotes testemunharam nos julgamentos em público ou particulares e interrogatórios, pelas palavras e atitudes assumidas. Testemunharam também na prisão, pela forma como reagiram perante os opressores, os companheiros de cela bem como nos campos de trabalhos forçados perante as brigadas, respeitando os presos de outras crenças e convicções políticas e ajudando todos.

Além das torturas físicas, sofreram o “martírio na alma” ao ver fechar as igrejas, queimar as obras pelas quais se tinham sacrificado ao longo de décadas na Albânia e na Igreja, durante séculos), ao verem ser destruído tudo o que era património cultural da nação e património cristão. Ainda que nunca tivessem sido agredidos fisicamente, nem mesmo insultados, eu diria que, devido a estes factos, já sofreram um martírio, (martírio branco, isto é sem derramamento de sangue).

Não pude deixar de estabelecer um paralelo com o que se passou com a implantação da República em Portugal, em que, assistindo à supressão das nove casas de uma Congregação florescente que *fazia o bem* neste país há trinta anos, a Fundadora das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena descreve numa carta: “Sofro a dor profunda, impossível de exprimir o que sofro a separar todas as Irmãs, mandando-as para as suas famílias, as estrangeiras para os

⁴⁹¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 468.

seus países! Sofro um terrível martírio! Que a vontade de Deus se cumpra em tudo e por tudo!”⁴⁹². Sempre conformada: “Eu só posso dizer *Fiat*”⁴⁹³ e “*Fiat* é a única palavra que eu consigo pronunciar debaixo do peso desta tremenda Cruz”⁴⁹⁴.

3.7. Narrar o martírio

Depois do que já foi dito, compreende-se agora melhor a importância da narração dos factos. Compreenderemos, ainda melhor, porque a Igreja, desde os primeiros mártires, sempre se preocupou por recolher e conservar as narrativas - *acta, passiones, legendae* - de martírio. Tal preocupação tinha em mente várias prioridades: manter viva a memória dos mártires; usar estas narrativas como exortação e preparação para o martírio de outros crentes e propor modelos de vida cristã, na pessoa daqueles que levaram à plenitude o seu compromisso batismal.

Por outro lado, o imperativo da narração do martírio impõe-se por si mesma, enquanto “testemunho” público da fé. Tal testemunho deve, como tal, ser “publicado” e celebrado, para ser atualizado em cada tempo. Neste sentido, o ato de narrar o martírio é, ele próprio, parte do testemunho/martírio.

A memória e *narratio* dos mártires teve e tem uma relevante função apologética e missionária, na medida em que afeta tanto os não crentes como os próprios oponentes ou perseguidores. Se, para os que têm fé, o testemunho dos mártires acrescenta e fortalece a fé, consistindo numa prova do amor de Deus para com a humanidade, também para os que não partilham dessa fé, constitui uma interpelação inapagável ou dificilmente olvidável.

Efetivamente, também para os não crentes, o martírio constitui um exemplo de humanidade na sua mais ampla e profunda expressão. Com efeito, se analisarmos os atos dos mártires em todo o processo que atravessaram, como as provas dos interrogatórios, as

⁴⁹² DE SALDANHA, Teresa, *Cartas na primeira República 1910-1915*, Aletheia, Lisboa, 2006, 21.

⁴⁹³ DE SALDANHA, Teresa, *Cartas na primeira República*, 77.

⁴⁹⁴ DE SALDANHA, Teresa, *Cartas na primeira República*, 11.

torturas, a prisão e mesmo o fuzilamento, constatamos que, tendo a possibilidade de agir de outra forma, podendo por exemplo responder com revolta ou com a mesma violência verbal com que eram tratados, optaram sempre por uma atitude nobre, pacífica ao ponto de oferecer o perdão a quem os ofendia, maltratava, condenava sem razão e inclusivamente lhes tirava a vida. Os mártires e os confessores venceram-se a si mesmos e venceram também o seu adversário, demonstrando que é possível viver sempre de uma forma plenamente humana, ou seja, digna. E as atitudes que assumiram, que sabemos serem moldadas na fé em Deus e fortalecidas por Ele, são simultaneamente louváveis sob o ponto de vista cristão e humano.

Nesta reflexão, optamos por destacar o perdão como a atitude por excelência que os mártires oferecem à posteridade, a crentes e não-crentes, como exemplo extremo de superação do mal e da capacidade de acolhimento do seu semelhante, como expressão da maior humanidade, porque expressão máxima da configuração com Jesus.

Como Jesus, os mártires conseguiram perdoar aos torturadores e algozes que nunca lhes pediram perdão que não admitiram que estavam a agir erradamente. Perdoaram a quem fez acusações falsas contra si, a quem os julgou, torturando, e até a quem disparou para lhes tirar a vida. Perdoaram o passado e também o mal ainda não cometido mas já planificado, perdoando assim por antecipação. Também os sacerdotes que sobreviveram ao comunismo e foram libertados foram capazes de perdoar, pois, optaram por não acusar ou apresentar queixa, perante o tribunal, contra os seus torturadores nem tão pouco intentaram qualquer tipo de vingança.

Para citar um exemplo significativo e muito concreto de perdão na vida do Padre Zef Pllumi, referimos um carcereiro, que para subir na carreira, aproveita uma situação em que, por ter ouvido murmúrios provenientes da cela onde estavam quatro presos, um deles o Padre Zef Pllumi, acusa esses presos de estarem a planificar uma fuga. Um destes presos, para se livrar das torturas, cede e confessa a mentira enquanto o Padre Zef Pllumi nega-se a mentir e pede a morte. É, por isso, espancado brutalmente pelo comandante Ali Xhunga, de tal modo

que fica coberto de hematomas dos pés à cabeça. Ali Xhunua bateu em Zef até ficar cansado e, como estava calor, limpou o suor e disse: “Vês o que me fizeste? (...) mas vais ver agora o que te vai acontecer”⁴⁹⁵. Quando se encontram todos de novo, o comandante disse:

“Lourenço Vata, vês o que fizeste ao rapaz?

- Não, Lourenço não tem culpa nisto.

-Quem tem culpa, eu?

-Não! Ninguém tem culpa, não se trata de culpa, esta foi a nossa sorte, à qual devemos submeter-nos.

-És fatalista?

- Hoje não sou capaz de conversar mais.

- Está bem, eu gosto de discutir contigo. Deixamos para quando ficares curado”⁴⁹⁶.

Considero este exemplo grandioso, pois o Padre Zef não só perdoa a culpa de Ali Xhunga, mas perdoa de tal modo que procura até libertar a consciência de quem errou. E reparemos na desproporção: Ali culpa Zef de o ter feito transpirar e Zef não o culpa de o ter espancado em todo o corpo, ficando azul-roxo e a sangrar. A sua atitude de perdão, misericordiosa para com o comandante mostra-nos um caminho que diríamos mais que humano, remetendo-nos para o episódio em que Jesus disse a Pilatos: “tu não tens culpa, mas quem me entregou”, e nessas palavras é como se consolasse o próprio Pilatos. Trata-se na verdade de um grande desafio para a nossa humanidade imperfeita, perdoar de modo tão completo, com uma delicadeza tão extrema, a ponto de querer poupar quem nos feriu de sentir sequer o sentimento de culpa. E constatamos que este exemplo não deixa o ser humano indiferente, pois mesmo o torturador do Padre Zef sente nascer em si o desejo de diálogo. Com esta atitude, Padre Zef demonstra, mesmo aos perseguidores, que sobrevive para transmitir o testemunho do Seu Mestre e partilhar com todos os outros o que é perdoar, o que é amar, o que é *viver*.

O Padre Jul Bonati, citado na obra *Një monument nan dhe*, enfatizou:

“A fé católica tem como inimigo principal o *erro* e não os *errantes*, sendo que o *erro* é o comunismo, mas os *comunistas* temo-los por irmãos. Eu vivi torturas nunca ouvidas e nunca lidas. Massacraram (...) sem qualquer razão”.

⁴⁹⁵ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 134.

⁴⁹⁶ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 138.

Em contraponto com o seu comportamento, as atitudes dos carcereiros, comissários, procuradores, causam repulsa, pois que, em nome da “libertação do povo”, agem de modo brutal relativamente a pessoas que são também elementos do povo. Vimos como, sob a justificação de que pretendiam alcançar a justiça e a igualdade, se multiplicaram os espiões e os carrascos. O comportamento dos torturadores, por exemplo, revela o pior de que a humanidade é capaz.

Neste aspeto particular, daríamos razão ao filósofo Pascal quando refere a “Necessidade da aposta”⁴⁹⁷ Sob esta ótica, os atos dos mártires são, em simultâneo, lição de fé para os crentes e lição de humanidade para os não crentes. Daí a importância de narrar o martírio hoje: ao analisar os atos desumanos e humanos, respetivamente dos comunistas e dos crentes, transparece a superioridade de “apostar” seguindo o modelo da interioridade destes mártires, que, acreditando no Transcendente, se transcendem também no bem humano. O homem interior moldado por Deus constitui um testemunho muito forte para vivermos no dia a dia as dificuldades. Há quem avance mais, quem avance menos e quem tropece na primeira contrariedade e dificuldade, mas o modelo dos mártires ajuda, pelo menos aos crentes, a acolher o dom de Deus⁴⁹⁸ e, aos não crentes, a compreender que mesmo em situações-limite se pode ser humano e irmão de quem nos ofende e maltrata, pagando o mal com o bem. Ainda que não exista a fé numa vida eterna, o padrão de dignidade que nos propõem os mártires permite viver esta vida de maneira exemplar, ainda mais livre que na prisão, e com um padrão muito superior ao dos que se orgulhavam de se “aquecer na lareira” ou que tinham prazer em ofender e bater.

Com o exemplo dos mártires, e de acordo com o raciocínio de Pascal, é possível ganhar sempre a vida presente, independentemente de uma vida futura na eternidade, e esse é um desígnio querido a toda a humanidade.

⁴⁹⁷ PASCAL, *Pensamentos*, Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1961.

⁴⁹⁸ PINTO, António Vaz, *Ateísmo e fé – à busca de Deus*, Editorial A. O., Braga, 1997, 329. “Se o dom de Deus tivesse sido acolhido, a situação da humanidade seria hoje bem diferente”.

Dos que protagonizaram diretamente os interrogatórios como “inspetores”, não há conhecimento que fossem presos depois dos anos 90, com a extinção do regime comunista; não existiu qualquer pedido de perdão, em público, nos meios de comunicação social. Há, no entanto, notícia de pedidos de asilo político, inclusive a Roma ou a outros países estrangeiros. Entre os que torturaram o Padre Zef Pllumi e outros mártires ferozmente, vários houve que foram condecorados pelo governo, como Shyqyri Çoku, que foi agraciado com a mesma medalha e título concedido ao Padre Zef. O que é certo é que com o exemplo e obras dos Sacerdotes que sobreviveram, e com o testemunho que o Padre Zef Pllumi⁴⁹⁹ nos legou, aprendemos que mesmo esta história terrível pode ser contada pacificamente, em tom de perdão: para as gerações futuras, estes homens citam nomes e constroem memória, sem raiva ou rancor, redigem obras que refletem, questionam e convidam a fazermos o mesmo. E assim, este testemunho torna-se um legado de paz para as novas gerações.

Para além dos objetivos já referidos, narrar o martírio tem ainda esta finalidade: moldar as consciências e os corações humanos no sentido de os transformar para que a barbárie não se repita e o nosso mundo possa ser realmente melhor.

Se narrar o martírio é importante para reforçar a identidade cristã onde quer que seja, não podemos esquecer o que disse o Papa João Paulo II aos albaneses: “Por isso, caros albaneses, o vosso drama deve interessar a todo o continente europeu: é necessário que a Europa não o esqueça”⁵⁰⁰. A história e exemplo dos seus mártires pode iluminar o caminho da nova Albânia que procura o seu lugar na Europa, ajudando a valorizar e promover as virtudes e os princípios culturais ancestrais. Como povo, cabe-nos decidir os critérios com os quais queremos educar as futuras gerações, formar a sua identidade e podemos aprender com a história ainda muito recente e refletir se é melhor para nós acreditarmos num Deus criador e salvador ou pomos outros deuses no Seu lugar.

⁴⁹⁹ PLLUMI, Zef, *Vivi solo per testimoniare*, trad. Keda Kaceli, Buongiorno Italia Editore, Milano, 2015, 14. – “Aspirando ao paraíso no Senhor, viveu um verdadeiro inferno”.

⁵⁰⁰ Já citado supra, na Introdução, nota 2. RANCE, Didier, *Hanno voluto ucidere Dio – La persecuzione contro la Chiesa cattolica en Albania (1944-1991)*, Avagliano, Roma, 2007, 11.

De facto, quando ouvimos relatos como os que se verificavam nos trabalhos forçados, em que “havia casos em que enterravam os Sacerdotes vivos na lama só porque não podiam mais trabalhar”⁵⁰¹ é legítimo pensar se será este o trabalho que dignifica e que o regime comunista defendia ser a chave de evolução do ser humano, que assim deixava para trás a condição de macaco? Cabe-nos a nós escolher quem será o nosso Deus: Jesus Cristo, Lenine, Estaline, Mao-Tse-Tung ou Enver Hoxha? Em contraste com a ignorância, o testemunho narrado relativamente aos mártires edifica, mostra-nos que o conhecimento de Deus salva; traz a Salvação pois leva o Homem a aceitar a graça, não apenas em benefício do próprio, mas dos que contactam com ele e acolhem este testemunho. Este conhecimento de Deus liberta interiormente das inclinações como a opressão ou a vingança. E habilita a perdoar a injustiça e até a própria perda da vida, em muitas circunstâncias.

Se aqueles que destruíram lugares de culto ou maltrataram indizivelmente os seus semelhantes tivessem tido este temor de Deus, talvez não tivessem agido dessa forma. Tomamos as palavras de um montanhês que se dirige a um responsável comunista quando este proibiu que nomeassem Deus daquele dia em diante, pelo facto de o partido ter afirmado que Deus não existia. O montanhês pergunta por três vezes a este comunista se estava verdadeiramente convencido de que Deus não existia. Apos a confirmação, replica:

“Digo-te a ti que quando eu ficar convencido de que Deus não existe, então nada nesta terra deixarei de fazer do que me apeteça e não existirá governo que me meta na linha, nem alguém que me impeça, porque se não existe Deus e não existe alma, então não existe obra boa ou má, mas tudo o que me convenha a mim será bom”⁵⁰².

Na verdade, os que agiram sem Deus tiveram primeiro de se enganar a si próprios e “eliminar Deus da sua consciência” para que pudessem agir daquela forma e acreditar que esta consistia num bem para a Albânia. Estavam convictos de que este modo de agir em

⁵⁰¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 188.

⁵⁰² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 458.

função do amor ou temor de Deus consistia numa estratégia dos sacerdotes para explorar o povo, e que agora competia ao regime eliminar a sua influência nefasta sobre este.

Narrar o martírio tem, por fim, uma função evangelizadora, e, se não tornar os homens amantes de Deus, apresentando-lhes um modelo divino, ao menos apresenta-lhes como referência um modelo mais humano.

De facto, se ninguém narrar e testemunhar, “*como hão-de invocar Aquele em quem não acreditam? E como hão-de acreditar n’Aquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar sem alguém que O anuncie?*” (Rom, 10, 14-15).

3.8. Martírio e vocação cristã

Lembrar os mártires é recordar que também nós somos “fruto” do seu sangue. É lembrar que a nossa fé requer a afirmação pública, mesmo em tempos de cristianofobia. Mas é sobretudo lembrar que a radicalidade do Evangelho e das Bem-Aventuranças não pode ser “domesticada” por interesses, ideologias ou qualquer outro poder.

Falar do martírio é, afinal, falar do que significa ser cristão, como no-lo recordam estas palavras de Urs Von Balthasar:

“Segundo o ensinamento de Cristo o estado de perseguição é o estado normal para a Igreja no mundo, e o martírio do cristão é a sua situação normal... e não no sentido que cada cristão deva sofrer o martírio do sangue, mas no sentido que ele deveria considerar o caso que se apresenta como a manifestação externa de uma realidade externa, da qual ele vive. O martírio é o horizonte da vida cristã”⁵⁰³.

Não é, pois, facultativo considerar ou não o martírio como modo de ser e vocação do cristão. Por isso, narrar o martírio hoje é fortalecer a nossa identidade cristã. É importante lermos as narrativas dos mártires, a par da Escritura, para nos ajudar a acolher a graça de Deus. Para que o nosso coração não esteja, como reza o Salmo 141, “*inclinado para o*

⁵⁰³ VON BALTHASAR, Urs, *Córdula ou o Momento Decisivo*, Coleção Teofanias, Lisboa, Assírio e Alvim, 2009.

*pecado*⁵⁰⁴ ou para a pequenez, mas no sentido contrário. O martírio mostra-nos o caminho certo de como viver e morrer crendo em Deus e querendo a Deus. Não me refiro às torturas, mas sim à fé com que os mártires partiram para o Pai, proclamando o credo. A partir desta lição, somos impelidos a aceitar a vida como dom e a morte como encontro com Deus. Partir para Deus na confiança com que se procura viver no dia a dia. E, no caso concreto de uma nação sob o regime comunista, aprendermos que o facto de termos conseguido levar a luz elétrica a toda a Albânia não supõe necessariamente apagar a luz do espírito. O que vale ver de noite a brilhar uma lâmpada elétrica no meio de uma montanha quase isolada, se por causa dela se ofusca a vida? Uma não anula a outra, mas podem ajudar-se mutuamente. A luz dos princípios espirituais ilumina a ciência e o progresso, uma vez que a ciência é um dos dons do Espírito e não pode ser contra Deus ou contra a humanidade, mas, pelo contrário, deve levar a humanidade para o rumo certo que é Deus. No caso concreto da Albânia, temos o exemplo de um Estado que assumiu o materialismo dialético até ao seu limite e veio a comprovar que essa realidade não é suficiente para a vida da humanidade, pois o Homem é mais do que a matéria.

“Senhor, se quiseres podes curar-me” é uma passagem de súplica e confiança e como se dessemos licença a Deus para agir em nós e para o nosso benefício. Ele pode e quer. Os testemunhos narrados mostram-nos, como no caso do Padre Zef Pllumi, que o martírio não é um heroísmo, um mérito meramente humano⁵⁰⁵. Só com a ajuda de Deus se pode alcançar esta graça da plena aceitação e da oferta do perdão, pois não foi através de um heroísmo nascido das suas próprias forças que mereceram entrar na glória do Senhor e serem reconhecidos pela Igreja⁵⁰⁶ ou honrados pelo próprio povo⁵⁰⁷ que os condenou. O seu mérito existe na medida em que se uniram a Deus e aceitaram o dom de Deus. “O que tens tu que não

⁵⁰⁴ Sl 141, 4. “Não deixes meu coração inclinar-se para a maldade, para a prática de ações iníquas, na companhia de malfeitores”.

⁵⁰⁵ Como o Padre Zef nos narrou, quando estava pendurado, pela corda debaixo das axilas, no pessegueiro do pátio, “De fora, estávamos amarrados como Cristo no pretório e a sofrer como Ele e, exteriormente, repetia-se a cena de há dois mil anos atrás, mas o coração era diferente, não conseguíamos perdoar nem amar os algozes logo no primeiro instante”.

⁵⁰⁶ Vd. Anexo II

⁵⁰⁷ Vd. Anexo III

tenhas recebido? E se o recebeste porque te vanglorias como se não a tivesse recebido?” (1 Cor. 4, 7). E Santo Agostinho comenta este pensamento dizendo: “Quando Deus coroa os nossos méritos, coroa os seus próprios dons”⁵⁰⁸. Deus não força a nossa liberdade, mas a quem Lhe pede ajuda não nega a Sua graça e os Seus dons, como nada negou a estes mártires. Foi visitar os seus na prisão sob a presença Eucarística e consolou-os e deu-lhes força para enfrentar tudo.

Ao refletir nas leituras que fizemos e no que se passou com o comunismo penso que aprendemos com todos: pensadores, filósofos, com outras culturas e também uns com os outros, mas que isto não pode anular o que há de bom na nossa identidade. É um grande erro desejar o que não é nosso nem nunca será e, em prol dessa opção, desprezar o nosso património: refiro-me à nossa cultura na Albânia, de que se perderam verdadeiros tesouros a nível de literatura, arqueologia, tradições culturais; o que sucedeu na Albânia entre os anos 40 e 90 do século XX representa uma grande perda, e nunca será de mais sublinhar que os mártires e outros membros do clero se empenharam e gastaram a sua vida, dia após dia, para promover este legado ancestral e conservá-lo como um tesouro.

Porém, a maior perda que pode registrar-se na humanidade é quando se perde a relação com Deus: “*Eu sou o teu Deus*”. Quando o Homem quer ocupar o lugar de Deus, expulsando Deus da sua vida: “*Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças*” (Is 45, 5); Quando alguns “poderosos” querem com seus poderes repor o regime de opressão: “*Todavia, eu sou o Senhor, teu Deus, desde a terra do Egito*” (Os 13, 4; Ex 20, 5; Dt 4, 24). Como Deus, ao revelar-se, faz questão de referir que é de cada homem e mulher, que ninguém lhe é indiferente.

Se o ser humano não é indiferente para Deus, Ele não deve ser indiferente para os Homens, e a humanidade só perde se tentar viver sem Deus. Se uma nação, como a Albânia,

⁵⁰⁸ AGOSTINHO, *Grazia e Libertà*, VI,15: “Dona sua coronat Deus, non merita tua”.

perder a sua fé, a sua cultura, a sua identidade para seguir uma ideologia como a de Marx, filósofo alemão, só tem a perder, no sentido de que nenhum ser humano pode substituir Deus.

Ao longo da história da humanidade, cometeram-se erros de egoísmo e de ignorância, tanto no âmbito da Igreja como no campo político, uma vez que a ciência é dom de Deus e Deus não apela a dar a morte ou a torturar alguém. No caso da Igreja, que injustiçou Giordano Bruno convicta de estar a servir a fé (erro pelo qual a Igreja continua a pagar, e que figurava nos autos de acusação dos 38 mártires da Albânia e dos demais Sacerdotes) ou no foro político, em que um Imperador como Valeriano mandou queimar São Lourenço constatamos que este tipo de erro não é justificável, mas que, ainda condenando-se o erro, podemos aprender com o erro cometido. Depois do muito que evoluímos na ciência, em tantas áreas do saber, temos também possibilidades de aprender com o martírio, com os erros, para que a humanidade não seja tão bárbara como há milhares de anos, mas que haja um progresso na sociedade, na humanização mais do que material. Esse poderá ser o contributo dos mártires, através da vida gasta e da vida entregue, o de nos ensinar a ser mais humanos, o de ajudar a formar uma identidade mais humana. O nosso Deus manda amar e não matar e isto está claro na revelação definitiva em Cristo. *“EU, porém, vos digo”* (Mt 5.22, 28,32,34,39,44). É este o ensinamento dos mártires.

Os mártires poderiam ter-se defendido. Na revolta da prisão de Spaç, não apenas entre prisioneiros, mas também contra os guardas prisionais, os Sacerdotes abstiveram-se de se manifestar, não incentivando ou dirigindo ou sequer participando. E estavam lá. Poderiam ter-se aproveitado do clima de insurreição para se vingar⁵⁰⁹, poderiam ter-se insurgido ou cometido atos violentos, uma vez que sofriam muito e injustamente na prisão, não apenas por se tratar de uma situação completamente injustificada pois que eram completamente inocentes, mas também porque a sua atitude pacífica provocava uma cólera ainda maior nos guardas e inspetores, e sofriam atitudes de maior violência por parte destes, relativamente à

⁵⁰⁹ Como aconteceu com dois prisioneiros injustamente condenados à morte que mataram dois polícias.

maioria de restantes presos. Mas há algo que os impede de se vingar: a fé, os mandamentos de Deus, a promessa do futuro. Sabem que há um Deus e com Ele conseguem o que só por si com as simples forças humanas, não conseguiriam. E escolhem o caminho mais difícil, mas mais humano e divino: aceitar e perdoar.

Foi esta a razão pela qual a obra do Padre Zef Pllumi me prendeu da primeira à última página, pois consegue encontrar a forma de contar os maiores sofrimentos, a maior dor não insultando ou amaldiçoando, ou clamando por justiça ou vingança, e nunca pedindo que os seus algozes sejam punidos. Essa atitude convida a uma dupla pergunta: antes de mais, por que é que os responsáveis do regime comunista agiram de forma tão animal para com os Sacerdotes e leigos cristãos perseguidos? Esta primeira questão lembra-me o cântico cantado na Semana Santa, na sexta-feira da Paixão do Senhor: “Meu povo que te fiz eu, em que te contristei? Responde-me”. A segunda questão prende-se exatamente com a atitude de perdão oferecida pelos mártires perante uma violência tão injusta. Relativamente a esta, a resposta só poderá perceber-se à luz das palavras do Mestre:

“Mas a vós que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam. Ao que te bate numa face, oferecelhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica; dá a todo o que te pede; se alguém levar o que é teu, não entres em demanda. Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles. Se amardes aos que vos amam, que mérito há nisso? Pois também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que mérito há nisso? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito há nisso? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Amai, porém, a vossos inimigos, fazei bem e emprestai; e grande será a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados”.(Lc 6, 27-37).

Na Albânia poderiam ter coexistido as duas realidades, o materialismo marxista no que tem de positivo e o progresso material que tentou implementar, com a vida espiritual; não havia necessidade de uma realidade pretender anular a outra.

Trazemos aqui outro diálogo edificante entre o Padre Zef Pllumi e o Instrutor da Comité Central do Partido, para espelhar a identidade moldada pelo Evangelho como reverso da medalha perante uma identidade materialista: O Instrutor da Comité Central do Partido, homem instruído e com bases materialistas do marxismo-leninismo tenta convencer o Padre Zef de acordo com premissas filosóficas. Começa por acusar os sacerdotes de terem vivido com ideias e ilusões turvas e tortas. Afirma que a lógica materialista é a única via justa, que além da matéria nada há e que tudo o que existe são manifestações da matéria.

- Diz Zef: “Eu não sou materialista nem idealista, como erroneamente vós delimitais, eu sou realista e aceito a existência da ideia e matéria ou seja corpo e espírito em que ideia tem primazia. Porque para contruir uma casa começa-se pela planificação.

- Estás com ideias totalmente erradas sobre as ideias e os projetos científicos. A mente é elaborada numa parte do corpo chamado “cérebro” que é matéria. O cientista somente descobre leis e nada inventa, mas torna conhecido o que se desconhecia.

- E a fantasia o que é?

- É uma forma da matéria, tal como as artes.

-(...) depois de um longo discurso, (o Padre Zef) quis interromper com boa educação, dizendo:

- Escuta senhor!

- Não sou senhor, mas amigo!

- Se se sente ofendido com a palavra “senhor”, então devemos procurar um termo mais real, porque com certeza que “amigo” não é o indicado. Por isso eu não posso utilizar a palavra amigo, porque não é verdade. Sejam bons ou maus, somos irmãos e por isso escuta, irmão (...) parto da tua tese materialista que sendo as ideias originadas do cérebro, matéria, ou formas possíveis dela, pergunto: Deus, que tu afirmas ser criado do cérebro do homem, pode ser uma criatura sem bases na realidade? Pode a mente humana criar o que não existe?

- “I poshter! i poshter!”⁵¹⁰ Malandro, sempre ouvi que o clero é malandro, mas que chegue ao ponto de provar a existência de Deus por meio da doutrina materialista nunca teria pensado!... afinal sempre foram malandros.

- Escuta bem o que te digo: durante séculos o sim e o não nunca se derrubaram um ao outro, mas permaneceram iguais onde estavam; enquanto os palavrões e as ofensas não entram em qualquer

⁵¹⁰ “Poshter” vem da palavra “poshte” que quer dizer abaixo, homem rebaixado, malandro, vil.

código humano: são arma do vencedor que não consegue vencer pela lógica; os palavrões e a ofensa são uma violência. Quando chamares a alguém “malandro” deves ter na mão factos que provam a malandrice”⁵¹¹.

Ao ler este diálogo entre duas visões distintas entre si, entre um homem materialista, culto e um sacerdote verificamos que um toma a liberdade de ofender durante o diálogo e outro toma esta liberdade para não o fazer, porque os seus princípios são moldados pela fé e sabedoria.

E podemos continuar a interrogar-nos com o Padre Zef Pllumi: Porquê? Porque se mata? Porque sacrificar os outros? E, na verdade, por que não seguir o exemplo dos mártires, gastando a vida para o bem e serviço do próximo? Por que fazem ainda guerra aos cruxifixos?

A este propósito, narro uma história do Padre Zef Pllumi. Em 1974, foi levado para uma outra prisão, chamada Reparti 313, em Tirana. Colocado na solitária cela 41, começou a deslocar-se para se ambientar ao espaço. Atrás da porta encontrava-se colocada uma folha com as regras da prisão escritas à máquina. Como não tinha os óculos para ler, e a cela era muito escura, apenas com um pequeno buraco, quase no teto e fortemente gradeado, aproximou-se e ao tocar na folha caiu no chão uma cruz feita de palha de trigo retirada dos colchões da prisão, que estava escondido entre o papel e a porta.

“A cruz brilhou na escuridão da cela e ainda mais iluminou a gruta da minha alma. Levantei-a do chão, beijei-a e coloquei-a na testa e perto do coração. Senti uma paz e consolação inusitadas. Descansei espiritualmente.

Donde veio a cruz? Qual foi o anjo que me deu? (...) Quem a tinha trabalhado e colocado por detrás daquela folha que eliminava toda a liberdade humana e tornava o homem num animal? (...) A cela estava muito escura mas no dia seguinte, com um pouco mais de luz, observei a porta da cela e sob o papel, encontrei um nome gravado: Padre Shtjefen Kurti.

Então pensei: «Este Padre foi fuzilado por ter batizado uma criança. Esta cela é para quem é condenado à morte. Ó, Senhor, ajuda-me, dá-me força para manter a coragem!».

Durante quase dez dias, na solidão e no frio daquela cela, senti-me muito calmo espiritualmente. Na porta escura que estava em frente a mim brilhava como uma chama dourada

⁵¹¹ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 449-450.

a cruz pequenina feita pelo mártir albanês Shtjefen Kurti, e eu rezava sempre: “Minha luz e esperança minha!”⁵¹².

O que é verdadeiramente cristão é seguir Cristo e viver como Ele viveu e ensinou a viver. Estes podem dizer como São Paulo “*já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20). Ditadores como Enver Hoxha, Mehmet Shehu e seus fiéis executores não foram a alternativa que pretendiam ser para o cristianismo.

Estou convicta de que o que lemos nos forma interiormente. Somos “amassados” pelo que lemos, pelas leituras e pela informação que recebemos. Muitas obras mudaram o rumo da história e influenciaram decisivamente as opções e trajetórias políticas de muitas nações e pessoas. Quem lia somente marxismo-leninismo era nesta linha que conduzia a vida. Os Sacerdotes tinham também a sua linha de pensamento que os orientava na vida. Nós “não nascemos cristãos, tornamo-nos cristãos” afirmava Tertuliano (*fiunt, non nascuntur christiani*)⁵¹³. A identidade vai-se formando. Estas narrativas de martírio fortalecem-nos na fé. Os mártires são medianeiros e a narração das torturas serve para dar a conhecer o caminho mais nobre.

Os mártires tiveram esta convicção de que morrer e não negar a fé era decorrente da sua identidade cristã. Uma sã identidade, que não apenas impedia de praticar o mal, nomeadamente matar ou ofender outros gravemente, como sobretudo impulsiona ao bem, dirigindo o seu caráter e a sua vontade firme para o que é edificante.

Quando fecharam as igrejas, um dos chefes comunistas perguntou ao Padre Zef:

“ - O que pensas que farão convosco?

- Prisão e sofrimentos.

- Prisão e sofrimentos não, porque não cometeram crimes, mas se as igrejas estão a fechar, tu que és ainda novo o que esperas, porque não “saltas” para o nosso lado?

- Mas isso é impossível, porque eu acredito em Deus!...

- Verdade? E és convicto?

⁵¹² PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 622-625.

⁵¹³ TERTULIANO, *Apologeticum*, XVIII, 4. Afirmação equivalente em *De testimonio animae*, I,1.

- E como podes duvidar? Eu hoje tenho 43 anos, estou totalmente amassado como o pão na minha fé. Por causa das minhas fragilidades posso cometer erros contra a humanidade e contra Deus, mas jamais largarei a fé. Não penses que a fé é como uma camisa que se deve trocar porque está velha ou suja, jamais! Sou como aquela árvore grossa que não se dobra, só se inclina se a cortarem e mesmo assim, a raiz deita novos ramos”⁵¹⁴.

Estas palavras do padre trazem-nos à memória outras páginas célebres dos mártires da Igreja antiga, quando Perpétua perguntou ao pai que a queria convencer a negar a fé:

“ - Vês este vaso de barro que aqui está, caído por terra e partido em pedaços?

- Vejo sim, respondeu o pai.

- Poderá, porventura, ser outra coisa ou ter outro nome?

- Não, respondeu.

-Também eu não posso ser ou chamar-me outra coisa senão “cristã”⁵¹⁵.

Ontem, hoje e amanhã, a identidade e vocação cristãs encontram-se seladas no sangue dos mártires.

⁵¹⁴ PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue*, 447.

⁵¹⁵ *Martírio de Perpétua e Felicidade*, III (D. RUIZ BUENO, 421).

CONCLUSÃO

Ao ler a obra do Padre Zef Pllumi vi nela a força da fé e o sentido que os mártires e confessores deram à vida e à morte. Fortaleceu mais a minha fé e o amor ao estudo da Bíblia e fez-me apreciar mais ainda o que aprendi ao longo de cinco anos na UCP. Os mártires são a prova viva de que o que se aprende na Teologia não só belas ideias, mas encarnam a vida e dela dão testemunho.

Aprendi a apreciar estas narrativas tão edificantes e a constatar como numa vivência quase inenarravelmente marcada pelo sofrimento, que ao mesmo tempo silencia e grita vitória da fé, a esperança e o amor vencem. Se grande era o sofrimento, maior foi o perdão concedido aos inimigos, a entrega a Deus e o serviço prestado à humanidade.

A finalidade deste estudo consistiu em dar a conhecer quem foram os mártires e confessores da Albânia, com cujo exemplo aprendemos a viver, ainda mais unidos a Cristo tanto no bem, servindo a humanidade, como nas dificuldades da vida na cruz. Se o presente trabalho puder contribuir para que, com o exemplo dos mártires e confessores aprendamos a fortalecer a nossa fé e identidade cristã e uma vez formada a reta consciência nos sintamos mais motivados a permanecer fiéis, mais unidos a Cristo e à Igreja e melhores servidores de Deus e da humanidade, terá cumprido o seu objetivo. Buscámos, pois, nesta dissertação, narrar o que o comunismo albanês procurou silenciar de muitos modos. Tentou-se calar a fé e a Igreja fuzilando muitos sacerdotes bem como leigos que professavam publicamente a sua fé. O regime político, assumidamente ateu, procurou suprimir todos os espaços sagrados e, se mesmo o domínio otomano preservara algumas igrejas milenares, o regime comunista encerrou-as e anulou-as na totalidade.

Foram eliminados os objetos de culto e a toda a literatura religiosa ou que se referisse a Deus ou à Igreja, e por fim proibiu-se o povo, e toda a nação, de invocar o nome de Deus, punindo-se, com penas severas, o ensino e transmissão da fé às gerações futuras.

Depois de explicado o enquadramento histórico e político e narrada a forma do martírio, o grande desígnio do nosso estudo consistiu, pois, em celebrar os mártires que não calaram, e, perante acérrima oposição e perseguição, defenderam a Igreja e professaram desassombradamente a sua fé.

A Igreja reconhece que “a pessoa do mártir permanece intimamente ligada à de Cristo”⁵¹⁶. Na vida e morte destas testemunhas assistimos a um perfeito seguimento e continuação do Evangelho, até aos nossos dias: Deus presente na humanidade, que continua a sofrer nela e é a sua força e o seu consolo.

Narrar e testemunhar a fé, também para nós hoje, num tempo de cristianofobia, embora mais camuflada e não tão claramente acentuada, designadamente na Europa, é fundamental, porque “não nascemos cristãos”, mas aprendemos a sê-lo. Continuamos a acreditar que “o sangue dos mártires é semente de cristãos”: “semente”, porque brota do Evangelho, depois que “o Semeador saiu a semear”, “semente de cristãos”, porque a “seara” continua a ser imensa e tantas vezes habitada pelo “inimigo” que teima em semear o joio. No caso da Albânia da segunda metade do século passado, foi a ideologia comunista que quis “arrancar o trigo”, para que ficasse apenas o “joio” das doutrinas negadoras da liberdade e dignidade humanas.

Neste contexto, os mártires e confessores constituíram uma espécie de reserva de resistência e, enquanto tal, continua a ser reserva moral e da memória do nosso povo e Igreja.

O ato de narrar e testemunhar o martírio encerra a potencialidade de que, mormente no meu país, a Albânia, a história e a memória possam dar as mãos para que não volte a suceder a ilusão de que se pode silenciar a fé e construir uma sociedade sem Deus.

No que concerne à Igreja, o testemunho destes mártires e confessores representa uma referência incontornável e uma luz para que, no seu rasto, aprenda a ser o que deve: livre e missionária, mesmo quando querem calar os arautos.

⁵¹⁶ BASTIAENSEN, A.A.R., *Atti e Passioni dei Martiri*, Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, Italia, 1990, xxiii.

A esta análise das vidas e das vozes dos mártires permite-nos aferir a diversidade e riqueza dos diversos carismas que compõem a Igreja. Da narração ecoa a originalidade das diversas Ordens religiosas, em que Jesuítas, Franciscanos, entre outros, revelam um testemunho idiossincrático resultante da vivência e expressão de fé, em cada Ordem, enriquecendo-se mutuamente, como que num coro polifónico, em que resulta bem patente a importância de uma Igreja composta por muitos carismas. Também esta multiplicidade de vozes que se complementam dá força e credibilidade à narração de uma história de fé.

Sei que o tema e a documentação (nem toda ao nosso dispor) mereceriam mais amplos e completos desenvolvimentos. Mas fui obrigada a aceitar realisticamente que este era apenas o começo de um estudo que merece ser continuado. Os dois meses em que pude deslocar-me à Albânia, para obtenção de material, não foram, de modo algum, suficientes para um levantamento mais completo nos arquivos jesuítas e franciscanos.

Trabalhar este assunto fora do meu país e da minha língua, agravaram as dificuldades, mas não me mataram o entusiasmo pelo assunto nem a esperança de poder continuar a narrar os *actos* e palavras desses homens de fé a toda a prova.

Por outro lado, e por se tratar de pessoas e acontecimentos situados num período histórico muito recente, relativamente ao qual os arquivos não foram ainda todos abertos, e dado que a beatificação dos mártires ocorreu há apenas dois anos, verifica-se que muitas das fontes não se encontram ainda editadas ou tratadas criticamente. Relativamente a esta questão, devo acrescentar que uma vez que o fim do regime político descrito ocorreu muito proximamente, paira ainda na Albânia um certo receio de abordar determinadas questões, designadamente as que envolvem nomes de pessoas comprometidas com cargos públicos.

Não obstante as limitações que sempre se verificam em qualquer trabalho desta natureza, nomeadamente os constrangimentos do tempo de que dispomos, sossega-me a percepção de que, na Biblioteca da UCP existirá doravante um pequeno escrito de memória e

tributo a estes mártires, o primeiro em que se pode ler, em língua portuguesa, os seus nomes, a sua coragem, a sua esperança, a sua fé, a sua total configuração com Cristo.

Sentimos, deste modo, justificada a elaboração deste estudo, porque ao confrontarmos nos com o testemunho oferecido por estes mártires e confessores percebemo-nos instrumento da necessária e imprescindível narração da sua história, que continua nos nossos dias a história de Cristo. Como foi dito ao jovem seminarista Zef pelo seu superior franciscano:

“Precisamos que vivas e não morras. (...) tu debes viver somente para contar; se nada mais fores capaz de fazer nesta vida, vive somente para contar! (...) Se desaparecermos todos e ninguém ficar para contar, tudo se perderá, ninguém ficará para contar como tudo se passou. Quem “sobrar” (sobreviver) deve contar! Não devemos desaparecer para as gerações futuras”⁵¹⁷.

Este testamento permanece válido para cada albanês, para cada português, e para cada cristão, porque os mártires pertencem a toda a Igreja. Viver e narrar a fé da Igreja.

APÊNDICE I⁵¹⁸

⁵¹⁸ <http://kishakatolikeskoder.com/lajme/veprintarit%c3%ab-zyrtare-p%c3%abr-lumnimin-e-38-martir%c3%abve/>, 23.01.2019 (as fotografias são do *site*, porém a ordem pela qual figuram é conforme à sua apresentação no trabalho).

APÊNDICE II

Reconhecimento pela Igreja

O testemunho que até aqui evocámos foi reconhecido pela Igreja e, desde então, mais conhecido pelo mundo católico⁵¹⁹.

O Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, delegado do Papa Francisco para a Celebração Litúrgica da Beatificação dos Trinta e Oito Mártires da Albânia, ocorrida na Catedral de Shkodra no dia 05 de novembro de 2016, na homilia então proferida, disse estas importantes palavras que reproduzimos por terem sido pouco divulgadas:

“Os Mártires lembram-nos que o bem é, na terra, continuamente combatido, contrariado e provado pelo mal⁵²⁰. Porém, não são os perseguidores, mas sim os mártires os autênticos protagonistas da história da humanidade. Enquanto os perseguidores se dissolvem como tantas sombras negras que se perdem para sempre na escuridão do esquecimento eterno, os mártires são por sua vez chamas de luz que brilham no céu da humanidade, mostrando a todos o autêntico rosto bom do Homem. A sua identidade profunda de serem imagem semelhaníssima a Deus. Mesmo no inferno de uma perseguição arbitrária e injusta, os vossos mártires mostraram perante os inimigos os mesmos sentimentos e comportamentos de Cristo: perdão, lealdade, força, fraternidade e misericórdia. Tornam-se de tal modo a bússola salutar para o nosso reto comportamento em direção ao bem, que é o Reino de Deus a edificar também nesta terra. Os mártires são o testemunho daquela nova humanidade que semeia na história não guerras, divisões e morte de seres inocentes, mas paz e alegria e fraternidade. Exaltando os autênticos talentos do ser humano, criado como disse o poeta Dante: não para viver como homens maus, mas para seguir a virtude do conhecimento.

Tribulação, martírio, glorificação é esta a sorte que calhou aos mártires albaneses. Os seus suplícios assinalam uma página trágica da história europeia. De um lado, os perseguidores sem piedade, do outro lado os mártires, humanamente desamparados. Muitos, nesta tempestade de humilhação e de sangue, perguntavam-se onde estava Deus. Mas foram eles mesmos, os Mártires, a responder que o Senhor estava com eles. Deus sustentava-os nos suplícios, subia ao

⁵¹⁹ Gravação efetuada da transmissão, em direto, da Cerimónia de Beatificação, no dia 05 de novembro de 2019 (transmissão num canal televisivo). Dispomos, para consulta, do ficheiro áudio, que inseriremos no CD com a última versão da Dissertação Final.

⁵²⁰ “Osteggiato”

calvário com eles, padecia com Eles, chorava com eles. Nos Mártires albaneses, Jesus Cristo revivia a Sua Paixão e a Sua morte. Estava ao pé do Padre Lazer Shantoja quando foi fuzilado em Tirana... perto de...” (nomeia muitos dos Mártires e seu final de vida).

Depois, de lembrar o caso exemplar de Monsenhor Franco Gjini, especialmente atormentado com suplícios, até desfalecer, preso a uma árvore, espancado e submergido num esgoto e, por fim, fuzilado”, a homilia do Cardeal Angelo Amato continua, afirmando a identificação do mártir com Cristo:

“Esta coragem supra-humana dos nossos Beatos era fruto da graça de Cristo, que sustentava o Mártir nas penas atrozes e no suplício. Condenados inocentemente, tinham Cristo a seu lado. A partir da Sua graça, enfrentaram com serenidade e mesmo com alegria a prova do Martírio. Sabiam que compartilhavam a Ressurreição com Cristo e que o seu sangue seria a semente para a primavera da Igreja na Albânia. Mas como agir perante os abusos de uma ditadura desumana e sangrenta? Lembremos e façamos nossas as palavras do Papa Francisco: não esqueçais as chagas, mas não vos vingueis. Caminhai em frente, com esperança, rumo a um grande futuro. Perante o genocídio religioso da ditadura comunista do século passado, o comportamento dos católicos é o de recordar e de perdoar. O “recordar” serve para reforçar o convite de Jesus a perdoar aos inimigos e mais ainda, a amá-los e a rezar pelos que os perseguiram. Dos Mártires cristãos, os católicos devem herdar, não comportamentos de ódio, de rancor, de divisão, mas sentimentos de amor, de fraternidade e concórdia. Hoje, os católicos, em memória dos seus Mártires, devem cobrir com o manto de perdão aqueles que os perseguiram, maltrataram e mataram. Isto é um dom que a Igreja Católica faz com alegria e convicção ao povo albanês, para que viva com a alma reconciliada no convívio com os irmãos. (...)

Mártires Albaneses rogai por nós, ámen!”.

APÊNDICE III

Reconhecimento pela Pátria

Os mártires cristãos nunca se opuseram aos governos instituídos, e muito menos aos que honestamente servem o seu povo, exercendo os cargos políticos. Só se opuseram àqueles que se quiseram pôr no lugar de Deus e, para tal, impuseram regimes negadores da liberdade e dignidade humanas. Não admira, por isso, que as autoridades políticas acabem, também, por reconhecer a “razão” dos mártires e os benefícios que o seu sangue “semeou” para os seus povos.

Assim sucedeu mais uma vez quando, em 2016, depois de beatificados pelo Papa Francisco, os mártires da Albânia foram também homenageados pelas autoridades civis da Albânia. Efetivamente, em 09 de novembro de 2016, os trinta e oito Mártires foram condecorados pelo Presidente da Albânia, Bujar Nishani a título póstumo.

A homenagem pública e a condecoração foi atribuída exatamente pelos serviços prestados à Pátria e pelo alto contributo concedido pelos Mártires ao povo albanês o que representa realmente um triunfo do bem sobre o mal, se atentarmos a que a causa da sua condenação e morte sob o regime comunista havia sido exatamente o alegado crime de se tratar de “traidores à pátria”.

A alta condecoração concedida aos Mártires foi acompanhada de um discurso muito significativo por parte do Presidente, que realçou o facto de os Mártires deverem ser enaltecidos justamente pelo elevado espírito de patriotismo⁵²¹:

No dia 9 de novembro de 2016, o Presidente da República Albanesa, numa cerimónia solene, agradeceu os 38 mártires, beatificados uns dias antes pelo Papa Francisco, com a mais alta condecoração nacional, a ‘Bandeira da Nação’.

Bujar Nishani proferiu, emocionado, o discurso cujo teor consideramos indispensável reproduzir neste contexto, para que esta mensagem seja perpetuada:

⁵²¹ Documentário: <https://albemigrant2011.wordpress.com/2016/11/14/presidenti-nishani-ne-dekorimin-e-38-martireve-te-kishes-katolike-shteti-shqiptar-ju-kerkon-singerisht-dhe-perunjesisht-ndjese-ju-kerkon-falje-dhe-ju-shpreh-pendese/>, visualizado em 22 de janeiro de 2019, 21:00h

“A Igreja Católica e o seu clero estão enraizados nesta terra há mais de uma dezena de séculos, e espalhados em todos os seus cantos desde a origem da nossa nação. A história desta instituição milenar na Albânia é tanto uma história de alegria e júbilo, como de martírio, é tanto uma história de fé e de crença como de patriotismo, tanto uma história religiosa como de cultura, tanto uma história de celebração de eucaristia como uma história de escrita e literatura, tanto uma história de catolicismo como de harmonia e convivência com outras religiões, tanto uma história albanesa como uma história europeia e universal. A Igreja é uma gloriosa herança da Albânia e uma realidade muito útil para este País.

O tempo, os acontecimentos, as invasões, as ideologias não os pouparam a grandes provas existenciais, em que não faltaram os meios de tortura, tanto nos tempos antigos como nos da tirania moderna. Esta Igreja, as Ordens religiosas e os fiéis nunca desiludiram. Eles expressaram muitas vezes a sua verdade com o martírio, acendendo assim a luz de Deus, a da língua e cultura albanesa, e da própria ideia da nação sempre que ela se apagava, não temendo a morte, tanto assim que ofereciam a sua vida como o mais alto testemunho da alma e da liberdade.

Desde Pal Engjëlli i Skënderbeu⁵²² até Ernest Troshani⁵²³, é extensa a lista de nomes dos que se empenharam na conquista da independência e formação da nação, mas também na lista das vítimas da perseguição e julgamentos do comunismo; na lista gravada nos livros e nos conventos, mas acima de tudo na memória da nação. Recordada nas palavras do Padre Gjegj Fishta, permanece como uma imagem que não é destruída nem pela intempérie nem pelo tempo. Os trinta e oito desta lista, que toda a vida viveram e exerceram a sua vocação dentro da fórmula santa ‘Fé e Nação’, enquanto se separavam da vida terrena perguntavam: ‘*O que devíamos fazer mais para sermos albaneses?!*’

Depois de terem resistido heroicamente às torturas e à sentença que os condenava à morte, partiram deste mundo em sintonia com os santos ensinamentos, perdoando aos seus assassinos e deixando em cima da terra o seu testamento assim condensado: ‘Viva a Albânia, mesmo sem nós’. Não é fácil delimitar e especificar um a um, mas podemos dizer que eram clérigos e intelectuais, pensadores e escritores célebres deste País, participantes em todos os acontecimentos importantes da nação, como o ‘renascimento da Albânia’, em 1912; após a independência do Turco, consolidaram o estado independente depois de 1912, e consolidaram as instituições académicas e pedagógicas. Devo referir que dentro deste grupo se encontra também a editora da revista ‘Hylli i Drites’ (Estrela da Luz).

Desde os anos trinta, eles avisaram do perigo que o bolchevismo traria à Albânia. Foram os primeiros que se confrontaram com a vingança, criando assim o modelo da resistência firme, do confronto e do triunfo do Homem livre, em relação à tirania ideológica que declarou guerra contra Deus e seus filhos. Caminharam conscientes em direção ao martírio, em direção ao Céu. Com o seu sangue se escreveu o hino da liberdade e da democracia albanesa.

O Papa Francisco, este grande amigo do nosso País, beatificou-os fazendo-os assim parte da história católica, convidando-nos assim que nos separemos dos dogmas totalitários. Eles em nada precisam de nós. A nossa consciência precisa deles. A nossa consciência precisa pedir perdão, precisa de identificar-se com eles, precisa honrá-los, precisa falar aos seus filhos sobre eles, precisa passá-los de geração em geração.

Queridos concidadãos!

Aceitar com humildade os crimes do regime comunista (e não os erros, como lhe poderão chamar alguns com astúcia ou sem pensar bem) - e isto friso-o muito, olhando a todos nos olhos - com arrependimento verdadeiro e a cabeça baixa, mas acima de tudo apresentar um pedido sincero de perdão, dirigido a todas as famílias das vítimas inocentes por todos aqueles crimes que foram cometidos “em nome do povo”, ajudar-nos-á a todos, como sociedade

⁵²² Arcebispo do século XV, concelheiro do mais famoso herói nacional albanês o grande Skenderbeu. Pal Engjëlli dominava latim e grego e escreveu a fórmula do batismo em albanês (arberesh). Homem sábio, de vasta cultura.

⁵²³ Com o título de Cardeal emérito que sobreviveu o comunismo.

albanesa, a desenvolver os laços de fraternidade e a caminharmos em frente, sem jamais ter medo dos fantasmas de um passado escuro e ditatorial.

Por isso, na qualidade de Chefe do Estado, sinto como dever - e porque em primeiro lugar mo impõe a consciência, como cidadão - com muita humildade, pedir um perdão sincero, em nome do Estado que me escolheu para ser símbolo de unidade do povo, aos familiares das inúmeras vítimas da ditadura comunista, pedir perdão também à Igreja Católica na Albânia, e a qualquer outro que tenha sido assassinado inocente, que tenha sido perseguido até à terceira geração, que tenha sofrido danos fisicamente, moralmente, e mais ainda espiritualmente, que tenha sido atacado gravemente na sua dignidade humana e privado dos direitos humanos fundamentais e universais, e que talvez ainda continue a sofrer as consequências terríveis e quase irreparáveis dos crimes macabros, crimes estes revestidos injustamente com um manto, sob o pretexto de que eram cometidos em nome do Estado e da assim chamada “guerra das classes”!

O Estado albanês, hoje, apresenta-vos humildemente os seus pêames! Pede-vos sinceramente perdão e exprime o seu arrependimento!

Honrados presentes!

Esta noite, nesta sala histórica, pronunciemos os seus nomes um por um, inclinando-nos e fazendo vénia, com profundo reconhecimento e humildade perante as suas memórias: Imzot Vinçenc Prennushi, OFM; Imzot Frano Gjini; Imzot Jul Bonati; Atë Mati Prendushi, OFM; Atë Serafin Koda, OFM; Atë Karl Serreqi, OFM; Atë Gjon Shllaku, OFM; Atë Gaspër Sumës, OFM; Atë Çiprian Nikaj, OFM; Atë Giovanni Fausti, SJ; Atë Bernardin Palaj, OFM; Atë Daniel Dajani, SJ; Dom Alfons Tracki; Dom Anton Muzaj; Dom Anton Zogaj; Dom Dedë Malaj; Dom Dedë Plani; Dom Dedë Maçaj; Dom Ejëll Deda; Dom Jak Bushati; Dom Lazër Shantoja; Dom Lekë Sirdani; Dom Luigj Prendushi; Dom Mark Xhani; Dom Mikel Beltoja; Dom Ndre Zadeja; Dom Pjetër Çuni; Dom Shtjefën Kurti; Dom Marin Shkurti; Dom Ndoc Suma; Dom Josef Markseni; Dom Josif Papamihali; Vëlla Gjon Pantalía, SJ; Marije Nikollë Tuci; Fran Mirakaj; Gjesh Lulashi; Mark Çuni; Qerim Sadiku.

Caros amigos

Esta noite estamos reunidos nesta cerimónia solene, que já deveria ter ocorrido antes - e não tanto para dar aos 38 mártires da Igreja Católica e do povo albanês, aquilo que lhes pertence, pois eles foram autocondecorados no altar do sacrifício sublime. De facto, a sua glória não precisa de nada mais - enquanto a nossa dignidade e os nossos valores éticos precisam desta cerimónia. Acompanha-me uma tristeza enquanto comunico convosco, porque mesmo neste momento em que falamos, o Estado albanês não encontrou ainda uma via para que fossem anulados todos os atos jurídicos através dos quais foi declarada, pela injustiça da ditadura, a sua culpa política, retirando-se assim todo o peso da acusação que sofreram - e declarando-os inocentes.

Sentir-nos-emos seguramente mais libertos e de cabeça erguida quando um processo, tanto moral quanto judicial for implementado para julgar os seus carrascos, como uma tentativa para devolver a justiça ao meio de nós. Infelizmente embora sem mérito, muitos de nós somos testemunhas de um retorno nostálgico “enverista”⁵²⁴ e de um orgulho criminoso relativamente às figuras do regime que caiu em 1990.

Paradoxalmente, no ano passado, aconteceu a coisa mais indesejável. Foram condecorados muitos dos protagonistas mais criminosos da ditadura, sendo que um deles era o “inspetor” do Padre Zef Pllumi. Não devíamos chegar até aqui! (...) Os mártires podem perdoar-nos muito, mas jamais perdoarão o esquecimento e o escondermos o mal, que eles contradisseram pagando com a própria vida. Em vez das coisas banais da realização socialista, os nossos filhos devem ter por manuais os seus livros de sabedoria e memória. Eles devem ocupar um lugar nos currículos do ensino.

⁵²⁴ Relativo a Enver Hoxha.

Quero falar abertamente para vós! O Presidente da República não dispõe de alguma possibilidade legal além do ato de perdão, quando de facto esperamos que aqueles que foram martirizados nos perdoem a nós, e não o contrário. Por isso proponho hoje que o Parlamento albanês elabore uma lei especial para um Julgamento Especial, encarregando o Ministério da Justiça de reabrir o processo anterior, desta vez para “rejulgar” e conceder-lhes a inocência, retirando a culpa que lhes foi atribuída. Proponho que se comece com os 38 mártires, como medida necessária para os libertar da tirania, como distinção essencial que lhes devemos - e também como reflexão da sociedade sobre o bem e o mal, como uma separação desta nação relativamente ao seu passado, para curar as suas feridas. Que mobilizemos para esta santa intenção os direitos civis que nos dá a Constituição do País.

Honrados clérigos, honrados embaixadores, honrados presentes!

Sinto-me privilegiado por me ter calhado a mim, como Presidente da República, a oportunidade para que grave a memória dos 38 mártires com a mais alta Condecoração do Estado, a da “Bandeira Nacional”, pela qual eles deram a vida. Eles perguntavam-se: “o que deviam fazer mais para serem albaneses?” Nós lhes dizemos esta noite: o que devemos fazer mais para vos merecer, para ter o vosso perdão e a vossa bênção? Graças a homens como vós, mártires, e porque acredito na vossa vida eterna, podemos repetir o lema: ‘Tu Albânia me dás honra, me dás o nome albanês’

Que vos seja leve a terra debaixo da sombra da Bandeira Nacional!

Agradeço-vos!”⁵²⁵

⁵²⁵ Discurso do Presidente: <https://albemigrant2011.wordpress.com/2016/11/14/presidenti-nishani-ne-dekorimin-e-38-martireve-te-kishes-katolike-shteti-shqiptar-ju-kerkon-sinquerisht-dhe-perunjesisht-ndjese-ju-kerkon-falje-dhe-ju-shpreh-pendese/>.

BIBLIOGRAFIA

(Títulos das obras albanesas traduzidos em português)

Fontes

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2003.

CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, *Scodrensis et aliarum, Beatificationes seu Declarationis Martyrii Servorum Dei, Vincentii Prennushi Archiepiscopi Dyrrachiensis, Ex Ordine Fratrum Minorum et XXXVII Sociorum in Odium Fidei, Uti Fertur, Interfectorum (1945-1974), Positio Super Martyrio*, Vol. I, Tipografia Nova Res, Roma, 2015.

DI PINTO, Leonardo, OFM, *Profilo storico agiografico di Mons. Vinçenc Prennushi e Compagni Martiri*, Casa Editrice Arcidiocesi Metropolitana Scutari-Pult, 2016, Vol. I e II.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Cartas*. D. RUIZ BUENO, *Padres Apostolicos*, Madrid 1985.

LAMELAS, Isidro Pereira, *A Diogneto*, Alcalá, Lisboa, 2001.

LAMELAS, Isidro Pereira, *As origens do Cristianismo, Padres Apostólicos*, Paulus, Lisboa, 2016.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*, Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa, Edição Martins Fontes, São Paulo, 2001.

MARX, Karl, *O Capital - Crítica da Economia Política*, Coordenação e revisão de Paul Singer, tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, Vols. I e III, Tomos 1 e 2, Editor: Victor Civita, S. Paulo, respetivamente 1983, 1984 e 1985.

MARX, Karl, *O Capital* (Versão Integral, tradução de António Dias Gomes), Vol. I, Delphos, Lisboa, 1974.

ORÍGENES, *Homilia VI sobre Ezequiel*, SC 352, Paris 1982.

ORÍGENES, *Homilias sobre o Evangelho de S. Lucas*, SC 87, Paris 1998.

PASCAL, *Pensamentos*, Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1961.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni, *Discurso sobre a dignidade do homem*, tradução e introdução de Maria de Lorde Sirgado Ganho, Edições 70, Lisboa, 2001.

PLLUMI, Zef, *Histori kurre e shkrueme* [História nunca escrita], Editora “55”, Tirane, 2006.

PLLUMI, Zef, *Rrno vetem per me tregue* [Vive somente para contar], 2ª edição, Editora “55”, Tirane, 2006.

PLLUMI. Zef, *Vivi solo per testimoniare*, tradução de Keda Kaceli, Buongiorno Italia Editore, Milano, 2015.

RUIZ BUENO, Daniel, *Actas de los Martires*, introdução, notas e versão espanhola, BAC, Madrid, La Edit. Catolica, 1968.

TERTULIANO, *Apologeticum*, Alcalá, Lisboa 2002.

Subsídios

AUGRAIN, Charles, “Mártir”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 9ª Edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2008, 562-563.

PRAT, Maurice, e GRELOT, Pierre, “Testemunho”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 9ª Edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2008, 1025-1028.

KITTEL, Gerhard, “Martirio”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Paideia, 1965.

RORDORF, W, “Martírio”, AAVV, *Diccionario Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Editora Vozes e Paulus, Petrópolis, 2002, 895-896.

DA COSTA, J., Almeida & E MELO A., Sampaio, *Dicionário da língua portuguesa*, V edição, Dicionários Editora, Porto 1975.

DE MAURO, Tullio, *Grande Dizionario Italiano Dell' uso*, FM-MAN, ed. UTET, Torino, 1999.

DEVOTO, Giacomo & OLI, Gian Carlo, *Lingua Italiana*, Ferenze, Le Monner, V edição, 1993

HAMMAN, A., *Os Padres da Igreja*, Paulinas, São Paulo, 1985.

Estudos

A Diogneto, trad. M. Luis Marques, notas e estudo de Isidro P. Lamelas, Alcalá, Lisboa, 2001.

AAVV, *Martirizimi i Kishes Katolike Shqiptare (1944-1990)* [Martírio da Igreja albanesa (1944-1990)],s.e., Shkodra, 1993.

AGOSTINHO, *Grazia e Libertà*, VI,15.

Akademia e Shkencave e RPS të Shqipërisë, *Historia e Shqipërisë* [História da Albânia], Vol. IV (1944-1975), 8 Nëntori, Tiranë, 1983.

BACKES, Reinhard, «*Por causa do meu Nome*», *perseguição aos cristãos nos dias de hoje*, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Paulinas, Lisboa, Prior Velho, 2007.

BARBOSA, D. S., “O testemunho dos mártires ontem e hoje”, *Communio* 5 (1998), 421-433.

BARTH, M., “Comunidades de base bajo el signo del martirio”, *Concilium* 183, (1983), 376-382.

BASTIAENSEN, A.A.R, *Atti e Passioni dei Martiri*, Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, Italia, 1990.

BAUMEISTER, Theofried, “Mártires e perseguidos nos primórdios do Cristianismo”, *Concilium* 183, 1983-3, 261-268.

BEQJA, Hamit, *Lufta për shkollën ateiste shqiptare* [Guerra para uma escola ateia albanesa],

BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, *Concilium* 183, (1983), 325-334.

- BRAGANÇA, J., “Martírio e santidade”, *Communio* 4 (1987/2), 123-134.
- BRZHEZHINSKI, Zbigniev, *Jashtë Kontrollit, trazira që përfshiu botën në prag të shekullit XXI* [Fora do controlo, as revoltas que envolveram o mundo no limiar do século XXI], Shtëpia Botuese Elena Gjika, Tiranë, 1995.
- BUTKA, Uran, *Kryengritjet e para kundërkomuniste – Kryengritja e Malesise se Madhe; Kryengritje e Postribes; Levizja e Zhapokikes* [As primeiras Resistências contra o comunismo - de Malesise se Madhe; de Postribes; de Levizja e Zhapokikes], ISKK, Tirane, 2013.
- CASTELLAN, George, *Historia e Ballkanit te shekullit XIV- XX* [História dos Balcãs do século XIV ao século XX], Cabej, Tirane, 1996.
- CIMBALO, Giovanni, *Stato, Chiese e pluralismo confessionale*, Rivista telematica, Bologna, maggio 2010, ISSN 1971- 8543.
- CJEÇOVI, Xhelal, *Historia e Popullit Shqiptar 1939-1990* [História do povo albanês, 1939-1990], Vol. IV, Botimi i Akademise se Shkencave, Shtëpia Botuese Toena, Tirane, 2008.
- CLEMENTE ALEXANDRINO, *Stromata*, IV,4,14,3.
- CONGAR, Yves M. J., *No meio da tormenta*, trad. de Teresa Ramalho, União Gráfica, Lisboa, 1970.
- CROCIATA, Mariano, *Martirio et esperienca cristiana nella riflessione cattolica contemporânea*, in NAVARO, Massimo (Cur.), *Martirio e vita cristiana*, Roma 1997.
- DE SALDANHA, Teresa, *Cartas eclesiásticas e religiosas*, Aletheia, Lisboa, 2012.
- DE SALDANHA, Teresa, *Cartas na primeira República 1910-1915*, Aletheia, Lisboa, 2006.
- DELLA ROCCA, Roberto Morozzo e GIOVANNELLI, Andrea, *Martiri d’Albania (1945-1990)*, Editrice La Scuola, Milano, 2016, 140.
- DERVISHI, Kastriot, *Historia e Shtetit Shqiptar 1912-2005* [História do estado albanês 1912-2005], Shtëpia Botuese 55, Tiranë, 2006.
- ONU, *Direitos do Homem – declaração universal dos direitos do Homem convenção europeia dos direitos do Homem*, Afrodite, Lisboa, 1977.
- DUKA, Valentina, *Historia e Shqipërise 1912-2000* [História da Albânia 1912-2000], Shtëpia Botuese e Librit Universitar, Tirane, 2007.
- EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica*, V.
- FARIAS, José Jacinto Ferreira de, *A força que nos vem de Deus*, Fundação AIS, 2009.
- FEVZIU, Blendi, *100 vjet: Nje eskursion ne politiken e shtetit shqiptar nga 1912-2012* [100 anos: Incursão na política do estado albanês de 1912-2012], UET Press, Tirane, 2012.
- FIGURA, Michael, “Martírio e seguimento de Jesus”, *Communio* 13 (1996/2), 165-175.
- FISCHER, Bernd J., *Diktatorët e Ballkanit* [Os ditadores nos Balcãs], AiiS, Tiranë, 2008.
- FISHTA Gjergj, Lahuta e Malcisë, Lubjanë, Gutenberg, 1990.

GJEÇOVI, Xhelal dhe MILO, Paskal, *Historia e popullit Shqiptar, Vol. IV Shqiptarët gjatë luftës së dytë botërore dhe pas saj 1939-1990* [História do povo albanês, Vol. IV, Os albaneses durante a Guerra 1939-1990], Botimet Toena, Tiranë, 2009.

HAKO, Nulusi, *Akuzojme fene* [Acusamos a fé], Naim Frasheri, Tirana, 1968.

HALÍK, Tomáš, *Diante de Ti os meus caminhos*, Paulinas, 2018.

HOXHA, Enver, *25 anos de lutas e vitórias na vida do socialismo*, Edições Estrela Vermelha, Lisboa, 1974.

HOXHA, Enver, *Kur u hodhën themelet e Shqipërisë së re* [Quando se lançaram os alicerces da nova Albânia], 8 Nëntori, Tiranë, 1984.

HOXHA, Ma. Artan R., *Marrëdhëniet midis Regjimit Komunist dhe Kishës Ortodokse Autoqefale e Shqipërisë në vitet 1945–1967* [Relações entre o regime comunista e a Igreja Ortodoxa autocéfala da Albânia, nos anos 1945–1967], Disertacion për gradën Doktor i Shkencave Historik, Republika e Shqipërisë Universiteti i Tiranës Fakulteti i Historisë dhe i Filologjisë, Tirana, 2014.

INSTITUTO DE ESTUDOS MARXISTAS-LENINISTAS AGREGADO AO COMITÉ CENTRAL AO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA, *História do Partido do Trabalho da Albânia*, Coleção “Movimento Comunista Internacional”, Edições “Vento de Leste”, Lisboa, 1974.

JACQUES, Edwin, *Shqiptaret: Historia e popullit shqiptar nga lashtesia deri ne ditet e sotme* [Os albaneses, história do povo albanês desde os tempos antigos até aos nossos dias], Karte e Pende, Tirane, 1995.

JOSSUA, Jean-Pierre, *La condicion del testigo*, Narcea, Madrid, 1987.

KORÇA, Hafiz Ali, *Shtatë Ëndrrat e Shqipërisë, Rinia e së ardhmes*, [Sete sonhos da Albânia, a Juventude do Futuro], Tiranë, 2006.

LAMELAS, Isidro Pereira, “A *parresia* dos mártires. A coragem de afirmar a fé”, *Communio* 5 (2002) 394-406.

LAMELAS, Isidro Pereira, “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”, *Communio* 6 (2003) 503-514.

LJARJA, Nertila Haxhia, *Kisha Katolike dhe Shteti Komunist ne Shqiperi (1944-1990)* [Igreja Católica e o Estado comunista na Albânia (1944-1990)], “Gjergj Fishta”, Lezhe, 2012.

LULASHI, Rr., *Dy vëllezër dëshmorë* [Os dois irmãos testemunhas], Agimi & Otranto, Italia, 2007. (Bilingue, albanês e italiano).

METZ, Johann Baptist, “Breve apología de la narración”, *Concilium* 85 (1973), 222–238.

MEZINI, Adem, *Shekulli XX* [Século XX], EXTRA-R, Tiranë, 2010.

NGJELA, Spartak, *Përkulja dhe Rënia e Tiranisë Shqiptare, 1957-2010* [Declínio e queda da tirania albanesa, 1957-2010], UET Press, Tiranë, 2011.

NUNES, José, “Não temais. Apelo dos Evangelhos”, *Communio* 5 (2002) 389-393.

OLIVEIRA, Anacleto, “A graça do sofrimento, Subsídios para a leitura de um tema central na Primeira Carta de Pedro”, *Estudos Teológicos*, Revista do Instituto Superior de Estudos Teológicos, (2003), 195-234.

PEPA, Pjeter, *Dosja e Diktarurs* [Dossiers da ditadura], Tiranë, 1995.

PEPA, Pjeter, *Tragjedia dhe lavdia e kishës katolike në Shqipëri* [a tragédia e a glória da Igreja Católica na Albânia], Shtepia Botuese 55, Tiranë 2007.

PINTO, António Vaz, *Ateísmo e fé à busca de Deus*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1997.

QAZIMI, Azem, *Procesi i asgjësimit të fesë në Komunizëm* [O processo de aniquilamento da religião no regime comunista], Instituti i Studimit të Krimeve dhe pasojave të e Komunizmit, Tirana, 2012.

RADOVANI, Fritz, *Kleri Katolik Shqiptar – Perballe gjenocidit Komunist te Shekullit XX (1944-1991)* [Clero Católico Albanês – Face ao genocídio do século XX (1944-1991)], Melbourne, 2013.

RAHNER, Karl, “Dimensiones del martirio”, *Concilium* 183 (1983), 321-324.

RANCE, Didier, *Hanno voluto ucidere Dio – La persecuzione contro la Chiesa cattolica en Albania (1944-1991)*, Avagliano, Roma, 2007.

RICCARDI, Andrea, *O século do martírio*, Quetzal, Lisboa, 2002.

RIDOVANI, Fritz, - Radovano, A. Zholi (red) *Nje monument nen dhe* [Um monumento subterrâneo], Editora Male, Tirane, 2015.

SMIRNOVA, Nina, *Historia e Shqipërisë përgjatë shekullit XX* [História da Albânia ao longo do século XX], Ideart, Tiranë, 2004.

SULSTAROVA, Enis, *Ligjërimi Nationalist në Shqipëri* [Legalização da nação albanesa Afërdita], Tiranë, 2003.

UKGJINI, Nikë, *Kisha Katolike ne trevat shqiptare (nga Shek XI- deri sot)*, [Igreja Católica no território albanês (do Sec XI – até hoje)], Qendra Butuese Shoqata e Jezuiteve, Tirane, 2016, 256-257.

VON BALTHASAR, Urs, *Córdula ou o Momento Decisivo*, Coleção Teofanias, Lisboa, Assírio e Alvim, 2009.

VON BALTHASAR, Hans Urs, “Testemunho e credibilidade”, *Communio* 2 (1988) 109-1013.

Documentários

[Burg se s'u bë bashkëpunëtor i sigurimit - kujto.al](http://burg.se.s'u.bë.bashkëpunëtor.i.sigurimit-kujto.al) | [Arkiva Online](http://ArkivaOnline.com) e [Viktimave të Komunizmit](http://Viktimave.të.Komunizmit.com).

“The cult of the individual”, in <https://www.theguardian.com/theguardian/2007/apr/26/greatspeches>.

ALIA, Ramiz, *Última Entrevista*,
<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=2mjNUxVDU-s>

AGOSTINHO DE HIPONA, Sermão 43 in
<http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>.

FEVZIU, Blendi, “Opinion - Feja dhe komunizmi!”, 24 de dezembro de 2013, que insere imagens do documentário comunista “Nas chamas da Revolução”, emissão em 1968 com imagens gravadas em 1967 in <https://www.youtube.com/watch?v=O7-E1OdmGxs>.

<https://www.youtube.com/watch?v=O7-E1OdmGxs>.

http://www.academia.edu/32615987/Urdhra_kishtare_n%C3%AB_Shkod%C3%ABr_dhe_rrethina_gjat%C3%AB_Mesjet%C3%ABs.

Discurso do Presidente: <https://albemigrant2011.wordpress.com/2016/11/14/presidenti-nishani-ne-dekorimin-e-38-martireve-te-kishes-katolike-shteti-shqiptar-ju-kerkon-singerisht-dhe-perunjesisht-ndjese-ju-kerkon-falje-dhe-ju-shpreh-pendese/>.

ÍNDICE

RESUMO

SIGLAS E ABREVIATURAS	3
------------------------------------	----------

INTRODUÇÃO	4
-------------------------	----------

I. OS MÁRTIRES DA ALBÂNIA – CONTEXTO	8
---	----------

1.1. Contexto histórico-político	8
---	----------

1.1.1. “Nascimento” e organização do Partido Comunista na Albânia; ascensão ao poder	12
1.1.2. Consolidação do Comunismo	17
1.1.3. A resistência	20
1.1.4. Desenvolvimento da Albânia sob o governo comunista – Anos 40 a 90	24

1.2. Ideologia comunista e fé cristã. Adoção gradual do ateísmo militante	30
--	-----------

1.2.1. Propaganda ideológica antirreligiosa	37
a. Livros	38
b. Jornais	39
c. Cartazes e panfletos	42
d. Rádio	43
e. Televisão	43
f. Doutrinação das crianças	44
1.2.2. Perseguição aos opositores ao regime e à religião	47

1.3. Uma Igreja perseguida e silenciada	55
--	-----------

1.3.1. Armas no Convento Franciscano – manobra de incriminação	56
1.3.2. Julgamentos: Espetáculo e estratégia de manipulação	59
1.3.3. Fuzilamentos: ocultar o testemunho ou morrer por Cristo	66

II. MÁRTIRES E CONFESSORES	69
---	-----------

2.1. Prisioneiros com Cristo, unidos a Cristo, imitando-O até ao fim	70
---	-----------

2.1.1. Cireneus uns dos outros	77
2.1.2. Eucaristia e martírio: Visita de Cristo à prisão	82
2.1.3. Continuação da Via Sacra	84

2.2. Martírio e Igreja: Igreja na Albânia ou Igreja da Albânia?	87
--	-----------

2.2.1. “Primavera” da Igreja, uma nova geração de sacerdotes mártires	94
2.2.2. Exemplo de um “novo” sacerdote, o último dos 38 mártires: Padre Mikel Beltoja	98

2.3. Amor a Deus e amor à Pátria	102
---	------------

2.4. Breve apresentação dos 38 mártires	111
III. PARA UMA TEOLOGIA DO MARTÍRIO HOJE	136
3.1. Terminologia.....	137
3.2. Cristo, protótipo do martírio cristão.....	141
3.3. Entre a negação e a confissão da fé cristã.....	146
a) A Negação	146
b) A Confissão	150
3.4. <i>Parresia</i> : reivindicação da liberdade, contra a falsa “liberdade” prometida.....	153
3.5. Mártires da e na Igreja	158
3.6. Memória e testemunho	160
3.7. Narrar o martírio... ..	166
3.8. Martírio e vocação cristã.....	172
CONCLUSÃO	181
Apêndice I.	185
Apêndice II. Reconhecimento pela Igreja	186
Apêndice III. Reconhecimento pela Pátria	188
BIBLIOGRAFIA	192